

Esta exemplar é a redação final da tese
defendida por Angel Humberto

Corbera Mori

e aprovada pela Comissão Julgadora em
20 / 12 / 94

Lucy Seki
PROFA. DRA. LUCY SEKI

FONOLOGIA E GRAMÁTICA DO AGUARUNA (JÍVARO)

ANGEL H. CORBERA MORI *in/81/t.c* *UN. PROCEL 2186*
UN. PROCEL 2186

100 - Corbera, Angel

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor em Ciências.

1994

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Aos Aguaruna e às nacionalidades
étnicas da Amazônia Norte do Peru
em suas lutas pela libertação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar expresso o meu agradecimento às pessoas e instituições que em diferentes tempos e lugares, e de diferentes modos, contribuíram para concretizar este trabalho.

À nação Aguaruna, principalmente às populações localizadas no distrito de Cahuapanas, Kawít, Yumúg, Kaupán, por ter-me aceito e ensinado sua língua e cultura. Agradeço, também, aos líderes da Federação de Comunidades do Distrito de Cahuapanas (FECONADIC), pela amizade e pelo interesse em meu trabalho.

A meus amigos e colaboradores: Julián Táish Maanch, Pepe Shuc Coja e Ernesto Tiwi, que foram os principais protagonistas em proporcionar-me os dados sobre a sua língua, e aos Múunta e Dukuwá que, nas noites de lua, ensinaram-me a etno-história aguaruna.

Aos professores indígenas do Alto Amazonas (aguaruna, huambisa, achuar, cocama, chayahuita, kichwa, candoshi), por terem me ensinado que "atrás a língua há um povo e uma cultura".

À professora Dra. Lucy Seki, minha orientadora de tese por suas críticas e numerosas sugestões e pela confiança na concretização deste trabalho.

Aos professores, membros de minha banca de qualificação: M. Bernadete Abaurre, Charlotte Galves e Maurizio Gnerre, pela leitura crítica do trabalho e pelas valiosas sugestões.

Às instituições: Organização dos Estados Americanos (OEA), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelas bolsas de estudo. Ao Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa (FAEP) pela bolsa auxílio na fase final do trabalho.

Ao Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (CONCYTEC) do Peru, que financiou uma saída ao campo. Ao Departamento de Lingüística de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, e ao Centro de Investigación de Lingüística Aplicada dessa universidade, que permitiram meu afastamento e liberaram-me das atividades letivas.

Ao Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica (CAAAP), instituição que, através do desenvolvimento de seus projetos de Educação e Lingüística, permitiu-me adquirir uma visão mais ampla da realidade amazônica. Agradeço a meus amigos e companheiros do CAAAP: Jaime Regan, Pierre Guerig, Balbina Vallejo, Jesús San Román (+), María Heise, Alejandro Camino, ... pelo diálogo interdisciplinar.

Aos meus colegas do Departamento de Lingüística da Universidade de San Marcos: Maria Cortez, Elsa Vílchez, Gustavo Solís, Humberto Masgo, Augusto Alcocer e Marthá Zegarra pela amizade e pelo apoio acadêmico.

Aos meus colegas e amigos da Pós: Maria Sueli Aguiar, Beatriz Gualdiéri, Mário Bernales, Júlia Sánchez, Miryam Serley, Marymárcia Guedes, Rosângela Morello, Margarethe Freitas, Elza Taeko, Nádia Pires, Ivani, Nilson Gabas Jr., Marcelino Marta, Eunice Nicolau, Jairo Nunes, Seung Hwa Lee, entre outros, pela amizade e companheirismo.

Ao Instituto de Estudos da Linguagem, pelo ambiente propício de trabalho e estudo, e por ter-me aceito como aluno, permitindo-me desenvolver e ampliar meus horizontes sobre a lingüística em geral.

Aos que foram meus professores Aryon Rodrigues, Mary Kato, Luis Carlos Cagliariari, Sírio Possenti, Lucy Seki, Tânia Alkmin, Bernadete Abaurre, Charlotte Galves, Fernando Tarallo (+), pelo incentivo intelectual e acadêmico.

Ao pessoal da secretaria da Pós, no presente e no passado, Esmeralda, Edvaldo, Elisa, Vilma, Rose, pelo atendimento especial e sempre simpático.

Aos funcionários da biblioteca do IEL, principalmente a Ana Maria Granato, por seu profissionalismo no agenciamento do material bibliográfico requerido. Ao Wilson Kawai do setor de informática por seu apoio nas questões técnicas da digitação.

Aos rapazes do xerox do Carlão: Helton, Fernando e Ricardo pela simpatia, solicitude e prontidão em meus pedidos de material.

FONOLOGIA E GRAMÁTICA DO AGUARUNA (JÍVARO)

RESUMO

A tese apresenta uma descrição da fonologia e gramática da língua Aguaruna (família lingüística Jívaro), falada por 45 mil pessoas que habitam a região norte de Amazônia Peruana.

O trabalho vem estruturado em seis capítulos, a bibliografia e um apêndice contendo um vocabulário básico e mapa das aldeias aguarunas.

O capítulo 1, introdutório, é dedicado a informações gerais sobre a nação e a língua Aguaruna, incluindo discussão sobre as possíveis origens dos etnônimos Jívaro e Aguaruna, e sobre a classificação do Jívaro no contexto das classificações lingüísticas de autores como Brinton (1891), Greenberg (1960, 1987), Mason (1950), Payne (1981) e Kaufman (1991). Esse capítulo inclui ainda: 1) descrição da situação sócio-econômica e da localização mais específica dos falantes, 2) apresentação da metodologia de trabalho de campo e os objetivos da tese.

O capítulo 2 trata da fonologia da língua: os fonemas (vogais e consoantes), estrutura da sílaba, características do acento e principais processos fonológicos como: alongamento, desvozeamento, queda e nasalização de vogais, queda e desnasalização de consoantes. Discute-se também a relação entre a consoante nasal velar /ŋ/ e a fricativa glotal nasalizada [ʕ̥].

No capítulo 3 são apresentadas as características tipológicas da língua Aguaruna, principalmente a ordem de constituintes, e são definidos alguns conceitos gramaticais como Frase, Oração, Sintagma, Palavra, Tema e Raiz, todos eles em relação à língua.

O capítulo 4 trata dos processos de flexão e derivação e as características morfológicas e sintáticas relacionadas com as categorias Nome, Adjetivo, Advérbio, Pronome e Partículas.

Os verbos, seus processos de flexão e derivação e suas categorias, são tratados no capítulo 5.

O último capítulo apresenta os tipos de frases e os processos de subordinação sintática.

Autor: Angel H. Corbera Mori

Orientador: Profa. Dra. Lucy Seki

ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
abl	ablativo
ac	acusativo
advs	adversativo
asp	aspecto
benef	benefativo
caus	causativo
clit	clítico
com	comitativo
cond	condicional
cop	copulativo
dl	dual
decl	declarativo
def	definido
den	denominal
des	dessiderativo
dim	diminutivo
dub	dubitativo
dvb	deverbativo
ep	epenttico
esp	espécie
est	estativo
fut	futuro
gen	genitivo
ger	gerúndio
imp	imperativo
indf	indefinido
inf	infinitivo
inst	instrumental
int	interrogativo
intf	intensificador
intc	intencional
loc	locativo
N.L	nome lugar
N.P	nome próprio
neg	negação
nom	nominalizador
nomv	nominativo
obj	objeto
opt	optativo
part	partícula
pass	passivo
passd	passado
pl	plural
poss	possessivo
pot	potencial
pres	presente
quant	quantificador
recip	recíproco
ref	referente
reflx	reflexivo
rel	relativizador
rem	remoto
rep	repetitivo
rest	restritivo
SA	sintagma adjetivo
SD	sujeito diferente
sg	singular

SI	sujeito idêntico
SN	sintagma nominal
SP	sintagma posposicional
su _j	sujeito
SV	sintagma verbal
tóp	tópico
verb	verbalizador
voc	vocativo
vol	volitivo
()	indica opcionalidade
/ /	representação fonológica ou subjacente
[]	transcrição fonética. Na gramática, representa transcrição morfológica, equivalente à { } da morfologia tradicional.
#	fronteira de palavra
+ , -	fronteira de morfema
.	fronteira de sílaba
*	alternância condicionada fonologicamente
ω	alternância condicionada morfolologicamente
∅	zero
V	vogal
C	consoante
tš	africada palato-alveolar. Na gramática representada como č

SUMÁRIO

Agradecimentos

Resumo

Abreviações e símbolos

Capítulo 1: Introdução

1. O Jívaro no contexto das classificações lingüísticas ..	01
1.1. O etnônimo Jívaro	02
1.2. O Jívaro como família lingüística	04
1.3. A nação Aguaruna	18
1.3.1. O etnônimo Aguaruna	18
1.3.2. A nação Aguaruna e seus falantes	20
1.4. Metodologia	23
1.4.1. Trabalho de campo	23
1.4.2. A análise	24
1.5. Objetivos	25
1.6. Justificativa	25
1.7. Organização da tese.....	27

Capítulo 2: Fonologia

2.1. Inventário dos fonemas	31
2.1.1. Consoantes	31
2.1.2. Vogais	32
2.2. Representação geométrica dos segmentos	32
2.3. Estrutura da sílaba	36
2.4. Acento	43
2.5. Processos fonológicos	50
2.5.1. Alongamento vocálico	50
2.5.2. Desvozeamento de vogais	54
2.5.3. Queda de vogais	56
2.5.4. Queda de consoantes	63
2.5.5. Nasalização de vogais	65
2.5.6. A relação entre /ŋ/ e [h] e o processo de harmonia nasal	72
2.5.7. Desnasalização das consoantes /m/, /n/	75

Capítulo 3: Considerações Gerais sobre a Gramática

3.1. A ordem dos constituintes nas línguas	77
3.2. Aspectos tipológicos da língua Aguaruna	85
3.2.1. O Aguaruna como nominativo-acusativa	85
3.2.2. O Aguaruna como língua SOV	87
3.3. Unidades gramaticais	95
3.3.1. Frase	96

3.3.2. Oração	97
3.3.3. Sintagma	98
3.3.4. Palavra	99
3.3.5. Tema	103
3.3.6. Raiz	103
3.3.7. Base	104
3.3.8. Morfema	105

Capítulo 4: Morfologia Nominal

4.1. O nome	107
4.1.1. Flexões	107
4.1.1.1. Flexão de caso	107
4.1.1.2. Flexão de posse	124
4.1.1.3. Gênero	135
4.1.1.4. Número	138
4.1.2. Derivação.....	145
4.1.2.1. Sufixos nominalizadores	145
4.1.2.2. Nomes derivados de nomes	150
4.1.3. Tópico	154
4.1.4. Morfemas avaliativos	156
4.1.4.1. Diminutivo	156
4.1.4.2. Aumentativo	157
4.1.5. Compostos	158
4.2. O Adjetivo	165
4.2.1. Características morfológicas	170
4.2.2. Distribuição sintática	175
4.2.1. Adjetivos descritivos	176
4.2.1.1. Adjetivos em função atributiva	176
4.2.1.2. Adjetivos em função predicativa	178
4.2.2. Adjetivos determinativos	179
4.3. Numerais	181
4.4. Sistema Pronominal	183
4.4.1. Pronomes pessoais	185
4.4.2. Pronomes possessivos	187
4.4.3. Pronomes demonstrativos (dêiticos)	188
4.4.4. Interrogativos	190
4.5. O Advérbio	193
4.5.1. Classificação e descrição dos advérbios	195
4.6. Partículas	203
4.6.1. Classes de partículas	208
4.6.2. Partículas coordenadoras	210
4.6.3. Interjeição	214

Capítulo 5: Morfologia Verbal

5.1. O verbo	220
--------------------	-----

5.1.1. Classes de verbos	221
5.1.2. Flexão verbal	228
5.1.2.1. Flexão de pessoa	228
5.1.2.2. Flexão de número	249
5.1.2.3. Flexão de tempo	251
5.1.2.4. Aspecto	268
5.1.2.5. Modo	275
5.1.3. Diátese	290
5.1.4. Derivação verbal.....	291
5.1.4.1. Derivação a partir de raízes nominais	291
5.1.4.2. Derivação a partir de raízes verbais	293

Capítulo 6: Sintaxe

6.1. Ordem dos constituintes	299
6.2. Tipos de Frases	300
6.2.1. Pela natureza do predicado	300
6.2.1.1. Frases transitivas	301
6.2.1.2. Frases intransitivas	303
6.2.1.3. Frases copulativas	304
6.2.2. Pela sua modalidade	305
6.2.2.1. Frases declarativas.....	305
6.2.2.2. Frases interrogativas	306
6.2.2.3. Frases imperativas	319
6.2.3. Pela sua complexidade estrutural.....	321
6.2.3.1. Frase simples	321
6.2.3.2. Frase complexas	322
6.2.3.2.1. Coordenação por parataxe.....	324
6.2.3.2.2. Frases coordenadas com partículas.....	326
6.2.3.2.3. Estratégias de subordinação.....	329
6.2.3.2.3.1. Orações complemento.....	330
6.2.3.2.3.2. Relativização	337
6.2.3.2.3.3. Orações Adverbiais	349
6.2.4. Negação	356
6.2.5. Comparativas	357
6.2.6. Orações passivas	359
7. Conclusões	362

APÊNDICE

Vocabulário básico	364
Mapa 1	373
Mapa 2	374
BIBLIOGRAFIA	375

Capítulo 1

Introdução

1. O Jívaro no contexto das classificações lingüísticas

1.1. O etnônimo Jívaro

A partir do momento em que a palavra Jívaro passou a ser a denominação de uma nação indígena da floresta tropical do Peru e do Equador, ela tem sido representada ortograficamente como Xíbaro, Giurra, Gibarra, Gibaro, Jivaro, Chiwaro, Siwaro, Šiwora, Gibari, Xivari, Chivari, Šuāra, Zíbaro, Givaro, Jivara, Jivira e Hibaró. Mason (1950) vê nessas variações ortográficas uma 'corrupção' da autodenominação indígena Shuara ou Shiwora.

Quanto à origem dessa palavra, Corominas (1954) afirma que ela é incerta, talvez ela seja derivada do Taíno Šiba ou Siba 'pedra'. Teria sido o P. Murillo Velarde o primeiro a usar o termo Gíbaros para designar os "criollos y mestizos de la España, Puerto Rico y otras islas" (Geographia Histórica (Madrid 1752)).

A palavra Jívaro, conforme Corominas, é "actualmente el nombre del campesino blanco de Puerto Rico, y por otra parte el de una tribu muy belicosa, aruaca o guarani, que habita en la zona amazónica del Ecuador..."(p.1052). O termo Jívaro com a conotação de 'silvestre', 'camponês', é comum nas Antilhas e o Caribe, daí pode-se pensar que essa palavra originou-se na América Central e

que posteriormente houve uma extensão geográfica do termo para nomear uma nação indígena localizada no Este do Equador e no Alto Amazonas do Peru (Gnerre (1973)). Aliás, Jívaro "se documenta en las Antillas por lo menos desde 1752, y es más natural y conforme a la corriente general suponer que un término castellano se aplicara por los conquistadores a la tribu ecuatorial que se distinguía por sus instintos montaraces" (Corominas (1954:1053)).

No relatório da conquista de Macas, elaborado pelo Capitão Hernando de Benavente, o primeiro espanhol que entrou em contacto com os povos indígenas jívaros, aparece já registrada a palavra Xíbaro, termo com o qual eram conhecidos pelos Palta¹

Em outra carta, esta vez escrita por Juan de Salinas (data 10 de junho de 1571),² ocorre alternadamente as palavras Giuarra ou Gibarra . Em uma dessas passagens, Juan de Salinas escreve: "I arrived at a level valley which they had already told me was called Giuarra, where the people and language were the same and because it appeared to me that there were a great many natives in the midst of this country and as a great many of the people with me were ill, I established a Spanish town in this place Giuarra calling it

¹ O relatório de Benavente é datado em Tomebamba, 25 de março de 1550. Esse relatório foi traduzido ao inglês e aparece em Stirling (1938: 5-7).

Os Palta [extintos] habitaram regiões do Peru e Equador, possivelmente falavam uma língua aparentada com as línguas Jívaros atuais.

² Juan de Salinas escreveu vários relatórios; o primeiro deles, citado aqui, tem data : Junho, 10 de 1571. Esse relatório pode ser lido também em Stirling (1938). A versão original em espanhol acha-se em **Relaciones Geográficas de Indias**. Vol. IV. Madrid, 1897.

Santiago de las Montañas" ³ (em Stirling (1938:9)).

Gnerre (1973), com base nas transcrições espanholas atestadas em vários documentos do período colonial, acha que Xíbaro, presente no relatório de Benavente (1550), é semelhante a uma forma mais antiga, que ele reconstroi como * šíwar, mudada, posteriormente para [šuwár], autodenominação atual dos Jívaro do Equador. Outra possibilidade, segundo Gnerre, seria considerar como possíveis origens das palavras espanholas Xívaro, Gibarra e Giurra, as proto-formas indígenas * šíwar (* šírwa) e * šiwár. Esta segunda interpretação parece bastante viável, pois atualmente há um sub-grupo Jívaro, que habita os rios Tigre e Corrientes na Amazônia Norte do Peru, conhecido sob o nome de Shiwiar (Seymour (1988)).

Com as diversas rebeliões dos Jívaro, principalmente após aquela de 1559, que destruiu os estabelecimentos dos espanhóis em território Jívaro, o termo Xíbaro adquiriu a conotação de 'bravo, rebeldes' em toda a Audiência de Quito. Com os anos o epíteto generalizou-se fora do território original dos Jívaro, adquirindo o significado genérico de 'bravo, selvagem'. Com essa extensão semântica e sua difusão geográfica posterior, essa denominação espalhou-se chegando até à América Central e às Antilhas (Gnerre (1973)).

³ Essa passagem é interessante, pois parece que os primeiros espanhóis que entraram em contato com povos Jívaro usaram o nome com o qual eram conhecidos. Por exemplo, Stirling (1938) referindo-se ao relatório de Hernando de Benavente, afirma que Benavente " gave the Jívaros the name which they have since been known; this being the name applied to them by the Paltas."

Atualmente, Jívaro (espanhol: Jíbaro) é usado como denominação de uma família lingüística integrada por várias línguas indígenas faladas na região Amazônica do Peru e Equador. Por vezes emprega-se esse nome para designar, também, um grupo indígena da região Este do Equador, cuja autodenominação é Shuar.⁴ A palavra Jívaro é usada igualmente para referir-se à população indígena dos rios Tigre e Corrientes na Amazônia Peruana, conhecida mais como Shiwiar ou Jívaro Mainas.

1.2. O Jívaro como família lingüística

Diversos autores trataram de situar o Jívaro dentro das famílias lingüísticas indoamericanas, classificando-o ora como família independente, ora como fazendo parte de outra família lingüística, ou como sendo de classificação duvidosa. Todos esses intentos, porém, deram-se a partir de trabalhos pouco sistemáticos, na maioria de vezes, baseados em breves listas de palavras recolhidas por viajantes, missionários, geógrafos e naturalistas.

Pode-se citar inicialmente Brinton que, em seu livro **The American Race** (1891), considera o Jívaro como 'tronco independente'. Para ele, " [a]unque el lenguaje de esta importante nación ha sido estudiado desde sus primeros tiempos, nada al respecto ha sido editado aún. He encontrado de él,

⁴ Os mestiços que moram ao redor dos povos Jivaro não dão maior explicação sobre o termo Jívaro; para eles é o mesmo que "chuncho", termo pejorativo para referir-se a qualquer indígena da região Amazônica.

solamente los primeros numerales, los cuales parecen no haber tenido conexión con ninguna otra lengua" (1946:259). Os numerais de que fala o autor são: 1, alza; 2, catuta; 3, kala; 4, ingatu; 5, aleyticlon.⁵

Segundo Brinton, Hamy (1875) considerou os Jívaro como relacionados com o tronco Tupi, mas para ele os numerais citados acima não evidenciam tal relação, por isso "hasta el presente deben ser considerados como un stock independiente" (p.260). A classificação de Brinton (1891[1946]) é como segue:

Tronco lingüístico Jívaro:

Antipas, sobre o pongo de Manseriche

Aguarunas, debaixo da foz dos rios Nieva e Huallaga

Ayulis, no rio Morona

Cherembos, na margem esquerda do rio Maranhão

Chirapas,

Huambisas, no rio Maranhão, sobre o pongo de Manseriche

Lojanos,

Muratos, debaixo da foz do rio Pastaza

Pautis,

Uambisas, ao sul do rio Maranhão

Zamoras.

Do mesmo modo, Chamberlain (1913) cataloga o Jívaro como 'tronco independente'. Para ele, o trabalho de Beuchat e Rivet

⁵ Esses números não têm relação com nenhuma língua Jívaro atual. Aliás, o fonema lateral /l/ não faz parte da fonologia das línguas Jívaro; mas ele é possível na língua Jebero (Cahuapana).

(1909/1910) mostra que o Jívaro de Brinton (1891) é realmente Jébero ou Xébero, da família ou 'tronco Cahuapana' (Mainan em Chamberlain (1913)).⁶

Para Steward e Metraux (1948) o Jívaro é um grupo lingüisticamente isolado nas montanhas do Equador ao Norte do rio Maranhão, constituído inicialmente por três ou quatro grupos, a saber: o Jívaro propriamente dito, o Malacata, o Palta e, possivelmente, o Bracamoro.⁷ Eles sub-dividem o Jívaro propriamente dito em quatro grupos:

Os Antipa, na margem direita do rio Santiago, desde o Zamora até o rio Alto Maranhão,

Os Aguaruna, na margem direita do rio Maranhão entre os rios Nieva e Apaga (lat 5° S, long 78° W),

Huambiza, na margem direita dos rios Morona e Mangosisa e margem esquerda do rio Santiago,

Os Achuale (Achuare), entre os rios Morona e Pastaza, desde o lago de Puralina até a região de Andoas.

Quanto aos Palta e Malacata, segundo esses autores, foram provavelmente jívaros que viviam nas montanhas, perto de Loja (lat. 4° S., long. 79° W) e falavam línguas muito relacionadas.

⁶ É comum a confusão entre Jebero (Xebero) e Jívaro. O Jebero é uma língua da família Cahuapana, falada no Alto Amazonas, Peru.

⁷ Os Palta foram assimilados à população Quechua da Selva Alta do Equador; os Malacata e os Bracamoro são grupos agora extintos. Os interessados nesses grupos e suas possíveis relações com os Jívaro, podem consultar o 'Handbook of South American Indians', vol. II, p. 767-821.

Os Bracamoro (Pacamuru) seriam os Jívaro do rio Zamora, nome aplicado também aos indígenas de fala desconhecida, que habitavam a região de Jaén de Bracamoros (p. 618).

Por sua parte, Mason (1950) classifica o Jívaro dentro do grupo de línguas de possível filiação Arawak. Segundo ele, "[e]xcept for a few words Jivaro seems to have nothing in common with Quechua, Tupían, Cawapanan, Záparoan, or Panoan. There are, however, a large number of apparent correspondence with Arawakan, the resemblance with Campa being especially strong. This may possible be due to borrowing, especially since there are some important morphological differences" (p. 222). Mason refere-se ao trabalho de Beuchat e Rivet (1909/1910), que relacionam o Jívaro com a família Arawak; porém, em Rivet e Loukotka (1952) o Jívaro aparece como família independente, constituída pelo Jívaro propriamente dito e pelos Palta.

Outro autor, J.P. Harrington, acha que as semelhanças entre Jívaro e Arawak indicam parentesco genético, sendo o Jívaro " a very divergent form of Arawak " (Mason 1950 : 222).

Quanto às línguas da família Jívaro, Mason diz que há somente uma língua Jívaro, relativamente homogênea, mas com muitas variações dialetais. Em palavras dele, "[a]pparently no attempt has ever been made to subdivide the language, or to group the dialects. The subdivisions as generally given are presumably political and geographic, but the presumption is that the linguistic division would be roughly similar " (p. 223). A seguir, a classificação apresentada em Mason (1950:223):

Arawak (possível filiação)

1. Jívaro

A. Shuara

1. Aguaruna

- | | |
|------------|-------------|
| a. Alapico | e. Santiago |
| b. Indanza | f. Patocuma |
| c. Iransa | g. Chiguasa |
| d. Maranza | h. Yuganza |

2. Wambisa

- | | |
|-------------|--------------|
| a. Wambisa | e. Candoa |
| b. Cherembo | f. Cangaime |
| c. Chirapa | g. Mangosisa |
| d. Chiwando | |

3. Achuale

- | | |
|-------------|------------|
| a. Capawari | d. Pindu |
| b. Copatasa | e. Wampoya |
| c. Machine | |

4. Antipa

5. Maca

- | | |
|--------------|-----------|
| a. Walaquisa | d. Morona |
| b. Zamora | e. Miazal |
| c. Ayuli | f. Pintuc |

6. Upano

7. Bolona

8. Bracamoro (Pacamuru)

B. Palta

1. Malacata

Castellvi e Espinosa (1958) vêem igualmente uma relação entre Jívaro e Arawak. Para eles, o Jívaro faz parte da Classe Makro-Arawak-Amazônidos, sub-família (diferenciada) Jívaro. Esses autores agrupam as línguas Jívaro da maneira seguinte:

Makro-Arawak-Amazônidos

Sub-família (diferenciada) Jívaro

Jívaro próprio, sub-seção Suar

Achual (Alto Pastaza)

Pintuk (Pintuc: Alto Pastaza)

Sub-seção Sua

Makas (região de Macas)

Gualaquiza (região de Gualaquiza)

Miasal (no Miasal do Morona)

Upano (rio Llaipa?, rio Upano?)

Sub-classe intermeiária

Wambisa (Huambisas, méio Santiago)

Samora (Zamora)

Sub-classe extinta

+ Palta (de Gozábal, Turo Capi, Yuchinque, Capalonga)

+ Malakata (de Malacatos)

+ Paleo Kanelo (de Canelos, atualmente indígenas kichuizados).

Na síntese de classificação das línguas sul-americanas, feita por McQuown (1955), o Jívaro aparece como família independente, os agrupamentos e sub-divisões de McQuown para o Jívaro são os mesmos constituídos em Mason (1950).

Por sua vez, Turner (1957, 1958) mantém as sub-divisões apresentadas em Steward e Metraux (1948), isto é, considera o Jívaro próprio como contendo quatro grupos: Antipa, Huambisa, Achuale e Aguaruna. Entretanto, Turner relaciona o Antipa com o Shuar equatoriano na fronteira com o Peru, e classifica o Huambisa geográfica e lingüísticamente entre o Shuar e At-Shuara de um lado e o Aguaruna do outro.

Tovar (1961), e Tovar e Tovar (1984) situam o Jívaro dentro das línguas não agrupadas do Peru, Equador e Colômbia; para eles as línguas Jívaro têm características lingüísticas andinas, sobretudo pelo uso de sufixos. Mencionam, igualmente, um possível parentesco genético com línguas Záparo, sem apresentarem nenhuma evidência para essa hipótese. Na linha de outros autores, eles retomam a hipótese do parentesco Jívaro-Arawak, principalmente com a língua Kampa do Peru. Finalmente, Tovar e Tovar, também Tovar (1961), sub-agrupam as línguas Jívaro da forma seguinte:

Línguas não agrupadas do Peru, Equador e Colômbia

Jívaro

Šuar ou Jívaro próprio

Dialetos

Aguaruna [Awahún]	Gualaquiza
Achual	Maca
Antipa	Miasal
Arapico	Morona
Ayuli	Pintuk
Bolona	Uambisa

Bracamoro (Pucamuru) Upano
 Zamora

Palta (falantes quichuizados)

Malacata (falantes quichuizados).

Na obra póstuma de Loukotka (1968) o Jívaro constitui um 'tronco independente', sub-dividido em línguas e dialetos, como se vê a seguir:

Tronco Jívaro

Línguas:

Palta: extinta, foi falada na província de Loja (Equador) e ao redor de Xoroca, departamento de Cajamarca, Peru.

Malacato: extinta, falada na região de Piedras, província do Oro, Equador .

Jívaro (Shuara, Shuor): língua falada em Macas, província do Oriente, Equador.

Dialetos:

Huambisa: falado na extensão dos rios Morona e Santiago, Loreto, Peru.

Achual: falado nos rios Masal e Pastaza.

Antipa: falado no rio Santiago.

Gualaquiza: falado ao redor do povoado de Gualaquiza.

Upano: falado no rio Llaipa.

Arapico: falado ao redor do povoado de Arapico.

Canelo (Penday): falava-se no rio Canelos. Os Canelo atuais são falantes de uma variedade de quechua.

Bolona: foi falado na província de Zamora, Equador.

Aguaruna [Awahún]: é falado em toda a extensão dos rios Nieva e Maranhão, departamento de Amazonas, Peru.

Greenberg (1956 [1960]) reduz as classificações exuberantes propostas por autores que lhe antecederam e propõe agrupar as línguas sul-americanas em apenas três macro-phyla: Philum Macro-Chibcha, Philum Andino-Equatorial e Philum Ge-Pano-Caribe. No que diz respeito às línguas jívaro, elas são situadas por Greenberg no Philum Andino-Equatorial, constituindo a família Jívaro-Kandoshi, junto com as línguas Esmeralda, Cofan ⁸ e Yaruro.

Em seu trabalho mais recente, Greenberg (1987) fala de uma filiação mais estreita entre Macro-Tucano e Equatorial, o que o leva a postular um tronco Equatorial-Tucano, enquanto o Andino constituiria um tronco independente na classificação das línguas Ameríndias (p.60). Nessa classificação, o Jívaro é mantido como uma das famílias do sub-tronco Equatorial. Aliás, Greenberg re-assume, como em seu trabalho de (1960), que o Kofan, Esmeralda, Jívaro, Kandoshi e Yaruro formam um sub-grupo chamado Jívaro-Kandoshi (p.83). A seguir a classificação do Jívaro segundo Greenberg (1987):

Tronco: Equatorial-Tucano

Sub-Tronco: A. Macro-Tucano

B. Equatorial

Famílias (ou Grupos):

1. Macro-Arawak

⁸ O breve léxico etnográfico publicado por Zelený (1988), não apresenta nenhuma evidência para considerar o Kofán como língua Jívaro.

2. Cayuvava: Cayuvava
3. Coche: Coche
4. Jíbaro-Kandoshi
 - a. Cofan: Cofan
 - b. Esmeralda: Esmeralda
 - c. Jívaro: Aguaruna, Gualaquiza, Huambisa, Jívaro, Shuara, Upano, Zamora
 - d. Kandoshi: Kandoshi, Murato, Shapra
 - e. Yaruro: Yaruro
5. Kariri-Tupi
6. Piaroa: Macu, Piaroa, Saliba
7. Taruma: Taruma
8. Timote: Cuica, Maguri, Maripu, Mococho, Timote
9. Trumai: Trumai
10. Tusha: Tusha
11. Yuracare: Yuracare
12. Zamuco: Ayoré, Chamacoco, Ebidoso, Guaranoco, Siracua, Tumraha, Zamuco.

Uma mudança importante na classificação de Greenberg (1960, 1987), é que ele considera o Candoshi, língua falada na Amazônia Norte do Peru, aparentado com o Jívaro. Trabalhos anteriores a Greenberg, consideraram o Candoshi como Záparo (McQuown (1955), como língua de difícil classificação (Tovar (1961)), de relação duvidosa com o Chibcha (Mason (1950) ou, em outros casos, como uma

família lingüística independente (Loukotka (1968)), Suárez (1974)).⁹

Outras línguas consideradas como Jívaro por Greenberg, são o Esmeralda (Atacame), língua extinta, mas que foi falada na região do litoral Equatoriano, o Cofan (Kofane), falada na província do Napo, Equador¹⁰ e o Yaruro, língua falada ao Sul de Venezuela. Essas três línguas inicialmente foram tratadas como independentes, e outras vezes foram classificadas como línguas Chibcha (Mason (1950)), (Loukotka (1968)).

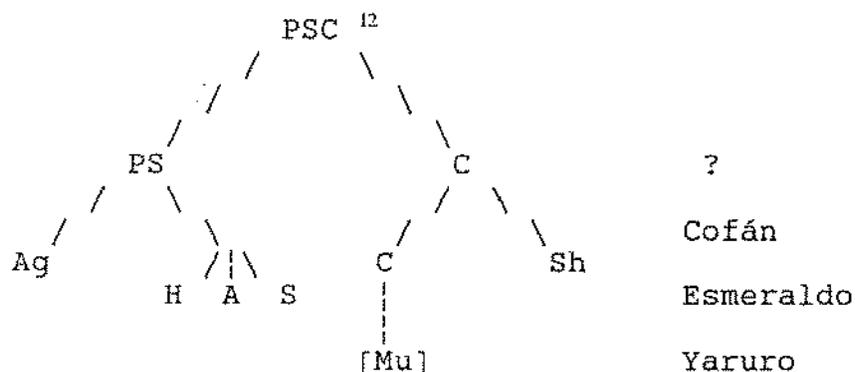
Corresponde a Payne (1981) a primeira tentativa séria de comprovar o possível parentesco entre o Candoshi (Shapra e Murato) e as línguas Jívaro (Aguaruna, Achual, Huambisa e Shuar). Payne trata, mediante as técnicas da reconstrução comparativa, de encontrar correspondências fonológicas entre esses dois ramos de línguas. Como afirma Payne, "las formas reconstruidas para el PSC [Proto-Shuar-Candoshi], más de la mitad están dentro de la categoría del vocabulario básico [...]. Si esto es así, resulta indudable que existe una relación genética definitiva entre el Candoshi y la familia Shuar (Jívaro)" (p.350).

Embora o trabalho de Payne seja interessante sob o ponto de vista da lingüística histórico-comparativa, a pretendida relação genética entre o Jívaro e o Candoshi não parece ser evidente, pois muitos dos itens estabelecidos como cognatos são termos relativos

⁹ Para um histórico da classificação do Candoshi, ver Payne (1981).

¹⁰ Para Stark (1985), o Kofán é uma língua independente e com muitos empréstimos lexicais do Chibcha.

à fauna e flora, que poderiam, em princípio, serem considerados como empréstimos culturais, o que colocaria em dúvida a dita relação.¹¹ A classificação estabelecida por Payne (1981) segue essencialmente a proposta de Greenberg (1960) e Voegelin (1965), isto é:



¹¹ M. Amadio, antropólogo Italiano que trabalhou com os Candoshi, considera que não há relação lingüística nem cultural entre Jívaro e Candoshi (c.p.). Ver também Amadio (1983). Atualmente, o próprio Payne mantém dúvidas sobre essa relação, pois "Although the reconstruction of Proto-Jivaroan (or Proto-Shuar, including Shuar, Huambisa, Achuar and Aguaruna), in that work- [refere-se a Payne (1981)]- is on solid footing, I now consider the putative evidence for the affiliation of Candoshi to that group to be deficient. A large number of the proposed cognates that include Candoshi are names of flora and fauna, and thus potential loans. Proposed cognates from the basic vocabulary are significantly fewer, and are insufficient to conclusively demonstrate the relationship" (Payne (1990: 85).

¹² Leia-se:

- Proto-Shuar-Candoshi [PSC]
- Proto-Shuar [PS]
- Candoshi [C]
- Aguaruna [Ag]
- Huambisa [H]
- Achuar [A]
- Shuar [S]
- Shapra [Sh]
- Murato [Mu]

Shell e Wise (1971), partindo das propostas de classificação de McQuown (1955), Greenberg (1960) e Tax (1960), além das pesquisas de seus colegas do Summer Institute of Linguistics (SIL), reconhecem a família lingüística Jivaroana com duas sub-famílias: o Jívaro e o Candoa. A classificação das autoras é :

Phylum Andino-Equatorial

Tronco Andino

Família Jivaroana

Sub-família Jívaro:

Achual

Aguaruna

Huambisa

Jívaro

Sub-família Candoa:

Candoshi (Murato)

Shapra

Quanto ao grau de compreensão entre os falantes de uma sub-família e outra, parece não haver nenhuma inteligibilidade, mas, "algunos de los investigadores del idioma aguaruna y del candoshi están convencidos de que en realidad hay alguna relación genésica entre el candoshi, de la sub-familia candoa, y los idiomas de la sub-familia jíbara, aunque ésto no ha sido demostrado por detallados estudios comparativos" (Shell & Wise (1971)).

Numa proposta muito recente sobre a classificação das línguas sul-americanas, Kaufman (1990) coloca o Jívaro, bem como aquelas línguas consideradas como Jívaro em Greenberg (1987), Swadesh

(1959) e Suárez (1974), dentro da região geolingüística 'Northern Foothills', temos assim :

NORTHERN FOOTHILLS REGION

Tronco Esmeralda-Yaruro

a. Esmeralda [Esp. Esmeralda]. Extinta, Equador

b. Jaruro [Esp. Yaruro]. Venezuela

Kofán [Esp. Cofán] Colômbia, Equador

Kandoshi [Esp. Candoshi]. Peru

Area Hívaro [Esp. Jívaro]. Ecuador, Peru.

Kaufman segue Suárez (1974), e levanta a hipótese de um tronco Jívaro-Cahuapana (Hívaro-Kawapana stock), hipótese essa que está em confronto direto com Greenberg (1987); mas, segundo Kaufman, haveria dados lexicais que evidenciariam essa relação.¹³ Quanto à filiação Jívaro-Kandoshi sustentada em Greenberg (1960, 1987), Kaufman acha os dados bastante pobres para essa relação.

Finalmente, outros estudos que incidem sobre as línguas indígenas da Amazônia Peruana mantêm a classificação das línguas Jívaro apresentada em Shell e Wise (1971). Ver, por exemplo, Uriarte (1976), Chirif e Mora (1977), Wise (1975, 1985), Ribeiro e Wise (1978), Corbera (1977), entre outros. Já o estudo

¹³ A classificação de Suárez (1974 [1988]) é:

Grupo de línguas

JEBERO-JIVARO

A. Jebero ou Cahuapana:

Cahuapana ou Chuncho (Concho)

Chayavita, Jebero (Chébero), Miquirá, Yamorai

A. Jívaro: Aguaruna

Jívaro ou Shuara

(Achual, Huambisa [Wambisa]).

ethnohistórico dos antropólogos Taylor e Descola (1981) apresenta uma delimitação do conjunto lingüístico-cultural Jívaro no século XVI, estabelecendo a localização dos principais sub-grupos a partir dos dados etnográficos e demográficos descritos pelos cronistas espanhóis em seus primeiros contatos com essas populações.

1.3. A nação Aguaruna

1.3.1. O etnônimo Aguaruna

O termo Aguaruna [Awahún] é usado para referir-se tanto a uma etnia que habita a Amazônia Norte do Peru, quanto à língua falada por ela. Diacronicamente o vocábulo Aguaruna teria sua origem nas palavras quechuas *awa-* 'tecer', *runa* 'gente', ou seja: 'pessoas tecedoras'. Essa interpretação liga-se ao fato de que os homens aguarunas soiam tecer sua própria vestimenta. Por outra parte, pode ser possível que Aguaruna provenha do quechua *háwa* 'estranho', 'estrangeiro' e *runa* 'gente, pessoas', isto é, 'pessoas estrangeiras'. Essa segunda interpretação é igualmente factível, pois sabe-se que os Incas davam essa denominação a todos os povos não vinculados ao Império Inca.¹⁴ Regân (1993), ao tratar da ausência da fricativa glotal [h] nos dialetos kichwas da selva, assume que *áwa* viria da palavra kichwa *háwa* com o significado de 'cordilheira', 'alturas'. Nesse sentido, Aguaruna "probablemente

¹⁴ Essa interpretação foi sugerida por Teodoro Meneses (+), professor da Cadeira de Quechua da UNMSM. Lima, Peru.

Os empréstimos do Quechua contendo uma glotal fricativa em inicial de palavra, sofreram queda dessa consoante ao passarem para o Aguaruna. Ex : *hámpi* > *ámpi* 'medicina, remédio'. A partir disso, pode-se concluir que *háwa runa* mudou para *awa runa*.

significa gente de arriba, gente de las colinas, gente de la cordillera" (p. 169). Para uma análise detalhada da proposta desse autor, ver Regan (1993). Outro autor, Gnerre (1976) sugere que a palavra Aguaruna vem do Quechua: *auca* 'selvagem', *runa* 'pessoas', isto é: 'os selvagens'. Para a etimologia popular, Aguaruna significa 'gente da água' interpretação, por suposto, sem fundamento.

Parece haver consenso de que a palavra Aguaruna é derivada do Quechua e que foi introduzida no século XV quando o Inca Tupac Yupac Yupanqui, e posteriormente seu sucessor Huayna Capac, tratou de conquistar o território dos Jívaro para a coroa do Império Inca. Poderia se pensar também que o dito termo foi inserido com o estabelecimento das missões Jesuítas (no ano de 1767, aproximadamente) no território dos Jívaro, onde o Quechua, do mesmo modo que em outros lugares da Amazônia, foi usado como língua geral de catequização.

Atualmente, a palavra Aguaruna tem sido adaptada à fonologia indígena como [awahún] sendo aceita pela população respectiva. No entanto, os Aguaruna mais adultos falam que sua verdadeira denominação é *a+nts* 'gente', que se opõe a [šiwá] 'inimigo', termo usado para referir-se a outras etnias vizinhas; opõe-se também a [kistián] 'cristão'¹⁵ e [apáč] 'mestiços'; esses dois últimos

¹⁵ [kistián] é um termo sociológico, não religioso. Os Aguaruna empregam-no para identificar qualquer pessoa não indígena. Para os indígenas Andinos, eles usam a designação de [šišáaku] "serrano".

termos aplicam-se, na verdade, a toda pessoa não identificada como indígena.

Como a palavra Aguaruna não é pejorativa, sendo aceita inclusive pela população indígena, e também é muito empregada em publicações diversas, será mantida neste trabalho.

1.3.2. A nação Aguaruna e seus falantes

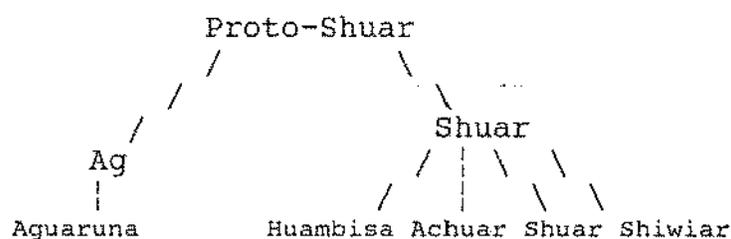
A população Aguaruna soma atualmente 45 mil pessoas que habitam a Amazônia Norte do Peru, compreendendo regiões dos departamentos de Amazonas, Loreto e San Martín. Os habitantes distribuem-se em pequenos povoados em toda a extensão dos rios principais como Maranhão, Nieva, Cahuapanas, Apaga, Santiago, Potro, Cenepa, Chinchipe, Alto Mayo, e também dos inumeráveis afluentes desses rios.

A língua falada pela nação Aguaruna é conhecida sob o mesmo nome, e, junto com o Achual, Huambisa, Shuar, Shiwiar e Candoshi constituem a família lingüística Jívaro.

Lingüísticamente, o Aguaruna está mais estreitamente relacionado com o Huambisa, até o ponto em que poderiam ser tratados como dialetos de uma mesma língua. Larson (1957: 148) narra, por exemplo, o caso de um falante aguaruna e outro huambisa, que conversavam fluentemente entre si, embora percebessem as diferenças lingüísticas entre seus próprios dialetos. Esse fato, narrado pela autora citada, seria um indício de que a língua Aguaruna separou-se do Proto-Shuar em períodos muito recentes (Stark (1985)). De fato, já em 1957, Turner afirmava que o

"Aguaruna seems at present to be a rather different dialect differing phonemically so much as to have lost the /r/ which is present in the other three dialects" (p.1).¹⁶ As hipóteses levantadas sobre a evolução do Aguaruna consideram-no como uma língua à parte, ou sub-ramo separado do Proto-Shuar (Proto-Jívaro), como se vê no esquema a seguir:

Localização do Aguaruna dentro do Proto-Shuar:



Sócio-economicamente, os aguarunas dependem de uma agricultura de subsistência, complementada com atividades de caça e pesca. Alguns povoados, sobretudo aqueles localizados perto das estradas, comercializam determinados produtos como arroz, cacau, banana e amendoim. A criação de animais domésticos, como aves e porcos, serve basicamente para o comércio com os mestiços, e raramente para o consumo próprio.

Com a acelerada desapareição dos recursos naturais, a população Aguaruna vem procurando formas alternativas de alimentação mediante o cultivo da soja, feijão, arroz, além dos

¹⁶ O autor refere-se ao Shuar, Achuar e Huambisa.

produtos tradicionais como milho, mandioca, batata silvestre. Inclusive existem povoados que iniciaram há vários anos a criação de gado.

No nível da organização social, cada povoado Aguaruna conta com um chefe tradicional ou Apu,¹⁷ mas a unidade básica é o núcleo familiar. Cada família conta com o líder principal ou Múun 'chefe da família'. No nível político, os aguaruna estão organizados em Conselhos e Federações, tanto a nível intra como inter-étnico. Os objetivos dessas organizações concretizam-se no desenvolvimento de projetos como de saúde, educação bilingüe, capacitação das pessoas, comercialização de produtos agrícolas, luta pela defesa e reconhecimento de suas terras, entre outros.

A organização melhor estruturada é o Consejo Aguaruna-Huambisa (CAH), porém há outras organizações que desempenham um papel importante no desenvolvimento autônomo do povo Aguaruna. Entre elas estão a Organización Central de Comunidades Aguarunas del Alto Marañón (OCCAAM), a Organización Aguaruna del Alto Mayo (OAAM), a Organización Nativa Aguaruna de la Provincia del Alto Amazonas (ONAPAA), a Organización Aguaruna Ijunbau Chapi Shiwag e a Federación de Comunidades Nativas del distrito de Cahuapanas (FECONADIC).

Em suma, pode-se concluir que a nação Aguaruna é uma das etnias melhor organizadas e coesas da Amazônia Peruana, o que se

¹⁷ [Apu], termo Quechua que significa 'chefe, cacique, curaca', seu uso espalha-se por toda a Amazônia Peruana.

reflete sobretudo na luta pela manutenção de sua identidade lingüística e cultural.

1.4. Metodologia

1.4.1. Trabalho de campo

O desenvolvimento do presente trabalho baseia-se fundamentalmente na análise dos dados lingüísticos coletados pelo autor em diversos períodos de trabalho de campo. Contudo, foram considerados subsidiariamente alguns materiais existentes sobre o Aguaruna, os mesmos que aparecem citados na bibliografia.

Os dados lingüísticos foram coletados principalmente na aldeia aguaruna de Kawít, localizada nas margens do rio Cahuapanas, na Província do Alto Amazonas, no Peru, nos meses de agosto-setembro dos anos 1981, 1983, 1984 e 1985. Nesses períodos o autor deste trabalho teve a oportunidade de trabalhar com professores aguarunas falantes bilingües (Aguaruna-Espanhol) do dialeto do Alto Maranhão, que se encontravam na região do Cahuapanas temporariamente por razões de trabalho. Finalmente, em abril de 1987 coletou-se material no povoado mestiço de San Lorenzo, rio Maranhão, Alto Amazonas. Nesse mês trabalhou-se com estudantes de Segundo Grau falantes-bilingües provenientes do rios Alto Maranhão e Potro. Todo o material coletado foi registrado em transcrição direta e compreende itens lexicais, locuções diversas e distintos tipos de orações simples e frases. Foram também gravados relatos orais como mitos, material que lamentavelmente não foi processado em sua totalidade.

1.4.2. A análise

Na análise e interpretação dos dados foi adotada um tratamento diferenciado no que diz respeito à fonologia e à gramática. Assim, a fonologia apresenta uma análise e discussão mais 'teóricas' referentes aos principais processos fonológicos da língua, organização interna dos segmentos, a estrutura da sílaba, a harmonia nasal, queda de segmentos e desnasalização das consoantes nasais. A análise segue essencialmente o modelo autosegmental desenvolvido em trabalhos de Goldsmith (1990), Clements (1985), Clements & Hume (1993), Piggot (1987, 1989, 1992), e Itó (1986).

No que respeita à análise gramatical, tomou-se como ponto inicial a segmentação e classificação das unidades gramaticais com base nos procedimentos de análise apresentados em obras de lingüística descritiva, principalmente Nida (1946), Elson & Pickett (1983), K. Pike & E. Pike (1982).

O método seguido na análise gramatical é essencialmente descritivo, sendo feita a análise a partir dos dados lingüísticos proporcionados pelos falantes nativos da língua. Considerou-se que uma análise descritiva era necesssária como um passo inicial para posteriores estudos de aspectos mais aprofundados da língua, assim como para a aplicação teórica de modelos particulares.

No ordenamento dos dados levou-se em conta principalmente os pontos de descrição lingüística considerados em questionários gramaticais de autores como Comrie & Smith (1977), D. Thomas (1986), Kibrik (1977), e no South American Indian Languages

Documentation Project (SAILDP), da Universidade de Berkeley. Também foram aproveitados os temas de pesquisa lingüística levantados nos três volumes publicados por Shopen (1985).

1.5. Objetivos

O objetivo geral desta tese é apresentar uma descrição lingüística do Aguaruna, língua indígena da família Jívaro, falada por 45 mil pessoas na região Norte do Peru.

Como objetivos específicos procura-se apresentar uma descrição da fonologia, morfologia e sintaxe da língua, que sirvam como subsídios tanto para futuras pesquisas da língua, como para aplicações práticas no que diz respeito ao uso e valorização dessa língua.

1.6. Justificativa

O estudo das línguas indoamericanas, como aliás de qualquer língua, resulta de extrema importância para o desenvolvimento da teoria lingüística, teoria que necessariamente depende de descrições adequadas de gramáticas particulares das línguas existentes no mundo. Somente na medida que se possuam descrições sistemáticas sobre as estruturas de diferentes línguas será possível abstrair e/ou verificar, a partir delas, propriedades comuns que constituem a Gramática Universal. Nesse sentido, fica evidente a relevância do trabalho de documentação e descrição das línguas indígenas para o avanço da ciência lingüística. Aliás, as descrições das línguas indígenas já tem revelado características

fonéticas, fonológicas e gramaticais que colocam problemas para as teorias lingüísticas existentes (ver por exemplo, Derbyshire 1977, Derbyshire & Pullum, 1981). Sendo assim, o estudo da língua Aguaruna se justifica por si mesmo.

Ao lado da importância científica, o estudo das línguas indígenas é de grande relevância sob o ponto de vista político-social, podendo contribuir para a solução de problemas enfrentados pelos povos falantes dessas línguas. No caso específico do Aguaruna, trata-se de uma sociedade, como já foi mencionado, que conta com 45 mil pessoas, constituindo uma das nações indígenas mais numerosas da região da Amazônia Peruana. Esse nação caracteriza-se por uma identidade étnica muito forte, assim como pelo nível de organização política muito avançado, que leva às instituições representativas desse povo (Federações, Conselhos) a colocarem dentre seus objetivos o uso da língua e cultura indígenas nas escolas bilingües existentes, e exigem, por outro lado, que as pesquisas feitas entre eles tenham algum retorno prático para o próprio povo. Nesse aspecto, uma descrição da língua pode se reverter em benefício dos falantes, contribuindo para a solução de questões práticas de interesse dessa sociedade.

É justamente nessa interligação de objetivos acadêmicos e objetivos práticos que se circunscreve a presente tese.

1.7. Organização da tese

A tese vem estruturada em seis capítulos, a bibliografia e um apêndice contendo um vocabulário básico (lista de Swadesh) e dois mapas das aldeias aguarunas.

O Capítulo 1, introdutório, contém informações gerais sobre a nação e a língua Aguaruna, incluindo discussão sobre as possíveis origens dos etnônimos Jívaro e Aguaruna, e sobre a classificação do Jívaro no contexto das famílias lingüísticas. O capítulo inclui ainda: 1) descrição da situação sócio-econômica e da localização mais específica dos falantes, 2) apresentação da metodologia de trabalho de campo e os objetivos da tese.

O capítulo 2 dedicado à fonologia da língua, apresenta a estrutura interna dos segmentos, a organização da sílaba, algumas características do acento e os principais processos fonológicos como: alongamento, desvozeamento, queda e nasalização de vogais, queda e desnalização de consoantes. Como ponto final, discute-se a relação entre a consoante nasal velar /ŋ/ e a laríngea nasalizada [ŋ̃]. Assume-se neste ponto, que o processo envolvido nessa mudança está relacionado com a debucalização da nasal velar.

No capítulo 3 são descritas algumas das características gramaticais do Aguaruna, principalmente a ordem dos constituintes maiores. Além disso, são definidos alguns conceitos gramaticais como Frase, Oração, Sintagma, Palavra, Tema, Raiz, Base, todos eles em relação à língua.

O capítulo 4 trata dos processos de flexão e derivação e de características morfológicas e sintáticas relacionadas com as categorias Nome, Adjetivo, Advérbio, Pronome e Partículas.

Os verbos, seus processos de flexão e derivação e suas categorias, são tratados no capítulo 5.

O último capítulo é dedicado questão da ordem dos constituintes, os tipos de frases e os processos de subordinação

Capítulo 2

Fonologia

A fonologia do Aguaruna já foi objeto de estudo desde diferentes ângulos teóricos. Assim, o autor (Corbera, 1977, 1980) fez uma análise da fonologia com base nos postulados teóricos da Fonologia Gerativa Padrão. Pike & Larson (1964) e Inga (1969) deram uma descrição fonêmica da língua e Payne (1974) fez um estudo específico da nasalização.

Tendo em vista esses estudos, trataremos neste trabalho, determinados aspectos da fonologia, aqueles ou que não foram adequadamente analisados ou que não foram matéria de estudo de análises anteriores.

Esta seção inclui uma apresentação dos fonemas da língua, a estrutura da sílaba, o acento, e os processos fonológicos mais relevantes como queda de segmentos, a nasalização das vogais e a desnasalização das consoantes /m/ e /n/.

O embasamento teórico adotado na análise será o da Geometria de Traços, desenvolvida por Clements (1985), Clements & Hume (1993). Também será considerado o modelo do licenciamento prosódico seguindo Itô (1986) e Pigott (1991). O trabalho desses autores é conhecido na literatura como Fonologia Auto-segmental.

Uma abordagem com base na Fonologia Auto-segmental permite dar conta dos dados de uma maneira mais simples, evitando postular regras complicadas e abstratas, fato muito comum nos estudos com

embassamento teórico no modelo da Fonologia Gerativa Padrão
(Chomsky & Halle, 1968).

2.1. Inventário dos fonemas

2.1.1. Consoantes

Os fonemas consonantais do Aguaruna são os seguintes:

(1)

		labial	dento- alveolar	palato- alveolar	velar	glotal
plosivas	sur.	p	t		k	(?)
	son.	b	d			
africadas			ts	tš		
fricativas			s	š	g ¹⁸	h
nasais		m	n		ŋ	
glides		w		y		

Nesse quadro não aparece o fonema plosivo velar sonoro, que não ocorre na língua. As plosivas sonoras /b/, /d/ diacronicamente não faziam parte do sistema fonológico do Aguaruna, porém no nível sincrônico elas podem ser consideradas como fonemas, pois esses segmentos sofrem um processo acelerado de fonologização, sobretudo na fala dos bilingües. A oclusiva glotal vem entre parenteses por ter uma ocorrência limitada no léxico da língua.

¹⁸ A fricativa velar sonora /y/ será representada como /g/ em todos os casos.

2.1.2. Vogais

O sistema vocálico do Aguaruna é constituída pelas vogais seguintes:

(2)		anterior	central	posterior
	alta	i	ɨ	u
	baixa		a	

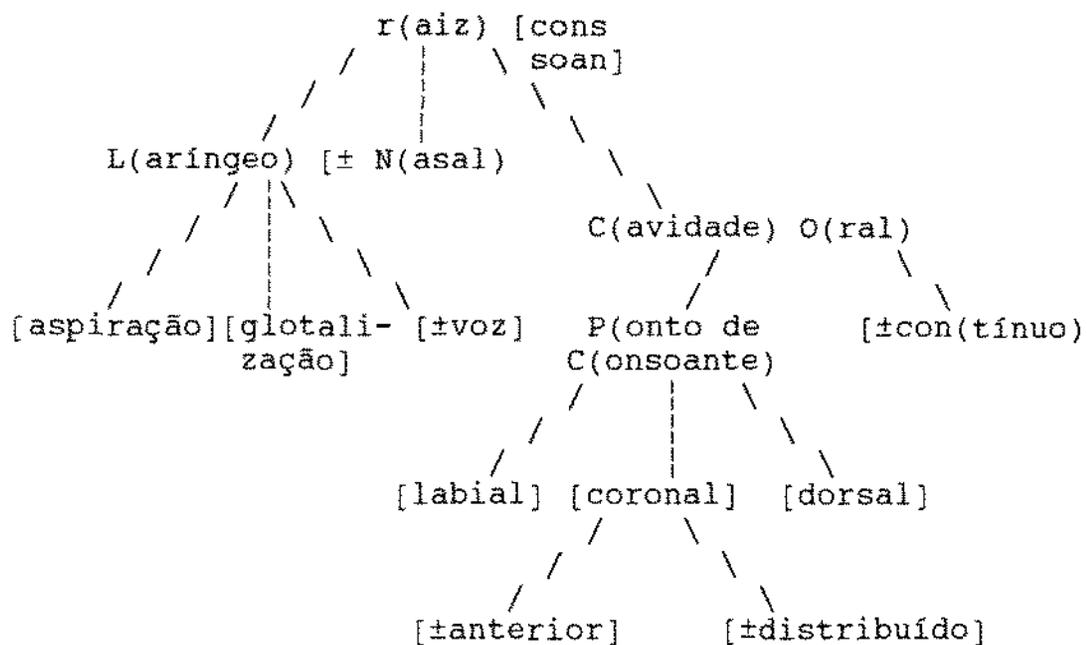
Como se vê o Aguaruna diferencia dois graus de abertura vocálica (alta e baixa) e três posições (anterior, central, posterior) no eixo do trato vocálico.

2.2. Representação geométrica dos segmentos.

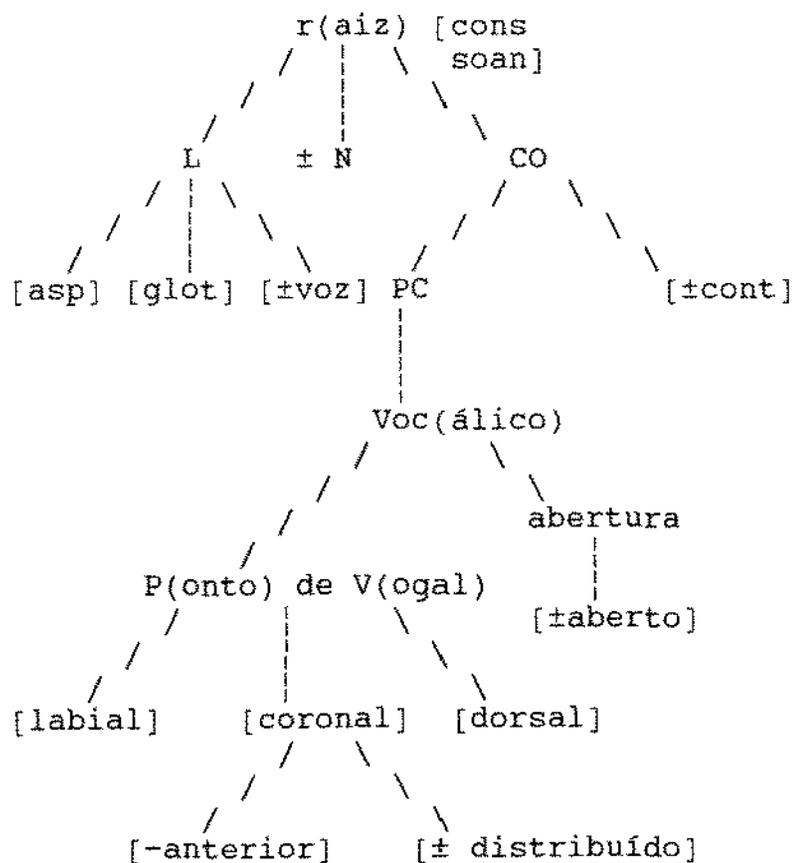
Uma das inovações mais importantes da teoria fonológica após SPE (Sound Pattern of English, Chomsky & Halle, 1968), é a representação não linear dos traços distintivos. Para Clements uma forma natural de caracterizar os fonemas a partir dos traços "is in terms of multi-tiered representation, in which individual features and groups of features are assigned to separate tiers" (1985:226).

Segundo a teoria da geometria de traços (Clements & Hume, 1993) a representação dos segmentos seria:

(3) consoantes



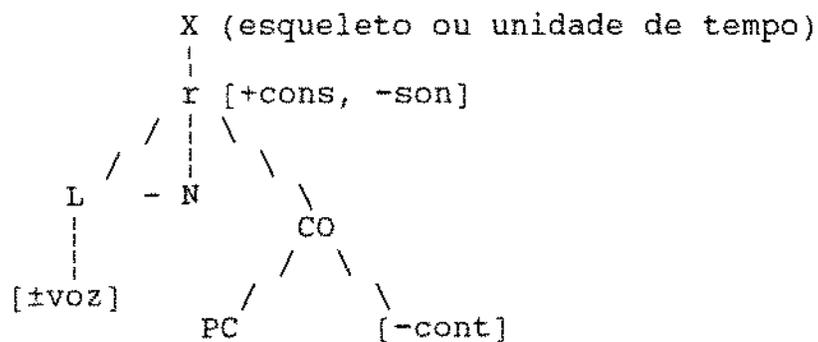
(4) vogais



Partindo das propostas formuladas por esses autores, as consoantes e vogais do Aguaruna podem ser assim representadas:

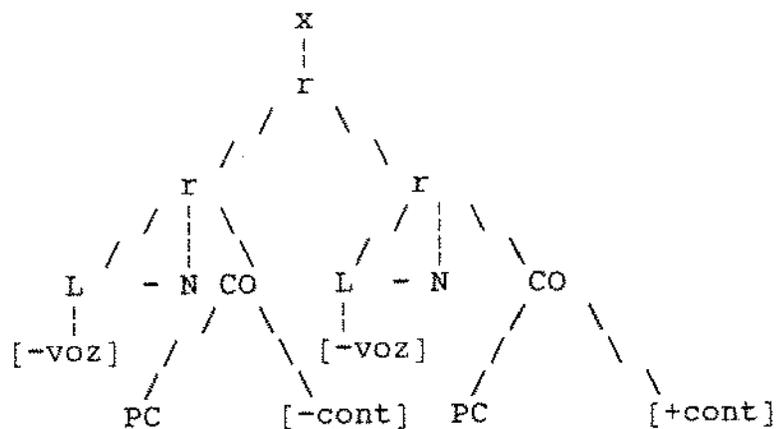
(5) **Consoantes**

a. **obstruintes**

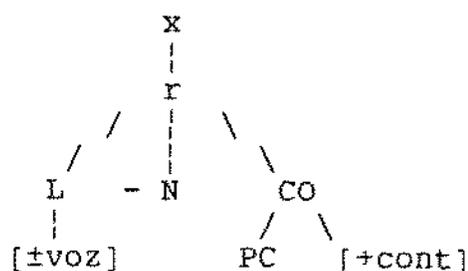


No esquema (5a) estão representados somente os traços que são relevantes para todas as obstruintes (surdas e sonoras).

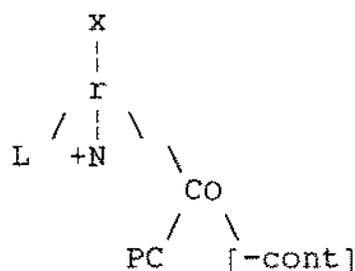
b. **africadas**



c. fricativas



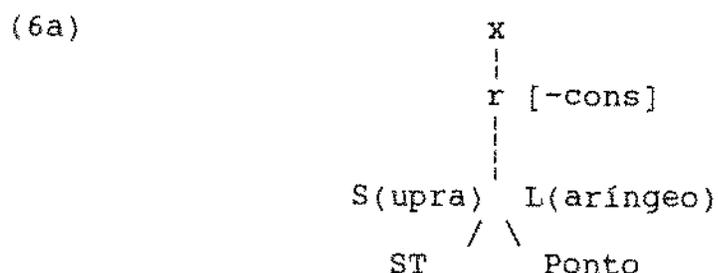
d. nasais



(6) Glides.

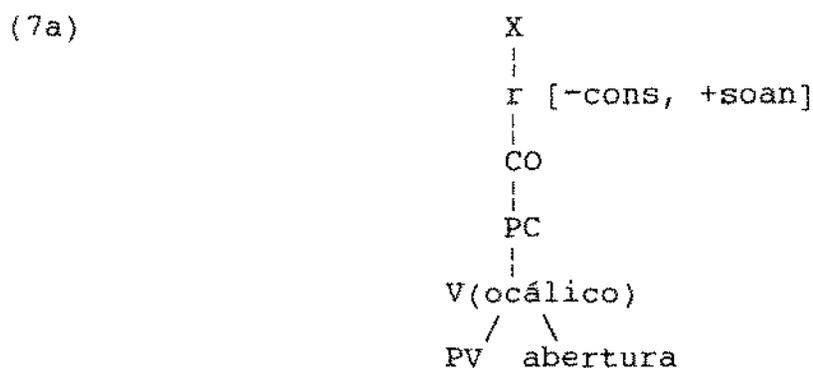
Nos modelos de fonologia não-linear, como também em Clements (1985), Clements & Hume (1993), considera-se que os glides adquirem sua função como consoantes ou como vogais somente quando ocupam sua posição na sílaba e assim eles não têm uma representação em termos de traços geométricos. Contudo, Dogil (1988) postula uma representação própria dos glides. Para esse autor "[t]he natural class of semi-vowels [glides] is characterized by the unmarked vocalic F-structure in which the STRICTURE complex is additionally specified. Semi-vowels are the only non-consonantal sound types specified for the the STRICTURE complex, because they show much

greater tendency to produce turbulence in the air stream than other vowels do" (1988:97). Para Dogil os glides são representados como:



(7) Vogais

As vogais no Aguaruna podem ser representadas como:



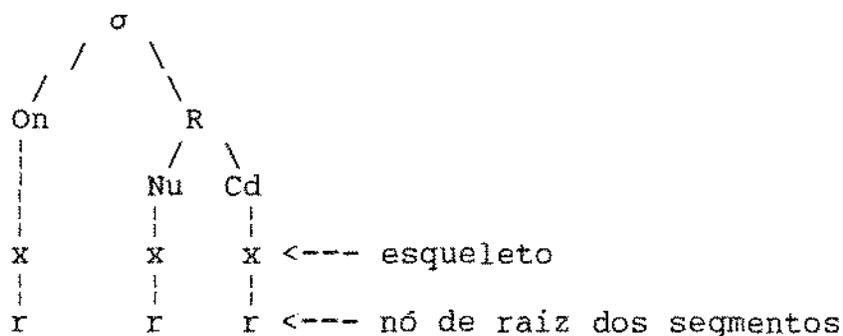
2.3. Estrutura da sílaba

Os estudos da teoria fonológica atual consideram a sílaba como um constituinte estruturado hierarquicamente em um On(set), opcional, e uma R(ima). Esta última é subdividida, por sua vez, em um Nú(cleo), obrigatório, e numa Coda (opcional) ¹⁹. Assume-se igualmente que a ligação desses constituintes com a melodia

¹⁹ A existência de um constituinte coda é posto em dúvida por Kaye (1990).

segmental não é direta, mas se faz através de uma camada intermediária, o esqueleto. O esqueleto está constituído por posições X's ou unidades de tempo.²⁰ Desse modo, o constituinte sílaba é representado como:

(8)



Com base nessa relação e considerando a combinação dos segmentos no Aguaruna, é possível reconhecer, nessa língua, sílabas do tipo V, VC, CV, CVC, isto é, uma estrutura geral como (C)V(C) em que apenas o núcleo é obrigatório, sendo os elementos presentes nas margens opcionais, como prevê a própria teoria fonológica. Seguem exemplos com os tipos de sílabas do Aguaruna:

- | | | | | | | |
|--------|-------|-------------|----------|---------------|----------------|----------|
| (9) a. | há.pa | 'veado' | d. | i.ná.an.hu.ta | 'fazer doer' | |
| | cv.cv | | | v.cv.vc.cv.cv | | |
| | b. | mi.kín.tu.u | 'sombra' | e. | wa.í | 'bastão' |
| | | cv.cvc.cv.v | | | cv.v | |
| | c. | +tsã | 'sol' | f. | kam.pá.a.tu.ma | 'três' |
| | | v.cv | | | cvc.cv.v.cv.cv | |

²⁰ Em Clements & Keyser (1983) as unidades de tempo são representadas por C's e V's, que poderiam ser lidas como consoantes e vogais.

Uma característica principal da estrutura da sílaba no Aguaruna é a não ocorrência de ramificações no Onset. Em princípio, nessa posição ocorrem todos os segmentos, com algumas restrições que são descritas a seguir.

A fricativa velar sonora /g/ não ocorre em onset de sílaba inicial de palavra, somente em posição medial e final de palavra. Por exemplo:

(10) pa.gá.a.ta 'cana de açúcar' hʃ.gã 'casa'

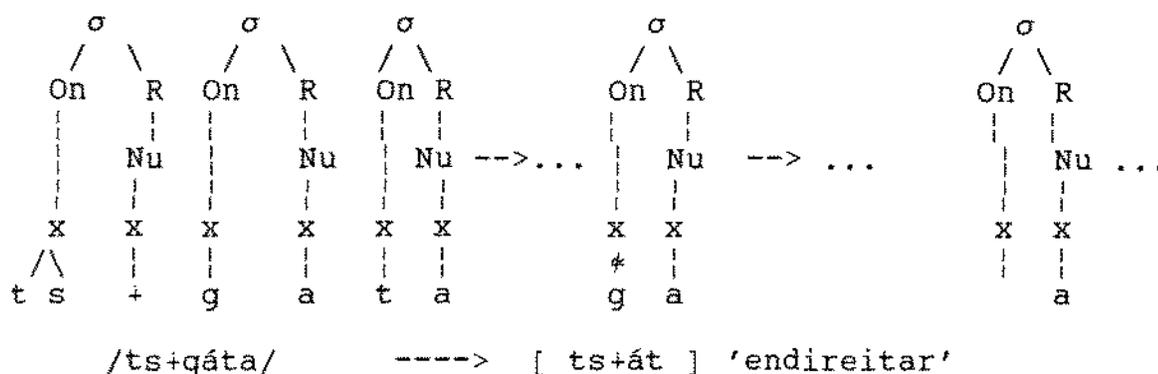
Esse mesmo segmento num contexto intervocálico, em que segue a vogal central alta /ɨ/ e precede a vogal central baixa /a/, sofre queda opcional na fala coloquial. Como resultado desse processo, na forma fonética é possível encontrar seqüência de sílabas do tipo V.V, ou seja, há uma mudança de V.CV para V.V. Em todo caso, a heterossilabidade é mantida como se vê em (11):

(11) ts+.gá.ta --> [ts+.á.t(a)] 'endireitar'
 cv.cv.cv cv.v.cv
 k+.gá.u --> [k+.á.u] 'luz'
 cv.cv.v cv.v.v
 p+.gá.ka --> [p+.á.k(a)] 'cama'
 cv.cv.cv cv.v.cv

Para os exemplos em (11), pode assumir-se que na forma fonética, houve um desligamento do segmento /g/ de sua unidade de

tempo, mas que a posição de onset é mantida. Ou seja, um processo como:

(12)



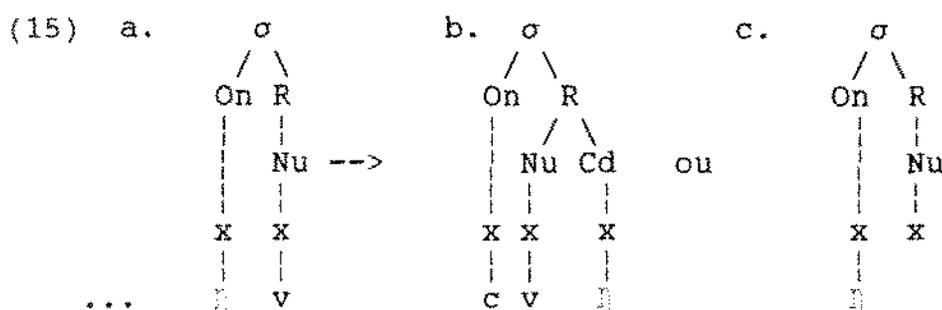
Outra restrição relaciona-se com a nasal velar /ŋ/. Como no caso da velar fricativa, esse segmento ocorre como onset somente em sílaba medial e final. Uma característica da nasal velar, é que foneticamente sempre ocorre como fricativa laríngea nasalizada [h] nessa posição. (ver a descrição desse processo em 2.5.6.). Exemplos:

- (13) á.pa.t.ṣ̌i.ŋu.ka ---> [apátšhūka] 'meu avô?'
 ṣ̌í.i.ŋa.ka -----> [ṣ̌íhāk] 'bonito?'

Porém, após a queda de seu núcleo (ver queda de vogais em 2.5.3.), /ŋ/ sempre é [ŋ]:

- (14) ká.nu.ŋu.ha.ī ---> [kanúŋhaī] 'com minha canoa'
 ú.tṣ̌i.ŋu.na.u ---> [utṣ̌íŋdou] 'de meu filho'

Para as formas derivadas (emissão fonética) em (14) é possível assumir ou que a nasal velar faz parte da coda, ou que ela continua na posição de onset, mas sem sua cabeça ou núcleo, constituindo uma sílaba com núcleo vazio. As representações correspondentes a ambas as hipóteses são aquelas de (15b) e 15c):



Os exemplos em (14) mostram que no Aguaruna não há uma correspondência biunívoca entre sílaba fonológica e sílaba fonética. Lembre-se aqui a observação de Lass (1984) de que "[t]he phonetic syllable [...] is a 'performance' unit whose entire reality is phonetic; the phonological syllable is a structural (if phonetically based) unit, perhaps with non-phonetic properties as well" (p.250).

Quanto à posição de coda, ela apresenta as seguintes características:

1) No nível subjacente, i.é na representação fonológica, ocorrem somente como coda de sílaba não final de palavra consoantes nasais

que formam grupos com as obstruintes iniciais de sílabas seguintes, como nos exemplos de (16):

- (16) kʎn.ku 'bambu' mán.tši 'gafanhoto'
 tun.ká.+ 'súngaro' a.nʎn.ti.ka.t(a) 'advertir'
 mún.tsu 'ceio' súm.pa 'camaleão'

2) Consoantes nasais em coda de sílaba final de palavra ocorrem somente como resultado do processo de apócope do núcleo respectivo (ver queda de vogais em 2.5.3.). Por exemplo, as formas fonéticas em (17):

- (17) [yakúm] 'macaco' [tšinkún] 'cotovelo'
 [átum] 'vocês' [šíi] 'bonito'
 [úum] 'sarabatana' [tsátši] 'árvore(esp.)'
 [áuhin] 'estudante' [utši] 'meu filho'

têm suas representações fonológicas como:

- (18) yakúma tšinkúni
 átum+ šiia
 úumi tsátšiia
 aúhinu utši'u

De fato, os processos de apócope e síncope criam posições de coda que podem ser cobertas por qualquer segmento, exceto pelas

obstruintes sonoras /b/, /d/, os glides /w/, /y/ e a fricativa velar sonora /g/. Para dar conta desse processo, com base em Itô (1986) postula-se aqui uma regra de condição da coda para as emissões fonéticas do Aguaruna:

(19) condição da coda

* C]_σ
 |
 [+voz, -nas] (i.é. b,d,g,w,y).

Foi dito acima, que os onsets em Aguaruna são constituídos por apenas uma consoante. Do mesmo modo, não há codas ramificadas na forma fonológica. Contudo, vejamos as formas fonéticas de (20):

(20) [a'nts] 'pessoa' [háantš] 'tela'
 [aúnts] 'mutum' [nihamántš] 'bebida de mandioca'

Essas formas terminam em consoante nasal+africada, o que parece indicar que foneticamente há codas ramificadas, isto é, há sílabas em Aguaruna com estrutura fonética:

(21)

$$\begin{array}{c}
 \sigma \\
 / \quad \backslash \\
 \text{On} \quad \text{R} \\
 | \quad / \quad \backslash \\
 \quad \text{Nu} \quad \text{Cd} \\
 | \quad | \quad / \quad \backslash \\
 \text{x} \quad \text{x} \quad \text{x} \quad \text{x} \\
 | \quad | \quad | \quad / \quad \backslash \\
 \cdot \quad \text{v} \quad \text{n} \quad \text{t} \quad \text{s}
 \end{array}$$

Entretanto, os dados de (20), que são formas do nominativo, ocorrem no acusativo como:

- (22) [a+ntsún] 'pessoa (acus.)' [haántšín] 'tela (acus.)'
 [aunts+n] 'mutum (acus.)' [nihámtšín] 'bebida de mandioca'

Os temas em (22) evidenciam a presença de uma vogal subjacente, que no nominativo é apagada (ver queda de vogais em 2.5.3).

Em suma, as sílabas finais das palavras em (17) não representam codas ramificadas na forma subjacente. Elas aparentemente são ramificadas na superfície, mas na verdade, constituem onsets sem núcleo, ou seja, onsets com núcleos vazios.

2.4. Acento

O acento em Aguaruna tem sido tratado como contrastivo, ou seja, o acento viria marcado no léxico. Por exemplo, Pike & Larson (1964) afirmam que "stress groups are of several contrastive types depending on the lexically-controlled placement of the stress, which may appear on any syllable of a sequence" (p.64). O mesmo ponto de vista aparece em Inga (1969) e Regan et alii (1991). As palavras em (23) mostram o comportamento contrastivo do acento:

- (23) íma 'garça' imá 'mais'
 šíkit 'urinar' šikít 'levar água'
 túntu 'mosquitero' tuntú 'cinza'

p⁺mat 'relampejar' p⁺mát 'suster-se'
 út 'caramujo' uút 'jogar fora da boca'

Payne (1981) assume também que o acento é contrastivo, e que deveria ser marcado na transcrição fonológica. Porém, em outro trabalho, esse autor modifica seu ponto de vista inicial e considera que o acento em Aguaruna é previsível.

O Aguaruna parece ser uma língua de acento tonal (pitch accent), ou seja, uma língua em que cada palavra leva um acento principal e sem acentos secundários. A manifestação fonética do acento principal é o tom alto. A hipótese inicial de o Aguaruna ser uma língua de acento tonal foi considerada em Pike & Larson (1964), sendo desenvolvida posteriormente por Payne (1990).

Nesta seção serão apresentados apenas os pontos relevantes da hipótese sobre o acento feita por Payne (ibid.). Os dados de que dispomos não são suficientes para levantar argumentos contrários aos desse autor.

Segundo Payne, o Aguaruna apresenta diferentes padrões de ocorrência do acento, como se vê na tabela (24):

(24)	a.	*		
		V V		2 moras (224 exemplos)
	b.	*		
		V V V		3 moras (297 exemplos)
	c.	*		
		V V V		3 moras (157 exemplos)
	d.	*		
		V V V V		4 moras (82 exemplos)
	e.	*		
		V V V V		4 moras (123 exemplos)
	f.	*		
		V V V V		4 moras (45 exemplos)

g.	*	
	V V V V V	5 moras (34 exemplos)
h.	*	
	V V V V V	5 moras (24 exemplos)
i.	*	
	V V V V V	5 moras (14 exemplos)
j.	*	
	V V V V V V	6 moras (5 exemplos)

	total	1005 exemplos

Com base nessa tabela, o autor faz as seguintes generalizações:

- 1) O acento nunca fica na mora final da palavra.
- 2) Palavras bimoráicas (ver 24a) vêm acentuadas na primeira mora da palavra como em (25):

(25)	ík+	'ainda'	káya	'pedra'
	hápa	'veado'	tšínki	'pássaro'
	kámpa	'formiga (esp.)'	hínta	'caminho'

- 3) Há palavras que aparentemente são bimoráicas, mas que levam o acento na segunda mora, como em (26):

(26)	tšankín	'cesta'	tuntúp	'costas'
	namák	'rio'	mutšák	'vestido de mulher'
	ipák	'urucu'	sunkú]	'epidemia'

Porém, as palavras em (26) e outras mais que ocorrem no léxico, sofreram o processo de apócope. Assim, as palavras em (26) são trimoráicas na forma subjacente e levam acento na segunda mora (=24b):

- | | | | | |
|------|----------|---------|---------|---------------------|
| (27) | tšankína | 'cesta' | tuntúp+ | 'costas' |
| | namáka | 'rio' | mutšáki | 'vestido de mulher' |
| | ipáku | 'urucu' | sunkú]a | 'epidemia' |

Contudo, há ainda palavras com três moras subjacentes que não se comportam como aquelas de (27), pelo contrário, elas levam acento na primeira mora:

- | | | | | |
|------|-----------|----------|----------|------------|
| (28) | púmpuk(u) | 'coruja' | múšuk(u) | 'cogumelo' |
| | káap(i) | 'cipó' | háantši | 'roupa' |

As palavras que têm as características daquelas em (28) são consideradas exceções, que devem ser marcadas no léxico. Viriam igualmente marcadas com acento no léxico palavras de 4 e 5 moras que levam acento na primeira mora (ver 24f, 24i).

Considerando as características das palavras bimoráicas e trimoráicas, e deixando de lado as exceções, Payne considera que a norma de colocação do acento em Aguaruna, é na segunda mora, contando à partir da margem esquerda da palavra. Outros casos, como em (24d e 24g) são explicados tratando as primeiras moras como extramétricas, o que faz com que o acento fique na segunda mora da palavra. Dessa forma, pelas previsões de Payne, as formas consideradas em (24) viriam no léxico como:

- | | | | | |
|------|----|-------|-------|---------|
| (29) | a. | V V | núka | 'folha' |
| | b. | V V V | kawáu | 'louro' |

- | | | | |
|----|-------------|--------------|-------------------|
| c. | * | * | |
| | V V V | kašai | 'paca' |
| d. | <V> V V V | wampukái | 'curuja' |
| e. | V V V V | maákai | 'barro' |
| f. | * | * | |
| | V V V V | ámuntai | 'urubu' |
| g. | <V> V V V V | apuúpuu | 'golphinho' |
| h. | V V V V V | wašíimau | 'girino de rã' |
| i. | * | * | |
| | V V V V V | aal]k+as(a) | 'palmeira (esp.)' |
| j. | V V V V V V | agá+kiam(pa) | 'peixe (esp.)' |

Em suma, o acento em Aguaruna é considerado por Payne como previsível, e ocorre normalmente na segunda mora da palavra, contando a partir da margem esquerda. Exceções a essa regra são tratadas como irregularidades que devem ser marcadas no léxico. Em outros casos, as aparentes irregularidades são explicadas recorrendo ao mecanismo da extrametricalidade.

Outras características do acento descritas por Payne, relacionam-se com as perturbações do acento nas palavras. Isso acontece quando os nominais flexionam-se com sufixos. Payne reconhece sete classes de sufixos com base no fato de eles alterarem ou não posição primária do acento. Assim, uma primeira classe de sufixos não intervêm na posição do acento, uma segunda classe de sufixos leva acento inerente, uma terceira classe, situa o acento na mora que o precede. As outras quatro classes de sufixos produzem deslocamento do acento para a direita em palavras "curtas"

(sic), porém, cada um desses sufixos produz deslocamento de modos diferentes.

Resumindo as colocações de Payne teríamos:

A. Sufixos que deslocam o acento

1. Os sufixos **-na** 'acusativo', **-haĩ** 'comitativo' e **-nuu** 'genitivo' deslocam o acento uma mora à direita em palavras de duas ou três moras. No caso de palavras com mais de três moras não há deslocamento.

2. Os sufixos **-ŋu** 'possessivo' e **-šakam** 'também', deslocam o acento uma mora à direita em palavras de duas e três moras (ver 24a,b,c), e também em palavras com quatro moras, que levam acento na terceira mora (ver 24d). Nas demais palavras com quatro ou mais moras, o acento permanece no seu lugar primário, isto é, não sofre deslocamento. Os sufixos **-ma** 'verbalizador', **-i** 'instrumental', **-k+** 'restritivo', **-api?** 'interrogativo' e **-aši** 'dubitativo', incluídos nessa classe, deslocam o acento uma mora à direita na palavra.

3. Sufixos como **-numa** 'locativo' e **-maga** 'verbalizador' também produzem perturbações no acento; assim, o locativo **-numa**, desloca o acento uma mora à direita em palavras de duas e três moras, e também em palavras com quatro moras, com acento lexical na terceira mora. Em outros casos, não produz deslocamento. Porém, em palavras com três moras e com acento na segunda mora (ver 24b), o acento é

deslocado para a primeira mora dos sufixos quando estes de acrescentam à palavra.

4. Sufixos que perturbam o acento em palavras de três moras, exceto naquelas com acento lexical na primeira mora, nas quais a segunda e terceira moras ficam adjacentes, isto é, sem onset preenchido. Dois sufixos: $-m+$ '2P' e $-i$ '3P', são descritos como tendo esse tipo de característica. Esses sufixos deslocam o acento uma posição à direita em palavras com três moras subjacentes. Em palavras bimoraicas o acento não sofre nenhuma perturbação.

B. Sufixos que não perturbam o acento

Incluem-se aqui três sub-classes de sufixos:

1). Sufixos que deixam o acento na sua posição originária, isto é, tal como ocorrem nas palavras sem o paradigma de flexão. Tais sufixos são o verbalizador $-+$, o negativo $-tsuu$, o dubitativo $-tsu$, e o verbalizador $-a$.

2). O sufixo $-á$ 'primeiro' que ocorre sempre em final de palavra e que tem acento inerente.

3). O sufixo $-a$ 'vocativo' que tem a propriedade de copiar a vogal final do tema, acrescenta uma plosiva glotal e acentua a penúltima vogal da palavras, isto é: $\#...CV \rightarrow CV_iV_i \rightarrow ... C'V_iV_i?$.

O trabalho de Payne representa uma primeira aproximação sistemática à acentuação no Aguaruna, porém a análise recorre a mecanismos que ainda são discutíveis na teoria fonológica, por exemplo o uso da extrametricalidade. Além disso, o reconhecimento de exceções já colocam em dúvida se o acento é realmente previsível no Aguaruna. Em tudo caso, somente estudos mais aprofundados tratando de relacionar a fonologia com a morfologia da língua, poderão corroborar ou rejeitar a hipótese de Payne.

2.5. Processos fonológicos

Nesta seção trataremos sobre alguns processos fonológicos que são relevantes na fonologia do Aguaruna. Um desses processos relaciona-se com a interpretação das vogais longas.

2.5.1. Alongamento vocálico

O Aguaruna apresenta vogais longas como se pode ver nos exemplos a seguir:

(30)	[šá:]	'milho'	[ú:m]	'sarabatana'
	[wǎ:]	'sal'	[hí:]	'fogo'
	[á:]k+as]	'lança'	[wa:púu]	'cobra(esp.)'
	[hi:nát]	'sair'	[kahǎ:t]	'matar vários'
	[k+:pátin]	'ficar vermelho'	[bú:tin]	'chorão'
	[yatú:tu:]	'cobra(esp.)'	[wiší:ši:]	'tamanduá'
	[kú:n]	'palmeira(esp.)'	[yuwí:]	'cabaça(esp.)'

O alongamento das vogais é independente do acento, ou de qualquer outro condicionamento, o que seria por si um indício para conferir status fonológico às vogais longas.

A interpretação de vogais longas como fonemas já foi sugerida na análise da fonologia de outras línguas da família Jívaro, por exemplo Turner (1958), em sua descrição do Shuar, afirma que "vowel length is unquestionably phonemic. Minimal contrast occur in both stressed and unstressed position" (p.18). Dai então poder-se-ia dizer que também no Aguaruna há vogais com dois tempos fonológicos e vogais com um tempo fonológico, como se pode ver nas representações respectivas:

(31)	vogais longas	vogais não longas
	$\begin{array}{c} x \quad x \\ \backslash \quad / \\ r \\ \\ V \end{array}$	$\begin{array}{c} x \\ \\ r \\ \\ V \end{array}$

Além das vogais longas, no léxico Aguaruna encontram-se igualmente grupos vocálicos:

(32)	[págað+]	'costelas'	[kou]ú]	'podre'
	[papéi]	'mamão'	[šul]kð+]	'pássaro (esp.)'
	[šuímpip]	'andorinha(esp.)'	[šampíu]	'lagartixa'
	[bukús+a]	'preto'	[punuáku]	'corcovado'
	[h+átšat]	'longe'	[kawóu]	'louro'

[weít]	'mentiroso'	[ð'nts]	'pessoa'
[yõú]	'ontem'	[yutuí]	'formiga (esp.)'

Vê-se em (32) que as seqüências são formadas por vogais diferentes, com acento no segundo elemento e que as vogais desses agrupamentos constituem núcleos de diferentes sílabas, isto é, a seqüência VV deve ser interpretada como heterossilábica V . V.

Por outra lado, são também possíveis grupos de vogais idênticas, com acento na segunda, como se vê em (33):

(33)	[uhũúna]	'pobre'	[maák+]	'basta'
	[s+f]	'graças'	[diít]	'ver'
	[paámpa]	'banana'	[s+fki:]	'calor, suor'
	[sumpiína]	'chapéu'	[huút]	'colher'

A posição do acento nos itens de (33) sugere que o grupo de vogais idênticas seja interpretado como núcleos heterossilábicos, como se sugeriu para os dados em (32). Se isso é possível em (32) e (33), então também é fatível postular que as vogais longas em (30) são, na verdade, seqüências de vogais idênticas com acento no primeiro núcleo.

Essa hipótese é corroborada pelo fato de que as vogais longas ocorrem como seqüências de duas vogais idênticas e heterossilábicas quando o tema onde se encontram é flexionado com sufixo de acusativo [-n(a)]. Em efeito, determinados nominais como:

- (34) [šá:] 'milho' [ú:m] 'sarabatana'
 [wʹ:] 'sal' [hí:] 'fogo'
 [kú:n] 'palmeira' [yuwí:] 'cabaça'

que possuem vogais longas, ocorrem com seqüência de duas vogais idênticas, quando são flexionados com o marcador de caso acusativo [-n(a)]. Assim:

- (35) [šáá-n] 'milho(ac.)' [uúmi-n] 'sarabatana(ac.)'
 [wʹ+í-n] 'sal(ac.)' [híí-n] 'fogo(ac.)'
 [kuúnta-n] 'palmeira(ac.)' [yuwíí-n] 'cabaça (ac.)'

Ou seja, a vogal longa manifesta-se como seqüência de dois segmentos idênticos, sendo que o acento é deslocado para a segundo deles.²¹ Então as vogais foneticamente longas dos itens em (30) podem ser interpretadas como grupos vocálicos dissilábicos, em que o segundo núcleo teria o onset vazio, como na representação abaixo:

- (36)
- | | | |
|------|------|----------------|
| σ | σ | |
| / \ | / \ | |
| On R | On R | |
| | | |
| x Nu | x Nu | |
| | | |
| š x | x x | |
| | | |
| š a | a | [šá:] 'milho' |

²¹ O sufixo [-n(a)] 'acusativo' é um dos sufixos que desloca o acento uma posição à direita na palavra. Para a descrição desse processo ver David Payne (1990:159-184)

2.5.2. Desvozeamento de vogais

Um outro processo comum na fonologia Aguaruna, é o desvozeamento de vogais, fenômeno que recebeu diferentes interpretações. Por exemplo, Pike & Larson (1964) consideram que as vogais desvozeadas constituem fonemas em um dialeto da língua: "[s]peakers of Dialect A [...] have a system of three high vowel phonemes /i/, /+/, /u/ and one low vowel phoneme /a/.

Dialect B is spoken by a minority in the same household, with no predictable basis for determining which speaker will utilize Dialect A or B. In this second dialect voiceless vowels are in phonemic contrast to voiced ones" (p.56). Os exemplos em (37) foram tratados como mostras desse contraste (ibid: 56):

(37)	[kaápI]	'cipó'	vs.	[tšápi]	'palmeira'
	[dukútšI]	'avó'	vs.	[kútši]	'porco'
	[uhúk+]	'rabo'	vs.	[kanúk+]	'só canoa'
	[píšakA]	'pássaro'	vs.	[píšaka]	'um pássaro'
	[kadáitU]	'remo'	vs.	[yumímitu]	'doce'
	[á+ntsU]	'gente'	vs.	[múntsu]	'leite'

Porém, em Corbera (1977) considerou-se que as vogais desvozeadas eram apenas uma variação de suas correspondentes vozeadas. De fato, não existe contraste entre vogais vozeadas e desvozeadas em Aguaruna. Ao contrário, o falante dessa língua, pode facultativamente desvozear as vogais finais de palavras que contam

com três ou mais sílabas, ou, alternativamente, podem apagar a vogal nessa mesma posição. (ver queda de vogais em 2.5.3.).

As vogais que ocorrem desvozeadas retomam sua característica fonética normal, ou seja são vozeadas, quando as palavras onde ocorrem se flexionam com sufixos. Por exemplo, as vogais desvozeadas dos exemplos em (37) aparecem vozeadas em (38) quando vêm com o sufixo marcador de caso acusativo [-n(a)]:

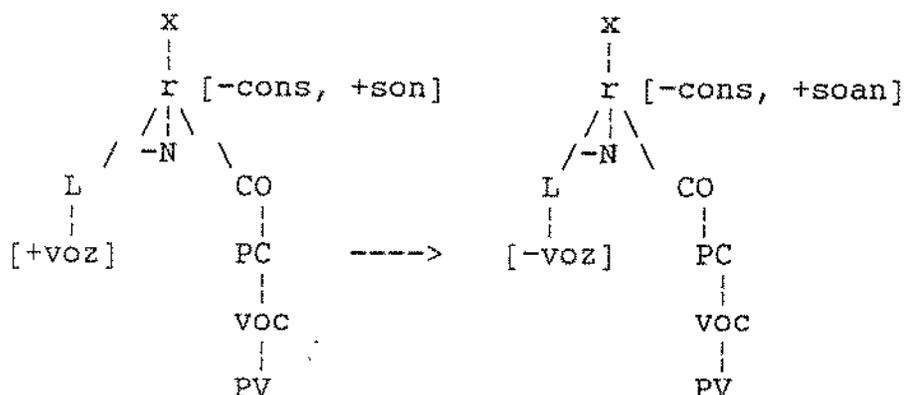
- | | | | | |
|------|-------------|--------|-------------|-----------|
| (38) | [kaapí-n] | 'cipó' | [pišáka-n] | 'pássaro' |
| | [dukutší-n] | 'avó' | [kadáitu-n] | 'remo' |
| | [uhukf-n] | 'rabo' | [a+ntsú-n] | 'gente' |

Por outro lado, as palavras com as vogais normais de (37) não sofrem variação ao receberem o sufixo de acusativo:

- | | | | | |
|------|--------------|------------|------------|--------------|
| (39) | [tšapí-n] | 'palmeira' | [kutší-n] | 'porco' |
| | [kanúk+-n] | 'só canoa' | [pišáka-n] | 'um pássaro' |
| | [yumímitu-n] | 'doce' | [muntsú-n] | 'leite' |

Em suma, fica rejeitada a suposta oposição de vogais vozeadas e desvozeadas no Aguaruna. Pode-se considerar o desvozeamento das vogais, talvez, como um mecanismo de lenização, que o falante usa como recurso alternativo ao apagamento da vogal. Em termos representacionais seria:

(40)



Condição: núcleo final de palavras com
mais de três sílabas.

2.5.3. Queda de vogais

A queda de vogais no Aguaruna relaciona-se com os processos de apócope e síncope, que ocorrem em palavras com três ou mais sílabas. O processo de apócope está também ligado com o desvozeamento das vogais. De fato, como já foi dito na seção anterior, o falante Aguaruna ensurdece o núcleo final de palavras polissilábicas, e em outros casos, esse núcleo é apagado. Aliás este último processo é o mais comum na língua. A queda de vogais não opera em palavras bissilábicas, fato relacionado com a restrição fonológica que determina que uma palavra em Aguaruna deve conter como mínimo dois núcleos silábicos.

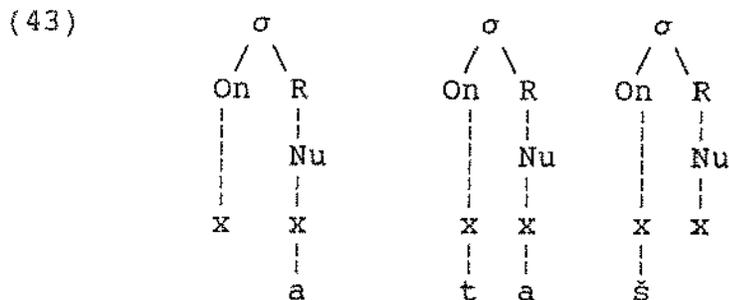
O processo de queda de vogais, como foi dito, opera em palavras com mais de três sílabas. Por exemplo, nas formas subjacentes de (41):

(41)	[atášu]	'galinha'	[híma]a]	'dois'
	[bíika]	'feijão'	[kankáp+]	'raiz'
	[tšankína]	'cesta'	[p+gáka]	'cama'
	[d+ts+p+]	'peito'	[takášu]	'sapo'
	[háantši]	'roupa'	[mutšáki]	'vestido de mulher'
	[makítšiki]	'um'	[yunkipáki]	'javali'
	[yáuntšuk+]	'antigamente'	[hiíntšama]	'morcego'
	[kampáatuma]	'três'	[kāášapa]	'peixe(esp.)'

as vogais finais sofrem apócope, isto é, foneticamente essas formas aparecem como:

(42)	[atáš]	[híma]
	[bíik]	[ka]káp]
	[tša]kín]	[p+gák]
	[d+ts+p]	[takáš]
	[háantš]	[mutšák]
	[makitšík]	[yu]kipák]
	[yáuntšuk]	[hiíntšam]
	[kampá:tum]	[kāášap]

Ao se aplicar a regra de apócope, uma palavra como **atáš** 'galinha' terá a seguinte representação fonética:



O fato de uma vogal final sofrer queda parece se relacionar com o princípio de Licenciamento Prosódico (Itô, 1986):

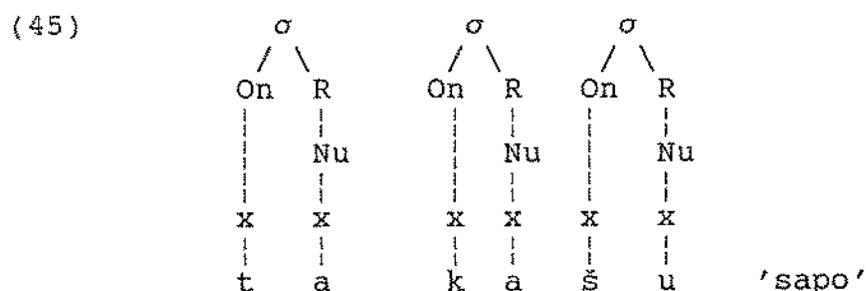
(44) **Princípio de Licenciamento Prosódico**

Todas as unidades fonológicas devem ser licenciadas prosodicamente, i.é. pertencer a estruturas prosódicas superiores (módulo de extraprosodicidade).

Pelo princípio de licenciamento prosódico, a categoria imediata superior dos segmentos é a sílaba, a das sílabas, os pés métricos e a destes últimos, as palavras fonológicas. Dessa forma, as vogais e as consoantes devem ser associadas a posições na estrutura da sílaba, e caso isto não ocorra, esses segmentos serão tratados como extraprosódicos. Conforme Itô (1986:3) "[a]pparent exceptions to Prosodic Licensing fall under the theory of Extraprosodicity, which allows edges of well-defined domains to be special". Por domínio especial entende-se um domínio qualquer (em geral palavra) no qual podem ocorrer processos de apagamento de segmentos na sua periferia.

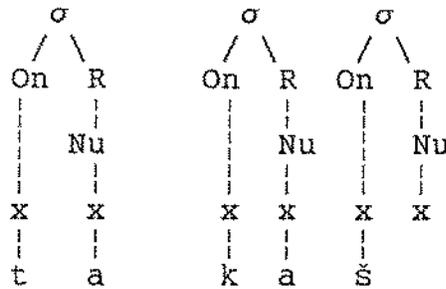
Com base no Princípio de Licenciamento Prosódico pode se argumentar que a queda do núcleo final nas palavras do Aguaruna, viola esse princípio na estrutura de superfície. Dito em outras palavras, a língua Aguaruna permite licenciamento extraprosódico de um núcleo que ocorre em domínio final de palavra. O licenciamento de extraprosodicidade permite então a queda dessa vogal.

Por outro lado, após a aplicação da apócope, todo segmento que fica em domínio final manifesta-se foneticamente. Eles não são afetados pela extraprosodicidade. Então, se esses segmentos não são licenciados por extraprosodicidade, eles devem ser constituintes de uma sílaba. Teoricamente há duas posições na sílaba para esses segmentos: a) a coda, e b) o onset. A primeira opção é rejeitada, pois como se disse, ao tratar da estrutura da sílaba (item 2.3.), na estrutura subjacente os segmentos com o traço [-nasal] não ocorrem em posição de coda. Isso deixa como única possibilidade a posição de onset, isto é, a mesma posição que ocupam na forma fonológica. Exemplos:



Se o processo de apócope detonar a queda da vogal final em (45), então a representação derivada será:

(46)



Além de apócope, o Aguaruna apresenta também síncope. Este último processo é mais frequente em palavras constituídas de combinações morfológicas, do que em formas não flexionadas. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (47) a. píšaka - utši - ŋu - m+ ----> [píšaktšihūm]
 \emptyset \emptyset \emptyset
 pássaro- dim -poss - 2P 'teu passarinho'
- b. taníša - numa - ša ----> [taníšnumaš]
 \emptyset \emptyset
 parede - loc - int 'na parede? (dub)'
- c. atášu - ŋu - m+ - šakama ----> [atášhūmšakam]
 \emptyset \emptyset \emptyset
 galinha-poss - 2P - int 'tua galinha também'
- d. apátši - ŋu - m+ - ka ----> [apátšhūmka]
 \emptyset \emptyset
 avô - poss - 2P - int 'teu avô?'
- e. itšínaka - numa - šakama ----> [itšínkanmaškam]
 \emptyset \emptyset \emptyset \emptyset
 panela - loc - também 'na panela também'
- f. hiíntšama - na -----> [hiíntšman]
 \emptyset \emptyset
 morcego - ac 'morcego (ac.)'
- g. yáuntšuk+ - ka -----> [yóuntšk+k]
 \emptyset \emptyset
 antigamente - int 'antigamente?'

h. kaámataka - na -----> [kaámatkan]
 ∅ ∅
 praia - ac 'praia (ac.)'

Em (47) ocorrem os processos de apócope e síncope. O primeiro deles afeta os núcleos finais do domínio, enquanto o segundo relaciona-se com o apagamento do núcleo em posições internas do domínio.

À diferença dos casos anteriores, onde a queda de vogal era em palavras morfológicamente não flexionadas, os dados em (47) ilustram o processo em palavras flexionadas.

Como ter-se-á notado, a queda dos segmentos vocálicos opera em direção esquerda-->direita, afetando inicialmente a terceira vogal em temas trissilábicos (ver 47a-d), e depois as vogais seguintes da palavra apagam-se alternadamente. Isto estaria mostrando que o processo de elisão ocorre ciclicamente, isto é, começa no domínio mais interno para depois operar nos domínios mais externos.

Por outro lado, observa-se que em (47a) o sufixo [utši] posicionado imediatamente depois do tema **píšaka**, perde o seu núcleo inicial, fato esse que, possivelmente, está relacionado com o Princípio de Contorno Obrigatório (PCO). Veja-se a representação respectiva:

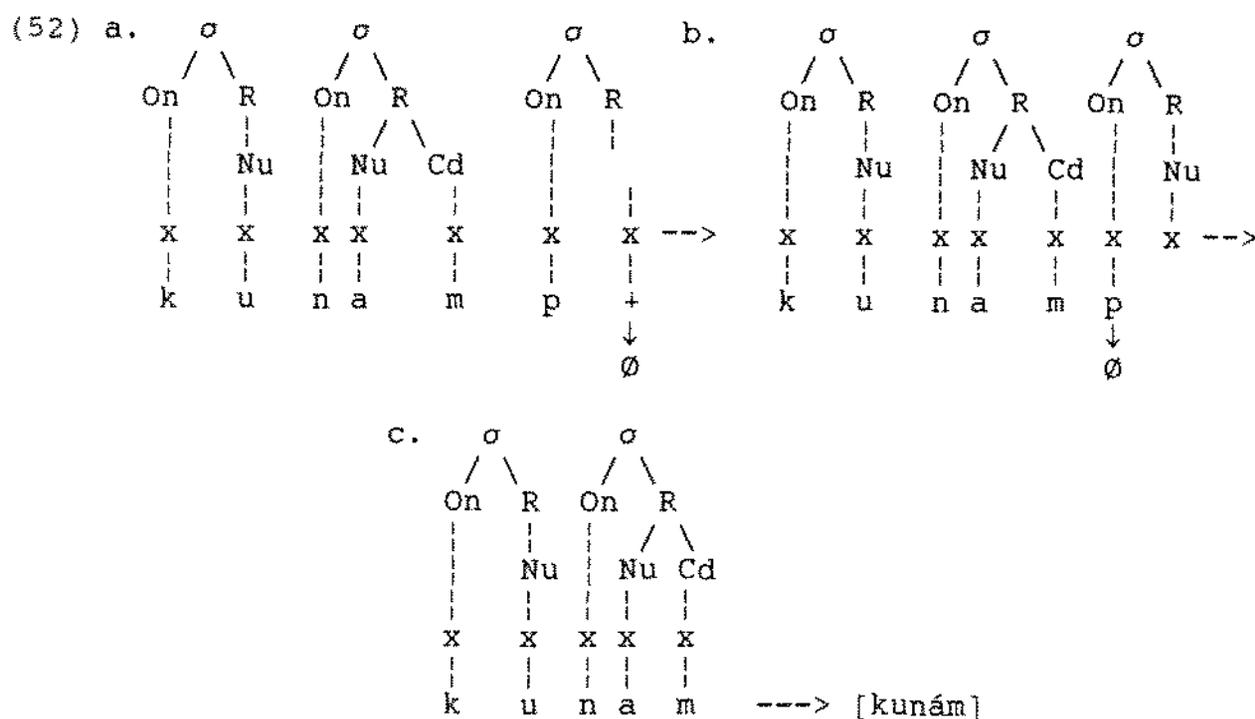
são palavras com mais de três sílabas, mas o núcleo do domínio final não se elide. Observe-se que nesses casos há dois núcleos adjacentes, que constituem barreiras para o processo de queda. Em suma, dois núcleos adjacentes em posição final de domínio não são extraprosódicos.

2.5.4. Queda de consoantes

Outro processo de queda de segmentos relaciona-se com as obstruintes /p/, /t/ /k/. Com efeito, esses três segmentos são apagados depois que o núcleo, com o qual formam uma sílaba, desaparece. Esse processo opera sempre em grupos homorgânicos constituídos de consoante nasal + obstruinte. Vejam-se:

- (51) kunámp+ ---> [kunámp] --> [kunám] 'esquilo'
 dukámp+ ---> [dukámp] --> [dukám] 'cobra (esp.)'
 kanámpa ---> [kanámp] --> [kanám] 'machado de pedra'
 tšinímpi ---> [tšinímp] --> [tšiním] 'andorinha'
 ankántu ---> [a]kánt] --> [a]kán] 'espaço'
 kuúnta ---> [kuúnt] --> [kuún] 'palmeira'
 tšuánka ---> [tšuá]k] --> [tšuá] 'urubu'
 wampáнку ---> [wampá]k] --> [wampá]] 'borboleta(esp)'

Como se observa em (51), após o processo de apócope as obstruintes /p/, /t/, /k/ são apagadas. Ter-se-ia, assim:



Em (52b), a obstruinte /p/ fica abandonada pelo núcleo que licencia sua posição, e ao ficar orfã procura outro constituinte para se ligar. No caso, esse constituinte deveria ser a posição de coda, mas como já está ocupada, e o Aguaruna não permite coda ramificada, o segmento fica sem licenciamento prosódico, daí que tem que ser apagado por 'Stray Erasure' (Itô, 1986).²³

À diferença das obstruintes mencionadas acima, as africadas /ts/, /tš/ são imunes ao processo de queda, elas permanecem em sua posição após ser abandonadas pelo seu núcleo. Por exemplo, as formas subjacentes:

²³ 'Stray Erasure' está relacionado com o Princípio de Licenciamento Prosódico. Por esse princípio, toda consoante não licenciada prosodicamente, deve ser apagada.

- (53) háantši 'roupa' a+ntsu 'pessoa'
 ukúntši 'osso' aúnts+ 'mutum'

foneticamente ocorrem como:

- (54) [há:ntš] [a+nts]
 [ukúntš] [aúnts]

Para esses casos, assume-se que as africadas são licenciadas extraprosodicamente, pois o Aguaruna não permite coda ramificada na estrutura subjacente. Teoricamente, então, esses segmentos não fariam parte de uma coda complexa (nasal+africada), eles podem permanecer na sua posição primária de onsets, só que na superfície representam onsets sem cabeça. Por exemplo:

- (55)
- | | | | |
|--|--|--|--------------------------|
| $\begin{array}{c} \sigma \\ / \quad \backslash \\ \text{On} \quad \text{R} \\ \quad \\ \text{x} \quad \text{x} \\ \\ \text{u} \end{array}$ | $\begin{array}{c} \sigma \\ / \quad \backslash \\ \text{On} \quad \text{R} \\ \quad / \quad \backslash \\ \text{x} \quad \text{x} \quad \text{x} \\ \quad \quad \\ \text{k} \quad \text{u} \quad \text{n} \end{array}$ | $\begin{array}{c} \sigma \\ / \quad \backslash \\ \text{On} \quad \text{R} \\ \quad \\ \text{x} \quad \text{x} \\ \quad / \quad \backslash \\ \text{t} \quad \text{š} \end{array}$ | <p>[ukúntš] 'osso'</p> |
|--|--|--|--------------------------|

2.5.5. Nasalização das vogais

O Aguaruna é uma língua onde o processo de harmonia nasal das vogais não é engatilhado pelas consoantes nasais primárias. Assim, por exemplo, os dados de (56) mostram que as vogais não se nasalizam quando estão adjacentes a essas consoantes:

- (56) [máma] 'mandioca' [a'nts] 'pessoa'
 [nántu] 'lua' [kánu] 'kanoa'

Contudo, na língua há vogais orais e nasais que apresentam contraste na superfície. Assume-se, nesse caso, que na estrutura subjacente há uma consoante nasal não especificada na posição de coda. Esse segmento não especificado, ao não ser licenciado prosodicamente, desliga-se de sua posição e cria-se um auto-segmento flutuante que será a origem do espraiamento da nasalização sobre os segmentos alvos (vogais e glides), os mesmos que ocorrerão na superfície como segmentos nasalizados.

No que segue desta seção, a análise da nasalização baseia-se no modelo teórico da fonologia auto-segmental, desenvolvida em trabalhos de Clements (1985), Clements & Hume (1993) e Piggot (1987, 1989, 1992).

Na teoria auto-segmental o traço [Nasal] é considerado como um auto-segmento, o que permite explicar a nasalização de uma maneira mais simples. Nesse sentido, os processos de nasalização nas línguas podem ser encarados como fenômenos de assimilação.

Os dados em (57) mostram que no Aguaruna há pares mínimos envolvendo vogais orais e vogais nasais, ou seja, haveria contraste entre esses dois tipos de segmentos.

- (57) [súw̃ɹ] 'pescoço' [súw+] 'escuro'
 [ỹáỹā] 'rato' [yáya] 'estrela'
 [kāí] 'irmã' [kái] 'abacate'

[wákĩĩ]	'baixada'	[wák+]	'estômago'
[máakũã]	'gavião'	[maikuá]	'erva-midrática'
[pĩĩ]	'cipó(esp.)'	[p+]	'lateralmente'

Vê-se nesses dados que há contraste também entre os glides. Porém, esse contraste entre segmentos nasais e orais seria apenas na superfície, pois na estrutura subjacente é possível assumir que as palavras com vogais nasais contêm um segmento nasal não especificado [N] na posição de coda de sílaba final da palavra. Os glides nasais são apenas o resultado do espraiamento da nasalidade. Assim, as formas subjacentes de algumas palavras que aparecem com vogais nasais em (57) seriam:

(58) a.	[-N]		[+N]		
	x	x	x	x	x
	s	u	w	+	[]

b.	[-N]		[+N]		
	x	x	x	x	
	k	a	i	[]	

c.			[+N]		
	x	x	x	x	x
	y	a	y	a	[]

d.	[+N]		[-N]		[+N]
	x	x	x	x	x
	m	a	k	u	a
					[]

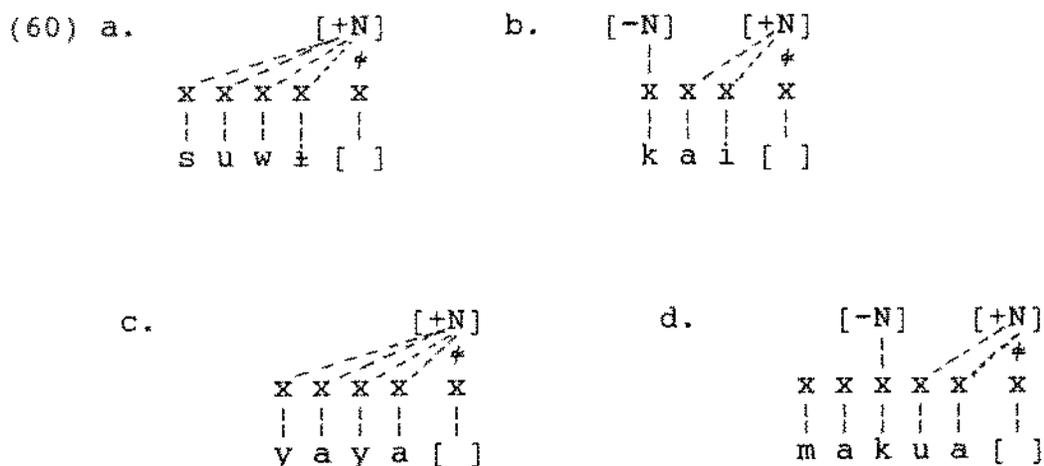
As obstruintes orais, como também as consoantes nasais, são associadas lexicalmente, pois são segmentos opacos que bloqueiam o espraiamento da nasalidade (ver 57a,b,d).

Para explicar o processo da harmonização nasal é preciso introduzir a noção de Condição de Boa Formação, como aparece em Halle & Vergnaud (1981):

(59) **Condição de Boa Formação (CBF)**

- a. Cada slot vocálico é ligado a, pelo menos, um auto segmento.
- b. Auto-segmentos flutuantes são automaticamente ligados a todos os slots vocálicos acessíveis.
- c. Auto-segmentos não ligados são apagados no final da derivação.
- d. Linhas de associação não se cruzam.

Essa Condição de Boa Formação permite, então, derivar as formas apresentadas em (58) como:



Nas representações de (60) a nasal não especificada, gerada na posição de coda de sílaba final, desliga-se do slot (x) e torna-se uma nasal flutuante. Já como nasal flutuante pode ligar-se às

unidades alvo da nasalidade. Note-se que o espraçamento da nasalidade é bloqueado pelos segmentos opacos, ou seja, um segmento marcado lexicalmente como [-nasal] (ver exemplo (60d)).

Os exemplos citados acima dizem respeito à nasal subjacente posicionada na coda de sílaba final de uma palavra. Os itens a seguir, mostram que a nasalização aparece igualmente em posição interna da palavra:

- (61) [ũú' - t(a)] 'esconder'²⁴ [kõ' - t(a)] 'embrulhar'
 [háã - t(a)] 'romper' [kããp(+)] 'mosca(esp.)'
 [tšiwõũ - t(a)] 'parar de chover' [kũw'ík(u)] 'palmeira(esp.)'
 [atšãÿáp(i)] 'ave(esp.)' [kããšap(a)] 'raia (peixe)'
 [kãÿũšik(i)] 'carvão' [ĩÿããkbou] 'desembocadura de rio'

Esses dados levam a concluir que a nasal subjacente [+N] ocorre em coda interna ou final da palavra. Por exemplo, uma palavra como **kãÿũšiki** 'carvão' seria representada assim:

- (62)
- | | | | | | | | |
|------|---|------|------|-----|---|---|-----|
| [-N] | | [+N] | [-N] | | | | |
| | | | | | | | |
| x | x | x | x | x | x | x | x |
| | | | | | | | |
| k | a | y | u | [] | š | i | k i |

²⁴ (v) indica a perda desse segmento na superfície.

2.5.5.1. Direcionalidade da Harmonização Nasal

Segundo Piggot (1992) a harmonização da nasalidade está sujeita ao Parâmetro de Direcionalidade:

(63) Parâmetro de Direcionalidade

Espraie x (x= [+nasal]) pela direita/esquerda (sem/não).

Os exemplos vistos até agora parecem indicar que o Aguaruna seleciona a opção 'espraiamento pela esquerda'. Entretanto, considerem-se os seguintes dados:

(64) a. [+N]
 |
 nuwa[] + utši ---> [nũwõútš] 'mulherzinha'
 mulher dim

 [+N]
 |
 b. áya [] + wa + i ---> [ãÿãwãí] 'ele/a traz'
 trazer - 3 - decl

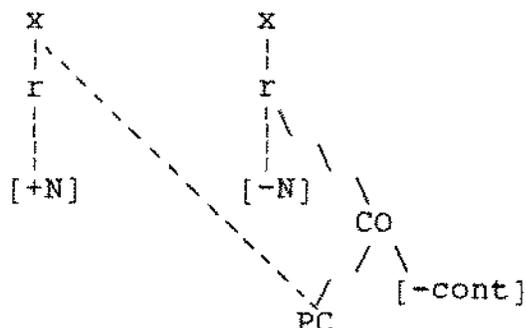
 [-N][+N]
 | |
 c. yakii[] + ya ---> [yakíiyã] 'desde o alto'
 acima - abl

Nesses exemplos, observa-se que na saída fonética a nasalidade se espraia ou para a esquerda ou para a direita, ou seja, que o espraiamento da nasalidade no Aguaruna se dá para ambos

- d.
- | | | | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|------|---|---|------|
| | | | | | | | [+N] | | | |
| | x | x | x | x | | x | x | x | x | x |
| | | | | | | | | | | |
| | k | a | n | u | # | + | h | a | i | []# |
| | | | | | | | | | | |
| | c | a | n | o | a | - | c | o | m | - |
| | | | | | | | | | | |
| | t | š | u | | | + | t | š | u | --- |
| | | | | | | | | | | |
| | c | a | n | o | | | n | e | g |] |
| | | | | | | | | | | |
| | c | a | n | o | | | c | a | n | o |
- 'não com canoa'

Observe-se em (65) que a nasal não especificada assimila o traço Ponto de Consoante da obstruente seguinte. Ter-se-ia assim:

(66) **Assimilação nasal**



Note-se, por outro lado, que no exemplo (65c) a obstruente contínua /š/ muda para a africada /tš/ quando precedida da consoante nasal. Isso é um processo normal na fonologia do Aguaruna, pois não há seqüências consoante nasal + obstruente contínua nessa língua.

2.5.6. A relação entre /ŋ/ e [h̃] e o processo de harmonia nasal.

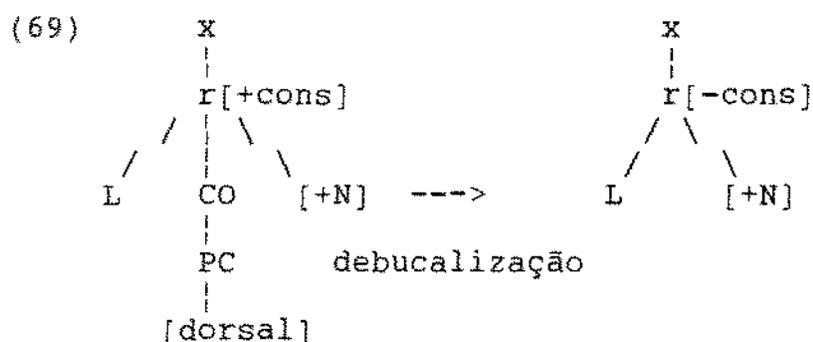
Alternâncias morfofonêmicas no Aguaruna mostram uma relação entre a nasal velar /ŋ/, e a consoante laríngea nasalizada [h̃].

como se pode ver nos exemplos em (67) e (68), a velar ocorre em final de sílaba:

- (67) a. [utší-ŋ] 'meu filho'
filho-poss
- b. [hapá-ŋ] 'meu veado'
veado-poss
- c. [hímaŋ] 'dois'
- d. [šíiŋ] 'bonito'
- e. [pʰk+ŋ] 'bom'
- f. [duhá - ŋ - tin] 'o rio aumentará'
o rio aumentar-asp-fut
- (68) a. [utší - ħū' - n] 'meu filho (acus.)'
filho-poss-ac
- b. [hapá - hū - ka] 'meu veado?'
veado-poss-int
- c. [himāħā - n] 'dois (acus.)'
- d. [šíiħā - k] 'bonito?'
bonito-int
- e. [pʰkħā - k] 'bom?'
bom - int
- f. [duhá - ħū - t] 'o rio aumentar'

Da comparação entre (67) e (68) conclui-se que na forma subjacente há uma consoante nasal velar /ŋ/, que foneticamente

aparece como [h] quando seu núcleo é elidido (ver 67a-f), mas se esse núcleo não for apagado, manifesta-se como [h] na posição de onset. Ou seja, haveria um processo de debucalização²⁵ que faz mudar /r/ para [h]. No processo de debucalização, o Ponto-C da nasal é desligado, mas os traços laríngeo e [+Nasal] não são afetados, e como resultado tem-se um glide [-consonantal]. Ter-se-ia o processo seguinte:



Como saída final obtem-se um glide [+Nasal] sem ponto de articulação, daí que para se manifestar foneticamente se transforma numa laríngeo nasalizada [h]. Uma vez adquirida a aspiração nasalizada o segmento resultante, isto é [h], espalha a nasalidade bi-direcionalmente (ver exemplos 68a-f).

Outros exemplos que evidenciam o espalhamento bi-direcional da nasalidade a partir de [h] são apresentados a seguir.

²⁵ Segundo Clements & Hume (1993), o nó ponto pode desligar-se dando como resultado debucalização. Assim, mudanças de t > h, s > h, são exemplos desse processo. Geralmente, os sons debucalizados realizam-se como glides [-cons].

(70)	a)úta	--->	[aḥút]	'coisa velha'
	aka)ú	--->	[akāhú]	'espingarda'
	sa)átak	--->	[sāhātak]	'garoa'
	sagá)uu	--->	[sāḡāhūū]	'ronco'
	a)úma	--->	[aḥúm]	'mais tarde'
	kú)u	--->	[kūhū]	'porco espino'

2.5.7. Desnasalização das consoantes /m/, /n/

As consoantes nasais /m/, /n/ podem variar foneticamente com as plosivas sonoras orais **b**, **d**, quando ocorrem em onset e com rima oral, ou quando o onset da sílaba seguinte começa com consoante oral. Exemplos:

(71)	[m ^h +tʃk]	≈	[b ^h +tʃk]	'igual'
	[máku]	≈	[báku]	'perna'
	[mutsúk]	≈	[butsúk]	'miolo'
	[nihéi]	≈	[dihéi]	'frente'
	[nʃts+]	≈	[dʃts+]	'louco'
	[nigéiki]	≈	[digéiki]	'lágrimas'

Porém, quando as consoantes nasais estão em onset de sílabas com rimas nasais, ou quando o onset da sílaba seguinte começa com segmento nasal ou nasalizado, não há essa variação. Vejam-se:

(72)	[níĩ]	*	[díĩ]	'ele/a'
	[máĩ]	*	[báĩ]	'ambos'

[m*ɥna]	* [b*ɥna]	'esquerda'
[máma]	* [báma]	'mandioca'
[núwā]	* [dúwā]	'mulher'
[n+ḥ̃]	* [d+ḥ̃]	'carne'
[núŷōu]	* [dúŷōu]	'anteontem'
[mántšu]	* [bántšu]	'pernilongo'
[námpits]	* [dámpits]	'minhoca'

Comparando (71) e (72) pode-se concluir que os segmentos nasais são desnasalizados em posição de onset, sempre e quando estejam seguidos de rimas orais, ou de onsets seguintes também orais. Esse processo de desnasalização pode ser interpretado como perda do traço [+Nasal], mas conservando-se os outros traços.

Os exemplos citados, evidenciam a desnasalização das consoantes nasais em posição inicial de palavra. Contudo, essa variação ocorre também quando o onset nasal está precedido de uma coda na superfície. Por exemplo:

(73)	[áuhmatmau]	≈	[áuhmatbau]	'conto'
	[ipátmau]	≈	[ipátbau]	'disparo'
	[akásmāu]	≈	[akásbau]	'ciumento'
	[yakúmnāu]	≈	[yakúmdāu]	'do macaco (gen.)'
	[yampítstnāu]	≈	[yampítstsdāu]	'da pomba (gen.)'
	[wapuḥ̃šnāu]	≈	[wapuḥ̃šsdāu]	'do coelho (gen.)'

Capítulo 3

Considerações Gerais sobre a Gramática

3.1. A ordem dos constituintes nas línguas

Segundo Greenberg (1963) seis combinações em termos da correlação S(ujeito), V(erbo) e O(bjeto), são logicamente possíveis nas línguas naturais: SVO, VSO, SOV, OSV, OVS, e VOS.

A tipologia da ordem básica postulada por Greenberg, segue três critérios básicos:

- a) A posição relativa do Sujeito, Verbo, e Objeto nas frases declarativas. Por esse critério, das seis ordens logicamente possíveis, somente VSO, SVO e SOV são consideradas como mais frequentes, as outras três (VOS, OSV, OVS), em que o objeto precede o sujeito são tratadas como inexistentes ou extremadamente raras.²⁶ Com base nessa observação, Greenberg postula seu Universal 1: " In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object" (ibid:77).
- b) A existência de preposições ou de posposições.
- c) O terceiro critério de Greenberg diz respeito à posição dos adjetivos qualificativos em relação ao nome. Assim, os adjetivos

²⁶ Os trabalhos de Derbyshire, 1977; Pullum, 1981; Derbyshire & Pullum, 1981, mostram que as ordens VOS, OSV e OVS são possíveis em várias línguas indígenas da América do Sul.

podem aparecer antes ou depois do nome, dependendo do tipo da língua em questão.

Para Greenberg (1963:76) "[t]he vast majority of languages have several variant orders but a single dominant one". O termo dominante em Greenberg sugere a noção de ordem básica relacionada com sua acepção mais comum de ordem típica de uma língua.

Lehmann (1973) trata, também, de estabelecer uma tipologia da ordem de constituintes das línguas contrastando seus padrões sintáticos e suas características morfológicas. A hipótese desse autor, fundamenta-se na distinção de modificador-modificando, ou em termos de Vennemann (1974) em operador- operando. Assim, "modifiers are placed on the opposite side of a basic syntactic element from its primary concomitant" (ibid: 48).

Os modificadores em termos de Lehmann são uma classe de morfemas gramaticais que partilham a propriedade de modificar a forma verbal, tais como os marcadores de negação e interrogação. Também são considerados como modificadores os marcadores de causa, reflexivos e recíprocos, elementos que em muitas línguas aparecem como afixos. A partir dos dados observados em diferentes línguas, o autor levanta a hipótese de que esses elementos, ou modificadores, posicionam-se no lado oposto à posição do objeto, este último considerado elemento concomitante primário do verbo: "modifiers are placed on the opposite side of a basic syntactic element from its primary concomitant" (ibid:48). Desse modo, em línguas consistentemente OV os modificadores localizam-se depois

das raízes verbais (i.é. O V modificador), em línguas VO aparecem antes das raízes verbais (i.é. modificador V O).

À diferença de Greenberg, Lehmann considera a correlação dos constituintes não em termos de S, O , e V , mas simplesmente como OV ou VO. O motivo para eliminar o Sujeito, é que em muitas línguas esse constituinte não é obrigatório, como acontece nas línguas conhecidas como pro-drop.

Steele (1978) trata sobre as restrições na variação da ordem básica dos constituintes. Para cada ordem considerada como básica, Steele enumera as possíveis variações como muito comum, comum, não comum, incomum e não existente. A tabela a seguir resume as observações da autora (ibid:601):

(1)	VOS	VSO	SOV	SVO
muito comum	VSO SVO	VOS	OSV	
comum		SVO	SVO	
não incomum				V _i S
incomum		OVS OSV SOV SV _i	OVS VOS VSO V _i S	VOS VSO SOV SOV
não existente	SOV OSV OSV (? sic)			OSV OVS

Steele postula duas restrições relacionadas com a variações da ordem:

A: " A variation on the basic order in which the verb occurs in other than its position in the basic word order is to be

avoided". (Por exemplo, uma língua SVO não deveria ter uma variação na ordem como VOS) (p.602)

Essa primeira restrição, como reconhece a autora, deve ser enfraquecida, pois línguas do tipo VSO, SOV e VOS violam essa restrição. Então ela sugere que:

A': " A variation on the basic order in which the verb occurs either initial or final to the clause is to be avoided, if the verb was neither initial nor final respectively in the basic order" (Por exemplo, uma língua VSO não teria como variação a ordem SOV). (p.602)

A e A' relacionam-se com a posição do verbo em relação à sua posição na ordem básica.

Uma segunda restrição diz respeito à posição do sujeito e do objeto em relação ao verbo:

B: " A variation on the basic word order in which the object preceds and the subject follows the verb is to be avoided". (Por exemplo, não haveria uma língua com uma variação de ordem OVS). (p.604)

A autora conclui que línguas com o verbo na periferia, i.é. VSO, VOS, SOV, obedecem as restrições A' e B, línguas com o verbo na posição interna, como em SVO, observam as restrições A e B. Dessa forma, observando o comportamento das línguas com respeito a essas restrições, Steele propõe classificá-las em línguas de ordem rígida, que não violam nenhuma restrição, línguas de ordem livre, que violam todas as restrições, e línguas de ordem mista, aquelas que violam apenas uma das duas restrições.

Os trabalhos dos autores citados, como também os de Vennemann (1974) e Hawkins (1983), são considerados como clássicos na classificação tipológica das línguas, e no reconhecimento da ordem básica dos constituintes.

Existem também trabalhos desde o ponto de vista teórico da Gramática Gerativa, que tratam sobre a tipologia e a ordem dos constituintes das línguas, por exemplo Ross (1970) e Travis (1984).

Uma diferença importante entre os trabalhos supracitados e aqueles desenvolvidos pelos gerativistas, é que nos primeiros a noção de ordem básica relaciona-se como o domínio empírico, uma ordem considerada como básica deve ocorrer obrigatoriamente num enunciado lingüístico. A noção de ordem nos trabalhos com embasamento teórico gerativo, relaciona-se com o abstrato, a ordem postulada como básica pode não ocorrer, ou mesmo não ser possível num enunciado efetivo da língua.

O trabalho de Ross (1970) trata a ordem subjacente dos constituintes com base na elipse (gapping) do verbo. Para Ross a regra de elipse em frases coordenadas permite apagar as ocorrências de verbos idênticos, exceto um deles. Por exemplo, em Português, Inglês e Espanhol (línguas SVO) em um número n de frases coordenadas, onde há duas ou mais ocorrências de formas verbais idênticas, a elipse opera à direita da primeira dessas ocorrências:

(2) a. SVO + SVO + SVO + ... + SVO ==>

b. SVO + SO + SO + + SO

(Línguas SVO)

Em línguas SOV, caso do Japonês, acontece o contrário: as formas verbais idênticas apagadas são aquelas que ocorrem à esquerda :

- (3) a. SOV + SOV + SOV + ... + SOV ==>
 b. SO + SO + ... + SO + SOV

(Línguas SOV)

A partir dos dados observados em (2) e (3), Ross conclui que: "[t]he order in which GAPPING operates depends on the order of elements at the time that the rule applies; if the identical elements are on left branches, GAPPING operates forward; if they are on right branches, it operates backward" (p.251).

No entanto, Ross admite que há línguas em que a ordem dos constituintes é mais livre do que em Inglês, Espanhol, ou Japonês, e violam a regra. Assim, em Russo em que são possíveis as ordens SVO e SOV, a aplicação da regra de elipse às construções em (4a) e (4b):

- (4) a. SVO SVO ...
 b. SOV SOV ...

deveria resultar em construções do tipo:

- (5) a. SVO SO...
 b. SO SVO

Porém, em Russo há construções como:

- (6) ja vodu pil, i Anna vodku
 eu agua bebi, e Anna vodka

que violam os esquemas apresentados em (2) e (3), já que têm a forma:

- (7) SOV + SO + SO + ... + SO

ou seja, a elipse do verbo se dá para a frente, apesar do verbo idêntico ficar no lado direito do primeiro constituinte. Assim, construções do tipo apresentado em (7) constituem um contra-exemplo à hipótese de Ross. Este soluciona o impasse admitindo que o Russo dispõe de uma regra de scrambling²⁷, que opera antes ou depois da elipse, resultando nas seguintes estruturas:

- (8) elipse para a frente
- a. Base: SVO + SVO =====> SVO + SO
- permuta elipse para trás
- b. Base: SVO + SVO =====> SOV + SOV =====> SO + SOV
- elipse para a frente permuta
- c. Base: SVO + SVO =====> SVO + SO =====> SOV + SO

²⁷ Scrambling é definido como a permuta opcional dos elementos maiores de uma frase.

Em termos gerais, Ross mostra que partindo das ordens SVO e SOV, quatro possibilidades lógicas são produzidas pela regra de elipse:

- (9) A. SVO + SO + SO + ... SO) elipse para a frente
 B. SOV + SO + SO + ... SO
 C: SO + SO + ... + SO + SOV) elipse opera para trás
 D: * SO + SO + ... SO + SVO

Estas representações correspondem a construções que ocorrem no Inglês ou Português (9A), em Russo (9B) e em Japonês (9C).

Segundo Ross, em princípio uma construção como a de (9D) não seria possível em nenhuma língua do mundo.

Finalmente, a tese de Travis (1984), embasada na teoria de Princípios e Parâmetros, abre novos caminhos na explicação da tipologia da ordem dos constituintes maiores e suas variações nas línguas. Partindo da proposta de Steele (1978) relativa às restrições na variação dos constituintes, Travis chega a uma tipologia que difere da Steele em três aspectos:

- 1) Nenhuma língua possui uma listagem de variações possíveis. Todas as variações devem ser o produto da escolha dos parâmetros, escolha esta que deve ser sustentada por evidências independentes;
- 2) a teoria dos princípios e parâmetros faz predições fortes que não podem ser violadas. O fato de uma língua aceitar uma violação,

não implica que ela seja uma língua mista, como propõe Steele, mas indica que parâmetros devem ser revistos para explicar essa violação;

3) as línguas de ordem livre não são línguas que violam as restrições estipuladas, são simplesmente línguas que colocam os parâmetros de forma diferente. Por exemplo, línguas catalogadas como de ordem livre podem atribuir caso no léxico, sem passar pela sintaxe.

Outro ponto a se considerar na tese de Travis, diz respeito ao reconhecimento da categoria funcional FLEXÃO (FLEX) na tipologia da ordem dos constituintes. Para a autora, a categoria FLEX deve ser considerada na tipologia da ordem dos constituintes: "[t]he relevant constituents are now S,V,O, and INFL..." (1984:88).

Com a adição de FLEX ao inventário dos constituintes, é possível estabelecer subdivisões na tipologia das línguas; por exemplo, o Alemão e Japonês, considerados como línguas SOV, diferenciam-se em que o primeiro é S-FLEX-O-V, e o segundo é S-O-V-FLEX. Do mesmo modo, o Inglês e o Islandês, línguas SVO, seriam S-FLEX-V-O e FLEX-S-V-O, respectivamente.

3.2. Aspectos tipológicos da língua Aguaruna

3.2.1. O Aguaruna como língua nominativo-acusativa

Esta seção é dedicada a uma breve apresentação da marcação de caso e a ordem dos constituintes do Aguaruna, tratando de mostrar

que essa língua é de tipo nominativo-acusativa pela marcação de caso morfológico, e de uma língua predominantemente SOV pela ordem de seus consitituintes maiores.

As línguas usam vários recursos para a marcação de caso, algumas delas como o Inglês, Português ou Espanhol, recorrem à ordem dos constituintes para assinalar o caso, assim um SN terá uma determinada função segundo seja sua posição na frase. Nessas línguas o caso é de tipo sintático. Outras línguas como o Quechua, Turco ou o Aguaruna usam marcas flexionais no SN para assinalar a o caso. As línguas que fazem uso desse recurso marcam o caso morfológicamente.

O Aguaruna é uma língua que para marcar a função do SN recorre à marcação morfológica de caso. Assim, o SN em função de sujeito numa frase com verbo transitivo é marcado por \emptyset , da mesma maneira que o SN sujeito de uma frase como verbo intransitivo:

- (10) a. kášai- \emptyset tupiká - k - m - +
 paca-nomv fugir - asp - passd - 3
 'A paca fugiu'
- b. yawáã- \emptyset há - ka - m - +
 cachorro-nomv morrer - asp - passd - 3
 'o cachorro morreu'

Já o SN em função de objeto do verbo transitivo leva o sufixo de caso acusativo [-n(a)]:

- (11) a. Šímpu-Ø kašái - n(a) wakʹga - wa - i
 N. P.-nomv paca - ac querer - 3 - decl
 'Shimpu quer paca'
- b. núwa-Ø yawaá - n(a) diá - wa - i
 mulher-nom cachorro-ac ver - 3- decl
 'a mulher vê o cachorro'
- c. yawáã-Ø nuwá - n(a) diá - wa - i
 cachorro mulher - ac ver - 3 - decl
 'o cachorro vê a mulher'

O fato do Aguaruna marcar o SN em função de sujeito da mesma maneira nas frases transitivas e intransitivas, e o SN em função de objeto diferentemente, leva-nos a considerar essa língua como nominativo-acusativa.

3.2.2. O Aguaruna como língua SOV

Algumas características atribuídas às línguas SOV são aplicáveis ao Aguaruna. Assim, numa frase declarativa simples com verbo transitivo a ordem dos constituintes é SOV:

- (12) a. wii-Ø yumí - na - k wakʹga - ha - i
 eu-nomv água - ac - tóp querer - 1 - decl
 'eu quero água'

- b. tumás-∅ kačí - n(a) sumá - k - m - +
 N.P-nomv sal - ac comprar - asp - passd - 3
 'Tomás comprou sal'

Em uma frase com verbo transtivo a ordem é SV:

- (13) a. yawáã-∅ há - ka - m - +
 cachorro-nomv morrer-asp-pass-3
 'o cachorro morreu'
- b. wáya-∅ kášik nantá - k - ma - wa - i
 N.P.-nomvs cedo acordar-asp-pass- 3 - decl
 'Wáya acordou cedo'
- c. níi-∅ išáama - ts - u - i
 ele-nomv ter medo-neg- 3- decl
 'ele não tem medo'

Como em outras línguas SOV, o Aguaruna posiciona o verbo auxiliar conjugado após o verbo principal:

- (14) a. dáka - ku - n(u) **puhá - ha - i**
 esperar-ger -1 estar- 1- decl
 '(eu) estou esperando'
- b. díta čičá - ina - k - ∅ **puhu - ína - wa - i**
 eles falar - pl -ger - 3 estar - pl - 3- decl
 'eles/as estão falando'

O Aguaruna recorre essencialmente ao uso de marcadores de caso morfológico para indicar funções que corresponderiam às preposições em línguas SVO. Contudo, há um número limitado de itens que funcionam como posposições:

- (15) a. šímpu hʃgā wáya á - wa - i
 N.P. casa posp estar - 3 - decl
 'Shimpu está dentro da casa'
- b. úči - k hʃgā tuntupʃn taká - wa - i
 menino-tóp casa posp trabalhar - 3- decl
 'o menino trabalha em cima da casa'

A relação entre o uso de posposições e as línguas SOV tem sido observado por Greenberg: "With overwhelmingly greater than chance frequency, languages with normal SOV order are postposicional" (1963:79).

O Aguaruna pode ser tratado como língua SOV com base também em características morfológicas. Assim, por exemplo, os modificadores verbais, em termos de Lehmann (1973), ocorrem como sufixos, somados à base verbal:

- (16) a. núwa - k t+máš - ma - ts - u - i
 mulher-tóp pentear-verb-neg-3-decl
 'a moça não está penteando-se'

- b. níi káši tsupí - ma - k - m - +
 ele noite cortar-reflex-asp-pass-3
 'ele cortou-se ontem na noite'
- c. pédrú maría - haĩ wakíhu - nia - wa - i
 N.P. N.P. - com amar - recip - 3- decl
 'Pedro e Maria se amam'
- d. hutíi - k n⁴ + yu - mái - tsu - hi
 nós - tóp carne comer-pot - neg - 1pl
 'nós não podemos comer carne'

Por outro lado, retomando a teoria de Travis (1984) observa-se que o nódulo FLEX, constituído por tempo, ocorre sufixado à base do verbo:

- (17) a. ašíi w+ - á⁴ - ti - stai
 todos ir - pl - fut - opt
 'todos viajarão provavelmente'
- b. ám+ wáiti +p⁴n - ča - mu - m+
 você porta fechar-neg-pass-2
 'você não fechou a porta'

Como se vê em (17) o marcador de tempo em Aguaruna situa-se à direita da base verbal, ou seja, a estrutura é : S-(O)-V-FLEX como no Japonês, uma língua SOV.

Embora os exemplos supracitados indiquem que o Aguaruna seria uma língua SOV, há dados que mostram o contrário. Por exemplo,

segundo Greenberg e Lehmann os modificadores nominais: adjetivos qualificativos, construções relativas e genitivas precedem o nome em línguas SOV e seguem-no em aquelas SVO.

No caso do Aguaruna os adjetivos qualificativos e as construções relativas vêm pospostos ao nome, como se vê em (18a-b) e (19a-b):

(18) a. tsapík kuči - ŋ - íí duw+am ahá - wa - i
 N.P. porco-poss-3poss gordo ter - 3- decl
 'Tsapík tem um porco gordo'

b. kánu múuntuč namaká t+pá - wa - i
 canoa velha rio deitar-3- decl
 'a canoa velha está abandonada no rio'

(19) a. núwa [[yaú 0 wáin - ka - mu - m] dú -ka]
 mulher ontem ver - asp - passd -2 rel-tóp
 kaupán puhá - wa - i
 N.L. estar - 3 - decl

'a mulher que você viu ontem mora em Kaupan'

b. wáin - ka- m - ha - i nuwá - n(a) [[0 yumunk - núm
 ver - asp-passd-1-decl mulher - ac N.L. - loc
 puhú - w+] nú - na]
 estar-passd rel - ac
 'vi a mulher que morava em Yumug'

Os dados em (18) e (19) mostram que o Aguaruna difere das línguas SOV, mas esse fato é muito frequente em línguas desse tipo. Como afirma Hawkins, "[t]here are lots of VO languages which differ from Japanese in having either N Adj in lieu of Adj N or N Rel in lieu of Rel N, or both" (1983:3).

Por outro lado, pela hipótese da regra de elipse do verbo (Ross, 1970), o Aguaruna deveria apagar uma das ocorrências de verbos idênticos na direção da direita para a esquerda em construções coordenadas, conforme esquema (20a-b):

- (20) a. SOV + SOV + SOV + ...====>
 b. sO + SO + SO + ...SO + SOV

Contudo, as construções coordenadas em Aguaruna não seguem esse padrão:

- (21) a. wáhai šaá - n(a) ukú - a - wa - i,
 N.P. milho - ac plantar-asp -3 - decl
 luis yuhúmka - n(a) ukú - a - wa - i
 N.P. mandioca - ac plantar-asp-3-decl
 'Wájai planta milho e Luis planta mandioca'
- b. wíi ahá - num w' - ta - ha - i,
 eu roça-loc ir - fut - 1 - decl
 átum ikám w' - ta - ŋu - m
 vocês mato ir - fut - dl - 2
 'eu vou à roça e vocês vão ao mato'

- c. áwač haánči - n(a) sumá - k - ma - +,
 mãe vestido - ac comprar-asp-passd - 3
 apáuč kutunkú - n(a) sumá - k - ma - +
 pai camisa - ac comprar-asp-passd-3
 'a mãe comprou vestido e o pai comprou camisa'

Em (21) os verbos idênticos das construções coordenadas não sofreram elipse, e isto é uma constante nos dados por mim coletados. Nas raras ocorrências de elipse, em exemplos especialmente elicitados, como em (22), o apagamento se dá à direita:

- (22) a. márcus nuwí - n(a) suwím - u - i, sésar-šakam Ø Ø
 N.P. mulher - ac bater - 3 - decl N.P. - clit
 'Marcos bate a mulher e César também'
- b. ítsā +tsánt - u - i, nantú - šakam Ø
 sol brilha - 3 - decl lua - clit
 'o sol brilha, a lua também'
- c. paámpa - k wakíga - m átsa yuhúmka - k Ø
 banana - tóp querer- 2 ou mandioca-tóp
 'você quer banana ou mandioca?'

Em (22) não é fatível aplicar a noção de 'scrambling', como o fez Ross para explicar os dados do Russo. Nos quatro exemplos de

(22) o verbo da primeira oração ocupa sua posição normal, ou seja, a posição final.

Em suma, o Aguaruna possui características tanto de línguas SOV, como de línguas SVO. Levando isso em consideração, pode-se dizer que o Aguaruna não é uma língua **estritamente** SOV, mas **predominantemente** SOV.

Nos parágrafos precedentes assumiu-se que a estrutura mais frequente no Aguaruna é SOV, entretanto essa língua apresenta variações como SVO e OVS. Essas variações se enquadram nas previsões de Steele (1978), no sentido que línguas com a ordem básica SOV, podem ter variações como OSV, SVO, OVS, VSO e VOS. Em Aguaruna, a ordem de ocorrência mais frequente, depois de SOV, e a que aparece como SVO, seguida de OVS, como mostram os exemplos em (23) e (24):

(23) a. yanankí wáin - u - i atašú - n(a)

N.P ver - 3 - decl galinha-ac

'Yananki vê as galinhas'

c. benítu maá - m - + hapá - n(a) pamáu - na - škam

N.P. matar-pass-3 veado - ac anta - ac - clit

'Benito matou veado e anta'

d. atúm hu - kí - ta - ŋu - m máma

vocês levar-asp-fut- dual-2 mandioca

'vocês levem mandioca'

- (24) a. makíčik hapá - n(a) maá - t - pa - stai níí
 um veado - ac matar-fut - 3 - opt ele
 'ele provavelmente matará um veado'
- b. s+{tači - n(a) šíi) yú - wa - wa - i čúu
 banana - ac intens comer-asp -3 - decl macaco
 'o macaco está comendo bem a banana'
- c. hímaš kihúsa - n(a) tukú - u túyas
 dois periquitos - ac picar-passd N.P.
 'Tuyas picou com sarabatana dois periquitos'

Em (23), o objeto nominal deslocou-se para a posição final, em (24), o sujeito foi deslocado. Esse movimento parece estar relacionado com o ênfase que o falante dá para esses elementos deslocados. A análise da ordem desse tipo de construções ainda aguardam estudos mais detalhados.

3.3. Unidades gramaticais

No desenvolvimento deste trabalho, referências serão feitas às unidades gramaticais: a) frase, b) oração, c) sintagma, d) palavra, e) tema, f) raiz, g) base e h) morfema.

Cada uma dessas unidades serão descritas em termos puramente formais com base em suas ocorrências e possibilidades de combinação. Além disso, as definições serão meramente operacionais, sem pretender dar uma discussão teórica das mesmas.

3.3.1. Frase

Na literatura lingüística a frase é comumente definida como uma unidade gramatical que não faz parte de outra construção maior. Essa definição segue essencialmente a definição dada por Bloomfield (1933) : "sentence [frase] is an independent linguistic form, not included by virtue of any grammatical construction in any larger linguistic form" (p.170). Lyons (1979) resume a definição dada por Bloomfield como : "A frase é a maior unidade de descrição gramatical [...] uma unidade gramatical entre cujas partes constituintes podemos estabelecer as dependências e as limitações distribucionais, mas que não pode por si mesma ser colocada em nenhuma classe distribucional" (ibid:180).

Embora o critério de independência distribucional seja útil na identificação de frases numa língua, ele é insuficiente (Lyons, ob.cit). Ao critério distribucional precisam ser somados critérios suplementares de tipo fonológico: pausa potencial e entonação. O critério fonológico permite determinar os casos em que o critério distribucional é insuficiente. Ele permite decidir, por exemplo, se duas ou mais frases consecutivas devem ser tratadas como duas orações integrantes de uma única frase ou como duas frases independentes.

A seguir, vejam-se os dados do Aguaruna:

- 25) a. díta - škam h+gá puhu - ína - wa - í
 eles-clit casa estar - pl - 3 - decl
 'eles/as também estão na casa'

- b. yawáã učí - n(a) +sái - m - +
 cachorro menino - ac morder-passd- 3
 'o cachorro mordeu o menino'

As construções em (25) podem ser tratadas como frases, pois distribucionalmente não estão incluídas numa unidade maior e têm autonomia sintática. Esses dois exemplos são casos de frases simples, ambos contêm somente um verbo principal.

O exemplo em (26) é, à diferença de (25), uma frase complexa, ou seja, uma frase constituída de uma oração principal e uma subordinada:

- 26) a. [núwa - k an+ntái - m - u - i [[áišmanku - k
 mulher-tóp coração -verb-3-decl homem - tóp
 atáš - na - k kasá - m - ka - ě - +] túsa]]
 galinha-ac-tóp ladrão-verb-asp-neg-3passd comp
 'a mulher pensa que o homem não roubou a galinha'

Um frase complexa está constituída por certo número de frases simples, que como constituintes de frases maiores são denominadas orações (Lyons, ob.cit).

3.2.2. Oração

Tradicionalmente uma oração é definida "como um grupo de palavras com sujeito e predicado próprios, se fizer parte duma

frase maior" (Lyons ,1979). Assim, a construção em (26) é uma frase constituída de duas orações : a) a principal [núwak an+ntáimui] 'a mulher pensa', e b) a dependente ou subordinada [[áišmankuk atášnak kasámkač+] túsa]] 'que o homem não roubou a galinha'.

3.3.3. Sintagma

O sintagma pode ser definido como uma unidade gramatical constituída por um grupo de palavras que gramaticalmente carecem de sujeito e predicado. As palavras que constituem um sintagma mantêm entre si relações de dependência e de ordem. Cada sintagma tem um elemento fundamental ou núcleo, que por si só, pode constituir um sintagma. A natureza do sintagma depende do tipo de elemento que constitui o seu núcleo. Assim, se o núcleo for um elemento nominal, o sintagma será nominal (SN), se for um verbo, o sintagma será verbal (SV). O SN e o SV são os dois constituintes obrigatórios de uma frase. Por exemplo, a frase em (27):

(27) díta ahá - n(a) áika - ina - wa - i
 eles roça - ac fazer - pl - 3 - decl
 'eles estão fazendo uma roça'

contém como sintagmas nominais: o pronominal **díta** e o nominal **ahá-n(a)** é como sintagma verbal **áika-ina-wa-i**. O primeiro SN funciona como sujeito da frase, o segundo, como objeto do verbo.

3.3.4. Palavra

Palavra é um dos termos gramaticais mais complexos que a teoria lingüística já tratou de definir, por isso, não há uma definição unitária que seja aceita por todos os lingüistas.

Geralmente, recorrem-se a três critérios para a definição de palavra: semântico, fonológico e gramatical. O critério semântico, que considera a palavra como uma unidade de significado, parece ser o mais discutível. Por isso, autores como Lyons (1968) rejeitam-no, ora na definição de palavra, ora na definição de outras unidades gramaticais.

Os critérios de tipo mais operacional são o fonológico e o gramatical. Como critério fonológico usa-se comumente a pausa potencial e a colocação do acento principal.

Segundo Hockett (1971) "[t]odo segmento de frase limitado por pontos sucessivos **en que es possible hacer una pausa** constitui uma palavra (p.169). A delimitação de uma palavra é feita em termos de pausas potenciais e não das pausas realmente presentes numa emissão. Assim, na frase:

(28) ## mǔuntuč # makíčik # paumā - n(a) # kuitám - u - i ##
 velho um pomba - ac ciudar - 3 - decl
 'a velhinha cuida uma pomba'

haveria quatro palavras, cada uma delas separadas por #, marca de juntura ou pausa.

A noção de pausa potencial relaciona-se ao fato de que quando os falantes fazem pausas, essas pausas estarão mais propensas a serem colocadas entre unidades que poderíamos reconhecer como palavras.

Segundo o critério fonológico toda palavra tem uma marca fonológica: o acento, ou seja, cada palavra levaria um acento primário. Em palavras de Pike & Pike (1977:113) "... no utterance is isolatable unless it is at least a **stress group** with a nucleus of at least one syllable. In the norm, grammatical segmentation coincides with phonological segmentation". Por exemplo, no enunciado acima (28) foram postuladas quatro palavras, que podem ser identificadas pela possibilidade de serem separadas por pausa potencial e pelo fato de cada uma delas levar acento principal.

O critério gramatical ou morfossintático toma como base a coesão interna (ininterruptabilidade) e a distribuição externa (mobilidade de posição) de uma palavra, e sua capacidade de ocorrer como "uma forma livre mínima (Bloomfield, 1933).²⁸ A concepção de Bloomfield relaciona-se com a idéia de que a palavra é uma unidade e que ela deve ser tratada como tal. Por exemplo, uma construção em Aguaruna como **učí-ŋ - šakam** 'meu filho também' pode ser segmentada em **učí** 'filho', **-ŋ** 'poss', **-šakam** 'também'. Essa segmentação é possível, pois cada um desses elementos pode ocorrer em outras palavras como: **apá -ŋ - šakam** 'meu pai também', **kanú-šakam** 'canoa

²⁸ Nessa definição é pertinente a diferença entre 'formas livres' e 'formas presas (ou ligadas)'. As primeiras ocorrem sozinhas em qualquer enunciado lingüístico, as segundas, não têm essa característica, elas sempre ficam presas.

também', kanú-ŋ 'minha canoa'. Por sua parte, *úči* 'filho' é já uma palavra por si mesma, isto é, pode aparecer independentemente. Pela coesão interna, não é possível inserir outros elementos entre os segmentos, nem mudar a ordem dos elementos que foram isolados nesses exemplos. Ou seja, cada item constitui uma unidade.

Quanto à distribuição externa, itens considerados como palavras podem ocorrer em posições diferentes, isto é, cada palavra mantém uma certa independência de movimento. Por exemplo, uma palavra pode ocorrer no começo, no meio ou em final de um enunciado:

- (29) a. *wíi* *makíčik* *úči - n(a)* *wain - ká - m - ha - i*
 eu-nomv um menino - ac ver - asp -passd-1 -decl
 'eu vi um **menino**'
- b. *úči-Ø* *makíčik* *hapá- n(a)* *wain - ká - m - +*
 menino-nomv um veado - ac ver - asp -passd - 3
 '**o menino** viu um veado'
- c. *úči-Ø* *makíčik* *úči - n(a)* *wain - ká - m - +*
 menino-nomv um menino - ac ver - asp- passd-3
 'o menino viu um menino'

Em (29) o item *úči* 'menino', que é uma palavra, ocorre em diferentes posições, porém, um de seus elementos constitutivos, o marcador de acusativo [-*n(a)*] em (29a,c) não pode fazê-lo, já que não é uma palavra, é um sufixo.

Dessa forma, uma palavra é mais estável internamente quanto à ocorrência de seus morfemas que a constituem, mas é móvel quanto a sua posição, ela pode trocar de lugar com outras palavras numa mesma construção.

Os critérios acima apresentados para a palavra parecem funcionar satisfatoriamente na identificação de categorias lexicais maiores do Aguaruna: nomes, verbos, adjetivos, e advérbios. Contudo, há determinados itens que não são enunciados isoladamente, por exemplo, as partículas em Aguaruna (cf. partículas em 4.6.). Estas ocorrem na frase em forma independente, mas não isoladamente como o faria qualquer outra categoria lexical maior. Por outro lado, as partículas não são afixos, levam acento primário e são tratadas como palavras. Nesses casos, a teoria lingüística faz uma subdivisão em: palavras lexicais ou de conteúdo e palavras funcionais (Bloomfield, 1933; Pike & Pike, 1977).

Concluindo, a palavra em Aguaruna é uma unidade formada por uma raiz com ou sem sufixos flexionais e/ou derivativos. Assim, na frase:

- (30) yunkumá ampi - ŋ - íĩ wakʹga - ts - m+ - k
 paludismo remédio-poss-3poss querer - neg- 2 - int
 '(você) não quer remédio para o paludismo?'

há três palavras: a primeira, **yunkumá** 'paludismo' é uma raiz nominal, sem nenhum afixo; já na segunda, a raiz nominal **ampi-** 'remédio' recebe dois sufixos flexionais: -ŋ 'posse' e -íĩ 'posse

de 3ª'; a terceira palavra é um verbo, formada pela raiz verbal **wak+ga-** 'querer' mais os sufixos flexivos: **-ts** 'negação', **-m+** '2ªp' e **-k** marca de interrogação.

Por outro lado, uma construção como:

- (31) t+máš - ma - ŋ - ča - tinait - ha - i
 pente - verb- asp - neg -fut - 1 - decl
 '(eu) não me pentearei'

constitui-se da raiz nominal **t+máš** 'pente', um sufixo derivativo **-ma**, e sufixos flexivos **-ŋ** 'aspecto', **-ča** 'neg', **-tnait** 'futuro', **-ha** '1P' e **-i** 'declarativo'. Como se vê, essa construção é uma palavra em Aguaruna, mas na tradução ao Português é toda uma frase. É nesse sentido, que a palavra em Aguaruna constituiu-se de raiz mais os sufixos flexivos e derivativos.

3.3.5. Tema

O tema é definido como o elemento constitutivo das palavras que se obtém, numa análise, depois de eliminar todos os afixos flexionais. Por exemplo, as formas em:

- (32) a. t+máš - ma - t 'pentear'
 b. usúk - ma - wa - i 'ele cuspe'

contém os temas **t+máš-ma-** 'pentear' **usúk-ma-** 'cuspir' , sendo as raízes **t+máš-** 'pente' e **usúk-** 'saliva'. Os temas incluem o sufixo derivativo **-ma** 'fatitivo'. Os outros marcadores: **-t** 'infinitivo', **-wa** '3P' e **-i** 'declarativo' são sufixos flexionais e não fazem parte do tema.

3.3.6. Raíz

A raíz é a parte da palavra que resta quando todos os tipos de sufixos são retirados. Assim, em (32), depois de serem retirados os sufixos flexionais e derivativos, o que resta é apenas as raízes **t+máš** e **usúk**.

3.3.7. Base

A base será entendida como qualquer forma à que se podem somar todo tipo de sufixos, seja flexivos seja derivativos. Nesse sentido, uma raíz ou um tema são bases.²⁹ A noção de base é importante no Aguaruna, pois há sufixos que podem somar-se tanto a uma raíz como a um tema. Por exemplo em (32a) o sufixo de aspecto ocorre depois da raíz : **duw+** , em (32b) ocorre depois do tema. Compare-se:

- (32) a. **níī duw+ - ŋ(a) - wa - i**
 ele engordar - asp - 3 - decl
 'ele engorda'

²⁹ Alguns autores reservam o termo de base só para a unidade que estamos chamando de tema. Outros ainda usam-no como equivalente de raíz.

- b. duwí - mtik - ŋa - ta
 engordar - caus - asp - 2imp
 'engorda-lhe'

3.3.8. Morfema

Os morfemas são considerados como unidades mínimas da análise gramatical com os quais se constituem as palavras. São consideradas como mínimas, pois não podem ser analisadas em unidades menores.

Hockett (1971) define os morfemas como "los elementos mínimos com significado individual de las emisiones de una lengua" (p. 125).³⁰ Para Katamba (1993:20) "[t]he term morpheme is used to refer to the smallest, indivisible units of semantic content or grammatical function which words are made up of [...] a morpheme cannot be decomposed into smaller units which are either meaningful by themselves or mark a grammatical function like singular or plural number in the noun".

Em Aguaruna itens como **kánu** 'canoa', **šáa** 'milho', **nántu** 'lua' são morfemas, pois todos possuem sua própria significação. Por outro lado, uma forma como **numí-num** 'na árvore' contém o morfema **numí-** 'árvore' e o sufixo locativo **-num**, que também é um morfema, ou seja, uma palavra composta por dois morfemas. Para evitar confusões entre esses dois termos fazemos, seguindo a tradição

³⁰ Em trabalhos mais recentes fala-se que só as palavras são significativas por si mesmas, já os morfemas não o seriam necessariamente.

lingüística, uma diferença entre morfema lexical (ou lexema), para elementos que ocorrem no léxico, e morfema gramatical para os elementos que ocorrem na gramática (caso do sufixo **-num**).

Os itens **kánu**, **šáa**, e **nántu**, além de serem morfemas, são também palavras. Isso é comum na descrição de qualquer língua, ou seja, que uma entidade seja ao mesmo tempo um morfema e uma palavra. Quando um morfema é igual a uma palavra fala-se de morfemas livres, como nos casos de **kánu**, **šáa**, **nántu**, mas quando os morfemas são sub-partes de uma palavra fala-se de morfemas pressos, caso de **-num**, acima.

Capítulo 4

Morfologia Nominal

4.1. O nome

Esta classe está constituída por raízes que recebem flexão de pessoa e de caso. Parte dos nomes em Aguaruna se caracteriza pela presença de sufixos derivativos deverbais.

Sintaticamente, o Nome opera como núcleo do sintagma nominal (SN), e argumento (interno/externo) do verbo. O Nome em Aguaruna pode ser modificado por elementos prepostos como numerais, pronomes possessivos e dêiticos) e por modificadores pospostos quando se trata dos adjetivos.

4.1.1. Flexões

Flexão é um processo morfológico que consiste na adição à base de uma palavra, de terminações que expressam relações morfossintáticas (casos, por exemplo), categorias gramaticais como número, gênero, posse, tempo, modo e aspecto. No que se segue tratar-se-ão as flexões mais comuns do Nome na língua Aguaruna.

4.1.1.1. Flexão de caso

O Aguaruna possui um conjunto de sufixos que cumprem funções semelhantes às das preposições em línguas como Espanhol, Português ou Inglês e que são interpretados como marcadores de caso. Esses sufixos aparecem ligados ao nome e a outros elementos que ocorrem em função nominal: pronomes, dêiticos, adjetivos, e elementos Qu-.

4.1.1.1.1. Casos não oblíquos

4.1.1.1.1.1. Nominativo

Este caso corresponde à raiz ou ao tema sem flexão alguma, ou seja, sua marca é zero (\emptyset). Os temas com três ou mais sílabas ao ocorrerem no nominativo perdem o núcleo silábico na emissão fonética (ver queda de vogais em 2.5.3.), porém, este processo é estritamente fonológico e não gramatical.

Os nomes marcados no caso nominativo cumprem a função de sujeito da oração. Veja-se em (1a-d) os nomes **yúmi** 'água', **úči** 'menino', **hiínčam** 'morcego' e **kášai** :

- (1) a. yúmi - \emptyset kúwa - wa - i
 água - nomv ferver - 3 - decl
 'a água está fervendo'
- b. úči - \emptyset išáma - wa - i
 menino-nomv ter medo - 3 - decl
 'o menino está com medo'
- c. hiínčam - \emptyset wáa - num batsá - u - i
 morcego - nomv cova -loc viver(pl.) - 3 - decl
 'os morcegos vivem nas covas'

- d. kášai - Ø kuwášat yuhúmka - n(a) yu - ína - wa - i
 paca - nomv muito mandioca - ac comer - pl- 3 - decl
 'a paca come muita mandioca'

O nominativo é também o caso usado quando os nomes ocorrem isoladamente, correspondendo a enunciados que o falante produz em uma enquête lingüística.

4.1.1.1.1.2. Acusativo

Este caso é marcado pelo sufixo [-na], que se liga ao tema ou à raiz para indicar o objeto direto e indireto de um verbo transitivo. Alomorficamente [-na] aparece como /-n/ após a queda de seu núcleo silábico. Exemplos:

- (2) a. úči - Ø yumí - n(a) um - á - wa - k
 menino-nomv água - ac beber - asp - 3 - decl
 'o menino está bebendo água?
- b. tánčim(a) - Ø makíčik kášai - n(a)
 N.P - nomv um paca - ac
 wáin - ka - ma - wa - i
 ver - asp - passd - 3 - decl
 'Tanchim viu uma paca'
- c. wíi - Ø haánč - na - k diy - á - ts - ha - i
 eu - nomv roupa - ac - tóp ver - asp - neg - 1 - decl
 'eu não estou vendo a roupa'

- d. díta - 0 yawaá - na - škam wakí - ina - wa - i
 eles - nomv cachorro - ac -clit querer - pl - 3 - decl
 'eles querem o cachorro também'

Observe-se que as palavras **yúmi** 'água', e **kášai** 'paca', que em (1a) em (1d) ocorreram no caso nominativo levam a marca [-n(a)] do acusativo, em (2a) e (2b).

O nominativo e o acusativo são os casos sintáticos nucleares que caracterizam a língua Aguaruna como sendo de tipologia nominativo-acusativa (ver seção 3.2.1.), característica partilhada também por outras línguas SOV como Quechua, Coreano, Alemão, Turco, entre outras.

Uma característica relevante do caso acusativo no Aguaruna, é que ele aparece marcado na oração transitiva somente quando o sujeito se refere à primeira pessoa singular e terceira pessoa singular ou plural expressa por nome ou pronominal, como se vê em:

- (3) a. wíi čankín - na - k díy - á - ts - ha - i
 eu cesta - ac - tóp ver - asp - neg - 1 - decl
 'eu não vejo a cesta'
- b. wáya makíčik pišaká - n(a) yaú wain - ká - m - +
 N.P um pássaro - ac ontem ver - asp - pass - 3
 'Wáya viu um pássaro ontem'
- c. díta amu - ká - m - + así yuhúmka - na - k
 eles acabar - asp - passd -3 todo mandioca - ac - tóp
 'eles/as acabaram toda a mandioca'

Porém, quando o sujeito é a primeira pessoa plural ou segunda pessoa, singular e plural, a marca do acusativo é \emptyset , ou seja, como no caso nominativo:

- (4) a. ám+ makíčik písak - \emptyset yaú wain - kã - mu - m+
 você um pássaro - ac ontem ver - asp - passd - 2
 'você viu um pássaro ontem'
- b. átum háanc - \emptyset +ntsá - num niháa - ŋu - m+
 vocês roupa - ac riacho - loc lavar - pl - 2
 'vocês lavam roupa no riacho'
- c. íi čínkim - \emptyset tsúpi - ina - hi ikám
 nós lenha - ac cortar - pl - 1 mato-loc
 'nós cortamos lenha no mato'

O sufixo [-n(a)] 'acusativo' marca também o objeto indireto de um verbo bi-transitivo. Exemplos:

- (5) a. mí - na apá - ŋ nihámči - n(a) su - sá - m - +
 I - gen pai - poss bebida - ac dar - asp - passd - 3
 yačí - n (a)
 irmão - ac
 'meu pai deu bebida de mandioca a seu irmão'

- b. huánka učí - ŋu - íí - nu - n(a) akup - ká - m - +
 N . P. filho-poss-3poss-benef-ac enviar - asp-passd-3
 paámpa - n(a) yuhúmka - haí
 banana - ac mandioca - com
 'João enviou banana e mandioca para seu filho'.

Quando em uma oração coocorrem vários nomes em função de objeto direto, o sufixo acusativo aparece em cada um deles:

- (6) a. a⁴nts atašú - n(a) kučí - n(a) wagá - n(a) hapá - n(a)
 gente galinha - ac porco - ac cordona - ac veado - ac
 aátus yu - ína - wa - i
 todos esses comer - pl - 3 - decl
 'as pessoas comem galinha, porco, cordona e veado'
- b. binítu hapá - n(a) pamáu - na - šakam maá - m - +
 N.P. veado - ac anta - ac - clit matar - passd - 3
 'Benito matou veado e anta'

4.1.1.1.1.3. Vocativo

Embora esse caso não tenha função argumental na oração, ele é muito usado na língua Aguaruna. O vocativo serve para nomear o ouvinte, para chamá-lo ou para interpelá-lo. O vocativo é o caso do 'apelo' (Lyons, 1979).

O Aguaruna usa distintos recursos para expressar o caso vocativo:

a) Deslocamento do acento para a última sílaba da palavra. Esse processo ocorre principalmente com os nomes próprios:

	Nominativo	Vocativo
(7)	šímpu	šimpú
	urupístu	urupistú
	marcúsa	marcusá
	nampáнку	nampankú

b) Sufixo [-ŋu]. Este sufixo, usado para marcar o vocativo com alguns termos de parentesco, é formalmente idêntico ao marcador de posse /-ŋu/ e ao sufixo possessivo de primeira pessoa, também /-ŋu/ (ver 4.1.1.2.1). Entretanto, à diferença desses dois sufixos, o do vocativo sempre é acentuado:

	Nominativo	Vocativo
(8)	yátsut	yatsu - ŋú '(meu) irmão'
	umáa	umaa - ŋú '(minha) irmã'
	diiči	diiči - ŋú '(meu) tio'
	kúmpa	kumpa - ŋú '(meu) amigo'

c) Sufixo [-wa]. Ocorre somente com dois termos de parentesco:

(9)	âpa-	apa - wá 'pai'
	duku-	duku - wá 'mãe'

d) Sufixo [-tá] - usado com alguns nomes:

	Nominativo	Vocativo
(10)	nawántu	nawan-tá 'filha'
	núwa	nuwa-tá 'mulher'
	úči	uči-tá 'filho'
	aśán	aśan-tá 'esposa'

Tenho notado igualmente que na interrelação familiar se emprega o sufixo [-u], colocando-se o acento na penúltima sílaba da palavra. Assim:

(11)	núwa	nuwá - u	'mulher (mãe falando)'
	kuwí]a	kuwi]á - u	'nenê (mãe falando)'
	máma	mamá - u	'mãe (filha falando)'
	yúwa-	yuwá - u	'cunhadinha (entre mulheres)'

Os termos de parentesco no vocativo são usados como formas de tratamento, mas não implicam necessariamente uma relação de parentesco genético. Ao serem usados com sentido referencial, e não vocativo, os termos vêm acompanhados de marcadores de posse (ver flexão de posse em 4.1.1.2.). Comparem-se os seguintes exemplos:

(12)	yatsu -]ú,	ám+	ahán - nma - yā	мін - á - m+ - k
	irmão - voc	você	roça - loc - abl	vir - asp - 2 - int
	'meu irmão, você está vindo da roça?'			

- (13) mí - na yatsú - ŋ ahá - nma - yā min - á - wa - k
 1 - gen irmão - poss roça - loc - abl vir - asp - 3 - decl
 'meu irmão está vindo da roça'

A palavra **yatsu-** marcada no vocativo em (12), não indica que existe um relação de parentesco entre o locutor e o ouvinte. Por outro lado, em (13) há uma relação de parentesco. Nesse caso, **yatsu-** está marcado com o possessivo de primeira pessoa, é referencial, e não vocativo.

4.1.1.1.2. Casos oblíquos

4.1.1.1.2.1. Genitivo

Para expressar uma relação genitiva usa-se o sufixo [-nau], que foneticamente aparece como [-dou] com raízes monossilábicas e com raízes terminadas em consoante. Com raízes terminadas em vogal, [-nau] ocorre como [-nu]. Exemplos:

- (14) a. áu - k apá - ŋ - nau - čau - wa - i
 esse-tóp pai - poss - gen - neg - 3 - decl
 yatsú - ŋ - nau - wa - i
 irmão - poss - gen - 3 - decl
 'esse não é de meu pai, é de meu irmão'
- b. huŋú aunts⁴ - k mí - nau - wa - i áu - k
 este mutum - tóp 1 - gen - 3 - cop esse-tóp

- awʃ - ŋ - nau - wa - i
 sobrinho - poss - gen - 3 - decl
 'este mutum é meu, esse é de meu sobrinho'
- c. níi - nu kánu á - wa - k
 3 - gen canoa ser - 3 - int
 'é a canoa dele?'
- d. wagá - nu naw+ - iĩ múunta - i
 cordona-gen pata - 3poss grande - cop
 'a pata da cordona é grande'
- e. numí - nu kankap+ - iĩ piípiči - i
 árvore-gen raiz - 3 poss pequena - cop
 'a raiz da árvore é pequena'

4.1.1.1.2.2. Instrumental

O caso instrumental assinala o instrumento, o meio de ação. O sufixo que expressa essa função é [-i], que alomorficamente ocorre como /-(y)ai/ após dois núcleos silábicos:

- (15) a. kúhi káya - i dapí - n(a) maá - m - +
 N.P. pedra - inst cobra - ac matar - passd - 3
 'Kuji matou a cobra com pedra'
- b. wáhai duku - ŋ - iĩ - n(a) hapunku - í dihá - ŋ - m - +
 N.P. mãe - poss - 3poss-ac sabão - inst lavar-asp-passd-3
 'Wáhai lavou sua mãe com sabão'

- c. níĩ n+ŋɛ - n(a) kučíi - y - ai tsupí - k - m - +
 ele carne - ac faca - ep - inst cortar-asp-passd-3
 'ele cortou a carne com faca'

4.1.1.1.2.3. Comitativo

O comitativo é o caso que assinala companhia ou acompanhamento. Para expressar esse caso, emprega-se o sufixo [-haĩ]. Exemplos:

- (16) a. wáhai uči - ŋu - íĩ - haĩ dapí - n(a) h+gã - ŋu - í
 N.P. filho-poss-3poss-com cobra - ac casa - poss - loc
 'Wájai e seu filho mataram a cobra em minha casa'
- b. huánka - ka wíi - haĩ puhá - wa - i
 N.P. - tóp eu - com estar - 3 - decl
 'João está comigo'
- c. díta nuwɛ - haĩ wɛ - ina - wa - i
 eles mulher - com ir - pl - 3 - decl
 'eles vão com suas mulheres'

O sufixo [-haĩ] pode igualmente expressar uma função de coordenação conjuntiva, nesse caso, a glosa equivale às conjunções <e> do Português e <y> do Espanhol. Exemplos:

- (17) a. pítu firípi - haĩ yu - w - ína - wa - i
 N.P. N.P. - com comer - ep - pl - 3 - decl
 'Pedro e Felipe comem'

- b. níī yačí - haī ikám wʹ - a - wa - i
 ele irmão - com mato ir - asp - 3 - decl
 'ele e seu irmão vão ao mato'
- c. díta wíi - haī namaká ma - ína - wa - i
 eles eu - com rio banhar - pl - 3 - decl
 'eles e eu nos banhamos no rio'
 (Lit. eles banham-se comigo no rio)'
- d. paámpa mamá - haī čankín - num á - wa - i
 banana mandioca-com cesta - loc haver - 3 - decl
 'há banana e mandioca na cesta'

Em (17a) a tradução em Português é: 'Pedro e Felipe comem', pois o verbo yuw- 'comer' está flexionado com marcador [-ina] 'sujeito plural'. Já em (17b) é uma construção ambígua, pois, além da tradução indicada, haveria outra possível: 'ele vai ao mato com seu irmão'. Aliás, esta última é a mais adequada, pois a forma verbal wʹ- 'ir' concorda apenas com o sujeito em singular. A ambigüidade desaparece quando o sufixo [-ina] '3ª p.pl.' é acrescentado ao verbo:

- (18) níī yačí - haī ikám wʹ - ina - wa - i
 ele irmão - com mato ir - pl - 3 - decl

Essa mesma observação é válida para a oração em (17d), cuja tradução literal é : 'há banana com mandioca na cesta'. Já o correspondente aguaruna para : 'há banana e mandioca na cesta', seria:

- (19) paámpa mamá - haĩ čankín - num á - ina - wa - i
 banana mandioca-com cesta - loc haver - pl - 3 - decl

Quando o sufixo [-haĩ] se anexa a nomes com o traço semântico [-animado], a sua função é predominantemente instrumental:

- (20) a. níĩ kayám - haĩ parátu nihá - wa - i
 ele areia - com prato lavar - 3 - decl
 'ela lava os pratos com areia'
- b. wíi kanú - haĩ wí - a - ha - i
 eu canoa - com ir - asp - 1 - decl
 'eu estou indo com canoa'
- c. ántuk wí+ - haĩ yuhúmka - n(a) yú - wa - wa - i
 N.P. sal - com mandioca - ac comer - asp - 3 - decl
 'Antuk está comendo mandioca com sal'

4.1.1.1.2.3. Locativo

O caso locativo exprime a idéia de localização espacial ou temporal. Há dois casos locativos no Aguaruna: a) o geral e b) o adessivo.

a) O caso locativo geral que serve para indicar uma relação espacial de 'estar no interior' ou 'estar num lugar', é marcado pelo sufixo [-numa]. Esse sufixo aparece como /-num/ e /-nma/, variações que dependem do processo de queda de vogais (ver 2.5.3).

Exemplos:

- (21) a. níí kanú - num wahá - wa - i
 ele canoa - loc estar de pé - 3 - decl
 'ele está de pé na canoa'
- b. áišmanku - k yaákta - num puhá - wa - i
 homem - tóp cidade - loc estar - 3 - decl
 'o homem está na cidade'
- c. tíwi n+ŋʰ - n(a) čankín - núm +nkʰ - a - wa - i
 N.P. carne - ac cesta - loc pôr - asp - 3 - decl
 'Tiwi está pondo carne na cesta'
- d. díta ahá - numa - š puhu - ína - wa - i
 eles roça - loc - dub estar - pl - 3 - decl
 'eles estão na roça (talvez)?'

b) O caso locativo adessivo é expresso de duas maneiras: 1) Pelo uso do sufixo [-í], como nos exemplos a seguir:

- (22) a. ám+ h+gā - ŋu - í puhá - m+
 você casa - poss - loc estar - 2
 'você está na minha casa'
- b. mí - na uw+h+ - ŋu - í
 1 - gen mãos - poss - loc
 'nas minhas mãos'
- c. níí kanu - í wahá - wa - i
 ele canoa - loc estar parado - 3 - decl
 'ele está parado perto da canoa'

2) Há um grupo reduzido de palavras como *h'ga* 'casa', *namáka* 'rio', *núnka* 'terra', *hínta* 'caminho' que, para indicar uma função locativa adessiva, nasalizam a vogal final, deslocando o acento para essa vogal:

- (23) a. *áišmanku* - k *h+gá* *puhá* - ts - u - i
 homem - tóp casa-loc estar - neg - 3 - decl
 'o homem não está na casa'
- b. *níi* *namaká* *puhá* - wa - i
 ele rio - loc estar - 3 - decl
 'ele está no rio'
- c. *ám+* *hintá* *puhá* - m+
 você caminho-loc estar - 2
 'você está no caminho'

4.1.1.1.2.4. Ablativo

O caso ablativo é usado em Aguaruna para assinalar proveniência, origem (ser oriundo de um lugar). A marca de caso ablativo é [-yã] , que se realiza como /-iã/ após uma consoante. Exemplos:

- (24) a. *níi* *níip* - iã *mín* - á - wa - i
 ele N.L. - abl vir - asp - 3 - decl
 'ele está vindo do rio Nieva'

- b. *fi ikám - iã tá - ina - hi*
 nós mato - abl chegar - pl - 1
 'nós estamos chegando do mato'
- c. *tuwí - yã min - á - m+*
 Qu - abl vir - asp - 2
 'de onde você está vindo?'
- d. *h+gã - yã hiiná - ina - wa - i*
 casa - abl sair - pl - 3 - decl
 'eles/as estão saindo de casa'

O sufixo ablativo [-yã] usa-se também em combinação com o locativo [-numa], aparentemente, sem alterar o significado da locução adverbial:

- (25) a. *wíi úut - num - iã min - á - ha - i*
 eu N.L. - loc - abl vir - asp - 1 - decl
 'eu estou vindo de Uut'
- b. *díta hapaimí - nma - yã min - ina - wa - i*
 eles N.L. - loc - abl vir - pl - 3 - decl
 'eles vêm de Hapaime'
- c. *ahá - nma - yã tá - a - ha - i*
 roça - loc - abl chegar - asp - 1 - decl
 'estou chegando da roça'

Como ter-se-á notado, os marcadores de caso são formas presas que se juntam aos nominais. Porém, há um número limitado de formas

livres, chamadas posposições, que são usadas principalmente para expressar funções gramaticais locativas, tais como *wáyā* 'dentro de', para dentro', *inítak* = *inítak+-n* 'na profundidade', debaixo de', *wápk+-n* = *wápak+-n* 'debaixo de', *awánk+-n* 'em cima de', *niníi* = *nuníi* 'entre', *niinís* 'diante de', *tuntup+-n* 'em cima de'.

Exemplos:

- (26) a. *h+gā wáyā á - wa - i*
 casa dentro estar - 3 - decl
 'está dentro da casa'
- b. *yumí inítak+ - n á - wa - i*
 água dentro - loc estar - 3 - decl
 'está dentro da água'
- c. *úči - k h+gā niinís taká - ina - wa - i*
 menino-tóp casa diante trabalhar - pl - 3 - decl
 'os meninos trabalham diante de casa'

À diferença dos sufixos casuais as posposições citadas em (26) são itens lexicais independentes que levam acento próprio e vêm precedidos de seus objetos nominais.

Caso	Sufixos	Exemplos	Glossas
Nominativo	- 0	úči	'filho'
Acusativo	- n(a)	uči - n(a)	'ao filho'
Vocativo	-wa, -tā, -ŋu	uči - ŋú	'filho!'
Genitivo	- n(a)u	uči - nu	'do filho'
Instrumental	- i, -(y)ai	mačíta - i	'com facão'
Comitativo	- haī	uči - haī	'com o filho'
Locativo	- n(u)m(a)	numī - num	'na árvore'
Ablativo	- yā, - iā	nīip - iā	'do rio Nieva'

Quadro (1): Marcadores de caso.

4.1.1.2. Flexão de posse

O Aguaruna subclassifica os nomes possuíveis em duas classes: classe I e classe II, conforme à relação de dependência com o possuidor seja respectivamente temporária ou permanente. Os nomes tratados como alienáveis levam o sufixo [-ŋu] 'posse' mais os marcadores de pessoa -m+ '2ª' e -iī '3ª'. Os inalienáveis ocorrem sem o sufixo [-ŋu], a relação de posse se estabelece somente com o marcador de pessoa. A primeira pessoa possuidora não estabelece a diferença entre essas duas classes de nomes. A locução de posse é feita somente com o sufixo de primeira pessoa.

Em Aguaruna há ainda uma subclasse de nomes que por suas características semânticas não apresentam afixos de posse. Refiro-me aos itens lexicais com o traço [-cultural] ou [-social], no sentido descrito em Franchetto (1977). Alguns deles são *nántu* 'lua', *tsā* 'sol', *yáya* 'estrela', *yúmi* 'chuva', *pánki* 'arco íris', *ipamát* 'trovão', *dás+* 'vento', *čaáhip* 'ráio', *p+m* 'relâmpago'. No que se segue descreve-se a expressão de posse em relação com cada uma das pessoas.

4.1.1.2.1. Primeira pessoa

O sufixo de posse não ocorre quando o possuidor é primeira pessoa, nesse caso não se manifesta a distinção entre nomes da classe e nomes da classe II. Essas duas classes são marcadas somente com o sufixo de primeira pessoa, isto é : [-ŋu], que foneticamente ocorre como [-hũ] em posição de coda (ver fonologia em 2.5.6.). Em final de sílaba, após a queda do seu núcleo [-ŋu] ocorre como [-ŋ] (ver queda de vogais em 2.5.3.). Exemplos:

Classe I³¹

(27) a. mí-na	apá - ŋ	'meu pai'
	apá - ŋu - ka	'meu pai?'
	dukú - ŋ	'minha mãe'
	yatsú - ŋ	'meu irmão'

³¹ O agrupamento dos itens em classes (I, II e III) e subclasses (a, b, c ...) tem somente a finalidade de facilitar a exposição. A diferença entre nomes da classe I e nomes da classe II é feita com base à ocorrência/ausência do sufixo [-ŋu].

b. mí-na	buuk' - ŋ	'minha cabeça'
	buuk+ - ŋú - ka	'minha cabeça?'
	pagá+ - ŋ	'minha costela'
	susú - ŋ	'minha barba'

Classe II

(28) a. mí-na	atašú - ŋ	'minha galinha'
	yawáa - ŋ	'meu cachorro'
	kučí - ŋ	'meu porco'
b. mí-na	hapá - ŋ	'meu veado'
	yunkikpí - ŋ	'meu javali'
	wampíšku - ŋ	'minha borboleta'
c. mí-na	h+gá - ŋ	'minha casa'
	kanú - ŋ	'minha canoa'
	hinkái - ŋ	'minha semente'

Como se observa em (27) e (28), a locução possessiva em que o possuidor é primeira pessoa, segue o esquema [nome]-ŋu], independentemente da classe semântica dos nomes envolvidos. Contudo, tenho registrados três nomes de macacos para os quais a relação de posse requer do sufixo [-ŋu] 'marca de posse'³² em

³² Deve ser entendido que [-ŋu] 'posse' e [-ŋu] '1ª P. Poss.' são morfemas homófonos, mas com funções diferentes.

conjunção com o sufixo de primeira pessoa possuidora, ou seja, uma construção como [[[X]-ŋu]-ŋu]:

- (29) mí-na yakúma - ŋu - ŋu 'meu macaco (esp.)'
 bačínki - ŋu - ŋu 'meu macaco (esp.)'
 ts++má - ŋu - ŋu 'meu macaco (esp.)'

A falta do sufixo de posse [-ŋu] tornaria as locuções em (29) agramaticais como se vê em (30):

- (30) * yakumá - ŋ(u)
 * bačínkí - ŋ(u)
 * ts++má - ŋ(u)

Por outro lado, há outros nomes de macacos que podem ocorrer numa construção possessiva apenas com o sufixo de pessoa:

- (31) mí - na čuú - ŋ(u) 'meu macaco (esp.)'
 pinčí - ŋ(u) 'meu macaco (esp.)'
 waši - ŋ(u) 'meu macaco (esp.)'

4.1.1.1.2.2. Segunda pessoa

Distinguem-se alguns tipos de locução possessiva que envolve a 2ª pessoa conforme a presença/ausência dos sufixos de posse e de pessoa.

Classe II

- (33) a. ámi-na yatsú - m 'teu irmão'
 umaí - m 'tua irmã'
 umái - m+ - ka 'tua irmã?'
 nuw+ - m 'tua mulher'
- b. ámi-na buuk' - m 'tua cabeça'
 buúk - m+ - ka 'tua cabeça?'
 pagá+ - m 'tua costela'
 bakú - m 'tua perna'
- c. ámi-na h'++ - m 'tua casa'
 hinkaí - m 'tua semente, fruta'
- d. ámi - na yawái - m 'teu cachorro'

Finalmente, há dois termos, **ápa-** 'pai' e **dúku** 'mãe', que não recebem nenhum sufixo:

Classe III

- (34) ápa 'teu pai'
 dúku 'tua mãe'

No levantamento dos dados lexicais, foram encontrados dois termos adicionais: **intaší** 'cabelo' e **atašú** 'galinha' que são

tratados variavelmente, ou seja, tanto como da classe I quanto como da classe II:

- (35) a. ámi-na intásš - ŋu - m 'teu cabelo'
 ámi-na atásš - ŋu - m 'tua galinha'
- b. ámi-na intaší - m 'teu cabelo'
 ámi-na atašúm - m 'tua galinha'

4.1.1.2.3. Terceira pessoa

A relação de posse para a terceira pessoa marca-se com o sufixo [-iĩ], que se realiza como /-yi/ quando o tema nominal termina em duas vogais, e como vogal nasalizada [-V] se a vogal final do tema for uma vogal central alta /+/³³. Um terceiro alomorfe de [-iĩ] é /-iin/, isto é, V+consoante nasal, consoante essa que articulatoriamente adquire o ponto-C da obstruinte homorgânica seguinte. Exemplos:

- (37) a. níi-na yawáã - iĩ ---> [yãwããyĩ] 'cachorro dele'
 b. níi-na pága+ - iĩ ---> [págəĩ] 'costela dele'
 c. níi-na apa - ŋu - iĩ - ka --> [apahiĩŋka]
 3 - gen pai - poss -3poss-int
 'pai dele?'

³³ Na verdade, haveria uma regra de truncamento vocálico, pois o sufixo [-iĩ] apaga-se quando lhe precede a vogal central alta /+/, deixando como vestígio a nasalização.

Quanto à locução possessiva, ela segue os padrões apresentados para a segunda pessoa. Assim, os nomes tratados como da classe I seguem o esquema [[X]-]u 'posse']- iī 'pessoa']. Os da classe II somente requerem do sufixo de pessoa, ou seja, o esquema: [[X]- iī]. Exemplos:

Classe I

- (38) a. ápa - ŋu - iī ---> [apahíí] 'pai dele'
 dúku - ŋu - iī ---> [dukuhíí] 'mãe dele'
 tiháŋki - ŋu - iī --> [tiháŋhíí] 'neto(a) dele'
 w+gá - ŋu - iī ---> [w+gahíí] 'sogro dele'
 úči - ŋu - iī ----> [učihíí] 'filho dele'
- b. kúči - ŋu - iī ---> [kučihíí] 'porco dele'
 hápa - ŋu - iī ---> [hapahíí] 'veado dele'
 kánu - ŋu - iī ---> [kanuhíí] 'canoa dele'
 t+máši - ŋu - iī ---> [t+máshíí] 'pente dele'
- c. súsú - ŋu - iī ----> [susuhíí] 'barba dele'

Classe II

- (39) a. níi-na umái - iī ---> [umaiyí] 'irmã dele'
 núw+ - iī ---> [núw+] 'mulher dele'
 saí - iī ---> [saiyí] 'cunhado dele'
- b. níi-na buúk+ - iī ---> [buuk+] 'cabeça dele'

- pága+ - iī ---> [págə́ĩ] 'costela dele'
 báku - iī ---> [bákuĩ] 'perna dele'
- c. níi-na h+gā - iī ---> [h̃ĩĩ] 'casa dele'
 hinkái - iī ---> [hiŋkaiyĩ] 'semente dele'
- d. níi-na yawáã - iī ---> [yāwāãyĩ] 'cachorro dele'

Por outro lado, os itens *intáši* 'cabelo' e *atášu* 'galinha' que se comportam variavelmente quando o possuidor é segunda pessoa, ocorrem na terceira pessoa somente como alienáveis.

4.1.1.2.4. A posse nas pessoas do plural

Quando a locução possessiva envolve pessoas do plural, a relação de posse exprime-se pelo esquema **[[X]-ŋu-iĩ]** no caso dos nomes da classe I e **[[X]-iĩ]** no caso dos da classe II.

Nessas locuções usam-se também os pronomes possessivos *ii-na* 'nosso(s), nossa(s)', *atúm* 'seu(s), sua(s)', e *ditá* 'seu(s), sua(s)'. O emprego dos pronomes possessivos é opcional na locução que envolve as pessoas do singular.

4.1.1.2.4.1. Primeira pessoa plural

A locução em que o possuidor é 1ª pessoa do plural segue o padrão básico, isto é: **[[X]-marca de posse]-marca de pessoa]** no caso dos nomes da classe I (42a), e **[[X]-marca de pessoa]** no caso dos nomes da classe II (42b):

(42) a.	íi-na	ápa - ŋu - iĩ	[apahíĩ]	'nosso pai'
		dúku - ŋu - iĩ	[dukuhíĩ]	'nossa mãe'
		kánu - ŋu - iĩ	[kanuhíĩ]	'nossa canoa'
		atášu- ŋu - iĩ	[atáshíĩ]	'nossa galinha'
b.	íi-na	buúk+ - iĩ	[buukʔ]	'nossa cabeça'
		yaakái- iĩ	[yaakaiyĩ]	'nosso ombro'
		h+gā - iĩ	[hʔ]	'nossa casa'
		yawáã - iĩ	[yāwāãyĩ]	'nosso cachorro'

4.1.1.2.4.2. Segunda pessoa plural

A locução possessiva com possuidor de segunda pessoa do plural segue o padrão descrito para a primeira pessoa plural:

(43) a.	atúmi	íma - ŋu - m+	[imáhūm]	'garça de vocês'
		uw+ - ŋu - m+	[uw+hūm]	'mão de vocês'
		úči - ŋu - m+	[učihūm]	'filho de vocês'
		kánu- ŋu - m+	[kanuhūm]	'canoa de vocês'
b.	atúmi	buúk+ - m+	[buuk+m]	'cabeça de vocês'
		yaakái- m+	[yaakáim]	'ombro de vocês'
		h+gā - m+	[h++m]	'casa de vocês'

4.1.1.2.4.3. Terceira pessoa plural

A locução nominal possessiva com possuidor de terceira pessoa do plural, tem basicamente a mesma estrutura daquelas em que o possuidor é primeira ou segunda pessoa do plural. A diferença se restringe ao uso do pronome possessivo, que na terceira plural é **ditá**:

(44) a.	ditá	ápa - ŋu - iī	[apahíī]	'pai deles'
		dúku - ŋu - iī	[dukuhíī]	'mãe deles'
		kánu - ŋu - iī	[kanuhíī]	'canoa deles'
b.	ditá	buúk+ - iī	[buuk̃]	'cabeça deles'
		hígã - iī	[h̃]	'casa deles'
		náw+ - iī	[náṽ]	'pele deles'
		híi - iī	[híī]	'olho deles'

A partir dos dados vistos nesta seção, é evidente a estratificação do léxico em nomes da classe I e nomes da classe II no sentido em que estes termos são usados neste trabalho. Assim, ao construir-se uma locução possessiva, os nomes da classe II ligam-se ao possuidor simplesmente via sufixo marcador de pessoa ([[X] + Suf. da Pessoa]); já os da classe I, além do sufixo da pessoa, requerem da mediação do sufixo de posse ([[[X] + Suf. de Posse] + Suf. da Pessoa]).

Quanto às pessoas, viu-se que com relação à primeira do singular o Aguaruna marca a relação de posse valendo-se unicamente do sufixo possessivo de pessoa, exceto quando se trata de nomes de três espécies de macacos apontados em (29). Por outro lado, quando a segunda ou terceira pessoas do singular estão envolvidas, a locução possessiva varia conforme a presença/ausência do sufixo de posse [-]u].

O levantamento dos dados feito neste trabalho representam uma primeira tentativa de tratamento lingüístico das construções possessivas do Aguaruna, que demandam ainda um estudo mais aprofundado. Em particular, são pouco claras as relações etnosemânticas que o possuidor mantém com o elemento possuído. Essas relações parecem estar ligadas a conteúdos culturais que fogem à observação de qualquer alheio a essa cultura e que deveriam ser levados em conta para qualquer formulação de hipóteses explicativas do sistema de posse na língua.³⁴

4.1.1.3. Gênero

Em Aguaruna não há marca morfológica de gênero. A distinção entre sexo masculino e feminino expressa-se lexicalmente e não por morfemas flexionais. Por exemplo, a oposição de sexo no que se refere a itens com o traço [+ humano] exprime-se pela heteronímia:

³⁴ Devo essa observação a M. Bernadete Abaurre (c.p.)

(45)	núwa	'mulher'	áišmank	'homem'
	ankánham	'solteira'	dátsa	'solteiro'
	muntsuhūt	'garota'	tsákat	'garoto'

A heteronímia se verifica mais freqüentemente no sistema de parentesco, que apresenta pares lexicais como:

(46)	dukúč	'avó'	apáč	'avô'
	ubaá-	'irmã'	yátsut	'irmão'
	nawántu-	'filha'	učí-	'filho'
	tsatsá-	'sogra'	w+gá-	'sogro'

Porém, há outros termos de parentesco que são invariáveis, isto é, apresentam uma forma só:

(47)	awí -	'sobrinho(a)'	tihánki-	'neto(a)'
------	-------	---------------	----------	-----------

Quando determinados nomes resultam ambíguos em relação ao sexo, eles são interpretados como masculino ou feminino com base no contexto de ocorrência, ou então são modificados mediante a posposição dos itens **núwa** 'mulher' e **áišmank** 'homem':

(48)	úči núwa	'menina'	úči áišmank	'menino'
	tsáni núwa	'enamorada'	tsáni áišmank	'enamorado'
	kása núwa	'ladra'	kása áišmank	'ladrão'

Essa forma de desambiguação é usada para nomes referentes a seres humanos e também animais principalmente mamíferos. Porém, o emprego de **núwa** e **áišmank**, neste caso, teria a interpretação de fêmea/macho, respectivamente.

(49)	yakúm núwa	'macaca'	yakúm áišmank	'macaco'
	yawáã núwa	'cadela'	yawáã áišmank	'cachorro'
	míšu núwa	'gata'	míšu áišmank	'gato'

Em se tratando de nomes de aves, a oposição genérica é entre **núwa** 'fêmea' e **áyum** 'macho'.

(50)	atáš núwa	'galinha'	atáš ayúm	'galo'
	paápu núwa	'perua'	paápu áyum	'peru'
	paúm núwa	'pomba'	paúm áyum	'pombo'

Finalmente, nomes referentes a objetos inanimados são invariáveis quanto às distinções de sexo. Foram encontrados também nomes como **yúmi** 'agua', 'chuva', **nántu** 'lua' que sempre são masculinos. Do mesmo modo, são masculinos nomes como: **w++** 'sal' e **w++k** 'curbinse' (uma espécie de formiga). A interpretação desses nomes como masculinos vem através das narrações de mitos, onde **yúmi**, **nántu**, **w++** e **w++k** são seres humanos que realizam actividades próprias dos homens. Para uma informação ampla dessas personagens e da cultura Aguaruna, ver a coletânea de mitos publicados por Chumap Lucía & García Rendueles (1979).

Em suma, os exemplos supracitados mostram-nos que os nomes na língua Aguaruna carecem de flexão gramatical de gênero. A diferença de gênero é interpretada pelo contexto ou é assinalada lexicalmente, daí que nesta língua resulta mais válido falar de gênero natural, com base à oposição macho/fêmea e não na dicotomia masculino/feminino.

4.1.1.4. Número

À diferença de outras línguas indígenas sulamericanas, como o Quechua, (Quechua), Kokama (Tupí-Guaraní) e Kampa (Arawak), em Aguaruna a categoria de número não é marcada no nome por morfemas flexionais. A interpretação do sintagma nominal como singular ou plural depende do contexto. Contudo, a língua mantém outras estratégias para marcar o número, tais como uso de sufixos no verbo, pares de raízes verbais, transformação do verbo a- 'cop. sg.' em terceira pessoa do plural indefinido, emprego de numerais e de quantificadores. A seguir, vejam-se as realizações respectivas.

1. Pelo contexto

Numa construção como:

- (51) atáš á - wa - k '(você) tem galinha(s)?'
galinha ter-3 -int

o termo atáš pode ser interpretado como singular, ou como plural.

Do mesmo modo em (52):

- (52) *nii- nú - š kanáitu - š á - wa -k* 'ele tem remo(s)?'
 3 -gen- dub remo - dub ter-3 -int

o termo *kanáitu* pode ser entendido como se referindo a um ou vários remos. A interpretação dos SN objetos como singular/plural em (51) e (52) dependerá do contexto.

2. O plural marcado no verbo

Há duas formas de expressar o número no verbo.

a. Presença de sufixos no verbo:

- (53) a. *ám+ dúka tsupí - k - ta* 'você corte a folha'
 você folha cortar- sg-imp2
- b. *ám+ dúka tsupí - ŋ - ta* 'você corte as folhas'
 você folha cortar- pl- imp2

Nesses dois exemplos a dicotomia singular/plural é marcada no verbo por meio dos sufixos aspectuais, *- k* 'ação singular' e *-ŋ* 'ação plural', em ambos os casos o número está relacionado com o objeto a ser cortado.

Em (54), o sufixo *[-ina]* assinala que o SN sujeito é plural:

- (54) *mí - na šaá - ŋ šíiŋ tsapá - ina - wa - i*
 1 - gen milho-poss intens crescer - pl - 3 - decl
 'meu milho está brotando muito bem'

Embora a tradução do exemplo (54) em Português esteja em singular, a oração na língua Aguaruna deve ser entendida como plural, pois o verbo *tsapá* 'crescer' tem o sufixo [-ina], que indica o sujeito plural. Em (55), fica mais clara a diferença entre sujeito em singular e sujeito em plural:

- (55) a. atáš kabáu - n yú - wa - wa - i
 galinha cupim -ac comer-asp -3 -decl
 'a galinha está comendo cupim'
- b. atáš kabáu - n yu - ina - wa - i
 galinha cupim -ac comer- pl - 3 - decl
 'as galinhas estão comendo cupim'

b. Raízes verbais diferentes

- (56) a. hiínčma - k wáa - num puhá - wa - i
 morcego-tóp cova- loc viver sg - 3 - decl
 'o morcego vive na cova'
- b. hiínčma - k wáa - num batsáat - u - i
 morcego-tóp cova- loc viver pl - 3 - decl
 'os morcegos vivem na cova'
- c. ám+ ahápa - ta
 você jogar sg - 2imp
 'você jogue-o fora'
- d. ám+ utsá' - ta
 você jogar pl - 2imp
 'jogue-os fora'

Os exemplos de (56a-d) mostram a existência de raízes verbais intransitivas que indicam se o sujeito é singular ou plural (56a-b), e de raízes transitivas que assinalam se o objeto é singular ou plural (56c-d).

3. Numerais como marca de plural

Os números mais usados como indicadores de plural são *hímaŋa* 'dois' e *kampáatuma* 'três':

- (57) a. *hū kampáatum kánu múunt* 'estas três canoas grandes'
 este três canoa grande
- b. *atáš hímaŋ su- ŋu - s - tá* 'dê-me duas galinhas'
 galinha dois dar-1ref-asp-2imp

Quando o numeral modifica o SN, não é obrigatório o sufixo do plural no verbo:

- (58) *hímaŋ duka tsupí - k - ta* '(você) corte duas folhas'
 dois folha cortar-asp- imp2

Compare-se (58) com o exemplo (59), em que o verbo está marcado com sufixos que indicam o sujeito e o objeto plural:

- (59) *átum dúka tsupí - ŋ - ta - ŋu - m*
 vocês folha cortar-pl(obj)-2imp- pl(suj) - 2
 'vocês cortem folhas'

4. Quantificadores como marca de plural

Os quantificadores mais usados são *kuwášat* 'muitos', *makičik* 'poucos'. Regan (1991) considera como quantificadores também *káw+m* 'numeroso', 'vários' e *ápatsaŋ* 'poucos'.

- (60) a. *kúwašat* *atašú - n(a)* *sumá - k - tasa - n(u)*
 quant *galinha - ac* *comprar-asp - inf - 1*
wak+ga - ha - i
 querer - 1 - decl
 '(eu) quero comprar muitas galinhas'
- b. *ačí - k - ma - ha - i* *imáčik* *kanká - n*
 pegar-asp-passd- 1 - decl *quânt* *peixe - ac*
 'pesquei poucos peixes'

5. Verbo a- 'copulativo' como marca de número

Outra forma de expressar plural de um nome é o uso do verbo copulativo *á-* com flexão de terceira pessoa plural, em uma construção em que o nome é o núcleo. Quando o nome ocorre isoladamente, o verbo copulativo vem nominalizado com o sufixo [-u] e não leva a marca de terceira pessoa:

	Singular		Plural	
(61)	<i>kawáu</i>	'loro'	<i>kawáu</i>	<i>á - ina - u</i>
	<i>píšak</i>	'pássaro'	<i>píšak</i>	<i>á - ina - u</i>
	<i>dáw+</i>	'pé'	<i>dáw+</i>	<i>á - ina - u</i>

O uso do verbo copulativo **a-** para expressar a oposição singular/ plural em construções sintáticas vem exemplificado a seguir:

- (62) a. áu čankína - k p{nk+ŋ} - či - i
 esse cesta - tóp bom - dim - cop
 'aquela cesta é bonita (sg)'
- b. áu čankín á - ina - u - k ašii p{nk+ŋ} - či - i
 esse cesta ser - pl -nom-tóp todos bom - dim - cop
 'aquelas cestas todas são bonitas'
- c. šikiitá - n(a) wak{ga} - ha - i
 flecha - obj querer - 1 - decl
 'quero uma flecha'
- d. šikiit á - ina - u - n wak{ga} - ha - i
 flecha ser-pl -nom - obj querer - 1- decl
 'quero flechas'

Em (62a), cuja tradução corresponde ao singular, o marcador de tópico ocorre em **čankína** 'cesta)', mas na construção em (62b), correspondente ao plural, a marca de tópico ocorre no verbo copulativo, ou seja, **á-ina-u-k**. Paralelamente, em (62c) a marca de acusativo [-n(a)] está em **šikiita-n(a)**, e em (62d) ocorre no verbo copulativo. Se levarmos em conta que os marcadores de tópico e de acusativo, ocorrem sufixados a elementos nominais ou nominalizados, pode-se concluir que **á-ina-u** é um nome derivado com a função gramatical de pluralizador.

Em resumo, no Aguaruna não há morfema flexional de número nos nomes. A língua emprega outros recursos para indicar o número, entre eles, faz uso de quantificadores. Autores como Schachter, por exemplo, afirmam que os quantificadores são adjuntos modificadores do nome, cuja função é assinalar quantidade ou escopo. Assim, "in some languages a quantifier is required if plurality is to be explicitly indicated" (Schachter, 1985:38).

Outro autor, Dryer (1989) assinala que há um número limitado de línguas no mundo em que a pluralidade é expressa por meio de plural words (palavras plurais); ou seja, palavras modificadoras de nome, mas com a mesma função gramatical dos afixos plurais em outras línguas. O autor refere-se principalmente ao uso de quantificadores e numerais, como também a itens independentes, glossados como 'plural', tal como se pode ver nos exemplos do Yapese (Austronesian) e Tagalog (Malayo-Polinesian), respectivamente.

(63) a. ea gal kaaroo ney 'estes dois carros'
part dual carro este

b. ea pi kaaroo ney 'estes carros'
part pl carro este (Jensen (1977: 155))

(64) nassan ang ang pinggan 'onde estão os pratos?'
onde top pl prato (Schachter (1985: 38))

Se levarmos em conta as afirmações de Schachter e Dryer, então é possível tratar o Aguaruna como uma língua que manifesta a categoria de número mediante plural words, além de sufixos ligados ao verbo e de raízes verbais independentes.

4.1.2. Derivação

A derivação é um processo pelo qual novas unidades lexicais são formadas a partir do acréscimo a uma raiz de afixos chamados derivacionais. Na derivação nominal do Aguaruna, aparecem sufixos que se agrupam em duas classes: a) sufixos que derivam nomes a partir de raízes nominais (denominais) e b) aqueles que derivam nomes a partir de raízes verbais (deverbais).

4.1.2.1. Sufixos nominalizadores

Os nominalizadores ou deverbativos são sufixos que somados a uma base verbal, transformam essa base em nominal. Há seis sufixos nominalizadores em Aguaruna: a) [-t(a)] 'infinitivo', b) [-u] 'ator habitual', c) [-na] 'relativo', d) [-tin(u)] 'agentivo', [-mau] 'concretivo', e, f) [-ta-i] 'instrumentivo'.

Alguns desses sufixos não derivam apenas temas lexicais, eles empregam-se também em construções subordinadas, orações relativas e orações complemento (ver complementação em 6.2.3.2.2.1. e relativização em 6.2.3.2.2.2.). Os nominais derivados com esses nominalizadores perdem as categorias de tempo, aspecto e modo e passam a flexionar-se com os sufixos próprios do nome. A seguir descreve-se cada um desses sufixos.

4.1.2.1.1. Infinitivo [-t(a)]

O acréscimo deste sufixo a uma base verbal dá como resultado um tema nominal. O nominal derivado não manifesta as categorias de aspecto ou modo. Exemplos:

- (65) a. wíi taka - tá - n(a) nakíta - ha - i
 eu trabalhar - ac não querer - 1- decl
 'eu não quero trabalho'
- b. taká - t - ŋu - m ašim - ká - ta
 trabalhar-nom-poss-2poss terminar-asp-2imp
 'termine seu trabalho'
- c. úči - k dŕka - wa - i wasunkám - ta - n(a)
 menino-tóp saber - 3 - decl jogar - nom - ac
 'o menino sabe jogar'
- d. aŕntsu - k čičá - t(a) - na - k
 pessoa - tóp falar - nom - ac - tóp
 ináŋna - k - m - +
 deixar de - asp - passd - 3
 'a pessoa deixou de falar'

Vê-se nesses exemplos que o nominal derivado com [-ta] vem flexionado no acusativo (65a,c) e com marca de posse em (65b). Em (65d), além do acusativo, flexionou-se com a marca de tópico.

4.1.2.1.2. [-u] 'ator habitual'

A base verbal nominalizada com esse sufixo dá como produto um nome agentivo ou ator. Exemplos:

- (66) a. taká - u - wá - i '(ele) é trabalhador'
 trabalhar-nom-3-cop
- b. yuhá - ina - u 'viajantes, caminhantes'
 caminhar - pl - nom
- c. puhú - u - wa - i numí - num
 estar - nom - 3 - decl árvore - loc
 'aquele que mora na árvore'
- d. áuŋ - sa - u - wait - ha - i
 ler - asp - nom - cop - 1 - decl
 'eu sou leitor'

4.1.2.1.3. [-na] 'relativo'

Esse sufixo dá também ao nome derivado uma nuance de ator, só que a glossa em Português ou Espanhol parece ser de uma relativa: 'é aquele/a que...'. Exemplos:

- (67) a. tátašam p+fm - na - í uhukf - n
 pica-pau fixar - rel -cop cauda-loc
 'ó pica-pau é aquele que se fixa com a cauda'

- b. čuánk makíčik nanám - na - i atúšat yáki
 urubu um voar - rel - cop longe alto
 'urubu é aquele que voa muito alto'
- c. kúhi káši w+ká+ - na - i
 macaco noite caminhar - rel - cop
 'o macaco 'kuhi' é aquele que caminha na noite'
- d. šušuí kúntín táum - na - i
 tatu animal fazer buraco - rel - cop
 'o tatu é um animal que faz buraco'

4.1.2.1.4. [- (t)in(u)] 'agentivo'

Esse sufixo deriva nomes designativos de agente, isto é, eles designam o portador ou agente da ação verbal. Exemplos:

- (68) a. áin-tu-t ---> áin - ka - ŋ - tin(u) 'perseguidor'
 perseguir-ref-inf perseguir-pl-ref-nom
- b. hintin-tú-t ---> hintín- ka - ŋ - tin(u) 'professor'
 ensinar-ref-inf ensinar - pl -ref - nom
- c. čičáma - t ----> čičám - tin(u) 'falador'
 falar - inf
- d. kuitáma - t ---> kuitám - in(u) 'guarda, protetor'
 cuidar - inf
- e. máa-ni-t ---> máa - ni - in(u) 'lutador, guerreiro'
 matar-recip-inf matar-recip-nom

4.1.2.1.5. [-mau] = [-amu] 'concretivo'

Esses sufixos somados a uma base verbal fazem com que a ação verbal seja vista como alguma coisa concreta. Ou seja, o nominal derivado é o resultado da ação verbal. Exemplos:

- (69) a. ačí-t ---> ačí - k - mau 'prisioneiro'
 agarrar-inf agarrar-asp-nom
- b. ihí - t ---> ihi - ámu 'embrulho'
 embrulhar-inf embrulhar-nom
- c. buči- tu - t ---> bučí - t - mau 'movimento'
 chorar-ref-inf chorar-ref - nom
- d. tupikáu - t ---> tupiká - k - mau 'corrida, fugida'
 correr - inf correr -asp - nom

4.1.2.1.6. [-ta-i] 'instrumentivo'

Os nominais derivados com esse sufixo são designativos de instrumento. Esse sufixo parece estar composto por [-ta] 'infinitivo' e [-i] 'instrumento' (ver caso instrumental em 4.1.1.1.2.1.). Exemplos:

- (70) a. agá - ta - i - ŋ - iĩ 'seu caderno'
 escrever-inf-inst-poss-3poss
- b. asák - ta - i 'tranca para porta'
 trancar-inf-inst

- c. šikípa - ta - i 'penico'
 orinar - inf -inst
- d. p+kám - ta - i 'cadeira coletiva'

No caso de nominais formados a partir de certas bases verbais como 'dormir', 'morar', 'vender', 'comprar', o sentido é mais de locativo como:

- (71) a. ayám - ta - i 'lugar de descanso'
 descansar-inf-inst
- b. kanú - ta - i 'lugar de dormir'
 dormir-inf-inst
- c. puhu - tá - i 'lugar para morar'
 viver -inf-ins
- d. iná] - ta - i 'lugar para cozinhar'
 cozinhar-inf-ins

4.1.2.2. Nomes derivados de nomes

Os sufixos nominais que derivam nomes a partir de uma raiz nominal são basicamente três : a) [-tinu] 'possessivo' (ser dono de X), b) [-k+] 'restritivo' e c) [-á] 'primeiro'.

4.1.2.2.1. [-tinu] 'possuidor'

Esse sufixo anexado a uma raiz nominal assinala o possuidor do objeto referido pela dita raiz; corresponde a 'ser dono de X', 'ter X'.

Alomorficamente, [-tinu] é /-tin/ em posição final de sílaba, após a queda da vogal final. Exemplos:

- (72) a. núw+n - tin(u) 'que tem mulher'
 b. áišin - tin(u) 'que tem marido'
 c. wíi - t - ha - i kanú - ŋ - tinu - k
 eu - cop - 1 - decl canoa-poss-nom - tóp
 'eu sou dono da canoa'
 d. níī úči - ŋ - tinu - k
 ele filho-poss-nom -tóp
 'ele é que é tem filho'

4.1.2.2.2 [-k+] 'restritivo'

O morfema [-k+] sufixado a uma raiz nominal delimita ou restringe o âmbito do referente dessa raiz. [-k+] pode se sufixar aos pronomes pessoais, dêiticos, numerais e advérbios. Em todos os casos [-k+] é traduzível como 'somente'; as vezes, significa também 'mesmo'.

[-k+] aparece como /-k/ em final de sílaba, após a queda do núcleo silábico e como /-ki/ quando a sílaba precedente contem uma vogal com o traço [-dorsal] e como /-k+/ após uma sílaba cujo núcleo tem o traço [+dorsal].³⁵ Exemplos:

³⁵ O leitor terá notado que, aqui, há um processo de harmonização vocálica, pois o núcleo silábico do restritivo partilha traços comuns com o núcleo da sílaba precedente.

- (73) a. nayaiimpí - k 'somente o ceu'
 b. áišmanku - k 'somente o homem'
 c. paámpa - k+ - ka 'só banana?'
 d. nuwá - uči - ki - ka 'só a garotinha?'
 mulher-dim - rest - int

4.1.2.2.3. [-á] 'primeiro'

Este sufixo adjungido a uma raiz nominal indica a prioridade do referente mencionado por essa raiz. Quando a raiz termina numa sequência de duas vogais homorgânicas (V_iV_i) ou heterorgânicas (V_iV_j), insere-se um glide epentético entre essas vogais e o morfema [-á]. Assim, se o segundo elemento do grupo vocálico for i ou a o glide é [y], se for +, [g] e se for u, será [w]. Exemplos:

- (74) a. kanu - á 'a canoa primeiro'
 b. yawáã - y - á 'o cachorro primeiro'
 c. kanaw++ - g - á 'os galhos primeiro'
 d. hau - w - á 'o doente primeiro'

4.1.2.3. [-šakama] 'aditivo'

Esse "sufixo" serve de conetivo em construções aditivas e marca a inclusão do referente especificado pela base ao qual se adjunge. Pode ser traduzido por 'também, inclusive', ou pela conjunção 'e' (do Português) ou 'y' (do Espanhol). Em construções negativas [- šakama] tem a glosa de 'tampouco'.

[-šakama] ocorre como /-šakam/ após uma consoante, também com temas monossilábicos, e como / - škam / após uma vogal.

À diferença dos outros sufixos derivacionais apresentados até agora (ver seções 4.1.2.1 e 4.1.2.2), [-šakama] teria características mais de clítico que de sufixo. Por exemplo, o falante Aguaruna traduz a palavra 'también' do Espanhol por hú-šakam ou dú-šakam, construções essas lexicalizadas com base nos dêiticos hu|jú 'este', anú 'esse', respectivamente.

[-šakama] liga-se tanto a categorias lexicais abertas (N, A, V, Adv) quanto às fechadas (pronomes, dêiticos, numerais). Lembre-se que uma das propriedades dos clíticos é que eles aglutinam-se virtualmente a qualquer categoria . Nesse sentido, "affixation processes are constrained by the MAJOR CATEGORY RESTRICTION and by the UNITARY BASE HYPOTHESIS. Clitics are not morphologically constrained by the category of the base they attached to in the same way" (Lefebvre & Muysken (1988:85)).

Morfologicamente, [-šakama] fecha sempre uma palavra, não permitindo a ocorrência de outros morfemas depois dele. Ele ocorre também em forma reduzida: /- ša / após consoantes e como /- š / após vogais. Seguem exemplos com os distintos alomorfes.

- (75) a. kanú - |] - haī - škam 'com minha canoa também'
 canoa-poss-com - também
- b. yuhúmka - na - š 'a mandioca também (ac.)'
 mandioca - ac - também

- c. tsatsá - ŋ - ša 'minha sogra também'
sogra - poss - também
- d. hinká - main - šakam 'pode amarrar também'
amarrar - pot - também
- e. níi - šakam 'ele também'
- f. kampáatum - šakam 'três também'

4.1.3. Marcador de tópico

O marcador de tópico é [-k(a)]. Esse sufixo comporta-se similarmente ao clítico [-šakam], pois ocorre com categorias lexicais (Nome, Adjetivo, Advérbio) e com categorias não lexicais: pronomes e dêiticos. Quando se afixa a um advérbio, sobretudo locativo e temporal, varia com /-ŋ/.

O marcador de tópico não é obrigatório, mas seu uso é freqüente, sobretudo em respostas a perguntas, ou quando o falante quer enfatizar o constituinte que está sendo focalizado. Muitas vezes, podem ser topicalizados mais de um constituinte, o que demonstra que não há topicalização sintática no Aguaruna. Dito em outras palavras, o tópico não é dado por regras de movimento. Aparentemente não podem ser topicalizados verbos finitos, a não ser que eles ocorram nominalizados. Exemplos de construções com marca de tópico:

- (76) a. wíi taka - tá - n(a) wʹ - a - ha - i
eu trabalhar-inf-ac ir - asp - 1 - decl
'eu estou indo ao trabalho'

- b. wíi - ka taka - ta - n(a) w+ - a - ha - i
 eu - tóp trabalhar - inf - ac ir - asp - 1 - decl

Repare-se o contraste entre (75a) e (75b): o primeiro ocorreu numa fala normal, enquanto, no segundo, o falante enfatizou o sujeito de primeira pessoa. Uma tradução literal seria: No que respeito a mim, eu vou ao trabalho. Outros exemplos:

- (77). a. hutíi - k áha taká - hi,
 nós - tóp roça trabalhar - 1pl
 díta - k kánu taká - ina - wa - i
 eles - tóp canoa trabalhar-pl - 3- decl
 'nós trabalhamos a roça, eles trabalham a canoa'
- b. níi n+ŋ+ - na - k ináŋ - ts - u - i
 ela carne - ac - tóp cozinhar-neg-3- decl
 'ela não cozinha carne'
- c. wíi kašíni - ŋ taká - s - ča - tta - ha - i
 eu amanhã - tóp trabalhar-asp-neg-fut-1-decl
 'eu amanhã não trabalharei'.

4.1.3. Morfemas avaliativos

4.1.3.1. O diminutivo [-uči]

O diminutivo é expresso pelo morfema [-uči] 'pequeno', que se usa também com os pronomes pessoais, demonstrativos, numerais, adjetivos e alguns tipos de advérbios.

O morfema [-uči] apresenta uma série de alomorfes condicionados fonologicamente, assim, ele pode ocorrer como /-uč/, /-č / e /-či /. Essas variações alomórficas parecem depender do processo de queda de vogais na língua (ver cap. fonologia, seção 2.5.3). Exemplos:

- (78) a. h+gā - uč 'casinha'
 b. idáuk - uč 'batatinha doce'
 c. idái - č 'lingüinha'
 d. pišák - či - ŋu - m+ - k 'teu passarinho?'
 pássaro - dim - poss - 2poss - int

O diminutivo exprime-se também por adjetivos lexicais: piípič(i) 'pequeno' ou outros com sentido equivalente como tsákat(u) 'mediano, jovem', sútaŋ(u) 'miúdo(a)', que ocorrem como modificadores pospostos ao nome na locução:

- (79) a. núwā piípič 'mulher pequena'
 b. núwā tsákat 'mulher jovem'
 c. áišmank sútaŋ 'homem miúdo'

4.1.3.2. Aumentativo

À diferença do diminutivo, o aumentativo se expressa somente por adjetivos pospostos ao nome. O mais usado é o adjetivo múunt(a) 'grande', mas existem outros itens que podem desempenhar a mesma função, como: +sál]ama 'enorme, alto', w+nkál]ama 'amplo'. Exemplos:

- (80) a. hápa múunt(a) 'veado grande'
 b. áišmank +sáham 'homem enorme'
 c. hínta w+nkál]ma - ču 'caminho não amplo'

Quando se quer expressar um referente somático com conotação pejorativa usa-se o morfema wahasú³⁶ posposto ao nome respectivo:

- (81) a. núhī wahasú 'narigão'
 b. tantán wahasú 'barrigudo'
 c. w+nu wahasú 'bocarra'

Ter-se-á notado que há uma diferença na construção dos conceitos avaliativos. Assim, para o diminutivo é comum o sufixo [-uči], aliás, muito empregado nas interlocuções dos falantes aguarunas. Já o aumentativo expressa-se por adjetivo.

Uma outra distinção diz respeito o morfema [-uči]; com efeito, [-uči] é também um morfema lexical independente, traduzível

³⁶ Segundo os falantes wahasú não tem tradução; isso estaria indicando que wahasú realmente é morfema aumentativo, cujo uso expressa conotação pejorativa.

como 'criança', 'menino'. Esse fato, levar-nos-ia a concordar com Larson (1956a:5) que *-uči* "is not a suffix but rather a compound stem of noun plus noun, since the word for 'child' is *úchi*". Porém, como se verá posteriormente (ver seção 4.1.4.), os compostos têm comportamento diferente. É possível, por outra lado, hipotetizar que inicialmente os falantes construam o diminutivo mediante composição, mas posteriormente houve um processo de gramaticalização³⁷ e *úči* aglutinou-se ao tema nominal, passando, assim, a funcionar mais como sufixo.

4.1.4. Compostos

A formação de compostos resulta da união de dois elementos pertencentes a categorias lexicais abertas como nome, adjetivo, verbo e advérbio. O composto resultante, por sua vez, faz parte também de uma dessas categorias.

No que diz respeito às palavras compostas na língua Aguaruna foram registrados apenas compostos endocêntricos.

4.1.4.1. Compostos endocêntricos

Os endocêntricos são compostos em que a cabeça ou núcleo determina a referência do todo. Em Aguaruna o elemento nuclear aparece em segunda posição, podendo esse núcleo ser sufixado ou não. A seguir, vejam-se as combinações possíveis registradas em

³⁷ Segundo Roberts (1992:1) "Grammaticalization is the process whereby some contrastive lexical element (or class of elements) develops over time into a grammatical element (or class of elements)".

nossos dados de campo (ver discussão ao final dos exemplos respectivos).

4.1.4.1.1. Nomes

[N] + [N]

- (82) a. híi an+ntái 'menina dos olhos'
 olho coração
 b. íkam yawáã 'tigre'
 mata cachorro
 c. kúntin kuwíŋ 'cria, filhote'
 animal nenê

[N] + [[[N]- (suf)]- suf]

- (83) a. numpá hínt - íí 'veias'
 sangue caminho-3poss
 b. nuhí waa - ŋ - íí 'fossas nasais'
 nariz cova-poss-3poss
 c. úči h+gā - ŋ - íí 'placenta'
 menino casa - poss - 3poss

[[N]- suf] + [N]

- (84) a. kunkú - num - iā číči 'cobra espécie'
 palmeira-loc-abl cobra
 b. muŋá - yā čuánka 'abutre'
 cerro - abl urubu

[V] + [N]

- (85) a. tutí - t čičam 'boato, -intriga'
dizer - inf palavras

[[[V]asp]nom] + N]

- b. tsupí - k - mau wakaní 'cicatriz'
cortar - asp - nom sombra

[A] + [N]

- (86) a. šuwín paámpa 'banana (esp.)'
preto banana
- b. múunt dáí 'dentes incisivos'
grande dente

[Adv] + [V]

- (87) a. šíí] wí - ta 'felicidade'
bem ir-inf

[N] + [[V]-suf]

- (88) a. haánč níha - ta - i 'bacia'
roupa lavar - inf - nom
- b. šilíka nahan - in 'seringueiro'
seringa fazer - nom
- c. númi papá - amu 'escada, ponte'
paus fazer-nom

[N] + [[[V]-suf]-suf]

- (89) a. ʔtsā dakum - k - ámu 'relógio'
 sol imitar - asp - nom
- b. papí iŋúm - ŋ - amu 'biblioteca'
 papel amontoar - pl - nom
- c. mú]a tsaka - k - ú 'cordilheira'
 cerro crescer - asp - nom

Em (88) e (89) as construções são compostos sintéticos, pois o núcleo (cabeça) - formado a partir de um tema verbal - é derivado por sufixos deverbalizadores (-ta-i, -u, -amu, -in). Neste caso, o elemento não nuclear aparece como se fosse um argumento interno do tema verbal.

4.1.4.1.2. Adjetivos

[N] + [A]

- (90) a. šáa kuwí] 'milho verde'
 milho nenê
- b. híi tunín 'miope'
 olho torcido
- c. číčam tsuwát 'culpa'
 palavras sujo

[Adv] + [A]

(91) a. d+kás p{nk+l} 'melhor'

certo bom

b. duík múunt 'antiguos'

anterior grande

Nos dados acima nota-se que os itens coocorrentes na construção [X] + [Y] conservam seu acento original, isto é, embora em conjunto constituam uma unidade semântica, eles comportam-se como duas unidades fonológicas independentes. Esse fato seria suficiente para considerar as construções não como palavras compostas, mas sim como locuções. Porém, lembremos a existência de línguas como o Zapoteco do Istmo, onde os elementos dos compostos são também unidades fonológicas independentes (Elson & Pickett (1983) e Pickett (1990)).³⁸

Para os exemplos do Aguaruna, apresentados em (81) a (90), há pelo menos três evidências que nos levam a reconhecê-los como palavras compostas e não como locuções. Em primeiro lugar, cada uma dessas mostras mantém uma unidade semântica, ou seja, a glossa não é previsível necessariamente a partir do significado composicional dos elementos presentes numa estrutura [X] + [Y]. Em segundo

³⁸ Claro, não poderia ser descartada totalmente a possibilidade de considerar todas essas ocorrências como compostos locucionais, semelhante aos "phrasal compounds" do Inglês, Afrikaans, Holandês e Alemão, descritos em Lieber (1992). Essa hipótese deverá ser testada em futuras pesquisas sobre a língua Aguaruna.

lugar, na construção [X] + [Y] é impossível inserir entre [X] e [Y] outro elemento [Z]. Por exemplo, ao inserir-se o determinante **makíčik** 'um' em [[úči] [h+gã-] - íí]] 'placenta' obter-se-ia uma construção agramatical * [[úči] [makíčik] [h+gã-] - íí]].

X Z Y

No entanto, **makíčik** pode modificar cada uma dessas palavras ao aparecerem isoladamente: **makíčik úči** 'um menino', **níí makíčik h+gã -] - íí** 'uma casa deles'.

Finalmente, determinadas características morfológicas da língua Aguaruna evidenciam que as construções acima são interpretáveis como palavras compostas. Por exemplo, o marcador de caso acusativo [-n(a)] sufixa-se ao nome para cumprir a função sintática de argumento interno de um verbo transitivo. Assim, construções como:

- (92) a. **híi anantái** 'menina dos olhos'
 b. **kúntin kuwí]** 'filhote'
 c. **šihínka nahanín** 'seringueiro'
 d. **haánč níhatai** 'bandeja'
 e. **nuhí waa]íí** 'fossas nasais'
 f. **čtsā dakumkámu** 'relógio'

aparecerão no acusativo como:

- (93) a'. **híi anantái-n**
 b'. **kúntin kuwí]á-n**

- c'. šihínka nahaninú-n
 d'. haánč nihátai-n
 e'. nuhí waa]iī - n
 f'. †tsā dakumkamú-n

mas, são agramaticais construções como:

- (94) a". * híí-n anantái
 b" * kuntínu-n kuwí]
 c". * šihinká-n nahanín
 d". * haančí-n níhatai
 e". * nuhí-n waa]iī
 f". * †tsā-n dakumkámu

Ou seja, o fato do marcador de acusativo aparecer no segundo elemento, seria uma prova de que o falante aguaruna está interpretando a construção [X] + [Y] como um todo [[X] + [Y]]_Z e não como dois elementos isolados.

Além das construções listadas na seção 4.14.1, é possível encontrar na língua Aguaruna compostos lexicalizados (exocêntricos?); neste caso, os itens se fusionaram, constituindo uma palavra fonológica com um acento principal só. Exemplos:

- (95) a. yakúsnum < yakús-númi 'árvore (esp.)'
 b. čankínakiš < čankína-kíš 'peixe (esp.)'
 c. náyants < náya-+ntsa 'mar'

- d. nayantsánmayā < náya-intsa-numa-yā 'marítimo'
 e. šiwánkuč < šiwá-nu - kúkuč 'cocona (fruto silvestre)
 f. taišnum < taiš-númi 'árvore (esp.)'
 g. tunuínnum < tunuí-númi 'árvore (esp.)'

No que respeita a estruturas mais complexas, foi possível encontrar somente três exemplos:

- (96) a. h'gā yuhúmak yú - ta - i 'restaurante', 'refeitório'
 casa mandioca comer-inf-inst
 b. a'nts yaákta - num w' - ta - i 'calçada'
 pessoas cidade - loc ir - inf - inst
 c. híinta w+nká'am yaákta - num 'avenida principal'
 caminho amplo cidade - loc

4.2. O Adjetivo

À diferença do Nome (ver 4.1.) e do Verbo (ver 5.1.), reconhecidos como categorias lexicais maiores com base nas combinações com determinados morfemas flexionais e derivativos, a categoria Adjetivo em Aguaruna apresenta características pouco claras.

De acordo com Dixon (1977), todas as línguas possuem Nomes e Verbos, porém "not all languages have the major word class Adjective. Either they have no Adjective class at all, or else there is a small non-productive minor class that can be called Adjective" (p.20).

Como, então, as línguas que carecem da classe Adjetivo exprimem conceitos que em línguas como Inglês, Português ou Espanhol são tratados como adjetivos ?. Para Dixon, algumas delas fazem-no mediante verbos intransitivos (Chinês, por exemplo), outras através dos nomes (como no Quechua) ou por meio de verbos (por exemplo a língua Yurok). Há ainda outras línguas que recorrem a uma categoria menor, a de partículas (é o caso da língua Chinook). De fato, apresentam-se diversas explicações sobre o Adjetivo para as línguas onde a categoria não fica claramente estabelecida. Por exemplo, em muitas línguas os conceitos correspondentes aos adjetivos de línguas européias exprimem-se através de participípios de verbos (Sapir, 1954).

Dixon, baseando-se no Inglês, uma língua com percentagem alta de adjetivos, postula sete tipos de noções semânticas associadas ao Adjetivo. O reconhecimento desses tipos semânticos é justificado com critérios semânticos, morfológicos e sintáticos. Os tipos semânticos postulados são: Dimensão, Propriedade Física, Propensão Humana, Idade, Valor e Velocidade. Segundo a hipótese do autor, essas noções semânticas seriam universais lingüísticos, pois "each language has the same array of types, with more - or - less the same overall semantic contents; however, the morphological/syntactic properties associated with particular types will vary from language to language, and must be learnt for each individual language" (1977:25).

A partir da proposta de Dixon, é possível agrupar os itens lexicais do Aguaruna em tipos semânticos. Esses itens lexicais

exprimem conceitos normalmente relacionados aos modificadores de um SN :

(A) DIMENSÃO

(97)	+sá]am(a)	'grande, alto, extenso'
	b+t]k(a)	'igual, semelhante'
	súta] (u)	'pequeno, baixo'
	b]t+	'cheio'
	ankántuu	'amplo, espaçoso'
	kúna	'profundo, fundo'
		E outros.

(B) PROPRIEDADES FÍSICAS

(98)	ts+ts]k(+)	'frio'
	á+t(a)	'verde (não maduro)'
	s+]kī	'quente'
	dagá]	'imaturo'
	púkuts(u)	'mole, suave'
	búku	'seco'
	udú	'cru'
		E outros mais.

(C) COR

- (99) púhu 'branco'
 duwínip 'cor rosa'
 čamá 'branco'
 dagáank 'cor laranja'
 šuwín 'preto'
 wašúu 'gris, cinzento'
 E outros.

(D) PROPENSÕES HUMANAS

- (100) úpa 'mudo'³⁹
 putsúu 'pálido, anêmico'
 čípi 'chorão'
 kága 'mulher estéril'
 dáki 'preguiçoso'
 d'íts+ 'louco'
 tsumáin 'feio'
 yáhau 'bruto, rústico'
 E outros.

³⁹ Empréstimo do Quechua.

(E) IDADE

(101)	tsákat	'jovem'
	kuwí:]	'nenê '
	dátsa	'solteiro'
	ʃmkau	'maior'
	ankáham	'solteira'
	ʃk+u	'menor'
	múuntuč	'velho, ancião'

(F) VALOR

(102)	pʃnk+:] (a)	'bom'
	yúpičuu	'fácil, barato'
	šii:]am(a)	'bonito, formoso'
	ákik(a)	'caro'
	yáhau	'ruim, rudo'

(G) VELOCIDADE

(103)	waámak	'rápido'
	wau:]úš	'pressa'
	diipás(a)	'lento, devagar' ⁴⁰
	wáhiuč	'rápido'

⁴⁰ Derivação do Espanhol : despacio > diipás .

4.2.1. Características morfológicas

Em termos da morfologia derivacional os itens lexicais tratados como adjetivos em Aguaruna, são primitivos e derivados. Os primitivos são palavras monomorfêmicas como os itens listados de (97) a (103).

Os adjetivos derivados formam-se com os morfemas - č(a)u 'negativo', que aparece principalmente em antônimos; - (u)č(i) 'diminutivo', que é usado em expressões afetivas o que exprimem dimensão, e -tin(u) 'atributivo', que assinala a presença de uma determinada característica.

Os morfemas acima citados sufixam-se às bases Nome, Adjetivo e Verbo; não tenho registro de adjetivos derivados de advérbios. Vejam-se os exemplos seguintes.

- (104) p{nk+} - čau 'ruim, mal'
 bom - neg
 ákik - čau 'barato'
 caro - neg
 yamáhma - ču 'velho (coisas)'
 novo - neg
- (105) datsá - uč 'solteirinho'
 solteiro-dim
 {k+u} - uč 'menorzinho'
 menor - dim

	yáíŋ - či	'pequeninho
	pequeno-dim	
	šííŋma - učí	'bonitinha
	bonita-dim	
(106)	káya - ŋ - tin(u)	'pedregoso'
	pedra - poss - den	
	pušú - tin(u)	'espumante'
	espuma-dem	
	yumí - ŋ - tin(u)	'suculento, sucoso'
	agua - poss - den	
	čičám - tin(u)	'falador'
	palavras-den	

Os itens supracitados (104, 105, 106) teriam, em princípio, características do Nome, pois como se pode ver, morfologicamente flexionam-se com sufixos denominais : - č(a)u, - (u)č(i) e - tin(u). Teoricamente, todos esses itens são aptos a receberem o marcador de caso acusativo - n(a) numa construção Nome+Adjetivo-n(a)+ Vtr (ver caso acusativo em 4.1.1.1.1.2.). No entanto, todos eles funcionam como modificadores pós-nominais no Sintagma Nominal, característica não partilhada pelos itens tratados sob o rótulo Nome.

Por outra lado, esses mesmos itens não recebem os marcadores nominais de caso genitivo, instrumental, locativo, vocativo, comitativo e ablativo; tampouco se flexionam com os sufixos de

pessoa (ver marca de posse em 4.1.1.2.p.), característica principal dos itens considerados como Nome.

Outro grupo de itens que podem ser tratados como adjetivos, formam-se a partir de uma base verbal em combinação com o sufixo deverbalizador [-m(a)u] ≈ [-amu]. Em alguns dos exemplos abaixo (105) o morfema [-m(a)u] ≈ [-amu] é precedido pelos sufixos aspectuais: - s(a) 'ação pessoal', - k(a) 'ação singular' e - ŋ(a) 'ação plural'. Exemplos:

- (107) aká - s - mau 'ciumento'
 ter ciume-asp-nom
 akí - k - mau 'pagamento'
 pagar-asp-nom
 sukú - ŋ - mau 'reduzido'
 reduzir-asp-nom

O derivativo nominal [-tín(u)] 'atributivo' usa-se também para derivar itens adjetivos a partir de uma base verbal, como se vê a seguir:

- (108) suku - tín(u) 'quente'
 esquentar - den
 čupi - tín(u) 'molhado', 'húmido'
 molhar - den
 biča - tín(u) 'gelado', 'frio'
 refrescar - den

búutu - tin(u) 'chorão'
 chorar - den

Um último grupo de itens considerados como adjetivos, são os participípios verbais; morfologicamente derivam-se da combinação de uma base verbal mais o sufixo flexivo [-u] 'passado estativo', alternando, às vezes, com o sufixo [-+] 'passado perfectivo estativo'. Estes itens também recebem os marcadores de aspecto: - k(a) 'ação singular' e - ŋ(a) 'ação plural'. Exemplos:

(109) takímpa - k - + 'empolhado'
 cuidar pintinhos-asp-est
 wapíkma - u 'manchado'
 tingir - est
 ha - ká - + 'morto'
 i- činká - u 'roto'
 caus-romper-est
 ikiyaám - ŋa - u 'nublado'
 nublar - asp - est

Em resumo, os itens de (97) a (109) podem ser enquadrados nos sete tipos semânticos postulados em Dixon (1977), exceto os do grupo (103), que denotam velocidade e funcionam mais como advérbios, pois não foram encontrados como modificadores pós-nominais no SN. Porém, os itens de (97) a (109) apresentam entre si diferenças morfológicas. De fato, há itens primitivos que semântica

e morfologicamente seriam adjetivos (105-107), e há itens derivados que semânticamente são adjetivos, mas que recebem marcadores denominais (cf.106) e deverbativos (cf.107, 108). Estes últimos subdividem-se em três grupos:

A. Itens derivados que tomam como base um Nome mais o sufixo denominal - **tin(u)** (Cf. 106). Como esse sufixo é também derivativo da categoria Nome, poder-se-ia concluir que esses itens possuem o traço [+Nominal].

B. Itens adjetivos formados a partir de um tema verbal mais o deverbativo - **tin(u)** 'atributivo', como nos exemplos de (108).

C. Itens formados a partir de uma raiz verbal, mais um sufixo flexional de aspecto e o sufixo de nominalização - **m(a)u** = - **amu** (ver 107).

D. Itens que contêm igualmente uma base verbal, mais sufixos flexivos de aspecto - **k(a)**, - **ŋ(a)** e estativos - **u** e - **+** (Ver 109).

Tanto em (B) quanto em (C) e (D) os itens derivados partilham bases verbais, além disso, em (C) e (D) há a presença de marcadores de aspecto.⁴¹ Esse fato levanta a questão se esses itens são realmente adjetivos, pois como observa Dixon (1977:63) "typically Adjective is likely not to require tense/aspect/mood or whatever specification it is that characterises members of the class Verb in a given language, and it may be independent of specification for number/person or whatever it is that characterises Nouns". Do mesmo modo, "certain states, naturally described by adjectives, contrast

⁴¹ Esse fato parece ser não estranho nas línguas, por exemplo, no estudo de Backhouse (1984) observa-se que os -i adjetivos do Japonês levam flexão de tempo.

with states that are result of some action " (p.58). Nesse sentido, os itens descritos em (C) e (D) em sua maioria expressam estados como resultado de uma ação.

Sendo assim, reconhecer-se-á a categoria Adjetivo na língua Aguaruna?. Só pesquisas futuras específicas sobre os Adjetivos nessa língua poderão elucidar esse problema. Por enquanto, assumir-se-á que em Aguaruna há uma classe Adjetivo (A); desse modo, os exemplos de (97) a (102) e os de (104), (105) e (106) serão caracterizados como [+N, -V] (Compare-se com o Quechua, descrito em Lefebvre & Muysken (1988)), e aqueles itens de (107), (108) e (109) serão [+N, +V] como nas línguas Yurok e Samoan (Ver Dixon (1977)). Estes últimos, à diferença dos verbos recebem, a marca de acusativo [-n(a)] numa construção Nome + Modificador-Acusativo (cf. exemplos 108b,c,d,f, em 4.2.2.1.).

Agrupados os itens dessa maneira, resulta compreensível entender porque eles recebem caso acusativo na língua Aguaruna, pois, em termos de Chomsky (1974, 1981), toda categoria lexical com o traço [+Nominal] pode potencialmente receber caso.

4.2.2. Distribuição sintática do Adjetivo

Os itens lexicais considerados como adjetivos funcionam como adjuntos adnominais no SN. Num sentido amplo, os adjetivos "can be used of any constituent that modifies a head noun within a noun phrase" (Dixon (1992:1). Reconhecem-se dois tipos de adjetivos: os descritivos e os determinativos.

4.2.2.1. Adjetivos descritivos

Os adjetivos descritivos (itens na seção 4.2) são modificadores pós-nominais, diferenciando-se dos determinativos pela sua capacidade de aparecerem ora como atributo, ora como predicado. Vejam-se alguns exemplos.

4.2.2.1.1. Adjetivos em função atributiva

Os adjetivos que ocorrem como atributos vêm pospostos ao nome.

- (110) a. háanč yamá] - n(a) sumá -] - ha - i
 roupa novo - ac comprar - asp - 1 - decl
 'eu compro roupa nova'
- b. yúmi suku - tnú - n(a) úm - a - ha - i
 agua esquentar-nom - ac beber- asp - 1 - decl
 '(eu) estou bebendo agua quente'
- c. wíi máma kau -] - ú - n(a) áhap+ - a - ha - i
 eu mandioca apodrecer-asp-est-ac jogar - asp - 1 - decl
 'eu joga fora a mandioca podre'
- d. awačí - škam paámpa tsama - k - ú - n(a)
 mãe - também banana madurar-asp - est - ac
 hú - ki katí -] - m - +
 levar - asp cruzar-asp -passd-3
 'a mãe também cruzou (o rio) levando bananas maduras'

- e. n+]}+ udú dakitá - hi
 carne cru não-querer-1Pl
 'não queremos carne crua'
- f. dús+ uku - ámu - n(a) katíp kuwášat
 amendoim plantar-nom - ac rato intens
 amu - á - wa - i
 terminar - asp - 3- decl
 'o rato está comendo muito o amendoim plantado'

Os adjetivos que cumprem função atributiva são modificados, por sua vez, por um conjunto restrito de intensificadores (pré-adjetivos), como *šíiŋ*, *tikíma*, *imáanik* e *imá*, todos traduzíveis como 'muito', exceto *imá*, que significa 'mais'. Exemplos desses intensificadores.

- (111) a. Nueva Vidak tikima yaigchi junak dekas
 nueva vida-top muito pequeno-dim esse-top verdade
 yaktauchin tajai
 aldeia-dim digo-eu
 'Nueva Vida é muito pequena, eu digo que ela é realmente
 uma aldeia pequena' (De: M. Larson (1978:348))
- b. [...] untsu entsaji aidau imaanik muun atsawai [...]
 porém riacho-seu são muito grande eles-não-há
 'no entanto, seus riachos não são muito grandes'
 (De: M. Larson 1978:351))

- c. hū a^hntsu - k šíi^h watsa - ^h - u - í
 este pessoa - tóp muito emagrecer-asp-est-cop
 'esta pessoa está muito magra'

4.2.2.1.2. Adjetivos em função predicativa

Os adjetivos em função predicativa ocorrem com o sufixo copulativo [-i] = [-ai] 'ser, estar', que aparece também com outros verbos que funcionam como copulativos do tipo **wahát** 'estar em pé', **tipít** 'deitar', **puhút** 'estar'. A seguir, alguns exemplos.

- (112) a. hū atáš á - ina - u p^hnk^h - čau - wa - i
 este galinha ser - pl- nom bom - neg - 3 - decl
 'estas galinhas são feias'
- b. yuhúmak katsúhma - i
 mandioca dura - cop
 'a mandioca é dura'
- c. kánu múunta - k haaku - ^h - u - í
 canoa grande - tóp romper - asp - est - cop
 'a canoa grande está estragada'
- d. atáš áyum púhu múunt waha - s - í
 galo branco grande estar em pé - asp - est
 'o galo branco está grande'
- e. účí wisúu puhá - wa - i
 menino nú estar - 3 - decl
 'o menino está nu'

f. yúmi ičínka - nma - yā níimpain - ai
 agua panela - loc - abl quente - cop
 'a água da panela está quente'

4.2.2.2 Adjetivos determinativos

À diferença dos descritivos, os itens lexicais considerados como adjetivos determinativos, ocorrem somente como modificadores pré-nominais no SN. O termo determinativo é entendido aqui como "cualquier modificación de un elemento nominal, o de manera más estricta, aludiendo con él a unos elementos gramaticales, que suelen preceder al nombre en el sintagma nominal y que lo precisam, situam, o cuantificam semánticamente, ya que dan al nombre, que tiene carácter virtual en su contenido, un valor existencial actualizado" (Hernández Alonso (1986:444)).

Incluimos como determinativos os dêíticos (huŋú 'este(a)', anú 'esse(a)', áu 'aquele(a)'), os possessivos (mí-na 'meu, minha', ámi-na 'teu, tua', níi - na 'seu, sua' ...), os numerais (makíčik 'um', hímaŋ 'dois', ...) e os quantificadores (kuwášat 'muito', imáčik 'pouco', ...).

No que segue, apresentam-se exemplos que mostram o emprego dos adjetivos determinativos.

4.2.2.2.1. Uso de dêíticos

(113) a. huŋú n^{h+} - k šíiŋ katsúŋma - i
 este carne - tóp intens duro - cop
 'esta carne está muito dura'

- b. anú yawáã - k učí - na - k +sái - č - m - +
 esse cachorro-tóp menino-ac-tóp morder - neg - passd-3
 'esse cachorro não mordeu o menino'
- c. wíi áu kutunkú - n dakáp - mama - t - ha - i
 eu esse camisa - ac experimentar-rflx-fut-1-decl
 'eu experimentarei aquela camisa'

4.2.2.2.2. Possessivos

- (114) a. ámi - na yatsú - m nuw' - nau - k - ait
 2 - gen irmão - poss mulher-gen - int - cop
 'teu irmão é casado?'
- b. mí - na nuw' - š +hám - tin - čau - wa - i
 1 - gen mulher-clít engravidar-nom -neg - 3- cop
 'minha mulher tampouco está grávida'

4.2.2.2.3. Numerais e quantificadores

- (115) a. tánčim makíčik kutúnk yamá]ma - n(a)
 N.P. um camisa novo - ac
 sumá - k - tat - u - i⁴²
 comprar - asp - fut - 3 - decl
 'Tanchim comprará uma camisa nova'
- b. wíi kašín kampáatum' atašú - n(a)
 eu amanhã três galinha - ac

⁴² makíčik em seu conteúdo básico é numeral, mas às vezes, pode ser interpretado como indefinido. O desenvolvimento do numeral 'um' como marcador indefinido nas línguas, é descrito em Givón (1981). Ver também Seiler (1990).

su]ú - k - tat - ha - i

vender -asp - fut - 1 - decl

'eu amanhã venderei três galinhas'

c. p̄aati imáçik kanká - n(a) ačí - k - m - +

N.P pouco peixe-ac pegar-asp-passd - 3

'Paati pescou pouco'

wáamak	'quick'	s+ ^h kī	'hot'	kah+n	'fierce'
diipás	'slow'	ts+ts+k	'cold'	yáhau	'cruel'
múunt	'big'	çupi-tín	'wet'	tsánka	'kind'
mánçuçi	'small'	búku	'dry'	súhī-çu	'generous'
+sáham	'long'	uhái-mu	'open'	akásm-au	'jealous'
súta]	'short'	udú	'raw'	síi] an+ás	'happy'
w+nkáham	'wide'	tákam-çau	'whole'	s+nçi	'clever'
mínav	'narrow'	kihín	'heavy'	p+nk+]]	'good'
kúna	'deep'	wámpu	'light'	p+nk+]] -çau	'bad'
awántak	'shallow'	šuwín	'black'	yamáham	'new'
uyúk	'sharp'	púhu	'white'	a]út	'old'
šunkái	'blunt'	kapántuu	'red'		

Quadro (2): Adjetivos a partir de Dixon (1977)

4.3. Numerais

A numeração básica em Aguaruna é de um a cinco. Para referir-se a quantidade maior o falante pode empregar o quantificador kuwášat 'muitos'. Tradicionalmente, os Aguaruna tinham uma numeração até vinte (20), incrementando o número por adição e fazendo uso dos dedos das mãos e dos pés. Atualmente, devido ao contacto com a sociedade nacional peruana, os falantes recorrem mais aos números emprestados do Espanhol. Os números de um a cinco são :

- (116) 1 makíčik
 2 híma
 3 kampáatum
 4 ipák úsu - ma - t
 urucu pintar-reflx-inf
 5 múunt úw+
 grande dedo (Lit. dedo grosso)

A contagem é feita começando com o dedo mínimo, passando pelo anular, o médio, o indicador e por último o polegar.

Nas aldeias localizadas no distrito do Cahuapanas (Prov. do Alto Amazonas) os Aguaruna empregam alguns numerais do Quechua para expressarem 10, 100 e 1000:

- (117) 10 čúnka
 100 (makíčik) páčak
 1000 (makíčik) wára

Na seção anterior (cf.4.2.1.2,) viu-se que os numerais ocorrem no SN modificadores prepostos, à diferença dos adjetivos descritivos, que são modificadores pospostos. Essa diferença não é exclusiva do Aguaruna, mas é uma característica também de outras línguas. Pois, "[e]s muy frecuente que los gramáticos hablen de los numerales como adjetivos, -por su carácter de modificadores sintácticos del sustantivo. Sin embargo, resulta necesario destacar que, en muchas lenguas, los cardinales, especialmente, no

siguen las reglas del orden de colocación de los adjetivos en la frase, sino el de los determinantes" (M. Marín, 1988: 321).

Em termos de descrição gramatical os numerais supracitados, seriam considerados como cardinais. Quanto aos ordinais, eles não existem propriamente, mas o Aguaruna mantém três formas para indicar ordem: a) uso do sufixo [-(y)á] 'primeiro', b) o morfema *núwi* 'depois', c) nominalização da raiz verbal *nankán-* 'terminar'. Exemplos:

- (118) a. *wii - yá* *čičá - k - ta - ha - i*
 eu-primeiro falar-asp -fut - 1 - decl
 'eu falarei primeiro'
- b. *núwi* *ám+* *čičá - k - tá*
 depois você falar - asp - 2imp
 'você fala depois'
- c. *nankán - bau - num* *wáya* *čiča - k - tí*
 terminar -nom - loc N.P. falar - asp - 3imp
 'por último que fale Waya'

4.4. Sistema Pronominal

O vocábulo pronominal será usado como termo de cobertura (cover term) para designar um conjunto de categorias lexicais fechadas (menores), que em determinadas circunstâncias são os substitutos tanto de uma categoria sintagmática SN, quanto de uma categoria lexical nominal N. (Schachter (1985), Radford(1988)).

Os pronominais em Aguaruna diferenciam-se dos Nomes em que:

a). Os pronominais constituem uma classe fechada, ou seja, fazem parte das categorias lexicais menores; o Nome é uma classe aberta, isto é, uma categoria lexical maior.

b). Sintaticamente, tanto os pronomes como os nomes ocorrem como argumento interno e externo na frase.

c). Funcionalmente, os pronominais referem-se às pessoas gramaticais:

- primeira pessoa (falante)
- segunda pessoa (ouvinte)
- terceira pessoa (não falante e não ouvinte).⁴³

d). Os pronominais não recebem os marcadores morfológicos de posse (cf. 4.1.1.2,), característica principal da classe Nome.

e). Os verbalizadores [-ma] 'factitivo', os assertivos [-a] 'presente' e [-+] 'passado', [-mága] 'transformativo', e o infinitivo [-t] ocorrem somente com os nomes, mas não com os pronominais.

f). Não todos os marcadores de caso que aparecem no Nome são usados com os pronominais. Estes ocorrem apenas nos casos nominativo, acusativo, genitivo, e comitativo.

⁴³ Os pontos (a), (b) e (c) são, na verdade, características universais das línguas naturais.

g). Tanto os nomes como os pronominais combinam-se com os verbalizadores [-aita] e [-yí] (equativos presente/passado, respectivamente), com os sufixos [-k+] 'restritivo', [-(y)á] 'primeiro', [-uči] 'diminutivo' e o clítico [-šakam] 'aditivo'.

Levando-se em conta essas características, assume-se que os pronominais no Aguaruna são os pronomes (a) pessoais, (b) possessivos, (c) demonstrativos (dêíticos) e (d) interrogativos. Os chamados pronomes recíprocos e reflexivos são sufixos que acompanham os verbos, e os relativos aparecem como dêíticos ou como sufixos nominalizadores (cf. capítulo de sintaxe em 6.2.3.2.3.2.). Quanto aos indefinidos, meus dados registram apenas **makičkiš** 'algum(a), alguém', **tikič** 'outro', e o numeral **makičik** 'um', que funciona igualmente como indefinido.

4.4.1. Pronomes pessoais

Esta sub-classe de pronomes é formada por raízes que ocorrem independentemente. Temos assim:

Singular

(119)	wíi	[+ego, - tu]	'eu'
	ám+	[-ego, +tu]	'você'
	áu	[-ego, - tu, +visível]	'ele, ela'
	níi	[-ego, -tu, -visível]	'ele, ela'

Plural

(120)	íi	[+ego, +tu, +Pl]	'nós (inclusivo)'
	hutíi	[+ego, -tu, +Pl]	'nós (exclusivo)'
	átum	[-ego, +tu, +Pl]	'vocês'
	díta	[-ego, -tu, +Pl]	'eles, elas'

Exemplos:

- (121) a. wíi puhá - ha - i 'eu estou'
 1 estar - 1 -decl
- b. ám+ áha múunt áika - m+ 'você faz roça grande'
 2 roça grande fazer - 2
- c. íi makíčik hápa wáin - ka - m - hí
 1Pl um pássaro ver - asp - passd-1Pl
 'nós (incl.) vimos um veado'
- d. átum báčit áinau sumá - k - ta - ŋ - m+ - stai
 2 facão plural comprar-asp-fut -pl - 2 - opt
 'vocês talvez comprem facões'

Como o verbo em Aguaruna recebe flexão de número e pessoa, os pronomes pessoais em função de sujeito na frase são frequentemente omitidos :

- (122) a. kaśín háanč wasuú - n(a) hu - ki - áŋ - tat - u - i
 amanhã roupa gris - ac levar - asp -pl -fut - 3 - decl
 '(eles/elas) amanhã levarão roupa cor gris'

- b. máma yáil̩ hu - kí - tta - m+ - k
 mandioca pequena levar - asp - fut - 2- int
 '(você) levará mandioca pequena?'

4.4.2. Pronomes possessivos

Os pronomes deste sub-grupo indicam a pessoa do possuidor, ocorrem na locução precedendo o elemento possuído e vêm marcados com o sufixo de genitivo [-n(a)], formalmente idêntico ao do caso acusativo (ver acusativo em 4.1.1.1.2.) e distinto do sufixo genitivo que ocorre com os nomes (ver genitivo em 4.1.1.2.1.). A marca de genitivo raramente aparece nos possessivos da segunda e terceira pessoas do plural. Exemplos:

- (123) mí - na uw+ - ŋ 'minha mão'
 1 - gen mão - poss
- ámi - na uw+ - ŋú - m 'tua mão'
 2 - gen mão - poss - 2poss
- níi - na uw+ - ŋu - íi 'mão dele/a'
 3 - gen mão - poss - 3poss
- íi - na uw+ - ŋu - íi 'nossa mão'
 1pl - gen mão - poss - 3poss
- atúmi uw+ - ŋú - m 'mão de vocês'
 2pl mão - poss - 2poss
- ditá uw+ - ŋu - íi 'mão deles/as'
 3pl mão - poss - 3poss

4.4.3. Pronomes demonstrativos (dêiticos)

Os dêiticos determinam no espaço e no tempo a posição do indivíduo ou item com relação às pessoas gramaticais. Os dêiticos do Aguaruna refletem diferentes graus de "proximidade" com respeito ao falante e ao ouvinte (Lyons (1979):

- (124) huꞑú [próximo do falante] 'este' ⁴⁴
 anú [distante do falante] 'esse'
 áu [distante do falante
 distante do ouvinte] 'aquele'⁴⁵

Os demonstrativos em Aguaruna são usados isoladamente e como modificadores de um SN como se vê nos exemplos a seguir:

- (125) a. huꞑú aꞑntsu - k šíiꞑ watsaꞑu - í
 este pessoa - top intens magro-cop
 'esta pessoa está muito magra'
 b. anú nuwá - uč wasúnkam - u - i
 esse mulher-dim brincar - 3 - cop
 'aquela garotinha está brincando'

⁴⁴ huꞑú em muitos casos reduz-se para hũũ .

⁴⁵ Notar-se-á que áu 'aquele' coincide com o pronome pessoal de 3ª (cf. 4.41.). Seguindo Lyons (1979:294) "Em muitas línguas não se faz nenhuma distinção entre os 'demonstrativos' e os 'pronomes pessoais de terceira pessoa'".(cf. também Schachter (1985).

- c. áu paámpa itáa - ta
aquela banana trazer - 2imp
'traga aquela banana'
- d. huḡú s'nči wak'ga - ha - i
este intf querer - 1 - decl
'este desejo mais'
- e. anú kampáatum su - ḡu - s - tá
esse três dar - lobj - asp - 2imp
'dê para mim esses três'
- f. áu kaší - num s'nči búut - u - i
aquele noite - loc intf chorar - 3 - decl
'Aquele está chorando muito na noite'

Os demonstrativos em combinação com o sufixo locativo [-ī] ocorrem na função de advérbios. Por exemplo:

- (126) a. huḡú - ī atsá - wa - i
este - loc neg - 3 - cop
'ele/a não está aqui'
- b. áišmanku - k anu - í puhá - wa - i
homem - tóp ai - loc estar - 3 - decl
'o homem está ai'
- c. au - í - y - ai wíi w' - amu - k
ali- loc- ep - cop 1 ir - nom - tóp
'alí é o lugar para onde eu vou'

4.4.4. Interrogativos

Em Aguaruna os interrogativos apresentam uma oposição entre [+animado] **ya** 'quem' e [-animado] **wahíi** 'que'. Essas formas (que, quem) e também **tu** 'qual' ocorrem como nominais e recebem marcadores de caso:

(127) a. wahíi- Ø čínki - ita

Qu- nom ave - cop

'que ave é esta?'

b. wahíi - na áika - wa níi - š

Qu - ac fazer - 3 ele - dub

'o que está fazendo ele?'

(128) a. yá - Ø miná - m - +

Qu- nom vir - passd - 3

'quem veio?'

b. yá - na wáin - ka - m - + níi - š

Qu - ac ver - asp - passd-3 ele - dub

'quem ele viu?'

c. yá - haī čičá - k - m - +

Qu - com falar - asp - passd - 3

'com quem ele falou?'

- (129) tú - na níi wak'ga - wa
 Qu - ac ele querer - 3
 'Qual ele quer?'

Outros interrogativos do Aguaruna exprimem perguntas referentes a lugar, tempo, causa, modo, quantidade e funcionam sintaticamente como advérbios. Os interrogativos de quantidade, tempo e modo podem ser flexionados com o copulativo [-ita], o locativo com o sufixo de caso ablativo. O interrogativo de causa não leva sufixo algum. Exemplos:

- (130) a. wahúpaa mihán - ait - pa
 Qu- ano - cop - 2
 'quantos anos você tem?
 b. wahúpaa áišmank á - wa
 Qu- homem haver - e
 'quantos homens há ?'

- (131) wahutíi waká - tta - m+
 Qu- chegar - fut - 2
 'quando você chegará ?'

- (132) a. tuwíi puhá - m+
 Qu- viver - 2
 'onde você mora ?'

- b. tuwíi - yā min - ína - wa
 Qu- - abl vir - pl - 3
 'de onde vêm eles?'
- (133) a. wahúk pamáu - š má - mu - m+
 Qu- anta - dub matar - passd - 2
 'como você matou a anta?'
- b. wahúku - ita čájap
 Qu - cop tartaruga
 'como é a tartaruga?'
- (134) a. wánka mahía - š wáamka wakít - ua
 Qu N.P.- dub rápido voltar - 3
 'por que Majia volta rapidamente?'
- b. wánka w+ - m - + níi - š
 Qu ir - passd - 3 ele - dub
 'por que ele foi embora?'

Nominativo		Outros casos/sufixos
wahíi 'nom.'	QUE	wahíi-na 'acus.' wahíi -yai 'inst.' wahíi - num 'loc'
ya 'nom.'	QUEM	yá-na 'acus.' yá-nau 'gen.' yá-hai 'com.' yá-ita 'Qu - cop'
wahúpaa	QUANTO	wahupáa-ita 'Qu - cop'
wahutíi	QUANDO	wahutí-ya 'Qu - cop'
tuwíi	ONDE	tuwíi - yá 'abl.'
tú	QUAL	tú - na 'acus.' tú - dau 'gen.'
wahúk(u)	COMO	wahúku - i 'Qu - cop'
wánka	POR QUE	-----

Quadro (3): Interrogativos

4.5. O Advérbio

O Advérbio como categoria lexical independente representa, nas línguas naturais, uma classe muito heterogênea. Schachter (1985) por exemplo, afirma que o rótulo advérbio aplica-se a conjuntos diferentes de palavras numa língua, conjuntos esses não necessariamente relacionados entre si, seja gramatical ou nocionalmente. Para Givón (1984), o Advérbio é uma classe lexical semântica, morfológica e sintaticamente mista. Para ele, os

advérbios soem ser derivados a partir das categorias Nome, Verbo, e Adjetivo. De fato, as unidades incluídas como advérbios são tão complexas, que muitos autores consideram como advérbio toda palavra que não é substantivo, adjetivo nem verbo.

Morfologicamente, os advérbios carecem de flexões, o que leva muitos lingüistas descritivos a tratá-los como uma sub-classe da categoria Partículas (Elson & Pickett (1983), Jespersen (1924), Hockett (1948), Hjelmslev (1976)).

Uma definição funcional do Advérbio, é considerá-lo como a palavra que modifica o Verbo, o Adjetivo ou outro Advérbio. Porém, o Advérbio pode também ter escopo sobre uma frase como um todo, e sobre um Sintagma; isso leva autores como Schachter (1985) a apresentarem uma definição estendida de advérbio. Assim, para Schachter os advérbios "function as modifiers of constituents other than nouns". (p.20). Essa definição permite incluir tanto os advérbios de frase quanto os que modificam um Sintagma (SA, SV, SADV). Em termos da teoria gerativa, os advérbios são gerados em posição de adjunção do constituinte que modificam (Jackendoff (1972, 1977), McCawley (1983), Travis (1988), Rochette (1991).

Não é objetivo desta tese aprofundar na discussão teórica dos advérbios, o leitor interessado no tópico pode consultar os trabalhos de Bomfim (1988), Ilari et alii (1990), Pinkster (1972), os autores acima mencionados e outros que aparecem na bibliografia.

Para nosso propósito, endorsar-se-á a definição de advérbio dada em Schachter (1985), ou seja, serão consideradas advérbios em Aguaruna todas aquelas palavras que modificam um constituinte,

exceto o Nome. Os itens considerados como advérbios aparecem sem flexões, exceto alguns deles, como os locativos e temporais, que recebem marcas de 'diminutivo' e 'tópico'. O comportamento desses dois tipos de advérbios ao aceitarem os marcadores de 'diminutivo' e de 'tópico', leva a pensar numa afinidade entre nomes e advérbios, pois esses marcadores são morfemas altamente produtivos com relação aos nominais em Aguaruna. Contudo, à diferença dos nomes os advérbios não recebem marcação de caso, nem flexão de pessoa (marca de posse). Por outro lado, os advérbios assemelham-se aos adjetivos em que cumprem a função de modificadores, mas estes últimos somente modificam o núcleo do SN, característica não partilhada pelos itens considerados como advérbios.

4.5.1. Classificação e descrição dos advérbios

Os itens classificados como advérbios aparecem como constituintes opcionais na oração. Sintaticamente, os advérbios no Aguaruna podem ser de três tipos:

- 1). Advérbios que se situam pré-verbalmente (SV ou V). Esta classe inclui principalmente os advérbios de modo e os locativos.

- 2). Advérbios que aparecem em posição à esquerda do SV ou ao começo da oração. Neste grupo situam-se os advérbios temporais e que se caracterizam por sua mobilidade, podendo ocupar diferentes posições na oração. Por exemplo, eles podem localizar-se em

posição inicial ou final da oração, e inicial ou final do SV. Assumo que quando ocorrem posicionados são o produto de deslocamento à direita.

- 3). O terceiro grupo é constituído pelos intensificadores, que à diferença dos advérbios dos grupos (1) e (2), modificam não somente o SV, mas também um adjetivo ou outro advérbio. Advérbios deste tipo ocorrem adjacentes, à esquerda do elemento que modificam, adjacência que pode ser interrompida nas orações transitivas onde opcionalmente aparecem antes do objeto direto.

Por sua significação os advérbios no Aguaruna podem ser temporais, locativos, de modo e de grau (intensificadores).

4.5.1.1. Advérbios de modo

Advérbios deste subgrupo indicam a maneira como se realiza a ação. Eles têm como escopo o núcleo verbal ou o Sintagma Verbal⁴⁶. Exemplos:

- (135) a. waámak númi tsupi - k - tá
rápido pau cortar - asp - 2imp
'rapidamente corta o pau'

⁴⁶ " ... pode se caracterizar o escopo como um conjunto de conteúdos afetados por algum operador; no caso esse operador é o próprio advérbio, e os conteúdos em questão são supridos por outras expressões que com ele interagem no mesmo contexto" (Ilari et alii (1990:104).

- b. níi diipás yuhúmka - n(a) yu - á - wa - i
 ele devagar mandioca - ac comer-asp- 3 - decl
 'ele está comendo devagar a mandioca'
- c. dáwa šíiŋ aha - ŋíi - n(a) taká - wa - i
 N.P. intf chácara - 3poss-ac trabalhar-3-decl
 'Dawa trabalha bem sua chácara'

Nesses três exemplos o escopo dos advérbios **waámak** 'rapidamente', **diipás** 'devagar' e **šíiŋ** 'bem', é o SV. Note-se também que entre o verbo e o advérbio ocorre um SN - objeto direto. Nos exemplos de (136), abaixo, os advérbios têm escopo apenas sobre o núcleo (V):

- (136) a. kanú - n(a) waámak awa - ŋ - tá - ha - i
 canoa - ac rápido fazer-asp - fut - 1 - decl
 'rapidamente vou fazer uma canoa'
- b. s'ŋči awa - k - tá
 forte bater - asp - 2imp
 'bata com força'
- c. s'kut híik čičá - wa - i
 N.P. alto falar - 3 - decl
 'Sekut fala alto'

4.5.1.2. Advérbios de tempo

Os advérbios de tempo caracterizam o momento em que se realiza a ação. Os advérbios de tempo têm escopo sobre a frase como um todo ou sobre o SV. Uma característica dos advérbios de tempo é sua mobilidade, pois podem aparecer tanto em posição inicial e final de frase, quanto em posição pré- e pós- SV. Nos exemplos de (137) observa-se que o advérbio incide sobre a frase toda.

- (137) a. aḡúm wíi papaí- n(a) yu - á - tta - ha - i
 logo eu mamão - ac comer -asp - fut - 1 - decl
 'mais tarde eu comerei mamão'
- b. yamáí wíi dukú - ḡ - haí yampítsa - n(a)
 agora eu mãe - poss - com pomba - ac
 yu - á - ha - i
 comer-asp-1 - decl
 'agora minha mãe e eu comeremos pomba silvestre'
- c. yaú́ múunt wisúm kuwášat taká - s - m - +
 ontem velho N.P. muito trabalhar-asp-pass-3
 'ontem o velho Wisum trabalhou muito'

Os advérbios de tempo podem ser deslocados para o final da frase, ou podem aparecer à esquerda do verbo:

- (138) a. wíi papaí - n(a) yu - á - tta - ha - i
 eu mamão - ac comer - asp - fut - 1- decl

a) úm

logo

'eu comerei mamão mais tarde'

b. múunt wisúm kuwášat taká - s - m - + yaú
 adulto N.P. intf trabalhar-asp - passd - 3 ontem
 'o velho Wisum trabalhou muito ontem'

c. makíčik hápa yaú wain - ká - mu - m+
 um veado ontem ver - asp - passd - 2
 'você um veado ontem viu'

Em (139) os advérbios de tempo têm como escopo o SV:

(139) a. wíi kašín kuntínu - n(a)
 eu amanhã animal - ac
 maá - ku - n(u) wí - tat - ha - i
 matar - ger - 1 ir - fut - 1- decl
 'eu amanhã irei caçar animais do mato'

b. ám+ káši kašini - ŋ máma ináŋ - m+
 você todos os dias - tóp mandioca cozinhar - 2
 'você cozinha mandioca diariamente'

4.5.1.3. Advérbios locativos

Os advérbios locativos indicam o lugar onde se efetua a ação. Nos dados coletados os advérbios locativos aparecem sempre à esquerda do Sintagma Verbal, nesse caso, o escopo deles seria esse

constituente. Exemplos:

- (140) a. mí - na saí- ʔ atúšat puhá - wa - i
 1 - gen cunhado-poss longe está- 3 - decl
 'meu cunhado mora longe'
- b. wii tsumú - num puhá - ha - i
 eu rio abaixo-loc estar - 1 - decl
 'eu moro rio abaixo'
- d. íi - na aha - ʔ - íi tikíhuũ á - wa - i
 1pl - ge roça-poss-3poss perto ser-3 - decl
 'nossa roça está perto'

4.5.1.4. Advérbios de Intensidade

Os intensificadores aumentam ou diminuem a significação do elemento que modificam. À diferença dos advérbios de tempo que modificam a frase toda ou o SV, e os de modo e locativos que incidem sobre o SV, os intensificadores têm escopo sobre o SV, um Adjetivo ou outro Advérbio. Os intensificadores que modificam outro advérbio são principalmente *šii* 'bem' e *imá* 'mais'.

- (141) a. yamáí básuk haánči - n(a) šii apí - u - i
 agora N.P. roupa - ac intens costurar-3-decl
 'agora Basuk costura bem sua roupa'
- b. katíp dús+ uku - ámu - n(a) kuwášat
 rato amendoim plantar - nom - ac intf

amu - á - wa - i

terminar-asp - 3 - decl

'o rato termina muito o amendoim plantado'

c. nueva vida - k tikíma yáii - či - i

N. P. - tóp intf pequena-dim-cop

'Nueva Vida é uma aldeia muito pequena'

Nos exemplos supracitados o intensificador aparece adjacente ao elemento que modifica; entretanto, essa adjacência pode ser violada com a presença do objeto direto numa oração com verbo transitivo, como se vê em (142):

(142) a. dukú - ŋ - šakam šíiŋ h+gá - n(a) kuitám - u - i

mãe - poss- clít intf casa - ac cuidar - 3 - decl

'minha mãe também cuida muito bem a casa'

b. wíi s+nči yampítsa - n(a) yapáha - ha - i

eu intf pomba - ac comer - 1 - decl

'eu tenho muito desejo de comer pomba silvestre'

4.5.1.5. Advérbios interrogativos

Os advérbios interrogativos são as mesmas palavras interrogativas apresentadas em (4.4.4). Para a sintaxe ver seção 6.2.2.3.). Os interrogativos empregam-se em construções interrogativas que indagam pelo lugar, modo, tempo e pela causa:

- (143) a. Causa : wánka 'por quê ?'
 b. Lugar : tuwíi 'onde?'
 c. Modo : wahúk(u) 'como?'
 d. Tempo: wahutí 'quando?'

As palavras vistas tradicionalmente como advérbios de afirmação, negação e dúvida, nas descrições das línguas, serão tratadas , no caso do Aguaruna, como uma sub-classe de partículas (ver. 4.6.). De fato, essas palavras não são modificadores de constituintes.

De acordo com Ilari et alii (1990) as palavras de afirmação e negação (chamados também de verificação) cumprem uma função não predicativa: a negação a nível de constituinte e a afirmação a nível de oração. Do mesmo modo, Samara (1986), em seu estudo sobre os advérbios do Português, acha que expurgando os critérios semânticos da definição dos advérbios, o vocábulo **não** 'negação', comporta-se como os demais advérbios e como tal atua junto ao verbo, ao adjetivo e ao advérbio. Por outro lado, Bonfim (1988) propõe eliminar da classe dos advérbios os "advérbios" de dúvida, de afirmação e de negação. Para ela, esses "advérbios" não se conciliam com a definição proposta: "não expressam circunstância, não dizem respeito ao processo verbal nem são intensificadores" (p.6). Contudo, a autora não diz para onde ou para que categoria iriam esses vocábulos.

4.6. Partículas

Nesta seção serão tratadas as palavras que à diferença das categorias lexicais Nome, Adjetivo e Verbo, aparecem sem afixos.

Morfologicamente, as partículas no Aguaruna assemelham-se aos advérbios, pois ambos dispensam a marca de flexão. No entanto, há diferenças sintáticas e semânticas entre advérbios e partículas; assim, os advérbios são membros de uma classe aberta, portanto uma categoria lexical com conteúdo semântico, já as partículas representam uma classe menor (classe fechada), são palavras funcionais, não enunciadas isoladamente.⁴⁷

Como categoria lexical independente, os advérbios participam do processo de formação de palavras na língua, às partículas lhes falta essa característica. Aliás, os advérbios em Aguaruna podem levar a marca de tópico (-k(a) - ɲ), as partículas não são topicalizadas.

Sintaticamente, os advérbios funcionam como modificadores de uma categoria lexical (A, V, ou outro Advérbio), de um constituinte (SV, SA, ADV) ou de uma oração como um todo, as partículas não possuem essa propriedade.

As partículas têm recebido diversos tratamentos na teoria lingüística. Como afirma Berenguer (1992:56) "a diferencia de otros términos, como el de <<adverbio>> o <<conjunción>>, con los que se designa a un grupo de elementos que se inserta en una clasificación

⁴⁷ Cf. Carlson (1983) para uma diferença entre morfemas lexicais e morfemas funcionais, que é pertinente para a distinção entre advérbios e partículas.

general, y en los que la variación conceptual se basa en la diferencia de criterios aplicables para el establecimiento de esa clase, el término <<partícula>> presenta una mayor diferenciación semântica. Ocasionalmente aparece opuesto a aquéllos como designación de una clase de elementos lingüísticos, otras veces superpuesto, dando nombre a una hiperclase que englobaría esas distintas clases de unidades, e incluso, en otras ocasiones parece hacer referencia a una clasificación completamente independiente a aquélla en la que se insertan los otros términos".

Há pelo menos três usos generalizados do termo partícula na descrição lingüística:

Uma primeira concepção considera como partícula qualquer elemento lingüístico de escasso corpo fônico. Por exemplo, Câmara (1977:188) define partículas como "[v]ocábulo de pequeno volume fonológico e de função auxiliar num sintagma, como o artigo, os pronomes adverbiais átonos, certos advérbios e os conectivos. Muitos são clíticos e ficam em próclise ou ênclise, sendo pois, formas dependentes". Assim, o vocábulo **não**, em Português, seria uma partícula pela definição de Câmara.

Uma segunda concepção, talvez a mais extendida, considera as partículas como formas invariáveis, carentes de flexão morfológica (Dixon (1980)), Dixon & Blake (1979). Também Crystal (1988:198) define a partícula como "um termo usado na descrição GRAMATICAL com referência a um ITEM INVARIÁVEL com FUNÇÃO gramatical, e que não se adequa à classificação padrão de CLASSES DE PALAVRAS". Sob esta segunda concepção, partícula seria uma "designación de la

hiperclase de las palabras invariables" (Berenguer (1992:60); essa hiperclasse incluiria as conjunções, preposições, advérbios e interjeições (Pinker (1972), Jespersen (1924)).

Por último, uma concepção negativa na definição de partícula considera que todos os itens não classificados dentre as categorias lexicais maiores (Nome, Adjetivo, Verbo, Advérbio),⁴⁸ são partículas. Com Jespersen (1924:91), as partículas "may be negatively characterized as made up of all those words that can not find any place in any of the first four classes".⁴⁹

Uma crítica bastante azeda contra uma categoria "Partícula" é levantada em Zwicky (1984, 1985). Para esse autor não haveria uma categoria "Partícula", pois os itens tradicionalmente classificados como partículas seriam, na verdade, simplesmente sub-classes das categorias sintáticas existentes. Os itens tratados como partículas devem ser melhor analisados como palavras, clíticos ou afixos: os clíticos e afixos são a-categoriais, mas "every WORD must be assignable to a syntactic category" (1985:294). Em outras palavras, as línguas não têm partículas, elas possuem "only words belonging to syntactic categories, and (inflectional or derivational) affixes (p.294).

Em suma, para Zwicky a categoria "Partícula" representa uma ficção descritiva, uma noção pré-teórica que não encontra sustento

⁴⁸ Há dúvidas em considerar o Advérbio como uma classe lexical maior (Travis (1988).

⁴⁹ As quatro primeiras classes, em termos de Jespersen, são substantivos, adjetivos, pronomes e verbos. A quinta classe constituir-se-ia pela categoria Partículas (advérbios, interjeições, preposições).

no construto teórico da lingüística. Ou seja, "THERE ARE NO ACATEGORIAL WORDS [...]. Every word (in every language) belongs to one of the syntactic category provided by (universal) grammatical theory" (1985:294). Daí, então, "a particle word must be assigned to a syntactic category" (p.295).

Christidis (1990) critica os argumentos levantados por Zwicky (1984, 1985). De acordo com esse autor, em Grego Moderno a partícula *ná* é considerada uma palavra independente; no entanto, essa partícula e outras, resistem a uma classificação dentro das categorias sintáticas postuladas para o Grego Moderno. Ao contrário, as partículas do Grego, sendo palavras, são a-categoriais e representam segundo Christidis, um forte contraexemplo à hipótese de Zwicky de que não há 'acategorial words' (p.57). Assim, "*ná* of Modern Greek resists categorization in terms of the familiar word categories because **it is not a word**: it is rather a **pre-lexical, holistic, quasi-referential** (or **quasi-predicative**) formation. It looks like a word in that it does not exhibit syntactic structure but, on the other hand, it functions as an 'equivalent' of a phrase or a sentence. In essence, this highly contextualized expression is neither a word nor a phrase or a sentence"(p.66).

Com base no comportamento das partículas em Grego Moderno, Christidis chega à conclusão que as palavras classificadas como

partículas em outras línguas, seriam "holophrases" (ou hololetos).⁵⁰

Desta forma, se ná em Grego "is not a word but, rather, an instance of a **holophrase** the issue of its acategoriality does not arise: it cannot be assigned to any of the lexical categories because **it is not a word - it is a holophrase**"(p.69). Em outras palavras, as partículas reanalisadas como holophrases seriam espécimens de linguagem infantil diferente das palavras ou sintagmas, mas "**highly contextualized, structurally undifferentiated, holistic formations, which do not exhibit propositional structure (they are quasi - referential or quasi - predicative)**" (p.67), características essas que, segundo Christidis, fazem das holophrases expressões muito similares à linguagem dos adultos.

A hipótese sobre as holophrases parece interessante, porém inaplicável à totalidade de elementos considerados como partículas por outros autores (por exemplo, advérbios, preposições, conjunções ...). Por outro lado, a definição de holophrase não é fatível para os itens partículas do Aguaruna.

⁵⁰ O termo holofrase vem "from the literature on child language and it refers to the pre-syntactic, single 'word' utterances of children aged between 9 and 18 months ... The term 'holophrase' is convenient in that it expresses the holistic, undifferentiated essence of such items in both child and adult language (Christidis (1990:67)).

4.6.1. Classes de partículas

No caso específico do Aguaruna, serão partículas todas aquelas palavras carentes de flexão; o inventário dessas partículas é restrito; portanto, formam parte de uma classe fechada.

Reconheceremos três sub-classes de partículas no Aguaruna: a) as de afirmação, negação e dúvida, b) as coordenadoras, e, c) as interjeições.

Embora essas três sub-classes de partículas partilhem o traço morfológico da invariabilidade, elas diferenciam-se mutuamente. Por exemplo, as partículas de afirmação, negação (chamados também itens de polaridade) e dúvida usam-se em respostas emitidas pelo ouvinte diante uma indagação do falante; as interjeições são partículas emitidas em situações emotivas de comunicação, elas são, em termos de Câmara (1977), palavra-frases. Já as partículas coordenadoras são palavras funcionais e dependentes que adquirem sua significação a partir de sua relação com outros elementos numa construção sintática.

4.6.1.1. Partícula de afirmação

Essa partícula é +?+ 'sim'. Exemplos:

- (144) a. yuhúmak yú - wa - m+ - k
 mandioca comer - asp - 2 - int
 '(você) está comendo mandioca?'

- +?+, yuhúmka - n(a) yú - wa - ha - i
 afirm mandioca - ac comer - asp - 1 - decl
 'sim, estou comendo mandioca'

b. yaákta - nma - yā min - á - m+ - k
 cidade - loc - abl vir - asp - 2 - int
 '(você) está vindo da cidade?'

- +?+, yaákt - nma - yā min - á - ha - i
 afirm cidade - loc - abl vir - asp - 1 - decl
 'sim, estou vindo da cidade'

4.6.1.2. Partícula de negação

A partícula que ocorre em construções com respostas negativas é *atsá* 'não'. Exemplos:

(145) a. ám+ p{nk+}]a - k puhá - m
 você bem - int estar - 2
 'você está bem?'

atsá, wíi p{nk+}] puhá - ts - ha - i
 neg eu bem estar - neg - 1 - decl
 'não, eu não estou bem'

b. taká - k - m+ - k w+ - á - m
 trabalhar - asp - 2 - int ir - asp - 2
 'você vai trabalhar?'

atsá, taká - ku - n(u) w+ - á - ts - ha - i.
 neg trabalhar-ger - 1 ir - asp - neg - 1 - decl

ihá - ku - n(u) w+ - á - ha - i
 passear - ger - 1 ir - asp - 1 - decl
 'não, não estou indo a trabalhar. Vou passear'

4.6.1.3. Partícula de dúvida

Indica incerteza quanto à afirmação que o falante faz diante um enunciado. A palavra mais usada é **ačá** 'não sei'. Também usa-se a forma negativa do verbo **d+kat** 'saber'. Exemplos:

- (146) a. **ačá** tuwíin - ts w' - ma - Ø níí - š
 duv Qu-talvez ir - passd - 3 ele-dub
 'não sei para onde ele foi'
- b. wahúk+a - pa 'que acontece com você?'
- Qu - - 2
- ačá** 'não sei'
- wíi - ka d'ka - ts - ha - i
 eu - tóp saber - neg - 1 - decl
 'eu não sei'
- c. d'ka - ts - ha - i níim - paš sú - ma - Ø
 saber - neg - 1 - decl ele - dub comprar - passd - 3
 'não sei se ele comprou'

4.6.2. Partículas coordenadoras

A coordenação é o processo que consiste na ligação de dois elementos ou unidades lingüísticas (palavras, sintagmas, orações, frases) equifuncionais que mantêm relações sintáticas

equivalentes. A diferença das partículas descritas em 4.61.1. os itens que cumprem a função de coordenadores não respondem a perguntas feitas pelo falante.

4.6.2.1. Coordenação aditiva

A coordenação aditiva exprime-se em Aguaruna através das partículas *aátus*, *dútikam*, e *núnik*. A primeira delas relaciona unidades nominais, enquanto as outras duas coordenam unidades verbais. Exemplos:

- (147) a. *yamánuá sákun núnki aátus taká - ina - wa - i*
 N.P. N.P. N.P. part trabalhar-pl - 3 - decl
 'Yamánuá, Sékun e Núnkui trabalham'
- b. *tsáts+ itaá - ta dútikam ahápa - ta*
 lixo trazer - 2imp part jogar - 2imp
 'traga o lixo e jogue-o fora'
- c. *mí - na yatsú - ŋ yu - wá - wa - i kašái - n(a)*
 1 - gen irmão - poss comer - asp - 3 -decl paca - ac
núnik nihámči - n(a) kumpa - ŋ - íí - haí
 part bebida - ac amigo - poss - 3poss - com
úm - a - wa - i
 beber - asp - 3 - decl
 'meu irmão come paca e toma bebida de mandioca com seu amigo'

4.6.2.2. Partícula disjuntiva

Estabelece uma relação de alternância entre dois termos ou duas orações. A partícula usada é *átsa* 'ou'.

- (148) a. *ám+ t+máš - ma - m+ - k átsa úsu - m+ - k*
 você pente - den - 2 - int part pintar-2-int
 'você se pentea ou se pinta?'
- b. *wah^f - ŋ - m+ - š puhá - wa - k átsa*
 cunhado - poss - 2poss - dub viver - 3 - decl part
 ha - ká - m - ka - ya
 morrer - asp - passd - int - rem
 'teu cunhado vive ou está morto?'

Note-se que as partículas de negação e de dúvida são parecidas. Elas se diferenciam somente pelo acento.

4.6.2.3. Partícula adversativa

A forma de estabelecer uma relação adversativa é por meio da partícula *tú]aš* 'mas':

- (149) a. *úma - wa - i nihámčì - n(a) tú]aš*
 beber - 3 - decl bebida - acus part
 kitá - ma - wa - i
 sede - den - 3 - decl
 'toma bebida de mandioca mas tem sede'

- b. áu] - u - i tú]aš šíi] ánta - ts - u - i
 ler - 3 - decl part intens escutar - neg - 3 -decl
 'lê mas não compreende bem '

4.6.2.4. Partícula causal

A partícula usada para indicar causa é **dúwi**; ela, à diferença das partículas tratadas acima, aparece em posição final de frase. Exemplos:

- (150) a. búut - u - i uši -] - íi
 chorar - 3 - decl filho - poss - 3poss
 ha - ká - ma - 0 dúwi
 morrer-asp-passd- 3 part
 'chora porque seu filho morreu'
- b. min - á - ha - i diwím - ha - ina - 0 dúwi
 vir - asp - 1 - decl dever - 1 - pl - 3 part
 'venho porque me estão devendo'

4.6.2.5. Partícula conclusiva

Para uma relação de conclusão usa-se a partícula **túhamtai**.
 Exemplos:

- (151) a. taká - ina - ts - u - i túhamtai
 trabalhar - pl - neg - 3 - decl part

akí - k - č - a - tat - ha - i

pagar-asp - neg - pl - fut - 1 - decl

'(eles) não trabalham, por isso não lhes pagarei'

b. maín - + túhamtai háanči yapá - mitka - ta

banhar-perf part roupa trocar - caus - 2imp

'já tomou banho, então troque-lhe a roupa'

4.6.2.6. Partículas consecutivas

As formas de expressar uma relação de consequência de um fato expresso na oração anterior, é por meio das partículas **áwits** e **úntsu**. Ambas as partículas aparecem em final da primeira oração. Exemplos:

(152) a. s^hnči yú - wa - ha - i áwits

intf comer - asp - 1 - decl part

duw+ - - ta^hta - ha - i

engordar - asp - fut - 1 - decl

'como muito que engordarei'

b. namák á - wa - i úntsu yu - á - tta - hi

peixe haver - 3 - decl part comer-asp - fut - 1pl

'já há peixe, de modo que comeremos'

4.6.3. Interjeição

As interjeições são palavras morfologicamente invariáveis, elas carecem de marcadores flexionais ou derivacionais, daí sua classificação como uma sub-classe de partículas.

É usual nas descrições de línguas de tradição exclusivamente oral, que as interjeições sejam deixadas de lado. Isso representa, no parecer de Schachter (1985), uma descrição incompleta da língua.

Os itens classificados como interjeições têm recebido diversos tratamentos; por exemplo, Bloomfield (1933) considera as interjeições como "minor-sentences", Givón (1984) como "mixed-bag category". Para Roca Pons (1960) as interjeições têm valor de frases (Cf. também Dixon (1980), Sasse (1987, citado em Christidis (1990:70)), ou como diz Pinkster (1972:38) as interjeições "have sentence valence obligatorily". Segundo Hjelmslev (1976) as interjeições formariam uma categoria semântica, ligada formalmente ao advérbio.

Em Wilkins (1992) as interjeições são tratadas tanto como lexemas quanto como enunciados (lexemes and utterances). Porém, há consenso entre os autores em considerar as interjeições como carentes de valor conceitual. Assim, "[u]na interjección no significa, no denota nada referencialmente, sino que señala un estado global de situaciones emotivas" (Hernández Alonso (1986:201)). (cf. também Quirk et alii (1976:413)). Em outras palavras, a interjeição liga-se à linguagem afetiva e não à linguagem intelectual (Hjelmslev (1976)), ou como diz Câmara (1977:147): interjeição é a "[p]alavra que traduz, de um modo vivo, os estados d'alma. É uma verdadeira palavra-frase, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada".

Fonologicamente, as interjeições fogem do padrão fonológico e fonotático da língua (Quirk et alii (1976), Dixon (1980)). Contudo, os itens considerados como interjeições em Aguaruna não partilham essa característica, todos eles situam-se no sistema fonológico da língua (cf. os exemplos, abaixo, 4.63.1).

Como se vê, a interjeição pode ser encarada segundo diferentes pontos de vista, ora estruturais ora semânticos, e até pragmáticos (Wilkins (1992)).

A interjeição no Aguaruna é uma classe de palavras invariáveis, que expressam "a speaker's mental state, action or attitude or reaction to a situation" (Ameka (1992:166)).

4.6.3.1. Classificação

Ameka (1992), com bases nas funções da linguagem propostas em Bühler (1934) e modificada por Jakobson (1960), reconhece três categorias de interjeições. Na primeira estão as expressivas, que focalizam o estado do falante. Estas por sua vez, se sub-dividem em emotivas e cognitivas. As emotivas expressam o estado do falante relacionado com suas emoções e sensações; as cognitivas, dizem respeito do estado de conhecimentos e de pensamentos do falante no momento de expressar um enunciado.

Uma segunda categoria, as interjeições conativas, enfatizam os desejos do falante e são dirigidas em sentido do ouvinte em demanda de uma ação ou resposta para algo que o falante deseja.

Por último, as interjeições fáticas estabelecem e mantêm os laços de contacto comunicativo.

- f. Apelo: táí ! táí ! 'socorro!' , 'ei!'
- g. Alegria: h+ ! 'oba!'
- čáa?! 'viva!' , 'oba!'
- čáa?! . Yaháutsui 'čáa?! . Que gostoso.
- h. Repugnância: hmm! 'que sujo!' , 'que asco!'
- i. Lamento: wá?! 'quanto o sinto!'
- j. Cansaço: ayáu! 'que cansaço!'

Existem também alguns itens bastante usados na comunicação diária dos falantes aguarunas, que poderiam ser considerados como interjeições conativas. Por exemplo:

- (154) a. pái ! 'basta!' , 'pronto!'
- pái!. aším - ka - ha - i
- basta terminar - asp - 1 - decl
- 'basta!. Terminei'
- b. máak+ 'fim!' , 'nada mais!' , 'chega!'
- auhmat - báu mačínk iwá - haī
- contar - nom macaco iwa - com.
- tuwa - ha - m+ . máak+!
- dizer - 1-->2
- 'disse para você o conto do macaco Machin e o gigante Iwa. Chega!'
- c. hásta 'pera ai'
- hásta! hásta! . atašú amíč - haī
- pera ai, pera ai galinha raposa-com

auhmat - sa - t - ha - i

contar - asp - fut - 1 - decl

'pera ai! , pera ai! . Vou contar o galo com
a raposa'.

Capítulo 5

MORFOLOGIA VERBAL

5.1. O Verbo

A classe Verbo está constituída por raízes suscetíveis de receberem sufixos flexionais de tempo, modo, aspecto, número, pessoa e de subordinação. Assim, a raiz verbal *áika-* 'fazer' pode receber flexão de tempo e pessoa, como em *áika-tnait-ha-i* 'eu farei', *áika-tnait-m+* 'você fará'; pode também flexionar-se com sufixos de número como em *áika-tnait-ŋu-m+* 'vocês farão (dual)'; *áika-waŋ - tinai-Ø* 'eles/as farão (Pl.)'. Uma forma como *taká-s-ma-hi* 'nós trabalhamos (dual)' mostra a ocorrência do marcador de aspecto [-s] 'ação atenuativa ou pessoal'.

A classe verbo, à diferença das outras categorias (Nome, Adjetivo, Advérbio) constitui-se necessariamente por elementos ligados, ou seja, uma raiz verbal não aparece sozinha ou despida, ela precisa dos marcadores de flexão ou de derivação. A flexão mínima que pode receber uma base verbal é a marca de infinitivo, como em *ačí-t(a)* 'agarrar', *yú-ta* 'comer'. Nesses casos, o infinitivo [-ta] afixou-se à raiz verbal, mas, em *itip-ŋ u-t(a)* 'pôr saia de homem', e *bača-tú-t(a)* 'desinchar' o fez após o tema verbal.

Nas construções sintáticas, o verbo funciona como cabeça do Sintagma Verbal (SV) como se vê nos exemplos:

- (1) a. níi išáma - wa - k 'ele/a tem medo?'
 3 ter medo-3-int
- b. šímpu yumí-n(a) wak{ga-wa-i 'Shimpu quer água'
 N.P. água-ac querer-3-decl

5.1.1. Classe de verbos

Segundo as características gramaticais que definem sua função sintática, os verbos podem ser transitivos e intransitivos.

5.11.1. Verbos transitivos

Os verbos transitivos são aqueles que sub-categorizam obrigatoriamente um SN que funciona como argumento interno, isto é, objeto direto do Sintagma Verbal. Uma oração com verbo transitivo no Aguaruna tem a estrutura $(SN)_1 - SN_2 - V_{tr}$, onde SN_1 constitui o argumento externo (sujeito) e o SN_2 é o argumento interno (objeto direto). Vejam-se os exemplos com verbos transitivos.

- (2) a. wíi ahá - n(a) áika - ha -i
 eu roça - ac fazer - 1 - decl
 'eu faço roça grande'
- b. ám+ makíčik píinčuu wáin - ka- mu - m+
 você um gavião ver - asp - passd - 2
 'você viu um gavião'

- c. íkam yawáã múunt učí - n(a) h+tʃ - k - m - +
 tigre grande menino - ac atacar-asp-passd - 3
 'a onça grande atacou o menino'

Nas frases com verbo transitivo tanto o objeto direto quanto o indireto levam o sufixo [-n(a)] 'marca de caso acusativo' quando o sujeito é a primeira pessoa singular e terceira pessoa singular e plural. Quando o sujeito é a primeira pessoa plural e segunda pessoa singular e plural, a marca de caso acusativo é \emptyset (cf. caso acusativo, 4.1.1.1.2)

Dentre os verbos transitivos reconhecemos também os bi-transitivos, ou seja, verbos que requerem dois argumentos internos, o objeto direto e o indireto. Exemplos:

- (3) a. mí - na apá - ŋ yačí - n(a) ačú - n(a)
 meu - gen pai- poss irmão - ac pupunha - ac
 su - sá - m - +
 'meu pai deu pupunha a seu irmão'
- b. húum učí - ŋ - íí - nu - n(a) paámpa - n(a)
 N.P. filho - poss-3poss-benef-ac banana - ac
 yuhúma - haī akúp - ka - m - +
 mandioca - com enviar - asp - passd - 3
 'Juum enviou banana e mandioca para seu filho'

5.1.1.2. Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não subcategorizam um SN como objeto direto, eles podem sim, numa construção sintática, requerer a presença de um SN em função de sujeito (argumento externo).

Exemplos:

- (4) a. tíwi amí - haĩ miní - tta - wa - i
 N.P. 2 - com vir - fut - 3 - decl
 'Tiwi virá contigo'
- b. múunt páati kúwašat taká - s - m - +
 adulto N.P. intf trabalhar-asp-passd-3
 'ο velho Paati trabalhou muito'
- c. kášai - k ikám tupiká - k - ma - ka
 paca - tóp mato fugir-asp - passd-int
 'a paca fugiu para o mato?'

Existe um conjunto limitado de bases verbais, transitivas e intransitivas, que inerentemente indicam número. Assim, uma base transitiva singular requer um SN objeto em singular, uma base intransitiva singular requer um SN sujeito em singular. Já uma base transitiva plural subcategoriza um SN objeto em plural, e uma base intransitiva plural refere a um SN sujeito em plural. Exemplos:

- (5) a. anu - í +nk+ - á - ta
 esse-loc colocar sg - pres - 2imp
 'coloque-o ali (sg.)'
- a'. anu - í čimpi - á - ta
 esse-loc colocar pl- pres- 2imp
 'coloque-os ali (pl.)'
- b. kánu itaá - ta
 canoa trazer sg. - 2imp
 'traz a canoa (sg.)'
- b'. kánu ikaúnma - ta - ŋu - m
 canoa trazer pl- 2imp - dual- 2
 'tragam canoas'
- c. níi tá - tta - wa - i
 ele chegar sg - fut - 3 - decl
 'ele chegará (sg.)'
- c'. díta - k yáunčuk kauná - u - wa - i
 eles - tóp faz tempo chegar pl - passd - 3 - decl
 'eles/as faz tempo chegaram'
- d. níi s'nči šin - á - wa - i
 ele intf gritar sg - asp - 3 - decl
 'ele faz muito barulho'
- d'. díta š'nči pampá - wa - i
 eles intf gritar pl - 3 - decl
 'eles fazem muito barulho'

Entretanto, a maioria dos verbos (transitivos e intransitivos) são neutros com respeito ao número. A marca de número é feita por meio de sufixos no verbo:

- (6) a. atáš su]ú - k - ta
 galinha vender- asp - 2imp
 venda a galinha'
- a'. atáš su]ú - ŋ - ta
 galinha vender - asp - 2imp
 'venda as galinhas'
- b. antú - k - ta
 escutar-asp-2imp
 'escuta'
- b'. antú - k - a] - ta - ŋu - m
 escutar-pl- ref - 2imp - dl - 2
 'escutem'

Em se tratando de uma construção com verbo transitivo neutro, a diferença entre objeto singular e objeto plural, pode ser expressa também no SN - objeto, mediante o uso de um quantificador:

- (7) a. kášai - k yuhúmka - n(a) yu - ína - wa - i
 paca-tóp mandioka - ac comer - pl- 3 - decl
 'as pacas comem mandioca'
- b. kášai - k kúwašat yuhúmka - n(a) yu - ína - wa - i
 intf
 'as pacas comem muita mandioca'

Em construções com verbos intransitivos neutros, o número do sujeito é indicado colocando um SN-sujeito em plural, ou por um sufixo marcador de plural, que aparece no próprio verbo:

- (8) a. *úči - k(a)* *kanú - k(u)* *puh - á - wa - i*
 criança-tóp dormir-ger estar- 3 - decl
 'a criança está dormindo'
- b. *úči - k(a)* *kanú - k(u)* *puhu - ina - wa - i*
 criança-tóp dormir-ger estar - pl - 3 - decl
 'as crianças estão dormindo'
- c. *wáhai tusínki - haī usú - ma - ina - wa - i* *b+t+k*
 N.P. N.P. - com pintar-reflx-pl - 3 - decl ambos
 'Wajai e Tusinki pintam-se mutuamente'

5.1.1.3. Verbo cópula

As construções copulativas são formadas com o sufixo [-aita]. Este sufixo pode somar-se tanto a categorias lexicais maiores (nome, adjetivo, advérbio) quanto a categorias menores: pronomes pessoais e dêiticos. O fato desse sufixo somar-se às categorias lexicais maiores e às categorias menores, pode induzir a considerá-lo como um clítico verbal, mas à diferença dos verdadeiros clíticos esse sufixo não ocorre sempre como último elemento de um SX .

O sufixo [-aita] apresenta os alomorfes como [-(w)ait(a) ~ [-(y)ai(t) ~ -it(a) ~ -it ~ -i] . [-aita] . Exemplos:

- (9) a. anú atáš púhu - i
 esse galinha branco - cop
 'essa galinha é branca'
- b. ám+ p^{nk+ŋ} - čau - wait - m+
 você bom - neg - cop - 2
 'você é ruim'
- c. wii - ka s+n^fp - iā - yait - ha - i
 eu - tóp N.L - abl - cop - 1 - decl
 'eu sou do Cenepa'
- d. ám+ núwa šiiŋma - uč - it - m+
 você mulher bonita - dim - cop - 2
 'você é uma moça bonitinha'

Além sufixo [-aita] 'copulativo' existe o verbo á-ta 'ser', 'estar', 'haver', 'ter', que funciona igualmente como copulativo:

- (10) a. kánu kanaitú - haī namaká á - tsa - wa - i
 canoa remo - com rio ser - neg - 3 - decl
 'a canoa e o remo não estão no rio'
- b. kúwašat namák a - yá - wa - i
 intf peixe ser - pl - 3 - decl
 'há muito peixe'

5.1.2. Flexão verbal

O sistema de flexão verbal no Aguaruna está constituído por um conjunto de sufixos que exprimem as categorias de pessoa, número, tempo, aspecto, modo, voz e subordinação.

5.1.2.1. Flexão de pessoa

O sistema flexional de pessoa compreende os sufixos que assinalam a pessoa em função de sujeito e os sufixos de pessoa que indicam a pessoa objeto. Porém, nem sempre está presente o sufixo marcador de objeto, muitas vezes este é marcado por \emptyset ou por um pronome independente, que leva a marca do caso acusativo.

5.1.2.1.1. Sufixos pessoais de sujeito intransitivo

Os sufixos pessoais de sujeito aparecem obrigatoriamente marcados no verbo, e isto permite que os pronomes pessoais independentes sejam dispensados numa construção sintática. Mas, se o falante quer marcar ênfase no que está falando, então os pronomes independentes podem ser expressos (para os pronomes independentes cf. 4.4.1). Os sufixos de pessoa aparecem em todos os tempos verbais, com algumas variações como se verá oportunamente. A seguir, descrever-se cada um desses sufixos.

5.1.2.1.1.1. Primeira pessoa singular

O sufixo que assinala a primeira pessoa é [-h(a)] nas formas verbais independentes, como exemplificado em (11), e [-nu] nas

formas dependentes, isto é, em construções subordinadas, como em (12):

(11) a. w+ - á - ha - i

ir - asp - 1 - decl

'eu estou indo'

b. takáa - ts - ha - k

trabalhar - neg - 1 - int

'eu não trabalho?'

(12) a. wíi čičá - ku - n(u) puhá - ha - i

eu falar - ger - 1 estar - 1 - decl

'eu estou falando'

b. yukúm - ku - n(u) puhá - ha - i

nadar - ger - 1 estar - 1 - decl

'(eu) estou nadando'

5.1.2.1.1.2. Segunda pessoa singular

A segunda pessoa sujeito marca-se com o sufixo [- m (+)], tanto nos verbos da oração principal quanto nos verbos dependentes, como se vê a seguir:

(13) a. ám+ w+ - á - m+

você ir - asp - 2

'você está indo'

- b. yukúm - tsu - m+
 nadar - neg - 2
 'você não nada'

Exemplos da segunda pessoa com verbos dependentes são dados em (14):

- (14) a. čičá - ku - m puhá - m+
 falar - ger - 2 estar - 2
 '(você) está falando'
- b. yukúm - ku - m puhá - m+
 nadar - ger - 2 estar - 2
 'você está nadando'

5.1.2.1.1.3. Terceira pessoa singular

A flexão que corresponde à terceira pessoa sujeito é [-wa]. Este sufixo reduz-se para /-u/ após uma consoante. Exemplos:

- (15) a. níi w+ - á - wa - i
 ele ir - asp - 3 - decl
 'ele está indo'
- b. yukúm - ts - ua - k
 nadar - neg - 3 - int
 'ele não nada?'

Nos dados coletados ocorre também o sufixo [-+] com o valor de terceira pessoa nas formas do passado recente (cf. passado recente em 5.1.2.1.3.2.1.1.):

- (16) a. níi čičá - k - ma - +
 ele falar - asp - passd - 3
 'ele falou'
- b. hu - kí - ma - +
 levar - asp - passd - 3
 'ele lavou'

Em se tratando de construções com verbos dependentes, o sufixo da terceira pessoa é \emptyset , que também aparece em construções com verbo principal nas formas do futuro indefinido, futuro optativo, passado remoto e nas formas interrogativas do passado imediato. Vejam-se os exemplos respectivos.

Futuro indefinido

- (17) a. níi áika - tnai - \emptyset
 ele fazer - fut - 3
 'ele fará'
- b. taká - s - tinai - \emptyset
 trabalhar - asp - fut - 3
 'ele trabalhará'

Futuro optativo

- (18) a. níi w+ - tí - Ø - stai
 ele ir - fut - Ø - opt
 'ele talvez irá'
- b. maí - tí - Ø - stai
 banhar - fut - 3 - opt
 'ele talvez tomará banho'

Passado remoto

- (19). a. níi čičá - ka - bi - Ø
 ele falar - asp - passd - 3
 'ele falou'
- b. taká - s - mayi - Ø
 trabalhar - asp - passd - 3
 'ele trabalhou'

Passado imediato

- (20) a. níi ačí - k - ča - m - ka - Ø
 ele agarrar-asp - neg - passd - int - 3
 'ele não agarrou?'
- b. a)á - m - ka - Ø
 plantar - passd - int - 3
 'ele plantou?'

Formas com verbos dependentes

- (21) a. čičá - k - Ø puhá - wa - i
 falar - ger - 3 estar - 3 - decl
 'ela está falando'
- b. yukúma - k - Ø puhá - wa - i
 nadar - asp - 3 estar - 3- decl
 'ele/a está nadando'

5.1.2.1.1.4. Primeira pessoa plural

A primeira pessoa não-singular é marcada pelo sufixo [-hi] ~ [-l] nas formas dos verbos independentes. Nas formas dependentes a marca é Ø. Segundo os falantes que trabalharam comigo, [-hi] seria mais marcador de primeira pessoa dual, sendo interpretada como plural quando na construção está presente o morfema de plural: [-ina] ou [-al]. (cf. também Regan et alii (1991)). A seguir comparam-se os dois casos.

Formas do dual

- (22) a. íí w+ - á - hi
 nós ir - asp - 1
 'nós estamos indo'
- b. takáa - ts - hi - k
 trabalhar - neg - 1 - int
 'nós não trabalhamos?'

Formas do plural

(23) a. íi wí - ina - hi

nós ir - pl - 1

'nós vamos'

b. taká - ina - ts - hi - k

trabalhar - pl - neg - 1 - int

'nós não trabalhamos?'

Nas construções interrogativas do futuro indefinido e nas interrogativas do passado imediato [- hi] passa para /- 0 /:

Futuro indefinido

(24) a. íi wí - tin - ka - ita - 0

nós ir - fut - int - indf - 1

'nós iremos?'

b. wáka - tnu - ka - ita - 0

chegar - fut - int - idf - 1

'nós chegaremos?'

Passado imediato

(25) a. íi čičá - k - ma - ka - 0

nós falar - asp - passd - int - 1

'nós temos falado?'

- b. máa - m - ka - ŋ
 matar - pass - int - 1
 'nós temos matado?'

Nos verbos dependentes a marca é \emptyset :

- (26) a. ii čičá - ku - \emptyset puhá - hi
 nós falar - ger - 3 estar - 1
 'nós estamos falando (dual)'
- b. yukúm - ku - \emptyset puhu - ína - hi
 nadar - ger - 3 estar - pl - 1
 'nós estamos nadando (pl.)'

5.1.2.1.1.5. Segunda pessoa plural

A segunda pessoa é marcada pelo sufixo [-m(+)]. Para indicar o plural agrega-se o sufixo marcador de plural [-ina] ∞ [-(a)ŋ] à base verbal. Em se querendo expressar dual da segunda pessoa, sufixa-se à base verbal o marcador [-ŋu] 'dual'. Este sufixo tem sido interpretado como marca de plural da segunda pessoa em outros trabalhos (cf. por exemplo, Larson (1963, 1966), Fast & Larson (1974)). Vejam-se em (27) os exemplos do dual:

- (27) a. átum wʹ - a - ŋ - m+
 vocês ir - asp - dl - 2
 'vocês vão estão indo'

- b. takáa - ts - ŋu - m+ - k
 trabalhar - neg - dl - 2 - int
 'vocês não trabalham?'

Nas formas do plural devem ocorrer tanto o sufixo marcador do plural quanto a marca de dual. O plural é aquele que se liga imediatamente à base verbal. Usualmente, ambos os sufixos vêm juntos, porém, quando há morfemas marcadores de tempo ou de negação, o sufixo de plural precede esses sufixos. Vejam-se os exemplos respectivos:

- (28) a. wí - ina - ŋ - m+
 ir - pl - dl - 2
 'vocês vão'
- b. yukumá - ina - ts - ŋu - m+
 nadar - pl - neg - dl - 2
 'vocês não nadam'
- c. taka - s - áŋ - ma - ku - ŋu - m
 trabalhar - asp - pl - passd - int - dl - 2
 'vocês têm trabalhado?'

5.1.2.1.1.6. Terceira pessoa plural

A marca de terceira pessoa é o sufixo [-wa] ~ [-u] alternando morfológicamente com ∞ [-+] ∞ [Ø]. Para assinalar a terceira pessoa do plural basta somar à base verbal o sufixo do plural [-ina] ∞ [-ŋa ~ -a] ~ [-ŋ]. Exemplos:

- (29) a. díta wí - ina - wa - i
 eles ir - pl - 3 - decl
 'eles/as vão'
- b. taká - ina - tsu - wa - k
 trabalhar - pl - neg - 3 - int
 'eles/as não trabalham?'
- c. ačí - k - al] - m - +
 agarrar - asp - pl - passd - 3
 'eles/as agarraram'

5.1.2.1.2. Sufixos pessoais de sujeito e objeto

O verbo transitivo ocorre com os marcadores de pessoa de sujeito e objeto. Os sufixos subjetivos são os mesmos que ocorrem no verbo intransitivo, com exceção da primeira singular que é marcada pelo sufixo [-hi], idêntico à primeira plural quando a relação é de primeira com a segunda plural.

O objeto é marcado por uma série de sufixos específicos que vêm indicado a seguir:

- (30) 1ª pessoa singular : - ta, -] (a)
 2ª pessoa singular : -m+, -pa , -tam(a), -]am(a)
 3ª pessoa singular : Ø
 1ª pessoa plural : -ka] (ta) = -ka] (ti),] (a)t(a), -]am(a)
 2ª pessoa plural : -m+, -pa, -tam(a),]am(a)
 3ª pessoa plural : Ø

O uso dos diferentes alomorfes é em parte condicionado fonológica e morfológicamente. Em parte depende das combinações da pessoa sujeito-objeto.

Mencionou-se anteriormente que devido à presença de marcadores de pessoa no verbo, os constituintes nominais podem ser apagados. Mencionou-se também que as marcas morfológicas de caso caracterizam o Aguaruna como língua de tipo nominativo-acusativa.

No que segue serão examinados os usos de marcadores de pessoa sujeito-objeto no verbo transitivo tendo em vista verificar seu comportamento em relação ao sistema de marcação postulado para o Aguaruna.

5.1.2.1.2.1. Objeto de primeira pessoa

A primeira pessoa singular objeto é marcada pelos *-ta* e *-ŋa* em situações em que o sujeito é respectivamente 2ª e 3ª pessoas, como nos exemplos de :

(31) 2ª sg. vs 1ª sg.

a. ám+ t+máš - ta - m+

você penetrar - 1 <--2

'você me pentea'

b. ám+ su - ŋá - m+

você dar - 1 <--2

'você me dá'

2ª pl. vs 1ª sg.

(32) a. átum t+máš - ta - ŋ - m+
 vocês pentear - 1<--pl-2
 'vocês me penteam'

b. átum yakáa - ŋ - ŋu - m+
 vocês pintar - 1<--pl- 2
 'vocês me pintam'

3ª sg. vs 1ª sg.

(33) a. níī t+máš - ta - wa - i
 ele pentear - 1<--3 - decl
 'ele me pentea'

b. níī yakáa - ŋ - u - i
 ele pintar - 1<--3 - decl
 'ele me pinta'

3ª pl. vs 1ª sg.

(34) a. t+máš - tu - ina - wa - i
 pentear - 1<--pl - 3 - decl
 'eles me penteam'

b. yakáa - ŋa - ina - wa - i
 pintar - 1<-- pl - 3 - decl
 'eles me pintam'

- c. su - ŋu - ína - wa - i
 dar - 1<-- pl - 3 - decl
 'eles me dão'⁵¹

O objeto da primeira pessoa plural é marcado pelos sufixos -kaŋta ≈ kaŋti ≈ ŋat se o sujeito é uma segunda pessoa e pelos sufixos -ŋ(a)ma, -pa, -tam(a) se o sujeito é terceira pessoa:

(35) 2ª sg. vs 1ª pl.

- a. t+máš - kaŋta - m+
 pentear - 1 <-- 2
 'você nos pentea'
- b. yakáa - ŋat - m+
 pintar - 1<-- 2
 'você nos pinta'
- c. hintín - kaŋti - ta
 ensinar - 1<-- 2imp
 'você nos ensina'

2ª pl. vs 1ª pl

- (36) a. su - káŋta - ŋ - m+
 dar - 1<-- - pl - 2
 'vocês nos dão'

⁵¹ Em (34a) e (34c) houve uma mudança morfofonêmica, de vogal /a/ para [u], daí que o marcador -ta ocorre como -tu, e -ŋa como -ŋu.

b. t+máš - mit - kaŋ - ŋu - m+
 pentear - caus - 1<--pl - 2

'vocês nos penteam'

c. yakáa - ŋat - ŋu - m+
 pintar - 1<-- pl - 2

'vocês nos pintam'

3ª sg. vs 1ª pl.

(37) a. t+máš - tam - u - i
 pentear - 1<-- 3 - decl

'ele nos pentea'

b. su - ŋám - u - i
 dar - 1<-- 3 - decl

'ele nos dá'

c. niháa - pa - wa - i
 lavar - 1 <--3 - decl

'ele nos lava'

d. yakáa - ŋma - wa - i
 pintar - 1<-- 3 - decl

'ele nos pinta'

3ª pl. vs 1ª pl.

(38) a. t+máš - tama - ina - wa - i
 pentear - 1<---pl - 3 - decl

'eles nos penteam'

- b. su - ŋáma - ina - wa - i
 dar - 1 <---pl - 3 - decl
 'eles nos dão'
- c. yakáa - ŋma - ina - wa - i
 pintar - 1<-- pl - 3 - decl
 'eles nos pintam'
- d. niháa - pa - ina - wa - i
 lavar - 1<-- pl - 3 - decl
 'eles nos lavam'

5.1.2.1.2.2. Objeto de segunda pessoa

O objeto de segunda pessoa é assinalado pelo sufixo -m+ nas situações em que o sujeito é a primeira pessoa, e pelos sufixos -ŋ(a)ma, -pa e -tam(a) se o sujeito é terceira pessoa.

A distribuição dessas formas bem como a sua constituição interna não está ainda clara, elas parecem conter os sufixos -ta, -ŋ(a) da primeira pessoa mais o sufixo -m(a). Exemplos:

1ª sg. vs 2ª sg.

- (39) a. t+máš - ha - m+
 pentear - 1-->2
 'eu te penteo'
- b. yakáa - h - m+
 pintar - 1-->2
 'eu te pinto'

1ª pl. vs 2ª sg.

- (40) a. t+máš - hi - m+
 pentear - 1-->2
 'nós te penteamos'
- b. yakáa - hi - m+
 pintar - 1-->2
 'nós te pintamos'

3ª sg. vs 2ª sg.

- (41) a. t+máš - tam - u - i
 pentear - 2<-- 3 - decl
 'ele te pentea'
- b. niháa - pa - wa - i
 lavar - 2<---3 - decl
 'ele te lava'
- c. yakáa - ŋma - wa - i
 pintar - 2<-- 3 - decl
 'ele te pinta'

3ªpl. vs 2ª sg.

- (42) a. t+máš - tama - ina - wa - i
 pentear - 2<-- pl - 3 - decl
 'eles te penteam'
- b. niháa - pa - ina - wa - i
 lavar - 2 <-- pl - 3 - decl
 'eles te lavam'

c. yakáa - ðma - ina - wa - i
 pintar - 2 <-- pl - 3 - decl
 'eles te pintam'

1ª sg. vs 2ª pl.

(43) a. t+máš - hi - m+
 pentear - 1--> 2
 'eu penteo vocês'

b. yakáa - hi - m+
 pintar - 1-->2
 'eu pinto vocês'

1ª pl. vs 2ª pl.

(44) a. t+máš - hi - m+
 pentear - 1-->2
 'nós penteamos vocês'

b. yakáa - hi - m+
 'nós pintamos vocês'

3ª sg. vs 2ª pl.

(45) a. t+máš - tam - u - i
 pentear - 2<-- 3 - decl
 'ele pentea vocês'

b. sú - ðam - u - i
 dar - 2<--- 3 - decl
 'ele dá vocês'

3ª pl. vs 2ª pl.

- (46) a. t+máš - tama - ina - wa - i
 pentear - 2 <-- pl - 3 - decl
 'eles penteam vocês'
- b. niháa - pa - ina - wa - i
 lavar - 2 <-- pl - 3 - decl
 'eles lavam vocês'
- c. yakáa - ma - ina - wa - i
 pintar - 2<--- pl - 3 - decl
 'eles pintam vocês'

5.1.2.1.2.3. Objeto de terceira pessoa

O objeto de terceira pessoa é sempre \emptyset qualquer que seja a pessoa do sujeito:

1ª sg. vs 3ª sg.

- (47) a. t+máš - ha - \emptyset - i
 pentear - 1-->3 - decl
 'eu penteo ele'
- b. níháa - ha - \emptyset - i
 lavar - 1 -->3 - decl
 'eu lavo ele'

2ª sg vs 3ª sg.

- (48) a. t+máš - \emptyset - m+
 pentear -3 <- 2
 'você pentea ele'

b. yakáa - Ø - m+
 'você pinta ele'

2ª pl. vs 3ª sg.

(49) a. t+máš - hi - Ø
 pentear - 1 -->3
 'nós penteamos ele'

b. yakáa - hi - Ø
 'nós pintamos ele'

2ª pl. vs 3ª sg.

(50) a. t+máš - Ø - aŋ - m+
 pentear - 3 - pl - 2
 'vocês penteam ele'

b. niháa - Ø - aŋ - m+
 vocês lavam ele'

3ª pl vs 3ª pl.

(51) a. t+máš - Ø - ina - wa - i
 pentear - 3<- pl - 3 - decl
 'eles penteam eles'

b. niháa - Ø - ina - wa - i
 lavar - 3<- pl - 3 - decl
 'eles lavam eles'

1ª sg. vs 3ª pl.

- (52) a. t+máš - ha - Ø - i
 pentear - 1 -->3 - decl
 'eu penteo eles'
- b. yakáa - ha - Ø - i
 'eu pinto eles'

2ª sg. vs 3ª pl.

- (53) a. t+máš - Ø - m+
 pentear - 3<--2
 vocês penteam eles'
- b. niháa - Ø - m+
 vocês lavam eles'

1ª pl. vs 3ª pl.

- (54) a. t+máš - hi - Ø
 pentear - 1-->3
 'nós penteamos eles'
- b. niháa - hi - Ø
 lavar - 1 --> 3
 'nós lavamos eles'

2ª pl. vs 3ª pl.

- (55) a. t+máš - Ø - [] - m+
 pentear - 3 <- pl - 2
 'vocês penteam ele'

b. yakáa - Ø - ŋ - m+

'vocês pintam ele'

3ª pl. vs 3ª pl.

(56) a. t+más - Ø - ina - wa - i

pentear - 3<--pl - 3 - decl

'eles penteam eles'

b. niháa - Ø - ina - wa - i

'eles lavam eles'

A seguir apresenta-se um quadro resumo assinalando os marcadores de pessoa sujeito-objeto:

N	PESSOA		SINGULAR			PLURAL		
	OBJ→ SUJ ↓		1	2	3	1	2	3
	1	- ha - hi	---	- m+	Ø	---	- m+	Ø
	2	- m+	-t(a) -ŋ(a)	---	Ø	kaŋta kaŋtu kaŋti ŋat	---	Ø
	3	- wa	-t(a) -ŋ(a)	ŋam(a) -pa tam(a)	Ø	ŋama - tam	-ŋama - pa - tam	Ø
	1	- hi	---	- m+	Ø	---	- m+	Ø
	2	ŋu-m+	-t(a) -ŋ(a)	---	Ø	kaŋta - kaŋ - ŋta	---	Ø
	3	-ina- wa	-t(a) -ŋ(a)	-ŋama - pa -tama	Ø	-ŋama -tama - pa	-ŋama -tama - pa	Ø

Quadro (4): Sufixos de relação sujeito - objeto

Como fica evidente a partir do quadro acima, em certas situações a 2ª pessoa sujeito e a 2ª pessoa objeto, singular e plural, são expressas por sufixos idênticos, ver por exemplo: 39, 40, 43, e 44 em que o sufixo $-m+$ funciona como marcador de objeto, e em 48, 50, 53 e 55 onde ocorre como marca de sujeito.

Verifica-se que a ordem dos marcadores sujeito-objeto é variável, os sufixos de agente ora precedem ora seguem o objeto. De fato, os marcadores de pessoa sujeito precedem os de objeto, em todas as situações em que o sujeito é primeira pessoa, isto é, $S \rightarrow \emptyset$. Nas demais combinações de pessoa o sufixo de objeto precede o marcador de sujeito, ou seja, $\emptyset \leftarrow S$.

A partir dessas observações pode-se propor que em Aguaruna opera a hierarquia: $1 > 2 > 3$, postulada em Zwicky (1977). Esta hierarquia parece explicar as ordens de ocorrência dos marcadores de pessoa no Aguaruna. De fato, o participante hierarquicamente superior vem marcado no primeiro lugar.

Essa hierarquia permite explicar 24 das 28 possibilidades de combinação das pessoas. As violações referem-se aos casos em que a segunda pessoa é sujeito e a terceira objeto. Contudo essa violação é relativa já que a 3ª objeto é sempre \emptyset , ou seja, não se manifesta.

5.1.2.2. Flexão de número

Na seção (5.1.2.1.1.) ao falar dos sufixos de pessoa, foram feitas referências sobre os marcadores de número no verbo. Viu-se que as pessoas do singular não são marcadas com sufixo algum, isto

é, a marca é \emptyset . Para indicar plural os sufixos são [-ina] \leftrightarrow [-
(a)ŋ]. Viu-se igualmente que o sufixo [-ŋu] assinala o dual na
segunda pessoa, para indicar o dual da primeira e terceira pessoas,
usa-se simplesmente o sufixo de pessoa, sem a marca de plural. A
seguir exemplos com marcas de plural no verbo:

- (57) a. hutíi čičá - ina - hi
nós falar - pl - 1
'nós falamos'
- b. hutíi utú - ina - ts - hi
nós trazer - pl - neg - 1
'nós não trazemos'
- c. hutíi iŋa - s - áŋ - tat - hi
nós passear - asp - pl - fut - 1
'nós passeamos'
- d. átum antú - k - ča - ŋ - tat - ŋu - m+
vocês escutar - asp - neg - pl - fut - dl - 2
'vocês não escutarão'
- e. díta utú - ina - ts - u - i
eles trazer - pl - neg - 3 - decl
'eles/as não trazem'

5.1.2.3. Flexão de tempo

O tempo é uma categoria gramatical dos verbos,⁵² refere-se basicamente à maneira como a gramática marca o tempo em que ocorre a ação expressa pelo verbo. Em termos de Comrie (1986) o tempo (tense) "is grammaticalised expression of location in time" (p. 9). Na teoria lingüística o tempo, como categoria gramatical, é estabelecido como base ao tempo cronológico (time). Assim, Jespersen (1924) estabelece uma relação entre tempo cronológico e tempo verbal com base ao esquema a seguir:



A partir desse diagrama, Jespersen considera o presente como contemporâneo ao ponto zero ('agora'), o passado como 'antes de agora' e o futuro como 'depois de agora' (cf. também Comrie (1986)). O diagrama (58) pode ser considerado apenas como uma forma prática de identificar a categoria tempo, pois, a divisão "natural"

⁵² É comum na descrição das línguas indígenas tratar o tempo como uma categoria verbal por ser uma categoria que se liga ao verbo; porém, como expressa Comrie (1986:12) "more recently it has been argued that tense should be regarded as a category of the whole sentence, or in logical terms of the whole proposition, since it is the truth-value of the proposition as whole, rather than just some property of the verb, that must be matched against the state of the world at the appropriate time point"

do tempo em passado, presente, e futuro, não se relaciona necessariamente com o tempo cronológico nas línguas.

Com base no diagrama (58) serão considerados os sufixos que indicam tempo passado, presente e futuro no Aguaruna. A marca da categoria tempo com sufixo verbal nessa língua, permite classificar as formas verbais em finitas (flexionados pela categoria tempo) e formas não finitas (não flexionadas). As formas não finitas recebem apenas o marcador de infinitivo [-ta], sufixo esse que aparece como /-t/ com bases verbais que contêm mais de uma sílaba, e como /-ta/ com raízes verbais monossilábicas. Exemplos:

- (59) a. há - ta 'morrer'
 b. hí - ta 'assar'
 c. agá - t(a) 'escrever'
 d. akai - kí - t(a) 'descer'

Por sua vez, as formas finitas recebem as flexões de tempo, pessoa, número, aspecto e modo.

No que segue, serão tratados os sufixos de tempo no Aguaruna.

5.1.2.3.1. Tempo presente

O presente situa a ação no momento em que se fala, (cf. diagrama 58). Para Comrie o presente "refers only to a situation holding at the present moment, even where that situation is past of a larger situation that occupies more than just the present moment" (Comrie (1986:38)). O presente no Aguaruna marca-se com o sufixo [-

a] para um grupo de verbos; para outros, a marca é \emptyset . A ocorrência ou não do sufixo [-a] parece estar condicionada morfológicamente.

Exemplos:

- (60) a. puh - á - ha - i
 estar - pres - 1 - decl
 'eu estou'
- b. níi puh - á - wa - i
 ele estar - pres - 3 - decl
 'ele/a está'
- c. íi min - á - hi
 nós vir - pres - 1
 'nós vimos (dual)'
- d. átum wák+t - ŋu - m+
 vocês voltar - dl - 2
 'vocês voltam (dual)'
- e. dita wák+tu - ina - wa - i
 eles voltar - pl - 3 - decl
 'eles/as voltam'

5.1.2.3.2. Tempo passado

Com base no diagrama apresentado em (58) pode se dizer que o tempo passado (ou pretérito) localiza a ação verbal em momento anterior, ao tempo presente, isto é, situado à esquerda do ponto de referência (agora). Em termos de Comrie (1985:41) "[t]he meaning of the past tense is thus a location in time prior to the present

moment, and any further deductions about temporal location that are made on the basis of individual sentences in the past tense are the result of factors other than simply the choice of tense". Alias, como o próprio Comrie afirma "past tense locates the situation in the past, without saying anything about whether that situation continues to the present or into the future..."(p.41).

Os morfemas que indicam passado no Aguaruna dividem-se em quatro categorias: passado imediato, passado distante (remoto), passado histórico e passado indefinido. A seguir, tratar-se-á cada um deles.

5.12.3.2.1. Passado imediato (recente)

Os sufixos relativos ao passado imediato indicam que a ação ocorreu no mesmo dia ou no período de até uma semana atrás. A forma de reconhecer este passado é geralmente recorrendo às palavras temporais *yabái* 'hoje', *yaũ* 'ontem', *yaũ káši* 'ontem à noite'. Os marcadores desse passado são:

a) [-ma] na primeira e terceira pessoas; esse sufixo quando ocorre depois de vogais reduz-se para /-m/, exceto se a raiz for monossilábica.

b) [-mau] nas segundas pessoas. Quando uma vogal ocorre antes desse sufixo, então ele aparece como /-mu/, exceto se a raiz verbal for monossilábica. Exemplos.

- (61) a. wíi čičá - k - ma - ha - i
 eu falar - asp - passd - 1 - decl
 'eu tenho falado, eu falei'
- b. átm čičá - k - mau - ŋu - m+
 vocês falar - asp - passd - dl - 2
 'vocês têm falado, vocês falaram'
- c. wíi +p+n - ča - m - ha - i
 eu fechar - neg - passd - 1 - decl
 'eu não tenho fechado'
- d. ám+ +p+n - ča - mu - m+
 você fechar neg - passd - 2
 'você não tem fechado'

As formas interrogativas do passado imediato são marcadas com [-ka] ~ [-ku]. A seqüência desses dois morfemas pode resultar em [-ma-ka] ou [-m-ka] na primeira e terceira pessoas, e [-ma-ku] ou [-m-ku] nas segundas pessoas. Exemplos:

- (62) a. wíi áika - m - ka - h
 eu fazer - pass - int - 1
 'eu tenho feito?'
- b. ám+ áika - m - ku - m
 você fazer - passd - int - 2
 'você tem feito?'

- c. íi nants+má - š - ma - ka - :
 nós dançar - neg - pass - int - 1
 'vocês não têm dançado?'
- d. átum nants+má - š - ma - ku - lu - m
 vocês dançar - neg - passd - int - dl - 2
 'vocês não têm dançado?'

5.1.2.3.2.2. Passado distante

Os sufixos que marcam o passado distante localizam uma situação ocorrida no período de uma semana atrás, a vários anos atrás. De acordo com Fast e Larson (1974) este passado começa onde termina o passado imediato, embora uma separação clara entre os dois resulta complicada. Por vezes, o emprego de advérbios temporais ajuda reconhecer o passado imediato (cf. passado imediato em 5.1.2.3.2.1).

Os sufixos do passado distante são [-mai] - [-mia] na primeira pessoa singular e plural. Na segunda pessoa, singular e plural ocorre como [-mayu] ou [-miu], e na terceira, singular e plural, é [-mayi] ou [-mi]. As realizações alomórficas são como segue:

- a) [-mai] realiza-se como /-mia/ depois de vogais, exceto quando a raiz do verbo contém apenas um núcleo.

b) [-mayu] ocorre como /-miu/ depois de vogais, exceto quando a raiz do verbo é monossilábica. Há casos também em que pode ocorrer somente como /-mai/.

c) [-mayi] passa a ser /-mi/ quando o segmento que o precede é uma vogal, mas não se a raiz verbal conta somente com uma sílaba.

Às vezes, a consoante nasal desses morfemas (em a, b, c) sofre desnalização na emissão fonética (ver desnalização de consoantes no capítulo de fonologia, seção 2.5.7.). Exemplos dos morfemas respectivos:

- (63) a. wii čičá - k - mai - ha - i
 eu falar - asp - passd - 1 - decl
 'eu tinha falado'
- b. íi kantamá - mia - hi
 nós kantar - passd - 1
 'nós tínhamos cantado'
- c. átum čičá - k - mayu - ŋu - m+
 vocês falar - asp - passd - dl - 2
 'vocês tinham falado'
- d. ám+ wak' - ki - miu - m+
 você regressar - asp - passd - 2
 'você tinha regressado'
- e. díta taká - s - aŋ - mayi - Ø
 eles trabalhar - asp - pl - passd - 3
 'eles/as tinham trabalhado'

- f. níi su - sá - mi - Ø
 ele dar - asp - passd - 3
 'ele/a tinha dado'

Os marcadores de interrogação para as formas verbais do passado distante são [-ma-ka-ya] na primeira e terceira pessoas, e [-ma-ka-yu] para a segunda pessoa. Cada um deles apresenta alomorfias, segundo o contexto descrito para as formas afirmativas.

É importante notar que o interrogativo é o sufixo [-ka] 'interrogativo definido', o qual se insere entre [-ma] e [-ya, - -yu], isto é, uma forma de morfemas descontínuos [-ma ... ya, -ma ... yu] . Esse fato estaria indicando que, na realidade, o marcador do passado distante está formado de [-ma] 'passado imediato' e [-ya, - -yu, - -yi] 'passado histórico' ou remoto (ver passado histórico em 5.1.2.3.2.3.). O 'passado distante' seria então o resultado de uma situação localizada entre os dois passados. Exemplos:

- (64) a. níi čičá - k - ča - m - ka - ya - Ø
 ele falar - asp - neg - pass - int - rem
 'ele/a não tinha falado?'
- b. wíi taká - s - ma - k - ia - Ø
 eu trabalhar - asp - passd - int - rem - 1
 'eu tinha trabalhado?'
- c. átum uhái - m - ka - i - ŋu - m
 vocês abrir - passd - int - rem - dl - 2
 'vocês tinham aberto?'

d. ám+ katí - [] - ma - k - iu - m

você atravessar -asp - passd - int - rem - 2

'você tinha atravessado?'

5.1.2.3.2.3. Passado histórico ou remoto

O passado histórico localiza uma situação num período ainda mais anterior que o passado distante. O passado histórico usa-se nos relatos orais: contos, mitos, lendas e histórias. Esse passado pode ser relacionado com o uso dos temporais cronológicos: **yáunčuk+**, **inítiki** 'antigamente', temporais que geralmente iniciam uma narração'.

Os sufixos do passado histórico são:

a) [-ya] na primeira pessoa (sg. e pl.) e terceira pessoa plural.

Alomorficamente, [-ya] ocorre como /-ia/ depois de consoante e com raízes monossilábicas,

b) [-yu] na segunda pessoa, singular e plural. Ocorre como /iu/ depois de consoantes e com raízes monossilábicas,

c) [-yí] na terceira pessoa singular. Esse sufixo se reduz para /-i/ depois de consoante. Exemplos:

(65) a. wíi úmu - ya - ha - i

eu beber - passd - 1 - decl

'eu bebia'

- b. ám+ úmu - yu - m+
 você beber - passd - 2
 'você bebia'
- c. níi úmu - yi - Ø
 ele beber - passd - 3
 'ele/a bebia'
- d. íi wakítik - ia - hi
 nós regressar - passd - 1
 'nós regressávamos'
- e. níi wakítik - i - Ø
 ele regressar - passd - 3
 'ele regressava'

5.1.2.1.3.2.4. Passado indefinido (ou simples)

O passado indefinido é semelhante ao pretérito simples do Português e do Espanhol, indica uma ação concluída antes do ato de fala, que começou e terminou no passado, independentemente de este ser recente, distante ou histórico. Larson (1963:10) o denomina 'past stative' e 'narrative past'. A denominação de 'narrative past' está ligada à sua presença nas narrativas, pois como afirma Hernández (1986:334) "la forma del pasado [simples] es la más adecuada para la narración, y su significado, desde un punto de vista psicológico, es el resultado de una "memorización" (real o imaginado) de un acontecimiento que ha dejado su huella en nuestra mente".

O passado indefinido marca-se com o sufixo [-u] para todas as pessoas, e à diferença dos passados discutidos acima, que marcam a pessoa no próprio verbo, o indefinido requer os pronomes independentes para evitar ambigüidades na conjugação. Exemplos:

- (66) a. wíi wí - u 'eu fui'
 b. ám+ wí - u 'você foi'
 c. níi wí - u 'ele/a foi'
 d. íi tsupí - ča - u 'nós não cortamos'
 e. díta tsupí - k - ča - u 'eles/as não cortaram'

5.1.2.3.3. Tempo futuro

O futuro pode ser definido como a localização no tempo, situada à direita do presente momento (Cf. diagrama 58). O futuro é o tempo prospectivo, que determina um acontecimento a vir, sem especificar o momento, pois trata-se de um processo virtual e não real. Segundo Hernández (1986:339) "[...] el futuro, en esencia, no existe. Se trata [...] desde un punto de vista psicológico de un proceso imaginativo, proyectivo, de un proceso sólo presente en nuestra mente. Pero le concedemos independencia y fingimos que tiene realidad en si". Lyons (1979) considera o tempo futuro mais como uma questão de modo de que tempo, igualmente Comrie (1985) explora essa relação; porém, para Comrie "the question of whether future time reference is subsumed under tense or mood, whether in general linguistic theory or in some specific language, is an empirical question that can only be answered on the basis of the

investigation of grammatical expressions of future time reference across of a number of languages" (p.44).

No caso do Aguaruna, há sufixos que se adjungem às bases verbais e que são interpretados como assinalando tempo futuro. São quatro variedades de futuro na língua Aguaruna: futuro imediato, definido, indefinido e desiderativo. No que segue descrever-se-á cada um deles.

5.1.2.3.3.1. Futuro imediato

O futuro imediato indica uma ação a se realizar imediatamente, ele aparece somente com a primeira pessoa singular. O sufixo respectivo é [-ta], que aparece como /-t/ após uma vogal, e /-ta/ com raízes monossilábicas ou depois de consoantes. Exemplos.

- (67) a. yačam+á - ɖ - ta - ha - i
 aprender - asp - fut - 1 - decl
 'vou aprender'
- b. agá - ɲ - ta - ha - i
 escrever - asp - fut - 1 - decl
 'vou escrever'
- c. wakʰt - ki - t - ha - i
 regressar - asp - fut - 1 - decl
 'vou regresar'
- d. nuw+ - ná - t - ha - i
 mulher - verb - fut - 1 - decl
 'vou - me casar'

5.1.1.2. Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos não subcategorizam um SN como objeto direto, eles podem sim, numa construção sintática, requerer a presença de um SN em função de sujeito (argumento externo).

Exemplos:

(4) a. tíwi amí - haī miní - tta - wa - i

N.P. 2 - com vir - fut - 3 - decl

'Tiwi virá contigo'

b. múunt páati kúwašat taká - s - m - +

adulto N.P. intf trabalhar-asp-passd-3

'o velho Paati trabalhou muito'

c. kášai - k ikám tupiká - k - ma - ka

paca - tóp mato fugir-asp - passd-int

'a paca fugiu para o mato?'

Existe um conjunto limitado de bases verbais, transitivas e intransitivas, que inerentemente indicam número. Assim, uma base transitiva singular requer um SN objeto em singular, uma base intransitiva singular requer um SN sujeito em singular. Já uma base transitiva plural subcategoriza um SN objeto em plural, e uma base intransitiva plural refere a um SN sujeito em plural. Exemplos:

Regan et alii (1991) descrevem o sufixo [-ta] 'futuro imediato' com o sentido de imperativo ou obrigação na primeira pessoa. Assim, por exemplo, a construção *w+ - ta - ha - i* significaria 'tenho que ir'. Por outra parte, Fast & Larson (1974) o consideram como sufixo que indica 'futuro imediato'. Mas, em Larson (1963) o mesmo sufixo é tratado como 'desirable future' (p.11). No meus dados, o sufixo [-t(a)] com o valor de 'desirable future' aparece somente em combinação com o sufixo [-s(a)taɪ] 'optativo' e com o 'interrogativo dubitativo' [-pašit].

5.1.2.3.3.2. Futuro definido

O futuro definido indica uma ação que se realizará num período determinado. Esse tipo de futuro geralmente vai acompanhado dos temporais: *kašini* 'amanhã', *káši* 'à noite', *a]úm(a)* 'mais tarde', *yamá* 'agora'. O futuro definido marca-se com o sufixo [-tat], que aparece como /-tat/ após consoante e com raízes monossilábicas, e [-tta] depois de vogais. Exemplos:

- (68) a. *wii kašín áika - tta - ha - i*
 eu amanhã fazer - fut - 1 - decl
 'eu vou fazer amanhã'
- b. *átum kašín áika - wa] -tat -]u - m+*
 vocês amahã fazer - pl - fut - dl - 2
 'vocês vão fazer amanhã'

O marcador de futuro ocorre imediatamente após a base verbal (raiz ou tema), mas quando o verbo é conjugado na forma negativa, o sufixo do futuro ocorre depois do sufixo de negação como em :

- (69) a. wíi taká - s - ča - tta - ha - i
 eu trabalhar - asp - neg - fut - 1 - decl
 'eu não vou trabalhar'
- b. átum itáa - č - aŋ - tat - ŋu - m+
 vocês trazer - neg - pl - fut - dl - 2
 'vocês não vão trazer'

5.1.2.3.3.3. Futuro indefinido

O futuro indefinido indica uma ação a se realizar num tempo indeterminado. Os marcadores de futuro indefinido são:

- a) [-tinait], aparece na primeira e segunda pessoas. Alomorficamente, realiza - se como /-tnait/ depois de vogais.
- b) [-tinai] ocorre com a terceira pessoa (singular e plural). Sua alternância alomórfica é /-tnai / após vogais. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (70) a. ám+ wá - ka - tnait - m+
 você chegar - asp - fut - 2
 'você chegará'

- b. íí wá - ka - ŋ - tinait - hi
 nós chegar - asp - pl - fut - 1
 'nós chegaremos'
- c. díta wá - ka - tnai - Ø
 eles chegar - asp - fut - 3
 'eles/as chegarão'
- d. díta ukú - sa - ŋ - tinai - Ø
 eles guardar - asp - pl - fut - 3
 'eles/as guardarão (pl.)'

O futuro indefinido também pode ser indicado pelo sufixo [-tinu], que se emprega para todas as pessoas. Esse sufixo geralmente perde seu núcleo final quando ocorre após consoantes e raízes monossilábicas, e apaga o penúltimo núcleo após vogais. Exemplos:

- (71) a. ám+ wá - ka - š - tin - ka - ita - m
 você chegar - asp - neg - fut - int - ? - 2
 'você não chegará?'
- b. hutíí ukú - s - ča - tnu - k - aita - ŋ
 nós guardar - asp - neg - fut - int - ? - 1
 'nós não guardaremos?'
- c. díta ukú - s - ča - ŋ - tin - ka - i - Ø
 eles guardar - asp - neg - pl - fut - int - ? - 3
 'eles/as não guardarão?'

Comparando os paradigmas de (71) onde ocorre o sufixo [-tinu] e aqueles em (70) onde aparece o sufixo [-tinai(t)], vemos que há uma relação entre os dois. De fato, parece que o sufixo [-tinai(t)] é, na verdade, uma fusão de dois morfemas: [-tinu] e [-ait(a)]. Isso é evidente em (71) onde se vê que os dois morfemas apareceram como descontínuos após a inserção do interrogativo [-ka]. Sendo isso evidente, pode-se concluir que o morfema de futuro é [-tinu] e [-ait(a)] a marca de indefinitude. A soma de ambos daria então o futuro indefinido.⁵³

5.12.3.3.4. Futuro volitivo

O futuro volitivo além de indicar uma ação a ser realizada, exprime um desejo por parte do falante. O marcador desse futuro é [-ta]ta], esse sufixo pode manifestar-se como /-ta]tu / quando ocorre antes do morfema de plural [-ina]. Exemplos:

- (72) a. níí sumá - k - ta]ta - wa - i
 ele comprar - asp - fut - 3 - decl
 'ele/a quer comprar'
- b. hutíí sumá - k - ta]tu - ina - hí
 nós comprar - asp - fut - pl - 1
 'nós queremos comprar'

⁵³ Curiosamente, [-aita], e suas variações alomórficas, é homônimo com o marcador de cópula [- (w)aita]; porém, não vejo nenhuma relação semântica entre o [-aita] que aparece no paradigma verbal, e o [-(w)aita] que aparece mais como derivacional na morfologia nominal, e como relacionador nas orações equativas. Levando isso em conta, prefiro interpretá-lo como marca de indefinitude no futuro indefinido.

O futuro volitivo pode ser também marcado com o morfema [-tatta], sufixo que ocorre como [-tata] depois de vogais:

- (73) a. díí - s - tatta - tsu - ha - k
 ver - asp - fut - neg - 1 - decl
 'não quero olhar?'
- b. átum díi - s - tattu - ina - tsu -] - m+ - k
 vocês ver - asp - fut - pl - neg - dl - 2 - int
 'vocês não querem olhar?'
- c. wíi su - sá - tata - ha - i
 eu dar - asp - fut - 1 - decl
 'eu quero dar'

A diferença entre as duas formas de expressar o futuro volitivo, parece relacionar-se com a afirmação de Fast & Larson (1974) de que o futuro volitivo é a redução de dois verbos: o verbo principal, mais o verbo auxiliar *tú-ta* 'dizer'. Por exemplo, uma construção como:

- (74) sumá - k - ta - ta - ha - i
 comprar - asp - fut - 1 - decl
 'eu quero comprar'

viria de uma forma subjacente como:

- (75) sumá - k - ta - ha - i tá - ha - i
 comprar - asp - fut - 1 - decl dizer - 1 - decl
 'eu vou comprar, eu digo'

5.1.2.4. Aspecto

O aspecto é uma categoria verbal, que segundo Comrie (1976) pode ser definido como as diferentes maneiras de se ver a constituição temporal interna de uma situação denotada pelo verbo. O contraste aspectual mais considerado pela literatura lingüística é a diferença entre o perfeito e o imperfeito, presente sobretudo no Russo e em outras línguas eslavicas, como também no Português, Espanhol e Inglês. Nesse contraste, o perfeito se refere a uma ação conclusa, e o imperfeito exprime duração sem especificar o término da ação. Com Comrie (1976:19) "[a] perfective form often indicates the completion of a situation when it is explicitly contrasted with an imperfective form: since the imperfective indicates a situation in progress, and since the perfective indicates a situation which has an end, the only new semantic element introduced by the perfective is that of the termination of the situation..."

O aspecto como categoria do verbo manifesta-se no Aguaruna por meio de morfemas gramaticais, isto é, sufixos, que se acrescentam à base verbal. A presença dos sufixos aspectualizadores no verbo Aguaruna exprime uma ação perfeita nos tempos passado, presente e futuro. A ausência desses sufixos indica que a ação verbal é progressiva. Larson (1963) afirma que "[b]oth transitive and intransitive stems have minor subclasses completive and continuative. If the aspect tagmeme is manifested the resulting stem is a completive stem, if not, it is a continuative

stem"(p.18). Cf. também Regan et alii (1991). Exemplos a partir de Larson (1963).

- (76) a. taká - s - ma - ha - i
 trabalhar - asp - passd - 1 - decl
 'trabalhei'
- b. taká - m - ha - i
 trabalhar - passd - 1 - decl
 'estive trabalhando'
- c. wain - ká - tta - ha - i
 ver - asp - fut - 1 - decl
 'olharei'
- d. wáin - tat - ha - i
 ver - fut - 1 - decl
 'estarei olhando'

Os marcadores de aspecto no Aguaruna podem ser agrupados em: a) sufixos que denotam uma ação contínua (imperfecto) como [-m(a)] 'durativo', [-k(u)] 'progressivo' (gerúndio), e b) aqueles que denotam ação não contínua (perfectivo): [-s(a)] 'atenuativo' ou 'ação pessoal', [-k(a)] 'ação singular', [-ŋ(a)] 'ação plural' ou 'ação repetida', [-k(i)] 'ação demorada' ou 'ação à distância'. A seguir, uma descrição breve de cada um deles:

5.1.2.4.1. [-m(a)] 'durativo'

Esse sufixo marca o carácter contínuo da ação verbal.

Exemplos:

(77) a. taká - ma - t - ha - i

trabalhar - asp - fut - 1 - decl

'vou seguir trabalhando'

b. kanúu - ma - ta, kašín wain - iá - mi

dormir -asp -2imp amanhã ver - recip - dual

'continue dormindo, a gente se vê amanhã'

5.1.2.4.2. [-k(u)] 'progressivo'

Esse morfema sufixa-se à raiz verbal para expressar uma ação em transcurso, equivalente às terminações [-ndo] do Espanhol e do Português e ao [-ing] do Inglês, ou seja, ao gerúndio dessas línguas.

O progressivo no Aguaruna pode ser simples como em:

(78) a. tupiká - ku - n(u)

correr - ger - 1

'eu correndo'

b. tupiká - ku - m(+)

correr - ger - 2

'você correndo'

c. tupiká - k - Ø
 correr - ger - 3
 'ele/a correndo'

Ou pode ser composto (perifrástico) como em:

- (79) a. yukúm - ku - Ø puhá - hi
 nadar - ger - 1 estar - 1
 'estamos nadando'
- b. yukúm - ku - ŋu - m puhá - ŋ - m+
 nadar - ger - dl - 2 estar - dl - 2
 ' (vocês) estão nadando'
- c. yukumá - ina - k - Ø puhu - ina - wa - i
 nadar - pl - ger - 3 estar - pl - 3 - decl
 ' eles estão nadando '

O progressivo aparece sobretudo em construções com verbos dependentes e indica ação simultânea à do verbo principal:

- (80) a. wánka ts+gásmi - š wʹga - m+
 Qu- N.L. - dub ir - 2
 'para que você vai para Tsegasmi?'
- iŋáa - ku - n(u) wʹga - ha - i
 visitar - ger - 1 ir - 1 - decl
 'vou para visitar' (Lit. visitando vou)

5.1.2.4.3. [-s(a)] 'atenuativo' ou 'ação pessoal'

Esse sufixo é muito usado na fala diária e dá à ação verbal uma nuance de afectividade, suaviza a expressão, que de outro modo resultaria demasiado forte e indiferente. Exemplos:

- (81) a. hu - í +kí+m - sa - ta - ŋ u - m
 aqui-loc sentar - asp - fut - dual - 2
 'sentem-se aqui, por favor'
- b. anú kučíi su - ŋ u - s - tá
 esse faca dar - lobj - asp - 2imp
 'dê essa faca para mim'

5.1.2.4.4. [-k(a)] 'ação singular'

[- k(a)] indica que a ação verbal se produz uma vez ou de uma vez só. Exemplos:

- (82) a. antú - k - ta
 escutar - asp - 2imp
 'escuta'
- b. átum makíčik yawáã sumá - k - ta - ŋ - m+ - stai
 vocês comprar cachorro comprar-as- - fut - dl - 2-opt
 'talvez vocês comprem um cachorro'

[- k(a)] indica também que uma ação é realizada com intensidade ou com muita energia. Veja:

- (83) a. ači - k - tá
 agarrar - asp - 2imp
 'agarre (com força)'
- b. untsu - k - tá
 chamar - asp - 2imp
 'chame (gritando)'
- c. čiča - k - tá - ŋu - m
 falar - asp - 2imp - dl - 2
 'falem (agressivamente)". Compare com :
- d. čiča - s - tá - ŋu - m
 falar - asp - 2imp - dl - 2
 'conversem'

Em (83d) a ação é suavizada pelo uso do aspectual [-s(a)].

5.1.2.4.5. [-ŋ(a)] 'ação plural' ou 'ação repetida'

Esse sufixo indica que a ação se produz várias vezes simultaneamente. Exemplos:

- (84) a. taníš taníš - ma - ŋ - ta
 parede parede - verb - asp - 2imp
 'faz as paredes'
- c. ūči - k dápi +sái - ŋ - bau - w+
 criança-tóp cobra morder-asp-denom - pass
 'a criança foi picada pela cobra (várias vezes)'

- d. úči - k dápi +sái - mu - w+
 criança-tóp cobra morder - nom - pass
 'a criança foi picada pela cobra (uma vez)'

5.1.2.4.6. [-k(i)] 'ação à distância' ou 'ação demorada'

Esse marcador de aspecto indica um tipo de ação relacionado com o deslocamento de um lugar para outro. Pode indicar também uma ação realizada com muita intensidade (ação demorada). Exemplos:

- (85) a. namák nanká+ - ki - ta ám+ wahúk wak+ga - m+
 rio cruzar - asp - 2imp você Qu- querer - 2
 'você pode cruzar o rio como você quiser'

- b. makíčik múunt tupiká - ki - u
 um grande correr - asp - passd
 níi s+nči - ŋ - iī - haī
 ele forte - poss - 3poss - com
 'o homem correu com toda a sua força'

- c. kahimá - t - ki - mia - ha - i ám+
 esquecer - ref - asp - passd - 1 - decl você
 táa - tnu - mi - na - k
 chegar - fut - 2 - ac - top
 'esqueci-me completamente de sua chegada'

5.1.2.5. Modo

Tradicionalmente, o modo se define como uma categoria verbal que indica as diversas atitudes do falante em relação ao enunciado que comunica. De acordo com Bybee (1985) o modo "is a marker on the verb that signals how the speaker chooses to put the proposition into the discourse context"(p. 165). Do mesmo modo, Palmer (1986:21) afirma que o modo "[i]t is formally a morphosyntactic category of the verb like tense and aspect even though its semantic functions relates to the contents of the whole sentence".

No caso específico do Aguaruna, o modo aparece como categoria do verbo, assinalada por sufixos, semelhantemente aos marcadores de tempo e aspecto. Postulamos para o Aguaruna os modos declarativo, interrogativo, imperativo, negativo e subjuntivo.

5.1.2.5.1. Declarativo

O declarativo é um modo objetivo em que o falante simplesmente dá afirmação dos fatos sem somar traços de subjetividade. O declarativo é marcado pelo sufixo [-i], que aparece como o último elemento dentre os morfemas que constituem o verbo. Exemplos:

- (86) a. níi puhá - wa - i
 ele estar - 3 - decl
 'ele/a está'

- b. díta puhu - ína - wa - i
 eles estar - pl - 3 - decl
 'eles/as estão'
- c. wíi hapim - ha - i
 eu varrer - 1 - decl
 'eu varro'

Em (86) considerou-se somente o paradigma da primeira pessoa (sg.) e da terceira (sg. e pl.). Os paradigmas das outras pessoas são como segue:

- (87) a. ám+ puhá - m+
 você estar - 2
 'você está'
- b. hutíi hapím - hi
 nós varrer - 1
 'nós varremos'
- c. átum hapím - ðu - m+
 vocês varrer - dl - 2
 'vocês varrem'

Os dados de (87) mostram a ausência da marca do declarativo [- i]. Assume-se a hipótese de que, nesse caso, a marca está presente, porém não se manifesta foneticamente, pois o morfema [-i] sofre um truncamento quando vem antecedido pelas vogais altas /+/
 e /i/.

5.1.2.5.2. Interrogativo

O marcador de interrogação no Aguaruna aparece também como flexão, isto é, como sufixo ligado ao verbo. Em termos gerais, o marcador de interrogação é o último elemento do verbo. O sufixo mais produtivo é [-k(a)] 'marca de interrogação definida'. Para detalhes desta forma de interrogação e do uso de outros sufixos veja-se o capítulo de sintaxe, seção 6.2.2.3.). Exemplos:

- (88) a. átum yú - a - tsu - ɬ - m+ - k
 vocês comer - asp - neg - dl - 2 - int
 'vocês não comem?'
- b. wíi kan - á - ča - tt - ha - k
 eu dormir - asp - neg - fut - 1 - decl
 'eu não vou dormir?'
- c. níi níi - škam miná - wa - k
 ele ele - clit vir - 3 - int
 'ele/a também vem?'

Em (88) a marca de interrogação vem em posição final, após outros morfemas que acompanham a raiz verbal. Porém, há casos em que o interrogativo não é o elemento final, fato que pode ser visto nos paradigmas interrogativos do futuro indefinido, do passado imediato, passado distante e passado histórico. Exemplos:

- (89) a. wíi ukú - k - tin - ka - ita - h
 eu guardar - asp - fut - int - indf - 1
 'eu guardarei?'
- b. ám+ akík - ma - ča - m - ka - yu - m
 você pagar - verb - neg - passd - int - rem - 2
 'você não tinha pago?'
- c. níi áika - ts - ka - ya - Ø
 ele fazer - neg - int - rem - 3
 'ele/a não fazia?'

5.1.2.5.3. Negativo

A marca de negativo no Aguaruna aparece também como flexão verbal. A presença do negativo no verbo estaria ligada com o escopo da negação frasal. (cf. orações negativas, cap. sintaxe em 6.2.2.2.). Os marcadores de negação ocorrem no verbo, mas podem sufixar-se também a itens lexicais não verbais (nomes, pronomes, déiticos e adjetivos). Nesse caso, o escopo da negação é o item lexical.

De acordo com Bybee (1985) a negação não seria um tipo de ato de fala, pois "a statement, question or command may be either affirmative or negative" (p.176). Para o Aguaruna assumir-se-á que a negação é um modo, pois os sufixos de negação ligam-se ao verbo espalhando seu escopo sobre a oração, ou em termos de Bybee (1985) sobre a proposição toda.

Os sufixos que expressam negação em Aguaruna variam entre [- ts (u) - - ts(a)], [-č(a) - - č(a u - - š]), todos eles aparecem imediatamente à direita da base verbal. Exemplos:

- (90) a. čičá - ts - ha - i
 falar - neg - 1 - decl
 'eu não falo'
- b. yukúm - tsu - m+
 nadar - neg - 2
 'você não nada'
- c. hu - kí - š - tin - ait - ha - i
 levar - asp - neg - fut - indf - 1 - decl
 'não levarei'
- d. taká - s - ča - tn - ait - ŋu - m+
 trabalhar - asp - neg - fut - indf - dl - 2
 'vocês não trabalharão'
- e. níi taká - s - čau
 ele trabalhar - asp - neg
 'ele/a não trabalha'

Em (90) os sufixos de negação ocupam uma posição imediatamente posterior à base verbal; entretanto, quando o morfema de plural [-ina] está presente, então o negativo ocorre à direita desse morfema como em :

- (91) a. nuwí - na - ina - ts - u - i
mulher - verb - pl - neg - 3 - decl
'eles/as não se casam'
- b. yukumá - ina - ts - hí - k
nadar - pl - neg - 1 - int
'não nadamos?'

Geralmente, o negativo localiza-se antes do tempo verbal, contudo, no caso do futuro volitivo, ele aparece após a marca de tempo :

- (92) a. čičá - k - taṭtu - ina - ts - hí
falar - asp - vol - pl - neg - 1
'não queremos falar'
- b. hu - kí - taṭta - tsu - wa - k
levar - asp - vol - neg - 3 - decl
'ele não quer levar?'

5.12.5.4. Imperativo

O modo imperativo é a forma verbal usada em comandos ou ordens diretos. Na literatura lingüística considera-se como comando direto as ações referidas à segunda pessoa (singular e plural). Porém, no Aguaruna há formas imperativas também para a primeira pessoa (dual e plural) e terceira pessoa (singular e plural). No primeiro caso, tem-se o exortativo, e no segundo, o imperativo indireto.

O imperativo de segunda pessoa é marcado pelo sufixo [-ta] como nos casos a seguir:

- (93) a. w+ - tá
ir - 2imp
'va'
- b. hugá - k - ta
ficar - asp - 2imp
'fique'
- c. kan - á - ta - ŋu - m
dormir - asp - 2imp - dl - 2
'durmam'
- d. čiča - s - tá - ŋu - m
falar - asp - 2imp - 2
'falem'

Nas formas exortativas o marcador é [-mi] 'imperativo de 1ª pessoa'. Quando ocorre em conjunto com o sufixo [-(a)] o exortativo é plural, a não ocorrência desse sufixo indica dual:

- (94) a. w+ - mí 'vamos (dual)'
- b. hugá - k - mi 'fiquemos (dual)'
- c. taka - s - mí 'trabalhemos(dual)'
- d. w' - a] - mi 'vamos (plural)'
- e. huga - k - á] - mi 'fiquemos (plural)'
- f. taka - s - á] - mi 'trabalhemos (plural)'

As construções do imperativo indireto relacionam-se com a terceira pessoa, singular e plural. No singular o sufixo é [-tī] e no plural é [-tinum+]. O morfema [-tinum+] apresenta o alomorfe / -tinm+ / depois de consoantes e com raízes monossilábicas e o alomorfe /-tnum+/ depois de vogais. Exemplos:

- (95) a. w+ - tī́ 'que vai ele/a'
 b. hugá - k - tī 'que fique ele/a'
 c. w+ - tinm+ 'que vão eles/as'
 d. hugá - k - tinm+ 'que fiquem eles/as/'
 e. wasúnkama - tnum+ 'que jogem eles/as'

Nas construções negativas o imperativo apresenta algumas diferenças relevantes. Assim, a negação exortativa usa geralmente o sufixo [-č(a)] 'negativo':

- (96) a. w+ - ča - mi 'não vamos'
 b. hugá - k - ča - mi 'não fiquemos'
 c. taká - sa - ča - mi 'não trabalheamos'

Para o imperativo negativo da segunda pessoa os sufixos são [-i-pa] para o singular, e [-i]-pa] para o plural. Exemplos:

- (97) a. w+ - ɸ - pa 'não vai'⁵⁴
 b. hugá - ka - i - pa 'não fique'
 c. taká - sa - i - pa 'não trabalhe'
 d. w+ - ɸ - pa 'não vão'
 e. hugá - ka - i - pa 'não fiquem'
 f. taka - sá - i - pa 'não trabalhem'

Os exemplos em (97e, 97f) parecem indicar que o sufixo de marca de plural é [-i] e o negativo [-i]. Contudo, o morfema [-i] ocorre também como negativo da terceira pessoa singular:

- (98) a. w+ - ɸ - ka 'que ele/a não vai'
 b. hugá - ka - i - ka 'que ele/a não fique'
 c. taka - sá - i - ka 'que ele/a não trabalhe'

Na terceira do plural o sufixo é [-i-n(u)m+]. Exemplos:

- (99) a. w+ - ɸ - nm+ - ka 'que ele/as não vão'
 b. hugá - ka - i - nm+ - ka 'que eles/as não fiquem'
 c. taka - sá - i - nm+ - ka 'que eles/as não trabalhem'

O imperativo de terceira pessoa (sg. e pl.) é [-ka] quando ocorre na forma negativa como se vê em (98 e 99).

⁵⁴ Quando a vogal /i/ aparece junto à vogal central /+/, está última passa o seu traço dorsal para a primeira.

5.1.2.5.5. Subjuntivo

Define-se o subjuntivo como o modo que expressa subjetividade do sujeito falante diante um enunciado, o subjuntivo é o modo da não asserção (Bybee, 1985). Para Crystal (1988) o subjuntivo refere-se "às formas VERBAIS ou ORAÇÕES/ sentenças de tipo SUBORDINADO, exprimindo uma série de atitudes como incerteza ou vagueza" (p. 246). Na gramática tradicional o subjuntivo é o modo da subordinação (Lyons, 1979).

As formas de expressar subjetividade no Aguaruna são marcadas por sufixos que aparecem no verbo. Quando ocorrem esses morfemas as construções podem ser interpretadas como: optativo, desiderativo, adversativo, condicional e potencial.

5.1.2.5.5.1. Optativo

O optativo expressa uma ação que provavelmente será ou foi realizada. O optativo se marca por [-s(a)tai], esse sufixo aparece sempre como elemento final do verbo. [-s(a)tai] ocorre como elemento final da base verbal, inclusive após os morfemas de pessoa. Exemplos.

- (100) a. wíi puhú - t - ha - stai
 eu estarr - fut - 1 - opt
 'eu provavelmente estarei'
- b. m+nká+ - ka - m - satai kánu - k
 perder - asp - pass- opt canoa-tóp
 'provavelmente a canoa perdeu-se'

- c. hũ áišmank d+ka - ts - ua - stai yukum - tá - n(a)
 este homem verdade-neg- 3 - opt nadar - inf - ac
 'provavelmente este homem não sabe nadar'

5.1.2.5.5.2. Intencional

Modo que manifesta a intenção do falante para realizar uma determinada ação. Os sufixos que indicam 'intenção' ligam-se à base do verbo dependente, nas orações subordinadas. Os sufixos são [-tasa] para a primeira e segunda pessoas, e [-tatus(a)] para a terceira. Exemplos:

- (101)a. wíi awahún čičáma - n(a) yačam+ - a] - tasa - n(u)
 eu aguaruna palavras - ac aprender - asp - ints - 1
 wak+ga - ha - i
 querer - 1 - decl
 'eu quero aprender o idioma Aguaruna'
- b. ám+ awahún čičam yačam+ - a] - tasa - m
 você aguaruna palavras aprender-asp - ints - 2
 wak+ga - m+
 querer - 2
 'você quer aprender o idioma Aguaruna'
- c. níi awahún čičáma - n(a) yačam+ - a] - tatus - Ø
 ele aguaruna palavras - ac aprender - asp - ints - 3
 wak+ga - wa - i
 querer - 3 - decl
 'ele/a quer aprender a língua Aguaruna'

5.1.2.5.5.3. Adversativo

O adversativo indica oposição entre as ações expressas pelo verbo principal e o dependente; o sufixo que marca adversativo é [-š] e ocorre como elemento final do verbo dependente. Exemplos:

(102)a. búut - min - k - ĭ - š amá - s - ča - tta - ha - i
 chorar - 2 - ger- SD -advš dar -asp -neg -fut - 1 - decl
 'embora você chore (eu) não te darei'

b. yutái - ĭ - k - ĭ - š hiin - kí - tta - ha - i
 chover - asp-ger-SD-advš sair - asp - fut - 1 - decl
 'Embora chova (eu) sairei'

c. makíčik a+nts yú - a - ču kašái - n(a) - _
 um pessoa comer - asp - ne paca - ac
 yapáa - yai - ta - ku - š
 fome - cop - des - ger - advš
 'O homem não está comendo paca (carne) embora ele tenha fome'

5.1.2.5.5.4 Condicional

Geralmente o condicional é definido com base na relação existente entre a oração principal e a subordinada. Por exemplo, Palmer (1986:189) afirma "[c]onditional sentences are unlike all others in that both the subordinate clause (the protasis) and the main clause (the apodosis) are non-factual. Neither indicates that an event has occurred (or is occurring or will occur); the

sentence merely indicates the dependence of the truth of one proposition upon the truth of another".

No que diz respeito ao Inglês, Bybee (1985) diz "[c]onditional sentences typically consist of two clauses, one, introduced in English by if, states the condition, while the other, introduced in English by then, states what will or would happen if the condition were met" (p.188). No caso específico da língua Aguaruna, o condicional aparece marcado ao verbo dependente, como último elemento dele. O morfema respectivo varia entre [-ŋ] e [-k]

55

Exemplos:

- (103) a. ám+ táa - k - min - í - ŋ wáin - ia - mi
 você vir - ger - 2 - SD - con ver - recip - idual
 'se você vier a gente se vê'
- c. kánu - ŋ awá - k - min - í - ŋ
 canoa-poss fazer - ger - 2 - SD - cond
 akaŋú - n(a) amá - s - tat - ha - i
 espingarda - ac dar - asp - fut - 1 - decl
 'se você me fizer minha canoa, eu lhe darei uma
 espingarda'
- d. níi yawaā - yí pŋnk+ŋ á - ta - í - k
 ele cachorro-3poss bom ser - fut - SD -cond

⁵⁵ No tenho logrado esclarecer o condicionamento dessa variação. Superficialmente, parece ser uma variação livre, mas precisar-se-ia de maiores estudos para dar uma interpretação certa.

kuntínu - n(a) maú - mai - ai
 animal - ac matar - pot - ser

'se o cachorro dele fosse bom caçaria animais do mato' ⁵⁶

Nos exemplos de (103) vê-se que o sujeito da oração principal é diferente do da subordinada, pois está presente o sufixo [-i] 'sujeito diferente'. Quando os sujeitos são correferentes não aparece o sufixo [-i]. Compare, por exemplo, (103d), onde os sujeitos são discordantes, com (104) em que os sujeitos são correferentes:

(104) níi - na yawáã - yī p⁺nk+ŋa - it - ku - i
 3 - gen cachorro - 3poss bom - cop - ger - cond
 kuntínu - n(a) maú - main - ai
 animal - ac matar - pot - cop
 'se o cachorro_i dele fosse bom (ele_i caçaria animais do
 mato'

5.1.2.5.3.4. Potencial

O potencial refere a uma possibilidade ou potencialidade de ação verbal. O potencial "is more like an agent-oriented modality, since it predicates certain conditions that hold with regard to the main verb, although it is not clear whether an animate agent is necessary for this mood" (Bybee, 1985:182).

⁵⁶ O fato de caçar está referido ao dono do cachorro, e não ao cachorro mesmo, daí a marca de [-i] sujeito diferente no verbo dependente.

O potencial em Aguaruna é marcado pelo sufixo [-mai(n)], ele ocorre imediatamente à direita da base verbal. Exemplos:

- (105) a. uči - ŋ - íī piípiči - k
 filho - poss - 3poss pequeno - tóp
 šikípa - mai - ts - u - i
 urinar - pot - neg - 3 - decl
 'seu filhinho não pode urinar'
- b. píšaka - k yu - táí - ŋ - íī - na - k
 pássaro - tóp comer - nom - poss - 3poss - ac - tóp
 yu - máin - čau - wa - i
 comer - pot - neg - 3 - decl
 'o pássaro não pode comer sua comida'
- c. an+ntái p+nk+ŋ - čau - wa - i
 coração bom - neg - 3 - decl
 máyat - mai - ts - u - i
 respirar - pot - neg - 3 - decl
 'o coração dele não está bem, não pode respirar'

O potencial pode ocorrer em combinação com o condicional, como nas frases seguintes:

- (106) a. uhá - main - it - ha - m+ ašii
 avisar - pot - cop - 1 ---> 2 tudo

dika - k - nu - k

saber-ger- 1 - cond

'contaria todo para você se soubesse'

b. kášik(i) nantá - k - min - ĩ - ĩ

cedo levantar - ger - pot - SD - cond

wí - main - it - hi ahá - num

ir - pot - cop - 1 roça - loc

'se você se levantasse cedo iríamos para a roça'

5.1.3. Voz (diátese)

As distinções de voz ou diátese relacionam-se com as mudanças que se estabelecem entre o sujeito superficial e o verbo. Assim, nas construções ativas, o sujeito é o agente da ação; nas construções passivas, o sujeito sofre a ação do verbo; nas formas reflexivas e recíprocas, o sujeito é ao mesmo tempo agente e paciente da ação. Dai a diátese é pertinente à relação existente entre o verbo e seus argumentos (Hooper, 1985).

Em toda a seção relacionada ao verbo temos apresentado exemplos relacionados com a voz ativa. As formas reflexivas e recíprocas serão discutidas na seção de derivação verbal (ver 5.1.4.2.2. e 5.1.4.2.3. respectivamente). A descrição da voz passiva, será ponto a ser discutido na sintaxe (ver 6.2.4).

5.1.4. Derivação verbal

Esta seção trata dos procedimentos pelos qual uma raiz, seja nominal ou verbal, combina-se com sufixos para constituir temas verbais.

Os sufixos derivacionais a serem tratados, formam tanto temas verbais a partir de raízes verbais, como também temas verbais a partir de raízes nominais.

5.1.4.1. Verbos derivados a partir de raízes nominais

O processo de derivação verbal faz-se por sufixos verbalizadores que transformam uma raiz nominal em um tema verbal. A descrição desses verbalizadores é apresentado a seguir.

5.1.4.1.1. [-ma] 'fatitivo'

O sufixo [-ma] verbaliza uma raiz nominal, o tema resultante dessa derivação recebe os sufixos flexionais próprios do verbo.

- (107) a. t+más - ma - t
 pente - verb - inf
 'pentear'
- b. yawáa - ma - t
 cachorro - verb - inf
 'caçar com cachorro'
- c. an+ntái - ma - t
 coração - verb - inf
 'pensar'

- d. usúk - ma - wa - i
 saliva - verb - 3 - decl
 'ela cuspe'

5.1.4.1.2. [-mága] 'transformativo'

O morfema [-mága] denota que o referente adquire a forma ou característica do objeto assinalado pela raiz nominal. Uma tradução aproximada desse morfema seria 'volver-se', 'converter-se.

Alomorficamente, [-mága] se realiza como /-máa/ após uma vogal, e como /-mága/ após consoante.⁵⁷ Exemplos:

- (108) a. uči - mfa - ha - i
 menino - verb - 1 - decl
 '(eu) renasço'
- b. datsa - mfa - ha - i
 jovem - verb - 1 - decl
 '(eu) rejuvenesco'
- c. a+nts - mága - wa - i
 gente - verb - 3 - cop
 '(ele) se vonverte em gente'
- d. suta] - mága - wa - i
 soldado - verb - 3 - cop
 '(ele) se transforma em soldado'

⁵⁷ Diacronicamente, [-mága] viria de uma proto-forma [-ma+ga], pois nos relatos míticos ainda é possível encontrar essa construção.

5.1.4.1.3. [-t(a)] 'infinitivo'

Sufixado a uma raiz nominal o morfema [-t(a)] deriva um tema verbal não finito, ou seja, sem referência temporal ou aspectual.

Exemplos:

- (109) a. ámpi 'medicina' --> ampí - t 'curar'
 b. buúk+ 'cabeça' ---> buukf - t 'cabecear'
 c. yankú+a 'flor' ---> yanku- ina- t 'florescer (pl.)'
 d. ipáku 'urucu' ---> ipakú - t 'pintar com urucu'

5.1.4.2. Verbos derivados a partir de raízes verbais

Nesta seção são considerados quatro tipos de processos de derivação verbal a partir de raízes verbais. O resultado da aglutinação de uma raiz verbal com um sufixo verbal derivacional, é um tema verbal. À base verbal, produto da aglutinação Raiz Verbal + Sufixo derivacional, podem seguir outros sufixos verbais como aspecto, tempo e modo. Os sufixos respectivos são apresentados a seguir.

5.1.4.2.1. Causativo

Existem duas formas de derivar verbos causativos na morfologia Aguaruna: a) por meio de prefixos e b) por meio de um sufixo.

O prefixo consiste de uma vogal que geralmente é idêntica à primeira vogal da raiz verbal, como nos seguintes exemplos:

- (110) a. a - wayí - t 'fazer entrar'
 caus - entrar - inf
- b. u - čupi - á - i - pa
 caus - molhar - asp - neg - 2imp
 'não deixe que se molhe'
- c. + - minkáu - t
 caus - perder - inf
 'fazer que se perca'

Além do prefixo vogal cópia, existem também prefixos onde a vogal não é justamente eco da primeira vogal da raiz verbal. Isso demonstra que o condicionamento de ocorrência é estritamente morfológico e não fonológico. Exemplos:

- (111) a. á - +sa - t 'queimá-lo'
 caus - queimar - inf
- b. a - núнку -t 'vestí-lo'
 caus - vestir - inf
- c. + - tsagáũ - t 'curá-lo'
 caus - sarar - inf

Outra maneira de derivar um tema verbal é mediante o sufixo [-mitk(a)]. Esse sufixo ocorre como [-mtik(a)] depois de vogais. Exemplos:

(112) a. duší - mtika - t 'fazer rir'

rir - caus - inf

b. taká - mtik - sa - ta

trabalhar - caus - asp - 2imp

'faz-lhe trabalhar'

c. duwí - mtik - ĩa - ta

engordar - caus - asp - 2imp

'engorda-lhe'

Larson (1963), quando se refere aos verbos causativos afirma que "[a] verb with a causative intransitive stem manifesting the nucleus has only one direct-object; a transitive verb with a causative stem manifesting the nucleus may have two direct-objects". Veja-se, por exemplo, o contraste entre (113a) e (113b):

(113) a: wíi učí - n(a) +gá - mtik - Ø - ma - ha - i

eu menino - ac olhar - caus - 3 - passd - 1 - decl

papí - n

livro - ac

'eu fiz que o menino olhasse para o livro' (caus.trans.)

b. wíi učí - n(a) puhú - mtik - ma - ha - i

eu menino - ac ficar - caus - passd - 1 - decl

'eu fiz que o menino ficasse' (caus. intr.)

5.1.4.2.2. Reflexivo [-mama]

Tomando como referência Lyons (1979), uma construção reflexiva pode ser definida como "aquela em que o sujeito e o objeto se referem à mesma pessoa (ou coisa)" (p.381).

Em Aguaruna, o meio de expressar o reflexivo é o sufixo [-mam(a)], que ocorre imediatamente à direita da base verbal. Esse sufixo pode manifestar-se como /-ma/ após vogais. Exemplos:

- (114) a. pinčíman t+máš - mam - ua - i
 N.P. pente - reflx - 3 - decl
 'Pinchinam se pentea'
- b. díta yapí - n(a) usú - ma - ina - wa - i
 eles cara - ac pintar - reflx - pl - 3 - decl
 'eles se pintam a cara'
- c. wíi áu kutúnku - n(a) dakáp - mama - t - ha - i
 eu esse camisa - ac experimentar - reflx -fut-1-decl
 'eu experimentarei essa camisa'

5.1.4.2.3. Recíproco [-naya]

O termo recíproco faz referências às relações mútuas entre dois ou mais participantes. No Aguaruna, o recíproco ocorre como sufixo ligado imediatamente à base verbal. O sufixo respectivo é [-naya], foneticamente [-'daya], que pode ter variações como [-nay, -nia, -ni]. Exemplos:

- (115) a. núnka taká -] - nay - sa - š - mi
terra trabalhar - ref - recip - asp - neg - limp
'não trabalhemos juntos a terra'
- b. a[úm wain - niá - mi
depois ver - recip - limp
'a gente se vê mais tarde'
- c. hú múunt áu - haí ípa - tu - ni -]a -] - m - +
este adulto esse-com disparar-ref-recip-pl-dl-passd-3
'este velho e o outro se dispararam'
- d. umái - m+ - haí an[+ - ní - s -]u - m
irmã - poss - com amar - recip - asp - dl - 2
kuitám - nay - ka - ta -]u - m
ciudar - recip - asp - 2imp - dl - 2
'você e sua irmã amando-se cuidem-se mutuamente'

5.1.4.2.4. Repetitivo [-ã]

O repetitivo assinala uma ação iterativa e simultânea, aparece marcado pelo sufixo [-ã]. Uma característica desse sufixo é que ele ocorre sempre precedido do sufixo marcador de 'ação simultânea' ou 'gerúndio' e seguido pelos sufixos de pessoa do verbo dependente, ou seja, uma seqüência [... ku - ã - sufixo de pessoa do verbo dependente]. Além disso, há uma reduplicação da raiz do verbo como se observa nos exemplos abaixo.

- (116) a. hapí hapí - na - ku - ā - ∅
 puxar puxar - ? - ger - rep - 3
 'ele puxando e puxando'
- b. tupí tupiká - ku - ā - n(u) miná - ha - i
 correr correr - ger - rep - 1 vir - 1 - decl
 'correndo e correndo cheguei'
- c. umú umú - ina - ku - ā - ∅ nampí - i - mai - hi
 beber beber - pl - ger - rep - 1 bébado - asp - passd - 1
 'tomando e tomando ficamos bébados'
- d. ígā ígā - ku - ā - ∅ wain - ká - m - hi
 procurar procurar-ger-rep-1 ver - asp - passd - 1
 'procurando e procurando o vimos'

Note-se de passagem que o sufixo repetitivo no Aguaruna é essencialmente um sufixo derivacional, ao contrário da análise em outras línguas onde geralmente é tratado como sufixo flexional de aspecto . Bybee (1985:150) considera que "[t]he reason that iterative morphemes are derivational rather than inflectional is that the meaning of iteration or repetition, strictly speaking, is only applicable to active verbs, and then only to certain types of active verbs, i.e., those which describe telic events, events that have identifiable endings". Observação, essa, que se pode assumir plenamente para o sufixo repetitivo no caso do Aguaruna.

Capítulo 6

Sintaxe

6.1. Ordem dos constituintes

As orações básicas do Aguaruna são de três tipos: transitivas, intransitivas e copulativas. Elas se distinguem uma da outra pela ocorrência de marcadores morfológicos no SN ou pela ordem sintática dos constituintes na frase.

A ordem básica postulada para o Aguaruna é com o verbo em posição final da frase, precedido do objeto direto, do objeto indireto e do sujeito, ou seja, uma ordem SOV. Essa ordem é a que ocorre numa construção declarativa simples, fora de condicionamentos pragmáticos e estilísticos.

Além dessa ordem básica ocorrem freqüentemente as ordens SVO e OVS, variações que consideramos serem condicionados por questões de ênfase. Ou seja, o objeto e sujeito ocorrem em posição final quando o falante quer enfatizar esses constituintes. Vejam-se os exemplos da ordem básica em (1a-b) e das variações em (2a-b):

- (1): a. tánčim - Ø n+ŋ / - n(a) húwa - wa - i
 N.P. - nomv carne - ac levar - 3 - decl
 'Tanchim leva a carne'

b. kášai - Ø yukúmka - n(a) yu - ina - wa - i
 paca - nomv mandioca - ac comer - pl - 3 - decl
 'as pacas comem mandioca'

(2a) a. wii - Ø wain - ká - m - ha - i makíčik písaka - n(a)
 eu - nomv ver - asp - passd - 1 - decl um pássaro - ac
 'eu vi um pássaro'

b. s+tači - n(a) yú - wa - wa - i čúu - Ø
 banana - ac comer - asp - 3 - decl macaco - nomv
 'o macaco come banana'

6.2. Tipos de Frases

As frases em Aguaruna podem ser classificadas com base em três critérios: 1) pela natureza do verbo em transitivas, intransitivas e copulativas; 2) pela sua modalidade em declarativas, negativas, interrogativas e imperativas; 3) pela sua complexidade estrutural, em frases simples e complexas.

6.2.1. Frases pela natureza do predicado

As frases em Aguaruna são classificadas em transitivas, intransitivas e copulativas, conforme a classe de verbo que manifesta o predicado.

6.2.1.1. Frases transitivas

A frases transitivas são aquelas que tem como núcleo do Sintagma Verbal um verbo transitivo. Um verbo é transitivo quando

subcategoriza um argumento interno, isto é, um SN-objeto. Esse SN-objeto é marcado pelo caso acusativo [-na]:

(3) a. šimpu - Ø yumí - n(a) wak+ga - wa - i
 N.P. nomv água - ac querer - 3 - decl
 'Shimpu quer água'

b. wíi - Ø nihámči - na - k apáa - š - tat - ha - i
 eu - nomv bebida - ac - tóp preparar - neg - fut -1-decl
 'não preparei bebida de mandioca'

Nas frases (3a-b) os SN-objeto direto estão marcados pelo sufixo acusativo [-na]; porém, como já foi dito na seção 4.1.1.1.1.2, esse morfema não aparece quando o sujeito é primeira pessoa plural ou segunda pessoa (singular e plural):

(4) a. hutíi n+ yu - mái - tsu - hi
 nós carne comer - pot - neg - 1
 'nós não podemos comer carne'

b. ám+ čínkim tsúp₁ - a - ikám
 você lenha cortar - asp - 2 mato
 'você corta lenha no mato'

Quando o verbo transitivo subcategoriza um SN argumento interno modificado por um adjunto, principalmente adjetivo, e às vezes por um dêitico, esses adjuntos podem opcionalmente ser marcados com o caso acusativo [-na]:

- (5) a. dás+ hú - na numí - n(a) ahúa - ŋ - u
 vento este - ac árvore-ac derrubar -asp - passd
 'o vento derrubou esta árvore'
- b. yaū wain - ká - m - ha - i hapá - n(a)
 ontem ver - asp -passd -1 -decl veado - ac
 muúnta - n(a) ikám - num
 'ontem vi um veado grande no mato'

Existem alguns verbos, conhecidos tradicionalmente como bi-transitivos, que admitem acusativo duplo (objeto direto e indireto):

- (6) a. učí - uč atašú - n(a) aŋúsa - n(a)
 criança-dim galinha - ac arroz - ac
 á - yu - ŋ - u - i
 caus - comer - asp - 3 - decl
 'o menino deu de comer arroz às galinhas'
- d. čušuf čuwaná - n(a) nanapí - n(a) s+gá - u - Ø
 tatu urubu - ac asa - ac pedir-passd-3
 'o tatu pediu emprestado as asas ao urubu'

Observa-se em (6) que as orações com verbos bitransitivos marcam os argumentos (direto e indireto) com o sufixo [-na]; vê-se também que a ordem dos argumentos é ... OI - OD - VERBO, ou seja, a ordem normal de ocorrência do objeto indireto é antes do objeto

direto. Contudo, há casos em que o objeto direto move-se para a direita do verbo como em:

(7) a. núwa tančíma - n(a) su - sá - m - ka nihámčí - na - s
mulher N.P. - ac dar-asp-passd-int bebida - ac - dub
'a mulher deu bebida de mandioca para Tanchim?'

b. húum uči - ĩ - íĩ - nu - n(a) akup - ká - m - +
N.P. filho-poss-3poss-benef-ac enviar-asp-passd - 3
paámpa - n(a) yuhúmka - haĩ
banana - ac mandioca - com
'Juum enviou banana e mandioca para seu filho'

Em outros casos, o objeto direto permanece na sua posição habitual, mas o objeto indireto é movido à direita do verbo transitivo:

(8) úči áuhmatai - n(a) uhá - k - m - +
filho conto - ac narrar - asp -passd - 3
duku - ĩ - íĩ - n(a)
mãe - poss - 3poss - ac
'o filho disse o conto para sua mãe'

6.2.1.2. Frases intransitivas

As frases intransitivas são aquelas que contêm um verbo intransitivo. Como se lembrará, os verbos intransitivos não

subcategorizam um SN em caso acusativo. As frases intransitivas no Aguaruna ocorrem sempre como S V:

- (9) a. yaváã wák· - iī tanka - ɔ - ɔ̃
 cachorro barriga-3poss inchar - asp - passd
 'a barriga do cachorro inchou-se'
- d. núwa ha - ká - m - +
 mulher morrer - asp - passd - 3
 'a mulher morreu'
- e. kawáu yupi - á - ča - m - +
 louro escapar - asp - neg - passd - 3
 'o louro não escapou'

6.2.1.3. Frases copulativas

As frases copulativas são aquelas que contêm o sufixo copulativo [- (w)-aita] 'ser', 'estar', cuja função é de estabelecer uma relação entre o sujeito e o predicado. O predicado é geralmente um adjetivo ou um nome:

- (10) a. núnka katsúma - i
 terra dura - cop
 'a terra é dura'
- b. ám+ p{nk+} - čau - wait - m+
 você bom - neg - cop - 2
 'você é ruim'

- c. anú úči áišmanku - i
 esse criança homem - cop
 'essa criança é homem'

As frases copulativas podem ser expressas também pelo verbo lexical á- , 'ser', 'existir', 'haver':

- (11) a. ašíi díta p^hók+ á - ina - wa - i
 todas elas bom ser - pl - 3 - decl
 'todas são bonitas'
- b. paámpa - škam kuwášat á - wa - i
 banana - clit muito ser - 3 - decl
 'também ha muita banana'

6.2.2. Frases pela sua modalidade

Por sua modalidade as frases podem ser declarativas, interrogativas e imperativas. Apresenta-se a seguir uma descrição de cada uma delas.

6.2.2.1. Frases declarativas

As frases declarativas são marcadas pelo sufixo [-i], que ocorre como elemento final do verbo:

- (12)a. wíi awahún čičáma - n(a) wak^hga - ha - i
 eu aguaruna palavra- ac querer - 1 - decl

- unuimá - tasa - n(u)
 aprender - inf - 1
 'eu quero aprender o idioma aguaruna'
- b. abíri makíčik aka'ú - n(a) yamá ma - n(a)
 N.P. um espingarda -ac nova - ac
 sumá - k - tat - u - i
 vender - asp - fut - 3 - decl
 'Abiri comprará uma espingarda nova'
- c. ukukúi - k makíčik nanám - tin - ai nanám - u - i
 aguia - tóp um voar - nom - ser voar - 3 - decl
 atúšat šíi] yáki
 longe bem alto
 'a aguia é uma ave que voa longe e muito alto'
- d. wíi wáin - ma - ts - ia - ha - i
 eu conhecer - passd - neg - rem - 1 - decl
 'eu não conhecia ninguém'

6.2.2.2. Frases interrogativas

Existem dois tipos básicos de frases interrogativas: as perguntas polares e as perguntas com palavras interrogativas.

6.2.2.2.1. Interrogativas polares

Em Aguaruna distinguem-se três tipos de interrogação polar: pergunta de confirmação, indefinida e definida, que são descritas a seguir.

6.2.2.2.1.1. Interrogativa de confirmação

Esta forma de pergunta emprega-se quando o falante espera receber uma resposta positiva. Em termos de Larson (1978: 100) "[a]lthough an answer is expected from the other person when this form is used in conversation, the answer is expected to be positive, that is, the speaker assumes the matter to be true". O morfema que marca este tipo de pergunta é [-api (- -ap, - - yap, - -wap , - pap)], que se posiciona à direita do constituinte sobre o qual recai a pergunta.

(13) a. ám+ wí - tat - m+ - apí

você ir - fut - 2 - int

'você vai embora, não é?'

b. kumpa - ŋú, kašíní - ap wí - tat - m +

amigo - voc amanhã -int ir - fut - 2

'amigo!', é amanhã que você vai , não é?'

c. yuhúmka - p pínk+ŋe - m - +

mandioca-int bom - pass - 3

'a mandioca foi boa, certo?'

Como se vê nos exemplos, o constituinte interrogado não necessariamente na primeira posição da frase.

6.2.2.2.1.2. Interrogativa indefinida (ou dubitativa)

Esse tipo de pergunta indica que o falante tem dúvida sobre a resposta. É também usado quando o falante deseja expressar polidamente a pergunta.

O morfema do interrogativo indefinido é [-ša (- -aš, - -š, - - yaš, - - waš)], que se pode ligar a qualquer constituinte. Muitas vezes aparece em mais de um constituinte da frase. Exemplos:

- (14) a. yawāā hu - kí - tta - m+ - aš
cachorro levar - asp - fut - 2 - int
'você levará um cachorro? (qualquer cachorro)'
- b. wíi - ša w+ - tá - ha - š
eu - int ir - fut - 1 - int
'eu talvez irei?'
- c. atum⁴ - š papai - š sūma - ŋu - m+ - aš
vocês - int mamão - int comprar - dl - 2 - int
'vocês compram mamão?'

6.2.2.2.1.3. Interrogativa definida

A pergunta definida é aquela que realmente exige uma resposta positiva ou negativa (sim/não). É marcada pelo sufixo [-k(a)], que mais comumente ocorre no verbo, vindo posicionado após o marcador de pessoa. Exemplos:

- (15) a. núwa áak mamu'ú - num kaná - ts - ua - k
 moça casa velha - loc dormir - neg - 3 - int
 'a moça não está dormindo na casa velha?'
- b. áw - ī túk+ hugá - k - tat - m+ - k
 esse-loc sempre ficar - asp - fut - 2 - int
 'você ficará ali para sempre?'

O sufixo interrogativo [-k(a)] quando coocorre com o copulativo [-aita] 'ser', 'estar' precede este último, como se vê nos exemplos a seguir:

- (16) a. yatsu - ŋú, am+ - ká - ita - # -
 irmão - voc você - int - cop - 2
 'irmão, é você?'
- c. huŋú yawáã ditá - nu - ka - it
 este cachorro eles - gen - int- cop
 'este cachorro é deles?'

Quando a pergunta recai sobre um constituinte adverbial, o sufixo [-ka] liga-se a este constituinte:

- (17) a. h+gã mamu'ú kuwášta - k kitá - Ø
 casa velha muito - int gotejar-3
 'a casa velha goteja muito?'

- b. yamáí - k taa - ú - m
 agora - int chegar - passd - 2
 'você chegou **agora?**'
- c. p^fnk+; a - k puhu - ína - wa - i
 bem - int estar - pl - 3 - decl
 'eles estão **bem?**'

Na construção das interrogativas polares o marcador de interrogação definida [-ka] pode coocorrer na frase com o sufixo interrogativo indefinido-dubitativo [-ša] mas a coocorrência é impossível com o sufixo que exprime uma pergunta de confirmação, ou seja com [-api]. Exemplo:

- (18) ámi - nu - š tímu - š á - wa - k
 você - gen -dub timbó - dub haver- 3 - int
 'você tem timbó?'

Ter-se-á notado, pelos dados apresentados acima, que o Aguaruna como outras línguas S O V , não move para o início da oração os constituintes com interrogação polar. Esta observação está em concordância com a hipótese de que nas línguas de núcleo final o marcador de interrogação "is fixed by either reference to some specific word, most frequent by the verb, or the emphasized word of the question" (Greenberg, 1963: 81).

6.2.2.2.2. Perguntas alternativas

Exprimem uma escolha entre possibilidades descritas nas orações constituintes da frase. São marcadas pela partícula disjuntiva *átsa* 'ou', normalmente posposta ao primeiro constituinte da frase, e pelo morfema de interrogação definida [-ka], que vem sufixado a cada constituinte, como exemplificado a seguir:

- (19) a. *yumí - k wakʹga - m átsa nihámč̣i - ka wak+gá - m*
 água - int querer - 2 ou bebida - int querer - 2
 'você quer água ou bebida de mandioca?'
 b. *ám+ taká - m+ - k átsa č̣ičá - m+ - k*
 você trabalhar - int ou falar - 2 - int
 'você trabalha ou fala?'

Quando o verbo resulta indêntico nas duas orações, o segundo é apagado:

- (20) a. *paámpa - k wakʹga - m átsa yuhúmka - k ∅*
 banana - int querer - 2 ou mandioca - int
 'você quer banana ou mandioca?'
 b. *hu]u - í - š dusʹ - k tsapá átsa paámpa - k ∅*
 este-loc-dub amendoim-int crescer ou banana - int
 'aqui cresce amendoim ou banana?'

Os exemplos acima são de perguntas que envolvem a escolha entre duas possibilidades positivas. Nos dados a seguir a segunda oração é a contraparte negativa da primeira:

- (21) a. yúta - wa - k átsa yúta - ts - ua - k
 chover- 3 - int ou chover - neg - 3 - int
 'chove ou não chove?'
- b. takáa - m+ - k átsa taká - ts - m+ - k
 trabalhar - 2 - int ou trabalhar - neg - 2 - int
 'você trabalha ou não trabalha?'

6.2.2.2.3. Interrogativas de informação ou de conteúdo

As perguntas que solicitam uma informação formam-se com as palavras interrogativas: wahií 'que', yá 'quem', wahúpaa 'quanto', wahuníi 'quando', tuwíi 'onde', tú 'qual', wahúk 'como' e wánka 'por que'. Nos exemplos abaixo, apresentam-se formas interrogativas com a suas respectivas respostas:

- (22) a. učúč atašú - n(a) wahií - na a - yú - ŋ - wa
 menino galinha - ac Qu - ac caus - comer - asp - 3
 'que coisa o menino dá às galinhas para comer?'
- a'. učúč atašú - n(a) ahusá - n(a) a - yú - ŋ - u - i
 menino galinha - ac arroz - ac caus-comer-asp-3-decl
 'o menino dá arroz às galinhas para comer'

(23) a. yá máa - m - + wahíí

Qu- matar - passd - 3 Qu-

'quem matou que?'

a'. nánčiči hapá - n(a) máa - m - +

N.P. veado - ac matar-passd - 3

'Nanchí matou um veado'

(24) a. yatsu - m' - š wahupáa - ita

irmão - 2poss -dub Qu - cop

'quantos são teus irmãos?'

a'. mí - na yatsú - ŋu - k kampáatum puhá - wa - i

1 - gen irmão = poss-tóp três estar - 3 - decl

'meus irmãos são três'

(25) a. am' - š wahutíi pucárpa - š w' - tat - m+

você-dub Qu- N.L. - dub ir - fut - 2

'você quando vai para Pucallpa?'

a'. tíkič nántu - tin w' - tat - ha - i

outro lua - tempo ir - fut - 1 - decl

'vou no próximo mês'

(26) a. máhia túyas - haī tuwíi w' - ya - wa

N. P. N.P. - com Qu- ir - passd - 3

'Majia com Tuyas para onde foram?'

a'. máhia túyas - haĩ ahá - num wɨ - m - +
 N.P. N.P. - com roça - loc ir - pass - 3
 'Máhia e Tuyas foram à roça'

(27) a. tú - na yunkípkí duwapɨ - iĩ wakɨga - m+
 Qu- ac capivara couro - poss querer - 2
 'qual couro de capivara você quer?'

'a. duwáp múunta án - na imá sɨnči wakɨga - ha - i
 couro grande esse - ac mais intf querer - 1 - decl
 'eu desejo mais esse couro grande'

(28) a. wahúk nihamči - ɔ takáa - m+
 Qu- bebida - dim trabalhar - 2
 'como você prepara a bebida de mandioca?'

a'. nihamči - na - k yuhúmak nahú - ku - i
 bebida - ac - tóp mandioca cozer - ger- SD
 takáa - ha - i
 trabalhar - 1 - decl
 'essa bebida preparo cozendo a mandioca'

(29) a. wánka ámpi kuhá - ɨ - ča - mu - m+
 Qu- remédio tomar - pl - neg - passd - 2
 'por que você tomou remédios?'

a'. mí - na ámpi atsú - ɨ - ta - wa - i
 1 - gen remédio neg - pl - lobj - 3 - decl
 'não tenho remédios'

6.2.2.2.3.1. Perguntas encaixadas (ou indiretas)

As perguntas encaixadas seguem o mesmo padrão de ordem que suas contrapartes diretas. Exemplos:

- (30) a. wíi - ka d+ka - ts - ha - i yá - hain - ts
 eu - tóp saber - neg - 1 - decl Qu - com - dub
 nuw+ - na - ma
 mulher - denom - pass
 'eu não sei com quem ele casou'
- b. wíi - ka d+ka - ts - ha - i wahíi - na - k
 eu - tóp saber - neg - 1 - decl Qu - ac - tóp
 wak+ga - wa níi - š
 querer - 3 ele - dub
 'eu não sei que coisa quer ele?'
- c. níi tuwú - t - m - + tuwíi puhá - m+
 ele dizer - lobj - passd - 3 Qu- estar - 2
 'ele me disse onde você mora'
- d. inií - mam - ha - i wahutíi - k
 perguntar - refl - 1 - decl Qu - tóp
 wak+t - ki - ti tú - sa - n(u)
 regresar - asp - fut dizer - asp - 1
 'pergunto-me quando ele regresará, eu dizendo'

Como se vê nos exemplos de (30), à diferença de outras línguas SOV, como o Japonês, no Aguaruna as perguntas de conteúdo

encaixadas, ocorrem na segunda posição na frase. Nesse sentido, o Aguaruna comporta-se como o Mandarim ou como o Inglês.

Observa-se também que nas construções interrogativas de (22) a (29) os Sintagmas 'Qu-' permanecem 'in situ', ou seja, a língua Aguaruna não antepõe seus sintagmas 'Qu-', fato já previsto pela teoria lingüística para as línguas S O V (cf. Baker, 1970; Bach, 1971). Inicialmente, Greenberg (1963) tinha estabelecido o Universal 17 com a implicação de que "if a language has dominant order V S O in declarative sentences, it always puts interrogative words o phrase first in interrogative-word questions; if it has dominant order S O V in declarative sentences, there is never such an invariant rule" (p. 81). Em Corbera (1991) tratou-se de ligar essa característica ao fato de que o Aguaruna tampouco movimenta o marcador de interrogação polar para o início da frase. Outra possibilidade levantada foi considerar a Hipótese Universal de COMP., pois de acordo com Bresnan (1970:317) "only languages with clause-initial COMP permit a COMP-substitution transformation" (cf. também Chomsky, 1977). Maiores detalhes sobre a interrogação em Aguaruna encontram-se em Corbera (1991).

Embora o padrão geral da língua Aguaruna seja manter os sintagmas 'Qu-' 'in situ', contudo é possível encontrar construções em que as palavras interrogativas são iniciais de frase:

- (31) a. wahíi - na - i [payantí - š yunkipkí - na - š
 Qu - ac - inst N. P. - dub capivara - ac - dub

máa - m - +

matar - passd - 3

'com que Payan matou a capivara?'

a'. páyan akau - i yunkípkí - n(a) máa - m - +

N.P. espingarda-ins capivara - ac matar - passd - 3

'Payan matou a capivara com espingarda'

(32) a. wahutíi [am⁺ - š pamáu - š máa - mu - m+]

Qu- você-dub anta - dub matar - passd - 2

'quando você matou a anta?'

a'. wíi yaú kási pamau - ná - k máa - m - ha - i

eu ontem nooite anta - ac - tóp matar-passd-1-decl

'eu matei a anta ontem na noite'

(33) a. wahii - nmá [ám⁺ nankíma - mu - m+]

Qu - loc você lançar - passd - 2

'em que você atirou'

a'. wíi pamáu - n(a) nankí - ma - m - ha - i

eu anta - ac lança - verb-passd-1-decl

'eu atirei numa anta'

Do mesmo modo, são possíveis perguntas encaixadas do tipo:

(33) a. wíi - ka d+ká - ha - i wánka

eu - tóp saber - 1 - decl Qu-

[ám+ namp⁺ - k - tata - tsu - m+]

você cantar - asp - fut - neg - 2

'eu sei por que você não quer cantar'

b. wíi - ka wáin - ka - m - ha - i wahúpaa

eu - tóp ver - asp -passd-1 - decl Qu-

yakúm - na - k [sutánki - š máa - m - k - i]

macaco - ac-tóp N.P. - dub matar-passd-int-rem

'eu vi quantos macacos matou Sutan'

Note-se nesses exemplos que tanto nas perguntas diretas quanto nas indiretas, os sintagmas interrogativos 'Qu-' localizam-se numa posição inicial da frase. Isso indicaria que a língua Aguaruna desloca, facultativamente, as palavras 'Qu-' na sintaxe. Ou seja, ter-se-ia o seguinte processo:

(34)

	S	V	OI
a. wahíi - na	[máhia v _i	a - yú -] - ua	nuinuí - n(a)]
Qu - ac	N.P.	caus-comer-asp - 3	pássaro - ac
'que coisa Májia deu para comer aos passarinhos?'			

b. wíi - ka	wain - ká - m - ha - i	[wahúpaa yakúm - na - k,	
eu - tóp	ver - asp-passd- 1 - decl	Qu-	macaco - ac - tóp

	S	O	V
--	---	---	---

[sutánki - š v_i máa - m - k - i]]

N.P. - dub matar - passd - int - rem

'eu vi quantos macacos Sutan matou'

O objeto direto deslocou-se para a posição inicial da frase em (34) e para a posição inicial da oração encaixada, em (34b).

Em suma, parece ser, pelos dados apresentados, que o falante Aguaruna movimenta opcionalmente os sintagmas 'Qu-' para a posição inicial. Como o Aguaruna dispõe de marcadores morfológicos de caso, o deslocamento pode ser atribuído a 'scrambling' e não ser estritamente uma aplicação da regra mover α .⁵⁸

Lisa Cheng (1991) considera que o movimento opcional de sintagmas 'Qu-' em línguas que geralmente mantêm esses constituintes 'in situ', não é o mesmo processo de deslocamento sintático que ocorre em línguas como o Inglês.

6.2.2.3. Frases imperativas

As frases imperativas indicam uma ordem, um comando ou uma exortação. Elas se formam com sufixos flexivos (ver os marcadores imperativos em 5.1.2.5.4.) que ocorrem adjungidos à base do verbo.

Exemplos:

- (35) a. átum anú paámpa yuá - ta - ðu - m
 vocês esse banana comer - 2imp - dl - 2
 'vocês comam essa banana'
- b. huñú atás kuitáma - ta
 este galinha cuidar - 2imp
 'cuida esta galinha'

⁵⁸ De acordo com Mary Kato o fato que os sintagmas 'Qu-' fiquem regularmente 'in situ' mostra que o movimento é um caso de 'scrambling', como no Japonês, e não um processo de deslocamento como acontece em línguas como Inglês. (c.p.: 1991).

Como foi dito na seção 5.1.2.5.4., o imperativo negativo se forma com [-i-pa] para o singular e [-i]-pa] para o plural:

- (36) a. dipáasa čiča - ká - i - pa
 devagar falar - asp - neg - 2imp
 'não fale devagar'
- d. su - ŋu - sá - i - pa - ŋu - m anú kučii
 dar-lobj - asp - neg - 2imp - dl - 2 esse faca
 'não me dêem essa faca'

Frases imperativas de terceira pessoa constroem-se com os sufixos [-tí] (imperativo afirmativo) e [-ka] (imperativo negativo). Nas negativas o sufixo [-ka] vem precedido do marcador negativo [-i], [-i-n(u)m+], respectivamente:

- (37) a. níi tupiká - k - tí ápu tá - wa - i
 ele correr - asp - 3imp chefe dizer - 3 - decl
 'que ele corra, diz o chefe'
- b. díta w+ - tí - nm+ núnik wáamak +gá - tí - nm+
 eles ir - 3imp - 3pl part rápido procurar - 3imp - 3pl
 'que eles vão e o procurem rápido'
- c. níi dii - sá - i - ka
 ele ver - asp - neg - 3imp
 'que ele não mire'

- d. díta wasú,kamawa - i! - num+ - ka
 eles jogar - neg - 3pl - 3imp
 'que eles não jogem'

6.2.3. Frases pela sua complexidade estrutural

Pela sua composição estrutural as frases podem ser simples e complexas. Quando são simples diz-se que a frase consiste de uma única oração; as complexas consistem de mais de uma oração.

6.2.3.1. Frase simples

Uma frase simples possui apenas um verbo. Em termos de Brown & Miller (1980:152) "simple sentences [frases] are those that contain a single main verb. Assim, uma construção como:

- (38) úči wámpišku - n(a) ačí - ina - wa - i
 menino borboleta - ac pegar - pl - 3 - decl
 'os meninos pegam as borboletas'

é uma frase simples, pois ela contém apenas um verbo:

ačí- 'pegar'. Outros exemplos de frases simples em Aguaruna são dados a seguir:

- (39) a. ám+ makíčik dápi yaū wain - ká - mu - m+
 você um cobra ontem ver - asp - passd - 2
 'você viu uma cobra ontem'

b. ašíi áha múunta - n(a) taká - ina - wa - k
 todos roça grande - ac trabalhar - pl - 3 - decl
 'todos fazem roça grande'

c. núwa piípič kanú - n(a) húwa - wa - i
 garota dim canoa - ac levar - 3 - decl
 'a garotinha leva a canoa'

6.2.3.2. Frase complexa

Na seção anterior, caracterizou-se a frase simples como aquela constituída por um único verbo (predicado). Por contraste, uma frase complexa será aquela que contém mais de um verbo (predicado): "[c]omplex sentences [frases] are those sentences that can be analysed as consisting of a number of simple sentences" (Brwon & Miller (1980: 152)).

Lyons (1979:186) afirma que "[a]s frases complexas constam de um certo número de frases simples, que, quando são constituintes de frases maiores, são por isso chamadas orações". Distinguem-se dois tipos de frases complexas. Aquelas em que as orações constituintes são independentes entre si (coordenadas) e aquelas em que uma oração 'pincipal' vêm modificadas por outras que dela dependem gramaticalmente (subordinadas). Exemplos de frases complexas do Aguaruna são:

(40) a. wáhai šáa - n(a) ukú - a - wa - i máina
 N.P. milho - ac plantar - pres - 3 - decl N. P.

yuhúmka - n(a) ukú - a - wa - i

mandioca - ac plantar - pres - 3 - decl

'Wájai planta milho e Maina planta mandioca'

b. tsúntsumač takáa - wa - i tú,aš áuh - u - i

N.P. . trabalhar-3-decl part estudar -3 - decl

'Tsuntsumach trabalha e estuda'

c. wakfga - ha - i níi namp+tá - n(a) dakúm - ka - tí

querer - 1 -decl ele canções - ac gravar - asp - 3imp

tú - sa - n(u)

dizer - asp - 1

'eu quero que ele grave canções de dança, eu dizendo'

(40a) e (40b) são frases complexas coordenadas, (40c) é uma frase complexa contendo uma oração complemento.

Também são complexas as frases em (41) e (42):

(41) wáya kantám - u - i núniak búut - u - i

N.P. canta - 3 - decl part chorar - 3 - decl

'Wáya canta e chora'

(42) níi án+nt dakúm - ta - n(a) d'ka - wa - i

ele amor gravar - nom - ac saber - 3 - decl

'ele sabe gravar canções de amor'

A frase em (41) embora superficialmente apresente apenas um SN-sujeito, é uma frase complexa, constituída de duas orações:

(43) a. wáya kantám - u - i

'Wáya canta'

b. wáya búut - u - i

'Wáya chora'

O SN-sujeito da segunda oração sofreu elipse.

A frase em (42) é constituída de duas orações, uma com o verbo **d+ká-** 'saber', e a outra com o verbo **dakúm-** 'gravar'. Este ocorre em forma nominalizada que assinala a dependência. As frases complexas serão examinadas a seguir.

6.2.3.2.1. Coordenação por parataxe

As orações simples podem se ligar apenas por justaposição, sem o uso de conectores específicos, como se vê em (44), ver também (40a):

(44) a. ántuk áyatak yúwa - wa - i / wasúmkam - u - i /

N.P. somente comer - 3 -decl jogar - 3 - decl

kána - wa - i

dormir - 3 - decl

'Antuk somente come, joga e dorme'

b. mí - na dukú -] iná] - u - i / mí - na apá -]

1 - gen mãe - poss cozinhar-3-decl 1 - gen pai-poss

ahá - n(a) takáa - wa - i

rocá -ac trabalhar-3-decl

'minha mãe cozinha, meu pai faz roça'

- c. a^{nts} hapá - n(a) yúwa - wa - i / kuhánčam atáš
 gente veado - ac comer -3 - decl rapoça galinha
 á - ida - u - n(a) yúwa - wa - i / káyūk yuhúmka - n(a)
 ser- pl- nom - ac comer -3 - decl aguti mandioca - ac
 yúwa - wa - i / kúči á - ida - u tsuwatá - n(a)
 comer - 3 - decl porco ser -pl - nom lixo - ac
 yu - ina - wa - i
 comer - pl - 3 - decl
 'a gente come veado, a rapoça come galinhas, o aguti come
 mandioca e os porcos comem lixo'

Esse mesmo recurso de parataxe é usado também na coordenação de constituintes como se vê em (45):

- (45) a: mí - na suw^f - ŋ / mí - na wak^f - ŋ /
 1 - gen garganta-poss 1 - gen barriga - poss
 mí - na iyāší - ŋ daháu - ŋa - ina - wa - i
 1 - gen corpo - poss doer - asp - pl - 3 - decl
 'minha garganta, minha barriga, meu corpo doem'
- b. áišmank kusám - ka - m - + atašú - n(a) /
 homem roubar - asp - passd - 3 galinha - ac
 n+ŋ^f - n(a) / paámpa áidau - n(a)
 carne - ac banana plural - ac
 'o homem roubou galinha, carne, bananas'

6.2.3.2.2. Frases coordenadas com partículas

Em Aguaruna as orações são também coordenadas por conjunções (partículas). Distinguem-se quatro sub-classes de coordenação: a) conjuntiva, b) disjuntiva, c) adversativa, e d) conclusiva. Em todas elas os elementos aparecem relacionados por partículas coordenadoras.

6.2.3.2.2.1. Coordenação conjuntiva

A coordenação conjuntiva se exprime por meio das partículas *dútikam*, *núni(a)k*, *túŋamtai*. Cada um desses elementos liga construções sintáticas eqüifuncionais e ocorrem posicionados ao final da primeira oração, como se observa nos exemplos abaixo:

- (46)a. *yamánuá maá - wa - i núnik t+mášma - wa - i*
 N.P. banhar -3 - decl part pentear - 3 - decl
 'Yamanua toma banho e se pentea'
- b. *ihu ači - ŋ - tá dútikam ináŋ - ka - ta*
 palmito colher-asp-2imp part cozinhar - asp - 2imp
yu - á - mi
 comer - pres - 1imp
 'colhe palmito, cozinhe-o e comamos'
- c. *níí apa - ŋ - íí á - wa - i túŋamtai díta - k*
 ele pai-poss-3poss ser-3 - decl part eles - tóp

bitáik á - ina - wa - i
 orfãos ser - pl - 3 - decl
 'ele tem pai e eles são orfãos'

A coordenação de constituintes é marcada com a partícula **aátus**:

- (47) a. dátsa / pákum / tíwi / **aátus** taká - ina - wa - i
 N.P. N.P. N.P. part trabalhar-pl - 3 - decl
 'Datsa, Pakum, e Tiwi trabalham'
- b. ūči / núwa / múuntuč áidau **aátus**
 menino mulher adulto plural part
 wasúnkam - wa[] - m - +
 brincar - pl - passd - 3
 'crianças, mulher e velhos brincaram'

Em (47) a partícula **aátus** posiciona-se depois dos elementos justapostos, o que estaria indicando uma função anafórica dessa partícula, pois ela remete às unidades previamente expressas. Assim, uma tradução literal de **aátus** seria 'todos eles'.

Outra forma de coordenação de constituintes é dada pelo uso do sufixo comitativo [-haĩ] e pelo clítico [-sakama]. Vejam-se:

- (48) a. s+kut iním - u - i paámpa - n(a) / šaá - n(a) /
 N.P. trazer - 3 - decl banana - ac milho - ac

yuhúmka - haĩ

mandioca - com

'Sekut traz banana, milho e mandioca'

b. benítu máa - m - + hapá - n(a) pamáu - na - škam

N.P. matar-passd-3 veado - ac anta - ac - clit

'Benitu matou veado e anta'

6.2.3.2.2.2. Coordenação disjuntiva

A coordenação disjuntiva exprime-se pela partícula átsa 'ou'.

Exemplos:

(49) a. sumá - k - tat - m+ - k kawáu - š átsa

comprar - asp - fut - 2 - int louro - dub part

hu - kí - t - ha - š kaupán

levar - asp - fut - 1 - dub N.L.

'você comprará o louro ou eu o levarei para Kaupán?'

b. yuhúmak yúa - m+ - k átsa wasúnkam - m+ - k

mandioca comer - 2 - int part brincar - 2 - int

'você come a mandioca ou vai brincar?'

6.2.3.2.2.3. Coordenação adversativa

As construções coordenadas adversativas são marcadas pela partícula túŋaš 'porém', que se posiciona após a primeira oração:

(50) a. untsú - k - ma - ŋ - m+ túŋaš

chamar - asp - passd -1 --> 2 part

- antú - ŋ - tu - čau - mu - m+
 escutar - asp - lobj - neg - passd - 2
 'chamei você, mas você não me escutou'
- b. dáti wasúnkama - tatus - Ø wakʃ - mayi - Ø túŋaš
 N.P. jogar - inf - 3 querer - passd - 3 part
 yáčĩ wak+ - mayi - Ø tupiká - k - tatus - Ø
 irmão-3poss querer-passd- 3 correr - asp - inf - 3
 'Dati queria jogar, mas seu irmão queria correr'

6.2.3.2.2.4. Coordenação conclusiva

Para esse tipo de coordenada é usada a partícula *túhamtai*, que indica a ligação entre as duas orações:

- (51) a. čiwá - ŋ - + túhamtai w+ - mí
 parar de chover-asp-passd part ir - limp
 'já parou de chover, então vamos embora'
- b. taká - ts - u - i túhamtai akík - ča - tta - ha - i
 trabalhar-neg-3-decl part pagar - neg - fut - 1- decl
 'não trabalha, então não lhe pagarei'

6.2.3.2.3. Estratégias de subordinação

A frase complexa pode expressar também uma relação de dependência entre seus constituintes. Ela define uma oração principal e uma ou mais dependentes ou subordinadas.

As estratégias usadas pelo Aguaruna para marcar a dependência incluem: a) nominalização do verbo dependente por meio dos sufixos:

[-mau], [-na] e [-u], pelo infinitivo flexionado e não flexionado; b) uso de complementizador lexical, c) o uso do gerúndio associado ou não a outros sufixos, d) dêitico locativo, f) uso de palavras interrogativas.

As orações com essas marcas desempenham nas frases as funções de complemento, relativas e adverbiais.

6.2.3.2.2.3.1. Orações complemento

6.2.3.2.2.3.1.1. Infinitivo [-t(a)]

Na seção 5.1.2.3, apresentou-se o infinitivo em Aguaruna marcado pelo sufixo [-t(a)]. Este sufixo ocorre também no verbo das orações dependentes, quando estas funcionam como objeto direto do verbo transitivo da oração principal. O verbo com o sufixo [-t(a)] funciona como nome, e como tal recebe o marcador de caso acusativo:

- (52) a. [[án+nt dakúm - ta - n(a)] dʰka - ha - i]
 canção gravar - inf - ac saber - 1 - decl
 'eu sei cantar canções (anent)'
- b. [díta [án+nt dakúm - ta - n(a)] dʰka - ina - wa - i]
 eles canção gravar - inf - ac saber - pl - 3 - decl
 'eles/as sabem cantar anent'
- c. áišmank čiča - tá - n(a) nankáma - m - +
 homem falar - inf - ac começar - passd - 3
 'o homem começou a falar'

Em (52a-c) o sujeito da oração dependente é correferente com aquele da oração principal. Ou seja, nesse tipo de construções as orações têm um mesmo sujeito, só que o sujeito da oração subordinada não tem manifestação lexical.

Resumindo, nas frases que têm como complemento uma oração encaixada, o verbo dependente ocorre sem flexão de tempo, na forma infinitiva. Há correferencialidade entre o sujeito da oração principal e o da subordinada, sendo este último apagado. Em termos gerais, a estrutura das frases com orações subordinadas infinitivas pode ser assim representada:

(53) $S_i [\emptyset_i \dots V \dots ta \text{ -- } n(a)] V$

6.2.3.2.3.1.2. Orações complemento nominalizadas

Esta seção trata das orações complemento obtidas mediante a nominalização da oração subordinada. A nominalização das orações subordinadas no Aguaruna é feita por meio dos sufixos nominalizadores: [-amu, \cong -mau], [-n(a)] e [-u] (ver capítulo 4, seção 4.1.2.1). Esses sufixos não apenas derivam nomes a partir de raízes verbais, mas também nominalizam a oração encaixada, isto é, a oração dependente que é argumento do predicado principal, e desempenham na frase a função de complementizadores.

Não estão completamente claros os fatores envolvidos no uso de cada um desses nominalizadores. Larson (1978) os agrupa como "classifiers", classificadores que seriam mais "ACTORS, that is, they classified a thing as having the characteristic of a certain

ACTION. In the surface structure they are realized by nominal forms, even though an ACTION is referred to. It seems clear, after studying numerous expository texts in Aguaruna, that the deep structure concept is that of 'one who does such and such' and therefore the term CLASSIFIER" (ibid:133). À diferença da complementação com infinitivo, as nominalizações com esses sufixos parecem absorver a categoria [+tempo].

6.2.3.2.3.1.2.1. Nominalizador [-mau ≈ -amu]

Este nominalizador foi definido em 4.1.2.1.5. como um concretivo. Ou seja, o nominal derivado é o resultado da ação verbal em passado:

- (54) a. wáit an^hnta - ha - m+ [ám+ há - amu - na - k]
 lamentar - 1 --> 2 você doente - nom - ac - tóp
 'lamento que você esteja doente'
- b. básuk d+ká - wa - i [s^hkut w^h - bau - n(a)]
 N.P. saber - 3 - decl N.P. ir - nom - ac
 'Basuk sabe que Sekut viajou'
- c. áišmanku - k [úči yuhúmak kasám - k - amu - na - k]
 homem - tóp garoto mandioca roubar- asp - nom - ac- tóp
 d+ká - wa - i
 saber - 3 - decl
 'o homem sabe que o garoto roubou a mandioca'

Como o Aguaruna é considerado como língua SOV, esperar-se-ia que uma frase complexa com oração encaixada tivesse uma estrutura como:

(55) [S [oração dependente] V]
 S O V

Porém, apenas (54c) reflete essa estrutura, (54a) e (54b) seguem aquela de (56):

(56) [S V [oração dependente]]

Deve-se admitir que, nesse caso, houve uma extraposição da oração encaixada para a posição final da oração matriz.

6. 2.3.2.3.1.2.2. Nominalizador [-na]

Este sufixo tem a particularidade de ser homófono com o relativizador [-na] apresentado em 4.1.2.1.3 e com a marca de acusativo [-na] apresentado em 4.1.1.1.1.2. Porém, quando ocorre no verbo da oração subordinada opera mais como um complementizador como se pode ver:

(57) a. níi [hu - í úči batsátu - na - k] d+ká - wa - i
 ele este-loc criança estar(pl)-nom-tóp saber - 3-decl
 'ele sabe que as crianças estão aqui'

b. [níi p{nk+} - čau - na - k] ašíi d+ká - ina - wa - i
 ele bom - neg - nom - tóp todos saber - pl- 3- decl
 'todos sabem que ele é ruim'

c. níi wáin - ka - m - + [úči h+gá
 ele ver - asp - passd - 3 criança casa-loc
 batsatú - na - k
 estar (pl)- nom - tóp
 'ele descobriu que as crianças estiveram na casa'

Considerando que o acusativo é marcado também com o sufixo [-na], seria fatível pensar que os dados em (58) têm a marca de nominalização Ø e [-na] marcaria o acusativo.

6.2.3.2.3.1.2.3. Nominalizador [-u]

Este sufixo foi caracterizado na derivação nominal como 'ator habitual' (ver 4.1.2.1.2.). Essa função parece ser mantida quando nominaliza o verbo da oração dependente:

(58) a. núwa - k wáin - ka - ču [áišmank atašú - n(a)
 mulher-tóp ver - asp - neg homem galinha - ac
 kasám - ka - u - na - k]
 roubar - asp - nom - ac - tóp

'a mulher não viu que o homem roubou a galinha'

b. wíi - ka d{ka - ha - i [atáš - na - k kuhánčam
 eu - tóp saber - 1 - decl galinha- ac -tóp raposa

yuwá - u - na - k]

comer - nom - ac - tóp

'eu sei que a raposa come a galinha'

c. kaham - ŋá - m - ha - i [namp⁴ - u - n(a)]

sonhar - asp - passd -1 - decl dançar - nom - ac

'sonhei que dançava'

6.2.3.2.3.1.3. Complementizador lexical

Na seção anterior viu-se que o Aguaruna expressa o encaixamento de uma oração dependente nominalizando essa oração por meio de sufixos nominalizadores. Esses nominalizadores funcionam como complementizadores não lexicais. Nesta seção adiantar-se-á a hipótese de que o Aguaruna possui complementizador lexical, constituído pelo verbo **tu-** 'dizer', sufixado com os marcadores de aspecto [-sa] 'ação pessoal' e com sufixos de pessoa do verbo dependente. Exemplos:

(59) a. wíi - ka [ám+ awahúni čičá - k - tí tú - sa - n(u)]

eu - tóp você aguaruna falar-asp-3imp dizer -asp - 1

wak⁴ga - ha - i

querer - 1 - decl

'eu quero que você fale em Aguaruna'

b. atúm+ - k [áišmank atáš - na - k kasám - ka - +

vocês-tóp homem galinha -ac -tóp roubar -asp- passd

- tu - sá - ŋu - m] an+ntáim - ŋu - m+
- dizer - asp - dl - 2 pensar - dl - 2
- 'vocês pensam que o homem roubou a galinha'
- c. hutíi - k ašíi wak'ga - hi [túnči yahá yaákta - num
- nós - tóp todos querer - 1 feiticeiro outro aldeia - loc
- w+ - tí tú - sa - Ø]
- ir - 3imp dizer - asp - 3
- 'nós todos queremos que o feiticeiro mude para outra cidade'
- d. núwa - k tá - wa - i [áišmanku - k atáš - na - k
- mulher-tóp dizer-3-decl homem - tóp galinha-ac-tóp
- kasám - ka - č - + tú - sa - Ø
- roubar - asp - neg - passd dizer-asp-3
- 'a mulher diz que o homem não roubou a galinha'

Em (59) observa-se que na posição final das orações dependentes ocorre o verbo *tu-* 'dizer'. Esse verbo parece cumprir a função de complementizador. Considerar essa hipótese não é nada estranho. Há línguas africanas (Lord, 1976), (Koopman, 1984) e línguas crioulas (Plag, 1992) em que o verbo 'dizer', inicialmente um verbo lexical, foi gramaticalizado como complementizador: "[i]n a number of languages a 'that' complementizer is homophonous with the verb 'say' [...]. This homophony is not accidental; the word 'say' has been reanalyzed as a grammatical marker introducing object complements after verbs of saying and verbs of mental action. In the reanalysis process the verb has lost semantic, morphological and syntactic properties, and survives as a

grammatical morpheme marking the relationship between clauses. In some languages the use of the marker has been extended further to introduce other types of subordinate clauses such as purpose, reason, conditional, and even relative clauses".

6.2.3.2.2.2. Relativização

As orações relativas, conhecidas tradicionalmente como subordinadas adjetivas, são orações encaixadas. Na literatura tradicional são nomeadas como subordinadas adjetivas por atuarem como adjetivos que modificam o SN da oração matriz.

Existem duas estratégias de relativização no Aguaruna: a primeira, a mais produtiva na língua, consiste no uso dos pronomes dêiticos nu 'esse', áu 'aquele'; a segunda, recorre à nominalização da oração encaixada, por meio de sufixos nominalizadores que se ligam ao verbo dependente dessa oração.

6.2.3.2.3.2.1. Relativização com nominalizadores

Neste tipo de relativa o verbo dependente recebe sufixos nominalizadores. No meus dados tenho registro de apenas dois deles, porém é possível a ocorrência de outros, que por enquanto, desconheço. Os dois sufixos são [-u] e [-amu, = -mau)], sendo a diferença de uso entre eles ainda pouco clara. Temos a impressão que [-u] ocorre para caracterizar a função habitual do sujeito agente (ou ator) e [-mau, = -amu] indicaria uma nominalização no passado. (ver também seções 4.1.2.1. e 6.2.3.2.3.1.2).

6.2.3.2.3.2.1.1. Relativização com o sufixo [-u]

Este sufixo, que parece ter a função de caracterizar a função habitual do agente, ocorre em construções do tipo a seguir:

- (50) a. níi Ø wáin - ka - m - + [áišmank - Ø kaupán
 ele ver - asp - passd - 3 homem - nomv N.L.
 puhá - u - na - k
 estar - nom - ac - tóp
 'ele viu o homem que mora em Kaupan'
- b. Ø wáin - ha - i [a+nts - Ø búutu - u - na - k]
 ver - 1 - decl pessoa - nomv chorar - nom - ac -tóp
 'vejo o homem que chora'
- c. níi ačí - k - m - + a+ntsú - n(a) [Ø ámi - na
 ele pegar-asp-passd- 3 pessoa - ac 2 - gen
 akaŋú - ŋ - m+ - n(a) kásam - ka - u - n(a)]
 espingarda - poss-2poss-ac roubar -asp - nom - ac
 'ele pegou a pessoa que roubou a tua espingarda'
- d. áu - wa - i [níi kanú - n(a) šíiŋ nahán - u - k]
 esse-3-decl ele canoa - ac bom fazer - nom - tóp
 'aquele é que quem faz canoas boas'

6.2.3.2.3.2.1.2. Relativização com o sufixo [-mau ≈ -amu]

A relativização com este nominalizador parece relacionar-se como uma ação feita no passado, como se vê nos exemplos a seguir:

- (61) a. yuwá - m - ha - i yuhúmka - n(a) [mí - na
 comer-passd -1 - decl mandioca - ac 1 - gen
 iká dukú - ∅ ∅ i - ná∅ - ka - ámu - n(a)]
 tia - poss caus - cozinhar - asp - nom - ac
 'comi a mandioca que minha tia cozinhou'
- b. dáwa [∅ makíčik úči a∅ - ámu - ita - k] kúwašat
 N.P. um filho ter - nom - ser - tóp muito
 ahá - n(a) taka - s - ú
 roça - ac trabalhar-asp-passd
 'Dawa quem tem um filho fez muitas roças'
- c. ∅ wáin - ka - m - ha - i [úči - ∅ nants⁴m-mau]
 ver - asp - passd - 1- decl garoto-nomv dançar-nom
 'vi o garoto que dançou'
- d. k⁴∅ua - ∅ [yaú⁴ ∅ sumá - k - bau] ha - ká - u
 tucano - nomv ontem comprar-asp - nom morrer-asp-passd
 'o tucano que foi comprado ontem morreu'

6.2.3.2.3.2.2. Relativização por meio de dêiticos

Outra estratégia de relativização no Aguaruna, é o uso dos pronomes dêiticos: nu (morfofonologicamente alterna com du 'esse/a', áu 'aquele/a'. Formalmente não há diferença entre oração relativa restritiva e não restritiva.

Sendo a língua Aguaruna considerada como de ordem SOV, esperar-se-ia que a oração relativa precedesse o SN relativizado, como no Quechua, Turco, Coreano ou Japonês. Porém, a oração relativizada segue a cabeça ou núcleo que modifica, ou seja, o tipo

de relativização é pós-nominal, forma típica de línguas SVO (como Inglês, Português, Espanhol, Yaquí, entre outras). A posição da oração relativa em Aguaruna é coerente com a posição dos modificadores descritivos (ver seção 4.2.2.).⁵⁹ Em Aguaruna podem ser relativizados as posições de sujeito, objeto direto e oblíquos. Em todos os casos a estrutura básica da relativização em Aguaruna é:

(62) [[[cabeça (núcleo)]- oração relativa]-dêitico]

A seguir exemplos de relativização:

Relativização de SN-sujeito

(63) a. áišmank - Ø [[Ø nihámči - n(a) úm - a] áu - k]
 homem - nomv bebida - ac beber-ger rel-tóp
 yumunk - núm puhá - wa - i
 N.L. - loc estar - 3 - decl

'o homem que está bebendo o suco de mandioca mora em Yumug'

b. a+nts - Ø [[Ø kaán - a] án - ka] yumunk - núm
 pessoa -nomv dormir-ger rel - tóp N.L. - loc
 puhá - wa - i
 estar - 3 - decl

'a pessoa que está dormindo mora em Yumug'

⁵⁹ Segundo Keenan (1985) há uma tendência nas línguas do mundo em favorecer a relativização pós-nominal. Quanto às línguas SOV, como é o caso do Aguaruna, em termos desse autor, favorecem a posição relativa pré-nominal. Porém, essas línguas "commonly present any of the other type of RCs as dominant " (Keenan, 1985:144).

- c. mí - na tsatsá - ǀ [[Ø šaúk [w+gá - ta - n(a)]
 1 - gen sogra - poss pulseira tecer - nom - ac
 d+ka - ya] dú - ka] a - tsá - wa - i
 saber-passd rel - tóp ser - neg - 3 - decl
 'minha sogra que sabia tecer pulseiras já não vive'
- d. hú atáš [[Ø dawá - nu - a] nunú] kúwašat
 este galinha N.P. - gen - def rel muito
 nuhintá - n(a) p+tsá - wa - i ⁶⁰
 'esta galinha que pertence a Dawa põe muitos ovos'

Relativização de SN-objeto

- (64) a. wáin - ka - m - ha - i nuwá - n(a) [[Ø yumunk - núm
 ver - asp - passd - 1- decl mulher - ac N.L. - loc
 puhú - w+] nú - na]
 estar-passd rel - ac
 'encontrei a mulher que morava em Yumug'
- b. yaū wáin - ka - m - ha - i yawaá - n(a)
 ontem ver - asp - passd - 1 - decl cachorro - ac
 [[Ø +sá - t - ma] nú - na]
 morder - lobj - passd - rel - ac
 'ontem vi o cachorro que me mordeu'
- c. áu - sa - m - ha - i papí - na - k [[ám+ Ø
 ler - asp - passd - 1-decl livro - ac - tóp você

⁶⁰ nunú é reduplicação do dêitico nu 'esse/a'. Ele aparece geralmente com a relativização de sujeito.

su]ú - s - ma - yu - m] nú - na - k
 vender - asp - passd - rem - 2 rel - ac- tóp
 'li o livro que você me vendeu'

- d. hápa [[yáunčuk Ø wáin - ka - m - ia -]]]
 veado antes ver - asp - passd - rem - 1
 nú - na - k]
 rel - ac - tóp
 'o veado que vi anteriormente mataram-no ontem'

Relativização de oblíquo

- (65) a. áišmank nuw⁺ - haī uči -]] - íí - n(a) ; kučií - n(a)
 homem mulher-com filho-poss-3poss-ac faca - ac
 su - sá -]] - u - i] nunu - í] [Ø ; yunkípki - n(a);
 dar-asp - pl - 3 - decl rel - inst capivara - ac
 má - u - wa - i [Ø ; h+gá puhá - u - n(a)]
 matar-pass-3-decl casa-loc estar - nom - ac
 'o homem e a mulher deram ao filho a faca com que ele matou
 a capivara que estava dentro da casa'
- b. w⁺ - tá áu uči - haī [[níí imá s'nči tupiká-wa]
 ir - 2imp esse menino-com ele mais forte correr - 3
 nú - haī]
 rel - com
 'vá com esse garoto, com o que corre mais rápido'

Relativização com locativo

- (66) a. a^fnts atášú - n(a) batsá - s - m - + [[ám+ Ø
 pessoa galinha - ac criar(pl)-asp-passd-3 você
 [h+gám - ka - ta - n(a)] tí - ma - yu - m] nú - wí]
 construir-asp- nom - ac dizer-passd-rem-2 rel- loc
 'as pessoas criaram galinhas onde você disse que faria uma
 casa'
- b. hintá́ [[ám+ Ø iyáá - ma - yu - m] nú - wí] káya
 caminho-loc você cair - passd-rem - 2 rel - loc pedra
 kúwašat a - yá - wa - i
 muito ser - pl - 3 - decl
 'no caminho onde você caiu há muita pedra'

Nos exemplos de (63) a (66), os dêiticos nú, áu, nunú e anú funcionam como determinantes relativizadores, ocorrendo após a oração relativizada, isto é, numa posição pós-nominal. A ocorrência de dêiticos como elementos de relativização aparece em muitas línguas, por exemplo, em Ewe (Benveniste, 1988).

Nos exemplos de (63) a (66), nota-se também que os dêiticos relativizadores carregam o caso morfológico próprios à função do SN modificado pela oração relativa: casos nominativo (função de sujeito = Ø), acusativo (função de objeto direto e indireto = - na), comitativo (= - haĩ), instrumental (= - i), locativo (= -

num, - ĩ), independentemente da função desse SN na oração relativa. Esses constituintes podem ser igualmente topicalizados.

Além dos dados apresentado supra, é comum encontrar no Aguaruna construções como:

- (67) a. \emptyset [[nuwá - n(a) wak⁺ga - ma - ĩ]] dú - ka]
mulher - ac querer - passd - 1 rel - tóp
há - ka - ma - +
morrer - asp - passd - 3
'a mulher que amei morreu'
- b. \emptyset [[n+ĭ⁺ - n(a) yuwá - tta - ĩ]] dú - ka] taháu - wa - i
carne - ac comer - fut - 1 rel- tóp picante-3- decl
'a carne que vou comer está picante'
- c. \emptyset [[p+gak - núm t+p⁺ - s - ma - ĩ]] dú - ka]
cama - loc deitar - asp - passd - 1 rel - tóp
p⁺nk+ĭa - +
bom - passd
'a cama em que deitei estava boa'
- d. +m+nká - k - ma - ha - i [[wĭi wasúnka - ma - ĩ]]
perder - asp - passd - 1 - decl 1 jogar - passd - 1
nú - wĭ - ĩ
rel - loc - tóp
'tinha-o perdido onde joguei'

Em (67) as orações relativas deveriam modificar um SN-cabeça em função de sujeito. Porém, a cabeça é zero (\emptyset); assim, em (67a-b)

os primeiros elementos que ocorrem na oração relativa não podem ser o sujeito da oração matriz a ser modificada, pois todos eles têm a marca do caso acusativo [-n(a)]. Isso significa que tais SNs são argumentos internos do verbo dependente. Em (67d-e) o complemento é um SN-locativo, porém sem cabeça. Além disso, o dêitico relativizador em todas as construções leva a marca do caso nominativo [Ø], o que corrobora a nossa interpretação de que o elemento cabeça que está sendo modificado cumpre a função de sujeito. Levando em conta essas observações pode se concluir que os dados acima são realmente construções relativas sintaticamente sem cabeça; ou seja, relativas sem antecedente.

6.2.3.2.3.2.3. Relativas livres

Relativas livres são construções que carecem totalmente de antecedente. De acordo com Givón (1990) as relativas livres são aquelas que modificam um pronome, e em muitas línguas as projeções na superfície dessas construções, têm a aparência de orações relativas sem antecedente (p. 683). Em termos da gramática gerativa as relativas livres possuem uma estrutura idêntica à das relativas com cabeça com a diferença de que nas relativas livres o antecedente seria uma categoria nula *pro*.

As construções em (68) podem ser tratadas como relativas livres no Aguaruna:

- (68) a. yawáãk yuwá - tta - wa - i [ám+ sú - wa - amu - n(a)]
cachorro comer - fut - 3 - decl você dar - 3 - nom - ac
'ο cachorro comerá ο que você lhe der'
- b. [[ya an+m - pa - wa] nunú] +wán - tam - tat - u - i
Qu amar - 2 <--- 3 rel chorar- 3-->2-fut-3-decl
'quem te ama te fará chorar'
- c. [níī yuw - ámu - na - k] d+kás - ha - i
ele comer - nom -ac - tóp não saber - 1 - decl
'ο que ele comeu eu não sei'
- d. d+kásk+ka - it [[níī tí - ma - ∅] dú - ša]
verdade - cop ele dizer - passd - 3 rel - dub
'ο que ele disse é verdade'

6.2.3.2.3.2.4. Frases clivadas

Frases clivadas são construções formadas com verbo copulativo 'ser' seguido de um constituinte X, que por sua vez é seguido por uma oração encaixada, introduzida ou não por uma palavra Qu-. Em línguas como Espanhol, Português, as frases clivadas constroem-se como : [Cop-SN-S ...].

Os dados coletados na língua Aguaruna demonstram que ela apresenta duas formas de frases clivadas: a) SN-cop [[oração dependente] - dêitico relativizador]; b) SN-cop [oração dependente nominalizada]. Exemplos:

- (69)a. wahíí - na sumá - k - m - + níí - š
 Qu. - ac comprar - asp -passd - 3 ele - dub
 'que comprou ele?'
- a'. aka]ú - wa - i [[níí √ sumá - k - m - +] dú-ka]
 espingarda-3-cop ele comprar-asp-passd-3 rel-tóp
 'é espingarda que ele comprou'
- b. wahíí sumá - k - mu - ŋ - m+ atum+ - š
 Qu comprar - asp - passd - dl - 2 vocês - dub
 'que vocês compraram?'
- b'. yawáã - yi [[íi √ sumá - k - ma - ŋ] dú - ka
 cachorro-cop nós comprar-asp-passd-1 rel-tóp
 'é cachorro que nós compramos'
- c. páyan su - sá - + kawaú - n(a) b+t+ŋa - nu - n(a)
 N.P. dar -asp- passd louro - ac N.P. - benef - ac
 'Payan deu o louro para Beteg'
- c'. payán - tsa - ta - i [√ kawaú - n(a) su - sá - u - k
 N.P. -talvez- fut - cop louro - ac dar - asp-nom-tóp
 b+t+ŋa - nu - n(a)
 N.P. benef - ac
 'será talvez Páyan quem dara o louro para Beteg'

Os dados em (69) mostram que as orações clivadas partilham características morfossintáticas com as orações relativas no sentido que ambas são derivadas por meio de um dêitico relativizador ou por nominalização da oração dependente. Contudo, há uma diferença sintática entre elas: as orações relativas

derivam-se sem movimento, já as clivadas apresentam movimento ou deslocamento de Sintagma X para a posição inicial da frase.

Esse fato fica claro, por exemplo, quando o constituinte deslocado corresponde a um SN-não sujeito.

6.2.3.2.3.2.4.1. Frases pseudo clivadas

As frases pseudo clivadas assemelham-se às clivadas em que ambas empregam o dêitico [nu] e o copulativo [-i, = -(w)+]. Entretanto, as pseudo clivadas apresentam uma estrutura onde o Sintagma X está à direita do dêitico relativizador, ou seja, uma estrutura como:

(70) [[....] - dêitico] ...SX - cop]

As pseudo clivadas parecem ser derivadas por extraposição; ainda mais, elas podem ser analisadas em termos de oração matriz - oração dependente. Vejam-se:

- (71) a. [[wíi √ sumá - k - ma - ŋ] dú - ka]
 eu comprar - asp - passd - 1 rel - tóp
 makíčik kanú - w+
 um canoa - cop
 'o que comprei foi uma canoa'
- b. [[mastína s+nuhí - n(a) √ su - sá - ma - Ø]
 N.P. N. P. - ac dar - asp - passd - 3

dú - ka] šaúka - +

rel - tóp pulseira - cop

'o que Mastina deu a Senují foi uma pulseira'

6.2.3.2.3.3. Orações subordinadas adverbiais

São consideradas como adverbiais as orações subordinadas que modificam a principal de uma forma similar ao que um advérbio faz com um verbo, um sintagma verbal ou uma oração (Thompson & Longacre, 1985:172).

Da mesma forma que os advérbios, as orações adverbiais podem ser classificadas segundo os papéis semânticos que cumprem na frase. Conforme Thompson & Longacre (1985), as línguas apresentam geralmente os seguintes tipos de orações subordinadas adverbiais: a) orações substituíveis por uma palavra (temporais, locativas e modais), b) orações não substituíveis por uma palavra (finais, causais, circunstanciais, simultâneas, condicionais, concessivas, substitutivas, aditivas e absolutivas).

Os dados disponíveis sobre o Aguaruna permitem distinguir os seguintes tipos de adverbiais na língua: a) temporais, b) condicionais, c) concessivas d) finais e e) locativas.

6.2.3.2.3.3.1. Temporais

Este tipo de construção exprime uma relação temporal entre os eventos da oração principal e da subordinada. De forma geral, a subordinação temporal é marcada no Aguaruna pelo sufixo [-k(u)] 'gerúndio', que ocorre no verbo dependente. Neste aparece também a

marca de "switch reference" ($-\bar{i}$, $\approx -in$, $\approx -ni$)⁶¹, que assinala se o sujeito da oração dependente é igual ou diferente ao da oração principal. Exemplos:

- (72) a. [[níí wák+t - ku - ĭ] ini - ás - mi]
 ele voltar - ger - SD perguntar - asp - 1imp
 'quando ele voltar lhe perguntaremos'
- b. [[mí - na núwa - ĩ] waá - ku - ĭ]
 1 - gen mulher - poss chegar - ger - SD
 yuwá - tta - hi]
 comer - fut - 1
 'quando chegue minha mulher comeremos'
- c. wíi [[{∅ taa - ku - n(u)} wain - tá - ha - m+]
 eu vir - ger - 1 SI ver - fut - 1---->2
 'quando eu vir te verei'
- d. ám+ [čičá - ku - m] paánt čičá - m+ - k
 você falar - ger - 2 SI claro falar - 2 - int
 'quando você fala, fala claro?'

Em (72) o sufixo de gerúndio [-ku] ocorre no verbo dependente. Além disso, quando os sujeitos da oração principal e da subordinada não são correferentes, isto é indicado no verbo dependente pelo sufixo [$-\bar{i}$, $\approx -in$] 'switch-reference'. Quando os

⁶¹ O termo "switch-reference" deve ser definido como "an inflectional category of the verb, which indicates whether or not its subject is identical with the subject of some other verb" (Haiman & Munro, 1983 p. introdução).

sujeitos são correferentes, então o verbo dependente leva o sufixo de pessoa habitualmente usado.

Dentro das temporais podem ser consideradas as construções que pelo contexto de ocorrência seriam tratadas como simultâneas. Neste tipo de adverbiais o sufixo de gerúndio não ocorre, somente aparece o sufixo de "switch reference". Exemplos:

- (73) a. níi taká - ĩ čičáma - n(a) antú - k - ma - ha - i
 ele trabalhar-SD notícias - ac escutar-asp-passd-1-decl
 'enquanto ele trabalhava escutei as notícias'
- b. átum taká - [] - m - in wíi nihámči - n(a)
 você trabalhar - dl - 2 -SD eu bebida - ac
 uwá - [] - tat - ha - i
 beber - asp - fut - 1 - decl
 'enquanto vocês trabalham eu vou beber suco de mandioca'
- c. atáš áyum šiná - ĩ kuhá - [] - ta
 galo cantar - SD tomar - asp - 2imp
 'enquanto o galo cante tome-o'

6.2.3.2.3.3.2. Condicionais

As subordinadas condicionais indicam a condição prévia, necessária para a ocorrência ou não do verbo da oração principal.

A subordinação condicional no Aguaruna marca-se com o sufixo [-[]] alternando com [-k]. Esses sufixos ocorrem depois de outros sufixos que aparecem no verbo dependente, como o gerúndio [-k(u)] e o marcador de 'switch-reference' [-ĭ]. Exemplos:

- (74) a. úm - ač - ku - m+ - k kitám - tat - m+
 beber - neg - ger - 2 SI - cond ter sede - fut - 2
 'se você não beber (você) terá sede'
- b. wáin - ku - nu - k suwíma - ta - hi - m+
 ver - ger - 1 SI - con bater - fut - 1 --->2
 'se te vejo baterei em você'
- c. n^há - á - ku - ĩ - á ama - máin - ait - ha - i
 carne ter-ger-SD - cond dar - pot - ser - 1 - decl
 'se tivesse carne daria'
- d. kanu - ú - m yamá]ma - it - ku - ĩ - á
 canoa - poss - 2 novo - cop - ger - SD - cond
 aki - máin - ait - ha - m+
 pagar - pot - cop - 1-> 2
 'se tua canoa fosse nova te pagaria com uma espingarda'

6.2.3.2.3.3.3. Concessivas

Para Thompson & Longacre (1985: 198) concessivo "is a general term for a clause which makes a concession, against which the proposition in the main clause is contrasted".

Em Aguaruna as orações concessivas são marcadas pelo sufixo [-š], adversativo em termos de Larson (1962). Esse morfema constitui o último elemento entre aqueles que coocorrem no verbo dependente. Exemplos:

- (75) a. yuá - ta dakít - ayat - ku - m - k+ - š
 comer -2imp não querer-embora-ger -2SI - rest-adv
 'coma mesmo que você não quiser'
- b. waká - t - ha - i yumunk - núm wíi - ki - š
 chegar - fut - 1 - decl N.L. - loc eu - rest-dim
 asíi dakítu - ina - i] - k - ĩ - š
 todos não querer - pl - neg - ger - SD - advs
 'eu chegarei sozinho mesmo que vocês não queiram'
- c. níi hintá - num há - ku - ĩ - š
 ele caminho-loc ficar doente - ger - SD - advs
 wíi kuitám - ka - t - ha - i
 eu cuidar - asp - fut - 1 - decl
 'mesmo ele fique doente no caminho, eu o cuidarei'

6.2.3.2.3.3.4. Adverbiais locativas

As adverbiais locativas são expressas de duas maneiras: a) nominalizando o verbo dependente com o sufixo nominalizador [-amu] e marcando-o com o sufixo locativo [-num], e b) com dêitico + sufixo locativo [-Ī], que ocorre no final da frase. Vejam-se os exemplos em (76) e (77) respectivamente:

- (76) a. wáin - nia - wa] - mi átum wak+ga - amu - num
 ver - recip - pl - limp vocês querer - nom - loc
 'a gente se vê onde vocês quiserem'

b. waha - kí - u kúyu +kfm - ka - u wiñisám
 parar-asp -passd peru sentar-asp-passd rã
 puh - ámu - num
 estar - nom - loc
 'o peru silvestre parou-se e sentou-se onde estava a rã'

c. kánu t+pá - wa - i kanú - ñ - tin
 canoa deitar - 3 - decl canoa -poss - dono
 ukú - k - mau - nma - k
 deixar - asp - nom - loc - tóp
 'a canoa está jogada onde o seu dono a deixou'

(77) a. hiín - ha - i kan - áñ - ma - ñ nu - í - yã - ñ
 sair - 1 - decl dormir-asp-passd-1 esse-loc-abl-tóp
 'estou saindo de onde dormi'

b. wáa - ha - i untsu - ñá - ina - wa nú - wĩ
 ir - 1 - decl chamar- lobj - pl - 3 esse - loc
 'vou onde eles me chamem'

c. wága puhá - wa - i wíi inák - tu - s - ma - ha - m+
 cordona estar- 3- decl eu mostrar-ref-asp-passd- 1--> 2
 nunu - í - ñ
 esse - loc - tóp
 'a cordona está onde te mostrei'

6.2.3.2.3.3.5. Adverbiais com palavras interrogativas

No meus dados sobre o Aguaruna, há registro de construções subordinadas com as palavras interrogativas wahúk, e tuwíi. Ambas

ocorrem na posição inicial da oração dependente. Este uso duas palavras interrogativas parece refletir uma influência do Espanhol.

Exemplos:

- (78) a. wíi antú - k - ma - ha - í wahúk wakám - ki - mu - m+
 eu escutar-asp-passd-1- decl como chegar - asp-passd - 2
 'eu escutei como você chegou'
- b. háu tsuwáka - n(a) kuhá - ŋ - u - i wahúk
 doente remédio - ac tomar - asp - passd-decl como
 tí - u túnči
 dizer-passd feiticeiro
 'o doente tomou o remédio como disse o feiticeiro'
- c. ápu nui)tú kampáatum a'nts áatus tupiká - yi - Ø
 chefe mais três homem todos correr - passd - 3
 tuwíi kuntínu - n(a) má - ya - num+
 onde bicho - ac matar - passd - 3pl
 'o chefe e mais três homens corriam por onde caçavam bichos do mato.'

6.2.3.2.3.3.6. Infinitivo flexionado.

O infinitivo flexionado é usado para assinalar orações adverbiais de finalidade. Ele é marcado pelo sufixo [-tasa ≈ -tatus] no verbo dependente, mais o sufixo de pessoa. A composição interna de sufixo parece ser [-ta] (?) + [-sa] 'ação pessoal'.

Exemplos:

- (79) a. ka'nt sumá - k - ma - ha - i haánči - n(a)
 linha comprar-asp - passd-1-decl roupa - ac
 iwáha - tasa - n(u)
 concertar - inf - 1
 'comprei linha para consertar minha roupa'
- b. átum makíčik t+más - Ø sumá - k - tasa - ŋu - m
 vocês um pente - ac comprar-asp - inf - dl - 2
 wak+ga - ŋ - m+
 querer - dl - 2
 'vocês querem comprar um pente'
- c. páyaŋ hiin - ki - ú hu - kí - tatus - Ø tsuwatá - n(a)
 N.P. sair - asp - passd sair-asp - inf - 3 lixo - ac
 'Páyag saiu para colher o lixo'

6.2.4. Negação

6.2.4.1. Negação sentencial

A negação sentencial ocorre como sufixo flexional do verbo. Os sufixos que marcam a negação são: [-ts(u)], [-č(a)u ≈ -š] e geralmente ocorrem depois dos sufixos de aspecto e antes do marcador de pessoa. Exemplos:

- (80) a. anú núwa nants+m - ts - u - i
 esse mulher dançar - neg - 3 - decl
 'essa mulher não dança'

- b. atášu - k kabáu - na - k yu - ina - tsu - w - i
galinha-tóp cupim - ac - tóp comer - pl - neg - 3 - decl
'as galinhas não comem cupim'
- c. h+mp+ - k yankúŋ - na - k bukún - tsu - wa - i
beija-flor -tóp flor - ac - tóp chupar - neg - 3 - decl
'a beija-flor não chupa as flores'
- d. wíi - ka makičkíš wáin - na - ts - ia - ha - i
eu - tóp alguém conhecer- passd - neg - rem - 1- decl
'eu não conhecia ninguém'
- (81) a. wíi kašín taká - s - ča - tta - ha - í
eu amanhã trabalhar-asp - neg - fut - 1 - decl
'eu amanhã não vou trabalhar'
- b. míšu šuwín waká - š - m - +
gato preto subir - neg - passd - 3
'o gato preto subiu no telhado'
- c. yawáã ha - ká - č - m - +
cachorro morrer-asp-neg-passd-3
'o cachorro não morreu'

6.2.5. Comparativas

6.2.5.1 Comparativas de igualdade

Esse tipo de construções contem a palavra **b+t+k** 'igual' ao final da frase, e o elemento (um sintagma X) que serve como base da comparação flexionam-se com o sufixo de caso comitativo [-haĩ]

Exemplos:

- (82) a. ám+ yawái - m+ - k p(ínk+)]a - i mí - dau - háĩ
 2 cachorro - 2poss - tóp bom - cop 1 - gen - com
 b+t+k - ai
 igual - cop
 'teu cachorro é tão bom como o meu'
- b. yunkipák duw(í)]ma - i hapa - háĩ b+t(í]k
 capivara gordo - cop veado - com igual
 'a capivara é tão gorda como o veado'

6.2.5.2. Comparativas de superioridade

As comparativas de superioridade formam-se com a nominalização dos verbos wága)]- e nánka+ - , ambos tem o significado de 'ultrapassar', 'exceder'. Esses verbos ocorrem na posição final da frase. Exemplos:

- (83) a. hú kánu - k p(ínk+)]a - i tíkič - dau wága)]sau /
 este canoa-tóp bom - cop outro - gen comp
 nánka+sau
 comp
 'esta canoa é melhor do que aquela'
- c. yunkípki - k duw(í)]ma - i hapá wagá)]sau / nánka+sau
 capivara - tóp gordo - cop veado comp
 'a capivara é mais gorda do que o veado'

6.2.5.3. Comparativas de inferioridade

As comparativas de inferioridade formam-se com o item *hunik* 'menos', e o elemento que serve de modelo da comparação leva o sufixo comitativo [-*haĩ*]. Exemplos:

(84) a. *ám+* *yawái* - *m+* - *k* *húnik* *kah'+mtin* - *ai*

2 cachorro 2poss-tóp menos bravo - cop

mí - *dau* - *haĩ*

1 - gen - com

'teu cachorro é menos bravo do que o meu'

b.. *hú* *kánu* - *k* *húnik* *w+ká+* - *wa* - *i* *tikič* - *dau* - *wa*

este canoa-tóp menos deslizar - 3 - decl outro-gen - 3

áu - *haĩ*

esse - com

'esta canoa desliza menos do que daquele outro'

6.2.6. Orações passivas

Na seção 5.1.3. viu-se que as distinções de voz ou diátese se relacionavam com as mudanças do verbo numa construção sintática. Assim, em construções denominadas ativas, o sujeito é o agente da ação; nas construções passivas, o sujeito sofre a ação do verbo. Assume-se na teoria lingüística que a passivização envolve duas propriedades universais: a) o SN-objeto direto de uma oração ativa é o sujeito (superficial) da correspondente passiva, b) o sujeito

de uma oração ativa não é nem o sujeito (superficial) nem o objeto direto (superficial) da correspondente passiva (O'Grady, 1980). Para Dixon (1979:119) uma oração passiva "places the O NP in surface S function, and marks the deep A NP with an oblique case/preposition/etc. (this NP can then be deleted)". Dixon assume também que construções passivas ocorrem normalmente em línguas com marcação nominativo-acusativa, sendo o SN-objeto (que de outro modo seria marcado pelo caso acusativo) levado para uma função superficial onde recebe caso nominativo, que geralmente aparece com marcação zero (\emptyset).

Levando em conta essas definições considerem-se os seguintes dados do Aguaruna:

- (85) a. wíi numí - n(a) ahá - k - ma - ha - i
 eu árvore - ac cortar-asp - passd - 1- decl
 'eu cortei a árvore'
- a'. númi - k [wíi ahá - k - mau - w+]
 árvore-tóp eu cortar-asp-nom - pass
 'a árvore foi cortada por mim'
- b. huank kučí - n(a) suŋú - ŋ - ma - +
 N. P. porco - ac vender - asp - passd - 3
 'João vendeu os porcos'
- b'. kúči - k [huank suŋú - ŋ - mau - w+]
 porco-tóp N.P. vender-asp-nom-pass
 'os porcos foram vendidos por João'

- c. ší]íkapi - k [elena +k++ma - k - mau á - tat - u - i]
 cantil - tóp N.P. acender-asp-nom ser - fut- 3 - decl
 'o cantil será acendido por Elena'
- d. kánu - k [íi hapí - k - mau á - tat - u - i]
 canoa-tóp nós puxar-asp-nom ser - fut - 3- decl
 'a canoa será puxada por nós'

Os exemplos em (85) comportam-se como estruturas passivas, pois o SN objeto direto subjacente deslocou-se para a esquerda para cumprir a função de sujeito superficial da passiva. Além disso, esse SN aparece topicalizado com o sufixo [-k(a)] 'tópico'. A marca de tópico parece ser necessária, pois em todos os meus dados de campo ocorrem topicalizados.⁶²

Nos dados de (85) nota-se também a presença do agente de passiva que ocorre antes do verbo e depois do sujeito superficial. Por outro lado, o verbo aparece nominalizado pelo sufixo [-mau], que tem o sentido de 'particípio passado', seguido do sufixo [-w+], que funciona como copulativo em passado. Em se tratando do futuro (cf. 85c-d) o copulativo ocorre como verbo independente, flexionando-se com o marcador desse tempo e o de pessoa.

⁶² Em Aguaruna qualquer constituinte pode ser topicalizado pelo sufixo [-k(a), = -ŋ]. Muitas vezes são topicalizados mais de um constituinte simultaneamente; daí que os SNs objeto direto deslocados em (85) não devem ser entendidos como que se movimentaram para ser topicalizados.

7. CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo apresentar uma descrição global da língua Aguaruna no seus componentes fonológico e gramatical.

Em termos gerais, este trabalho é o primeiro que trata de apresentar uma visão de conjunto não somente do Aguaruna, mas também sobre uma língua amazônica do Perú. Trabalhos anteriores que foram realizados tiveram como objetivo principal o ensino da língua nas escolas bilíngües ou a aprendizagem do Aguaruna como segunda língua. Outro tipo de trabalhos relaciona-se com a análise de temas específicos, tais como o discurso (Larson, 1978, 1984), a nasalização de vogais (Payne, 1974), descrição da fonologia (Pike & Larson, 1964; Inga, 1969 e Corbera, 1977), entre outros.

A proposta de análise dos temas aqui apresentada poderá no futuro ser corroborada ou rejeitada com um maior conhecimento da língua ou com abordagens de modelos teóricos mais específicos.

Vários tópicos não foram aqui tratados, por exemplo: elipse, anáfora, estratégias pragmáticas relacionadas com fatores discursivos, deslocamento de constituintes, entre outros. Esses temas e outros deveriam ser objeto de estudo de futuras pesquisas sobre a língua Aguaruna. Por outro lado, a hipótese de Payne (1990) sobre o acento precisa ser retomada, antes de considerá-la como definitiva. A regra postulada para dar conta do acento recorre a abstrações que nos fazem pensar que seria mais fácil marcar o acento no léxico, que considerá-lo como previsível.

Matéria de futuras pesquisas envolve também uma análise mais sistemática sobre o comportamento dos morfemas gramaticais, alguns deles parecem comportar-se como clíticos, por exemplo *-šakama* 'também' e o marcador de tópico *-ka*. Outros morfemas ocorrem como sufixos, por exemplo os marcadores de posse, caso; aqueles que indicam categorias do verbo, como tempo, aspecto e modo. Há ainda outros sufixos que parecem ser ambivalentes, por exemplo o marcador de cópula [*-aita*].

Como ponto final resta dizer que no desenvolvimento deste trabalho tratou-se de relacionar objetivos acadêmicos e objetivos práticos, nesse sentido, esperamos que os resultados sirvam tanto como subsídios para pesquisas acadêmicas futuras, como para aplicações práticas em benefício dos próprios falantes da língua.

APÊNDICE

Vocabulário básico

Português	Aguaruna
1. a/em	- num (Cf. 4.11.12.3.)
2. afiado/cortante	úyūk(+) ⁶³
3. água	yúmi
4. alguns	tíkič áidau
5. amarelo	yankúu
6. andar/caminhar	w+ka+gá-t(a) (sg.) yuhá-t(a) (pl.)
7. animal	kúntin(u)
8. ano	mihán(u)
9. aquele	áu
10. aqui	hu-í
11. arder/queimar	kʎ+-t(a)
12. areia	káyam(a)
13. árvore	númi
14. asa	nanáp(+)
15. barriga	wák+
16. bater/golpear	suwimá-t(a)
17. beber	úmu-t(a)
18. boca	w+nu
19. boiar/flutuar	i-nán-ma-t(a)
20. bom	pʎnk+]a

⁶³ (V) indica o apagamento dessa vogal na emissão fonética.

21. branco	púhu, čamáŋ]
22. brincar/jogar	wasuŋ]ú-t(a)
23. cabeça	muúk(+)
24. cabelo	intáš(i)
25. caçar	küntin máu-t(a)
26. cachorro	yawáã
27. cair	iyáū-t(a) (sg.) kak'ga-t(a) (pl.)
28. caminho	hínta
29. cantar	kantamá-t(a)
30. carne	n'ŋ]+
31. casca	sa'p(+)
32. cavar	táu-t(a)
33. cem	páčak (empréstimo do Quechua)
34. céu	nayáimp(i)
35. cheirar	kunkú-t(a)
36. cheio	b't+
37. chifre	káču (empréstimo do Quechua?)
38. chupar	bukuná-t(a)
39. chuva	yúmi
40. cinco	múunt úw+ŋ]
41. cinza	yúku
42. cobra	dápi
43. coçar/raspar	nančikií-t(a)
44. com	-haĩ (Cf. 4.11.12.3.)
45. como	wahúk(u)

46. contar/enumerar	d+kaápa-t(a)
47. coração	an+ntái
48. corda	čápi(a)
49. correr(água)/fluir	-----
50. correto/certo	d+kásk+
51. cortar	tsúpi-t(a)
52. costas	tuntúp(+)
53. costurar/coser	apá-t(a)
54. cozinhar	ina]ú-t(a)
55. criança/menino	úči
56. curto	tuwáš
57. dançar	namp4-t(a)
58. deitar	t+p4-t(a)
59. dez	uw+]á maí amuá
60. dente	nái
61. dia	tsawánt(a)
62. direita	untsú] (a)
63. dizer	tú-ta
64. dois	híma] (a)
65. dormir	kánu-t(a)
66. e	-šakam(a) (Cf. 4.12.3.)
67. ele	níí
68. eles	díta
69. em/dentro de	-num (Cf. 4.11.12.3)
70. embotado/sem fio	-----
71. este	hu]ú

72. empurrar	šitá-t(a)
73. esfregar	yaká-t(a)
74. esposa	núw+
75. espremer/apertar	ihu-t(a)
76. esquerdo	mána
77. estreito/apertado	mánaku
78. estrela	yáya
79. eu	wíi
80. falar	čičá-t(a)
81. ficar em pé	wahá-t(a)
82. fígado	akáp(+)
83. fino/delgado	puyái
84. flecha/lança	nánki
85. flor	yankúl(a)
86. floresta/selva	ikám(a)
87. fogo	híi
88. folha	dúka
89. frio	ts+tsk(a)
90. fruto/fruta	yuhánk(+)
91. fumaça	bukuítut
92. furar/fincar	uyú-t(a)
93. gelar	biča-tú-t(a)
94. gelo	bíča
95. grama	saák(i)
96. grande	múunt(a)
97. gritar/chamar	šinú-t(a)

98. grosso/espesso	kampúŋam(a)
99. homem	áišmank(u)
100. inchar	úmpu-t(a)
101. irmã	umá-
102. irmão	yátsu-
103. joelho	tikíš(i)
104. jogar/atirar	aháp+-t(a) (sg.) útsaũ-t(a) (pl.)
105. lá/alí/ai	anu-í
106. lago/lagoa	kúča (empréstimo do Quechua)
107. lançar/arremessar	nanki-má-t(a)
108. largo/amplo	w+nkáŋam(a)
109. lavar	niŋá-t(a)
110. ligar/atar/amarrar	hinká-t(a)
111. língua	idái
112. liso	pínu
113. longe	atúšat(a)
114. longo/comprido	+sáham(a)
115. lua	nántu
116. lutar/pelejar	maá-ni-t(a)
117. mãe	dúku
118. mão	uwŋ(a)
119. mar	nayánts(a)
120. marido	áišin-tin(u)
121. matar	máu-t(a)
122. mau/ruim	pŋnkŋ-čau

123. montanha/monte/morro	mú]a
124. morder	+sá-t(a)
125. morrer	há-ta
126. muitos	kuwášat(a)
127. mulher	núwa
128. nadar	yukumá-t(a)
129. não	atsá
130. nariz	núhi
131. negro/preto	bukús+a
132. neve	-----
133. nevoeiro/neblina	-----
134. noite	káši
135. nome	dáa
136. nós (inclusivo)	íi
137. nós (exclusivo)	hutíi
138. nove	uw+]á himá]a i]úk
139. novo	yamáham(a)
140. nuvem	yuhankím
141. oito	uw+]á kampáatum i]úk
142. olho	híi
143. onde	tuwíi
144. orelha	kuwíš(i)
145. osso	ukúnč(i)
146. outro	tíkič(i)
147. ovo	nuhínt(a)
148. ouvir	antú-t(a)

149. pai	ápa-
150. pássaro/ave	píšak(a)
151. pau/vara	wái
152. pé	dáw+
153. pedra	káya
154. peito	d+ts'p(+)
155. peixe	namák(a)
156. pele	duwáp(+)
157. pena/pluma	ú] +
158. pensar	an+ntái-ma-t(a)
159. pequeno	yái] (a)
160. perna	báku
161. perto	tikíhū
162. pesado	kihín
163. pescoço	súw+
164. pessoa/gente	a'nts(u)
165. piolho	t'ma
166. pó/poeira	ts'ts+
167. podre	kau]ú
168. porque	dúwi (Cf. 4.62.4.)
169. pouco	úhumak(+)
170. puxar	hapí-t(a)
172. quando	wahutí
173. quatro	ipák usu-má-t(a)
174. quê?/o quê?	wahíí
175. quem	yáa

176. quente	sukutín(u)
177. rabo	uhúk(+)
178. rachar/fender/partir	daká-t(a)
179. raiz	kankāp(+)
180. respirar	mayā-tú-t(a)
181. reto	tutúpit
182. rio	namák(a)
183. rir	duší-t(a)
184. sal	wí+
185. saliva	sáwin(a), usúk(i)
186. saber/conhecer	díka-t(a)
187. sangue	númpa
188. se	- ŋ, ≈ - k (Cf. 6.2.3.2.2.3.6.)
189. secar/limpar/enxugar	huhú-t(a)
190. seco	búku
191. segurar/agüentar	katsun-tú-t(a)
192. seis	uw+ŋá makíčik iŋúk
193. sete	uw+ŋá himáŋa iŋúk
194. semente	hinkái
195. sentar	+kíma-t(a) (sg.) píká-ma-t(a) (pl.)
196. sol	ítsā
197. soprar	umpú-t(a)
198. sujo	tsuwapágau
199. temer/ter medo	išáma-t(a)
200. terra	núnka

201. teta	múntsu
202. todos	ašíi
203. trabalhar	taká-t(a)
204. três	kampáatum(a)
205. tripas/vísceras/entranhas	ámpuŋ(a)
206. tu/você	ám+
207. um	makíčik
208. úmido/molhado	čupiŋú
209. unha	nančík(i)
210. velho	múuntuč
211. vento	dás+
212. ver	wainá-t(a)
213. verde	sam+kmau
215. verme	šiipi
216. vermelho	kapántuu
217. vestuário/roupa	háanč(i)
218. vinte	daw+ maí amuá
219. vir	miní-t(a)
220. viver	puhú-t(a) (sg.) batsamá-t(a) (pl.)
221. voar	nanamá-t
222. voltar/virar	ayant+-t(a)
223. vomitar	ímu-t(a)
224. vocês	átum

Mapa 1

Mapa 2

BIBLIOGRAFIA

- AMEKA, Felix 1992. "Interjections: The universal yet neglected part of speech". *Journal of Pragmatics* 18: 101-118.
- ANDERSON, Stephen R. 1992. *A-Morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BACH, Emmon 1971. "Questions". *Linguistic Inquiry* 2(2): 153-66
- BACKHOUSE, A.E. 1984. "Have all the adjectives gone?". *Lingua* 68: 169-186
- BAKER, C.L. 1970. "Notes on the description of English questions: the role of an abstract question morpheme". *Foundations of Language* 6(2): 197-219
- BAUER, Laurie 1987. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BENVENISTE, Émile 1988. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes/UNICAMP
- BERENQUER SÁNCHEZ, José A. 1992. "Distintos conceptos de partícula en la descripción lingüística". *Revista Española de Lingüística* 22(1): 55-76
- BLOOMFIELD, Leonard 1933. *Language*. London: George Allen & UNWIN Ltd.
- BOMFIM, Eneida 1988. *Advérbios*. São Paulo: Ática
- BOUQUIAUX, Luc & THOMAS, Jacqueline M.C. 1976. *Enquête et description des langues à tradition orale*. 3 v. Paris: SELAF
- BRESNAN, Joan W. 1970. "On complementizers: toward a syntactic theory of complement types". *Foundations of Language* 6(3): 297-321
- BRINTON, Daniel G. 1946. *La raza americana*. Buenos Aires: ed. Nova
- BROWN, E.K. & MILLER, J. E. 1985. *Syntax. A Linguistic Introduction to Sentence Structure*. London: Hutchinson University Library.
- BYBEE, Joan L. 1985. *Morphology. A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.

- CHAMBERLAIN, Alexander F. 1913. "Linguistic Stocks of South American Indians, with Distribution - Map". *American Anthropologist* 15: 236-247
- CHENG, Lisa 1991. *On the Typology of Wh-Questions*. Ph.D. Dissertation, MIT.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris 1968. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row.
- CHRISTIDIS, A. Ph. 1990. "On the categorial status of particles: the case for 'holophrasis'". *Lingua* 82: 53-82
- CHUMAP LUCIA, A. & GARCÍA-RENDUELES, M. 1979. *Duik múun ... universo mítico de los Aguarunas*. 2 v. Lima: CAAAP
- CLEMENTS, George N. 1985. "The geometry of phonological features". *Phonology Yearbook* 2: 225-252.
- 1991. "Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory". *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory* 5: 77-123
- & J. KEYSER, Samuel 1983. *CV phonology. A generative theory of the syllable*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- & HUME, Elizabeth 1993. *The internal organization of speech sounds*. (ms.) inédito.
- COLE, Peter 1982. *Imbabura Quechua*. *Lingua Descriptive Studies*. Amsterdam: North-Holland Publishing Co.
- COMRIE, Bernard 1981. *Language universals and linguistic typology*. Chicago: University of Chicago Press.
- 1986. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 1987. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- & SMITH, Norval 1977. "Lingua descriptive studies: Questionnaire". *Lingua* 42: 1-72
- CORBERA MORI, Angel 1977. *Fonología del Aguaruna (Jíbaro)*. Tese de Bacharel em Lingüística. Departamento de Lingüística. Lima: UNMSM. Publicado em 1978, como Doc. de T. Nº 38, Lima: CILA-UNMSM
- 1980. "Algunos procesos morfofonémicos que subyacen en la fonología Aguaruna". *Amazonía Peruana* 3(5): 103-120
- 1981. *Glosario Aguaruna-Castellano*. Doc. de T. Nº 44. Lima: CILA-UNMSM

- 1984. **Bibliografía de la familia lingüística Jíbaro. vol. 1.**
Lima: CILA-UNMSM
- 1991. **A interrogação em Aguaruna (ms).** UNICAMP
- 1992a. **Fonologia de Regência: A queda de vogais no Aguaruna.(ms).** UNICAMP
- 1992b. **Bibliografía de la familia lingüística Jíbaro. vol.2.**
Lima: CILA-UNMSM
- 1993. "Estudios sobre lenguas indígenas Amazónicas en el Perú". **Amazonía Peruana** 23 : 37-74
- 1994. "Possessivos nominais no Aguaruna (Jívaro)". **Anais do Seminário do GEL** 23:994-1001
- CORBETT, Greville G. 1978. "Universals in the syntax of cardinal numerals". **Lingua** 46: 61-74
- 1991. **Gender.** Cambridge: Cambridge University Press.
- COROMINAS, J. 1954. **Diccionario crítico etimológico de la lengua Castellana.** Vol. II. Madrid: Gredos.
- CROFT, William 1990. **Typology and Universals.** Cambridge: Cambridge University Press.
- CRYSTAL, David 1988. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- DERBYSHIRE, Desmond 1977. "Word order universals and the existence of OVS languages. **Linguistic Inquiry** 8:590-99
- & PULLUM, G.K. 1981. "Object-initial languages". **IJAL** 47(3):192-214
- DIXON, R.M. W. 1977. "Where have all the adjectives gone?. **Studies in Language** 1(1): 19-80
- 1979. "Ergativity". **Language** 55(1):59-138
- 1980. **The languages of Australia.** Cambridge: Cambridge University Press.
- 1991. **Complement clauses and complementation strategies (ms.)**
Australian National University.
- & BLAKE, Barry J. 1979. **Handbook of Australian Languages.** 3 v.
Amsterdam: John Benjamins.

- DOGIL, Grzegorz 1988. "Phonological configurations: natural classes, sonority and syllabicity". *Wiener Linguistische Gazette* 40-41: 93-115
- ELSON, Benjamin J. & PICKETT, Velma 1983. *Beginning Morphology and Syntax*. México: SIL.
- FAST, Gerhard & LARSON, Mildred L. 1974. *Introducción al idioma Aguaruna*. Doc. de T. N°3. Lima: ILV.
- FOLEY, William & A.J. VAN VALIN, Robert Jr. 1984. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press
- FRANCHETTO, Bruna 1977. "Classes semânticas na língua Kuikuro". II *Encontro Nacional de Linguística*. Rio de Janeiro: PUC, p. 116-44
- GIVÓN, Talmy 1981. "On the development of the numeral 'one' as an indefinite marker". *Folia Linguistica Historica* 2(1):35-53
- 1984. *Syntax. A Functional-Typological Introduction*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- 1990. *Syntax. A Functional-Typological Introduction*. Vol. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- GNERRE, Maurizio 1972. *Saggio di descrizione dello Jibaro (Shuar)*. Tesi presentata alla Facoltà di Lettere dell'Università degli Studi di Roma. Roma.
- 1973. "Sources of Spanish Jivaro". *Romance Philology* 27(2):203-204
- GOLDSMITH, John 1990. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil Blackwell
- GREENBERG, Joseph H. 1956[1960]. "The General Classification of Central and South American Languages". *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences*. Philadelphia, pp. 791-794
- 1966. "Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements". In J.H. Greenberg (ed.) 1963 [1966]. *Universals of Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- 1987. *Languages in the Americas*. Stanford, California: Stanford University Press.
- , FERGUSON, Charles A., & MORAVCSIK, Edith A. (eds.) 1978. *Universals of Human Language*. vol. 3: *Word Structure*, vol. 4: *Syntax*. Stanford, California: Stanford University Press.

- HAIMAN, John & MUNRO, Pamela (eds.) 1983. **Switch-reference and universal grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- HARNER, Michael J. 1972. **The Jivaro. People of the Sacred Waterfalls**. New York: Anchor Books Edition.
- HAWKINS, John A. 1983. **Word Order Universals**. New York: Academic Press.
- 1988. **Explaining language universals**. Basil Blackwell
- HENDERSON, T.S.T. & SCHOTTLAND, Castle D. 1985. "Who are we, anyway?. A study of personal pronoun systems". **Linguistische Berichte** 98: 300-309
- HERNÁNDEZ ALONSO, César 1986. **Gramática funcional del Espanhol**. Madrid: Gredos.
- HOCKETT, Charles F. 1971. **Curso de lingüística moderna**. Buenos Aires: Eudeba
- HUTCHISON, John P. 1986. "Aspects of complementizer development in creole relativization". In Simon P.X. Battestini (ed.). 1986. **Georgetown University Round Table on Language and Linguistics**, p. 74-90
- ILARI, Rodolfo et alii 1990. "Considerações sobre a posição dos advérbios". In Ataliba T. Castilho (org.) 1990. **Gramática do Português falado**. p. 62-141. Campinas: UNICAMP/FAPESP.
- INGA, Antonieta 1969. **Fonología Aguaruna**. Tese de Bacharel em Lingüística. Lima:UNMSM
- ITÔ, Junko 1986. **Syllable theory in prosodic phonology**. Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts.
- JACKENDOFF, Ray S. 1972. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- 1977. **X' Syntax: A Study of Phrase Structure**. Cambridge: MIT Press.
- JEFFERS, Robert J. & ZWICKY, Arnold M. 1980. "The evolution of clitics". **OSU WPL** 24: 55-64
- JESPERSEN, Otto 1924. **The Philosophy of Grammar**. London: George Allen & Unwin Ltd.
- KATAMBA, Francis 1993. **Morphology**. London: Macmillan Press Ltd.

- KAUFMAN, Terrence 1990. "Language History in South America: what we know and how to know more". In Doris L. Payne (ed.). 1990, p. 12-73
- KENSTOWICKS, Michael 1993. **Phonology in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: Blackwell Publishers
- KIBRIK, A.E. 1977. **The methodology of field investigations in Linguistics. Setting up the problem**. Paris: Mouton.
- KILBY, David 1981. "On case markers". *Lingua* 54: 101-133
- KLEIN, Harriet E.M. & STARK, Louisa R. 1985. **South American Indian Languages. Retrospect and Prospect**. Austin: University of Texas Press.
- KOOPMAN, Hilda 1984. **The syntax of verbs. From verb movement rules in the Kru languages to Universal Grammar**. Foris Publications.
- KRÁMSKÝ, Jiří 1969. **The word as a linguistic unit**. The Hague: Mouton
- LARSON, Mildred L. 1963. "Emic classes which manifest the obligatory tagmemes in major independent clause types of Aguaruna (Jivaro)". In Benjamin Elson F. (ed.) 1963. **Studies in Peruvian Indian Languages I**. Norman, Oklahoma: University of Oklahoma, p. 1-36
- 1966. **Vocabulario Aguaruna de Amazonas**. Serie Lingüística Peruana Nº 3. Lima: SIL
- 1978. **The functions of reported speech in discourse**. Arlington: University of Texas.
- 1984. "The structure of Aguaruna (Jivaro) texts". *Papers in Text Linguistics* 43: 153-209
- LEE, Seung Hwa 1993. **Nasalidade no Aguaruna (ms)**. UNICAMP
- LEFEBVRE, Claire 1980. "Cases of lexical complementizers in Cuzco Quechua and the theory of COMP.". *Journal of Linguistic Research* 1(2): 91-112
- & MUYSKEN, Pieter 1978. "COMP in (Cuzco) Quechua". *Cuny Papers in Linguistics* 5/6: 66-76
- & MUYSKEN, Pieter 1988. **Mixed Categories. Nominalizations in Quechua**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- LEHMANN, Christian 1986. "On the typology of relative clauses". *Linguistics* 24(4): 663-680

- LEHMANN Winfred 1973. "A structural principle of language and its implications". *Language* 49(1): 47-66
- 1978. *Syntactic Typology*. Austin: University of Texas Press.
- LIEBER, Rochelle 1992. *Deconstructing Morphology*. Chicago: University of Chicago Press.
- LONGACRE, Robert E. 1976. " 'Mystery' particles and affixes". *CLS* 12: 468-75
- LORD, Carol 1976. "Evidence for syntactic reanalysis: from verb to complementizer in Kwa". In S.B. Steever et alii (eds.) *Papers from the parasession of diachronic syntac*. *CLS*, p. 179-191
- LOUKOTKA, Āestmir 1968. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: University of California.
- LYONS, John 1968. *Introduction to theoretical linguistics*. London: Cambridge University Press. Traduzido ao Português (1979). *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: EDUSP.
- MARCOS-MARÍN, Francisco 1991. "Determinación de parámetros tipológicos de los nombres del número". *Anuario de Letras* 29: 323-369
- MASON, Alden J. 1963. "The Languages of South American Indians". In Julian H. Steward (ed.). 1963. *Handbook of South American Indians*, vol 6:157-317
- MATTHEWS, P.H. 1980. *Morfología. Introducción a la teoría de la estructura de la palabra*. Madrid: Paraninfo, S.A.
- 1981. *Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MATTOZO CÂMARA, Jr. Joaquim 1986. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes
- McQUOWN, Norman A. 1955. "The indigenous of Latin America". *American Anthropologist* 57(3): 501-570
- MEILLET, A. & COHEN, Marcel 1952. *Les Langues du Monde*. Paris: CNRS
- MOON, Qui-Sun 1988. "Nasal harmony in Aguaruna". *Texas Linguistic Forum* 29: 115-146
- NIDA, Eugene A. 1946. *Morphology. The descriptive analysis of words*. Ann Arbor: University of Michigan.
- O'GRADY, William D. 1980. "The universal characterization of passivization". *Linguistic Analysis* 6(4): 293-405

- PALMER, F.R. 1986. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAYNE, David L. 1974. **Nasality in Aguaruna**. Master of Arts Thesis. Arlington: University of Texas. Publicado em 1976 como **Nasalidad en Aguaruna**. Serie Lingüística Peruana Nº 15. Lima: ILV
- 1976. **The syntax of restrictive relative clause in Aguaruna** (ms.). ILV
- 1981. "Bosquejo fonológico del proto-shuar-candoshi: evidencia para una relación genética". **Revista del Museo Nacional XLV**: 323-377. Lima, Peru.
- 1990. "Accent in Aguaruna". In Doris Payne (ed.)1990, p. 161-182
- PAYNE, Doris L. 1990. **Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press.
- PICKETT, Velma 1990. **Palavras compostas o frases**. Comunicação apresentada no IX Congresso Internacional da ALFAL. Campinas: UNICAMP
- PIGGOT, G.L. 1987. "On the autonomy of the feature nasal". In **Processings of the Parasession on Autosegmental and Metrical Phonology**. CLS 23: 223-238
- 1989. "A parametric approach to nasal harmony". In H. van der Hulst and N. Smith (eds.) **Features, segmental structure and harmony process**. Foris, Dordrecht, p. 132-167
- 1991. "Apocope and the licencing of empty-headed syllables". **The Linguistic Review** 8: 287-318
- 1992. "Variability in feature dependency: the case of nasality". **Natural Language and Linguistic Theory** 10: 33-77
- PIKE, Kenneth L. & LARSON, Mildred L. 1964. "Hyperphonemes and non-systematic features of Aguaruna phonemics". In Albert H. Marckward (ed.) 1964. **Studies in Languages and Linguistics in honor of Charles C. Fries**, p. 55-67
- PIKE, Kenneth L. & PIKE, Evelyn G. 1977. **Grammtical analysis**. Arlington: University of Texas/SIL
- PINKSTER, H. 1972. **On Latin Adverbs**. Amsterdam: North-Holland Publishing Co.
- PLAG, Ingo 1992. "From speech act verb to conjunction: the grammaticalization of taki in Sranan". **Journal of Pidgin and Creole Languages** 7(1): 55-73

- PULLUM, G.K. 1981. "Languages with object before subject; a comment and a catalogue". *Linguistics* 19(1/2): 147-155
- QUIRK et alii 1976. *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman.
- REGAN, Jaime 1993. "Notas sobre la ausencia de la fricativa (h) en algunos dialectos del Quichua de la Selva". *Amazonía Peruana* 23:165-171
- et alii 1991. *Chichasájmi: Hablemos Aguaruna*. Vol 1. Lima: ediciones CAAAP.
- RIBEIRO, Darcy & WISE, Mary R. 1978. *Los grupos étnicos de la Amazonía Peruana*. Comunidades y Culturas Peruanas nº 13. Lima: ILV.
- ROBERTS, Ian 1992. *A formal account of grammaticalization in the history of romance futures*. (ms.). University of Wales.
- ROCHETTE, Anne 1991. "La structure d'arguments et les propriétés distributionnelles des adverbs". *Revue Québécoise de Linguistique* 20(1): 55-78
- ROSS, John Robert 1970. "Gapping and the order of constituents". In M. Bierwisch & K.E. Heidolph (eds.) 1970. *Progress in Linguistics*. The Hague: Mouton, p. 249-259
- SAILDP 199?. *Projeto de documentação das línguas Indígenas de América do Sul*. (ms). Berkeley University
- SAMARA, Samira 1986. *Fatores determinantes da distribuição dos advérbios*. Tese de Doutor em Lingüística Aplicada. SP.: PUC.
- SEILER, Hansjakob 1983. *Possession as an operational dimension of Language*. Tübingen: Gunter Narr Verlag
- 1990a. "A dimensional view on numeral systems". In William Croft et alii (eds.) 1990. *Studies in typology and Diacrony*, p. 187-208. John Benjamins Publishing Co.
- 1990b. *The dimension of participation*. México: Universidad de Guadalajara.
- SHELL, Olive & WISE, Mary R. 1971. *Grupos idiomáticos del Peru*. Lima: UNMSM/ILV.
- SHIBATANI, Masayoshi (ed.) 1988. *Passive and voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- SHOPEN, Timothy (ed.) 1985. *Language typology and syntactic description*, 3 v. Cambridge: Cambridge University Press.

- STARK, Louisa R. 1985. "Indigenous Languages of Lowland Ecuador: History and Current Status". In Harriet E.M. Klein & Louisa R. Stark (eds.) 1985, p. 157-193
- STEELE, Susan 1978 "Word order variation: a typological study". In Greenberg J. et alii (eds.) 1978. *Universals of Language*, vol.4. *Syntax*, p. 585-623
- STIRLING, M.W. 1938. *Historical and Ethnographical Material on the Jivaro Indians*. Bulletin of the Bureau of American Ethnology Nº 117. Washington: Smithsonian Institution.
- SUAREZ, Jorge A. 1988. *Estudios sobre lenguas indígenas sudamericanas*. Bahía Blanca, Argentina: Universidad Nacional del Sur.
- TAX, Sol 1960. "Aboriginal Languages of Latin America". *Current Anthropology* 1: 430-436
- TAYLOR, Anne-Christine & DESCOLA, Philippe 1981. "El conjunto jívaro en los comienzos de la conquista española del Alto Amazonas". *Bulletin del Institut Français d'études andines* 10(3/4): 7-54
- THOMAS, David 1975. *Notes and queries in languages analysis*. Huntington Beach, California: SIL.
- TOMLIN, Russell S. 1986. *Basic word order. Functional Principles*. London: Croom Helm
- TOVAR, Antonio 1961. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Buenos Aires: ed. Sudamericana.
- & LARRUCEA de TOVAR, Consuelo 1984. *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Nueva Edición Refundida. Madrid: Gredos.
- TRAVIS, Lisa 1984. *Parameters and effects of word order variation*. Ph. D. Dissertation. MIT
- TRAVIS, Lisa 1988. "The syntax of adverbs". *McGill Working Papers in Linguistic. Special Issue on Comparative Germanic Syntax*, 280-310
- TURNER, Glen D. 1957. *Jivaro phonology and morphology*. Ph. D. Dissertation. Bloomington: University of Indiana.
- VENNEMANN, Theo 1974. "Topics, subjects, and word order: from SXV to SVX via TVX. In J.M. Anderson & C. Jones 1974. *Historical Linguistics I*. Amsterdam: North-Holland Publishing Co., p. 339-76
- WIERZBICKA, Anna 1992. "The semantics of interjection". *Journal of Pragmatics* 18: 159-192

WILKINS, David P. 1992. "Interjections as deitics". *Journal of Pragmatics* 18: 119-158

WINAMS, Rogelio S. 1947. "Fonética del Aguaruna". *Revista del Museo Nacional* 16: 123-64. Lima: Peru.

ZWICKY, Arnold M. 1977. "Hierarchies of Person". *CLS* 13: 714-733

-----1985. "Clitics and Particles". *Language* 61(2): 283-305